

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

A Revolução de São Domingos e os embates entre forças  
abolicionistas e escravistas no longo século XIX: as contribuições de  
Marcus Rainsford e Jean-Louis Dubroca

Amanda Bastos da Silva

Niterói – RJ

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

A Revolução de São Domingos e os embates entre forças  
abolicionistas e escravistas no longo século XIX: as contribuições de  
Marcus Rainsford e Jean-Louis Dubroca

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em História da Universidade Federal Fluminense, como  
requisito parcial para a obtenção do grau de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Marques

Amanda Bastos da Silva

Niterói – RJ

2019

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG  
Gerada com informações fornecidas pelo autor

S586r Silva, Amanda Bastos da  
A Revolução de São Domingos e os embates entre forças  
aboliconistas e escravistas no longo século XIX : as  
contribuições de Marcus Rainsford e Jean-Louis Dubroca  
/ Amanda Bastos da Silva ; Leonardo Marques,  
orientador. Niterói, 2019.  
167 f. : il.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal  
Fluminense, Niterói, 2019.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGH.2019.m.14640522711>

1. Escravidão. 2. Revolução. 3. Abolição. 4. Caribe. 5.  
Produção intelectual. I. Marques, Leonardo, orientador. II.  
Universidade Federal Fluminense. Instituto de História.  
III. Título.

CDD

**Banca Examinadora:**

---

Professor Doutor Leonardo Marques – Orientador

**Universidade Federal Fluminense**

---

Professora Doutora Mariana Muaze – Arguidora

**Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro**

---

Professora Doutora Maria Verónica Secreto – Arguidora

**Universidade Federal Fluminense**

Aprovada em 12 de março de 2019.

**Agradecimentos:**

Agradeço ao curso de História da Universidade Federal Fluminense. Entre 2011 e 2018, fui aluna dessa instituição, que me tornou mais humana e mais preocupada com as injustiças e desigualdades inerentes à nossa sociedade. Jamais deixarei de lutar para que mais pessoas tenham acesso ao mesmo ensino público, gratuito e de qualidade que transformou a minha vida.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, que, ao longo de 2018, fomentou a minha pesquisa.

Ao meu orientador, Leonardo Marques. Leonardo é um professor solícito, gentil e generoso e eu possuo profundo orgulho de ter sido sua orientanda. Agradeço, também, aos professores Maria Verónica Secreto e Tâmis Parron, que muitíssimo me ajudaram nesses dois anos de Mestrado.

Aos amigos queridos Angélica Estrella, Daniel Porto, Luiza Magalhães e Rodrigo Veiga. À minha amiga Leticia Freixo. Sou mais feliz por saber que concluímos essa etapa da vida juntas.

À titia Herondina Bastos e vovô Walter Bastos. Estou certa de que um dia nos reencontraremos. Finalmente, aos meus pais, Simone Bastos e Jalmir Silva, os maiores amores da minha vida. Vim de uma família simples, mas cheia de união e cuidado, em que o estudo sempre foi valorizado e, principalmente, incentivado. Sou grata ao suporte emocional e financeiro que Simone e Jalmir me proporcionaram e consciente dos meus privilégios.

Obrigada!

*Hayti is black and we have not yet forgiven Hayti for being black, or forgiven the Almighty for making her black.*

Frederick Douglass

**Resumo:**

O meu trabalho analisa as implicações da Revolução de São Domingos às movimentações abolicionistas e escravistas que permearam o Mundo Atlântico. Pesquisei os livros e as gravuras produzidas pelo soldado britânico Marcus Rainsford e pelo livreiro francês Jean Louis Dubroca. Rainsford defendeu o nascimento do Haiti, criticou os trabalhos de escravistas britânicos e serviu de inspiração para abolicionistas consagrados usarem a Revolução de São Domingos como embasamento para o fim do tráfico de escravos. Rainsford não condena a escravidão, mas reconhece o iminente fim desse sistema, bem como a importância do abolicionismo britânico. Por outro lado, Dubroca foi contratado por Napoleão Bonaparte para atacar a Revolução de São Domingos e os seus principais líderes. Em seu terceiro livro, *La vie de Dessalines*, Dubroca ressalta que a Grã-Bretanha estava usando São Domingos como justificativa para o fim do comércio de escravos. Em 1806, *La vie de Dessalines* foi traduzido para o espanhol, *Vida de Jean Jacques Dessalines*, e enviado às Américas. Na Nova Espanha, o livro foi usado para exaltar o Império Espanhol e conter os movimentos independentistas que tomavam forma na colônia. Em Cuba, foi provavelmente usado na rebelião de Aponte, que ocorreu em 1812.

**Palavras-chave:** Escravidão; Revolução; Abolição; Caribe.

**Abstract:**

I study the consequences of the Saint-Domingue Revolution in pro-slavery and abolitionist spaces. I research the books and engravings produced by the British soldier Marcus Rainsford and the French writer Jean-Louis Dubroca. Rainsford defended the birth of Haiti. He argued against the books written by British slavers, such as Bryan Edwards and Charles Chalmers, and also was an inspiration for the politician and abolitionist James Stephen use Saint-Domingue as an argument for the end of the slave trade, in 1807-1808. Rainsford doesn't condemn the slavery but recognize, and accepts, the imminent end of this system and the importance of British abolitionism. On the other hand, Dubroca was hired by Napoleon Bonaparte to condemn the Saint-Domingue Revolution and his main leaders. In his third book, *La vie de Dessalines*, Dubroca says that Great Britain was using Saint-Domingue as an argument for the end of the slave trade. In 1806, this book was translated to Spanish, *Vida de Jean Jacques Dessalines*, and sent to Americas. In New Spain, this book was used to exalt the Spanish Empire and prove that Spain was going better than France. In Cuba, the book was probably used in Aponte Rebellion, which occurred in 1812.

**Keywords:** Slavery; Revolution; Abolition; Caribbean.



## Sumário:

Introdução.....	12
Capítulo 01 – <b>A escravidão colonial e as primeiras movimentações abolicionistas</b> .....	25
1.1 São Domingos: a pérola das Antilhas?.....	25
1.2.1 A escravidão considerada injusta.....	29
1.2.2 Os abolicionistas sob a luz da historiografia.....	31
1.2.3 As implicações da Revolução Americana ao abolicionismo britânico.....	36
1.2.4 As implicações da Revolução Francesa e da Revolução de São Domingos ao abolicionismo.....	39
1.3 O arcabouço da Segunda Escravidão.....	46
Capítulo 02 – <b>Marcus Rainsford e a Revolução de São Domingos</b> .....	50
2.1 As implicações da Revolução de São Domingos para o abolicionismo britânico.....	50
2.1.2 O soldado Marcus Rainsford conhece São Domingos.....	53
2.2 Marcus Rainsford e o escravismo britânico.....	73
2.3 Marcus Rainsford e o abolicionismo britânico.....	78
2.4 Marcus Rainsford e a campanha de Napoleão Bonaparte.....	91
Capítulo 03 – <b>Jean Louis Dubroca e a Revolução de São Domingos</b> .....	106
3.1 As contribuições do escritor Jean Louis Dubroca para a reescravização de São Domingos.....	106
3.2 <i>La vie de Dessalines</i> se transforma em <i>Vida de Jean Jacques Dessalines</i> .....	120
3.3 As gravuras de <i>Vida de Jean Jacques Dessalines</i> .....	126
3.4 Napoleão Bonaparte ocupa a Espanha.....	138
3.5 A rebelião de Aponte e o seu caderno de gravuras.....	144
Considerações Finais.....	157
Referências.....	159

### Lista de Imagens:

Fig. 1 <i>The Author in Conversation with a private Soldier of the Black Army on his Excursion in St. Domingo</i> .....	f. 58
Fig. 2 <i>From different parents, different climes we came, at different periods; fates still rules the same. Unhappy youth while bleeding on the ground; was yours to fall – but mine to feel the wound</i> .....	f. 60
Fig. 3 <i>View of a Temple erected by the Blacks to commemorate their Emancipaion</i> .....	f. 62
Fig. 4 <i>General Christophe at the Court Martial which Sentenced the Author to Death</i> .....	f. 65
Fig. 5 <i>The author when under sentence of Death relieved by a benevolent female of colour</i> .....	f. 66
Fig. 6 <i>Toussaint Louverture</i> .....	f. 69
Fig. 7 <i>The Mode of Exterminating the Black Army practiced by the French</i> .....	f. 95
Fig. 8 <i>The Mode of Exterminating the Black Army practiced by the French</i> .....	f. 97
Fig. 9 <i>The Mode of Exterminating the Black Army practiced by the French</i> .....	f. 98
Fig. 10 <i>Blood hounds attacking a black family in the Woods</i> .....	f. 99
Fig. 11 <i>The History of the Maroons: From the origin to the establishment of their chief tribe at Sierra Leone</i> .....	f. 101
Fig. 12 <i>Revenge Taken by the Black Army for the Cruelties Practiced on them by the French</i> .....	f. 104
Fig. 13 <i>Biasou</i> .....	f. 127
Fig. 14 <i>Biasou Primer gefe de los Negros de Santo Domingo</i> .....	f. 127
Fig. 15 <i>Louverture</i> .....	f. 128
Fig. 16 <i>Louverture Capitain de Guardias de Baisoy y despues General en gefe de la Isla de Sto Domingo, fue arrestado y llevado á francia</i> .....	f. 128
Fig 17 <i>Desalines Primer Emperador de Hayti en dia de Gala</i> .....	f. 129
Fig 18 <i>Cristobal Ministro de estado de Hayti Generalisimo de las armas de tierra y Almirante de Marina</i> .....	f. 129
Fig 19 <i>El Ciudadno Heudonville habla al mentor de los Negros sobre las malas resultas de su revelion</i> .....	f. 130

Fig 20 <i>Cristobal comandte del Exercito recorre la Isla de Sto. Domingo incendiando y matando a los infelices colonos de ella.....</i>	f. 132
Fig. 21 <i>Fue muerta y destrozada en el campo este infeliz pr haver resitado a los deseos brutales de los Negro y el nino perezio de hambre asulado buscando el pecho yerto de su Madre.....</i>	f. 134
Fig. 22 <i>Lauberture.....</i>	f.135
Fig.23 <i>Desalines.....</i>	f.135
Fig. 24 <i>Coronacion de Juan Santiago Desalines primer Emperador de Hayti.....</i>	f. 137

### **Introdução:**

Em agosto de 1791, muitos citam o dia 21, um domingo, negros de São Domingos se reuniram na floresta de Bois Caïman, Bwa Kayiman, em créole. Caso tenha sido realmente em um domingo, tratava-se de um dia quase de folga. Quase. No Caribe, o dever era constante, bem como a brutalidade e a coerção, e São Domingos precisava manter os altos índices agrícolas que alcançara nas três décadas anteriores. Os escravos viajaram quilômetros, alguns, atravessaram a ilha e, apesar dos impedimentos, dançaram, cantaram e... conspiraram. O organizador foi um escravo chamado Dutty Boukman e os relatos que permavam o Caribe destacam que ele estava inspirado. Falou sobre deus e vingança, enfatizou a necessidade de serem livres e respeitarem as tradições. Os demais juraram fidelidade e prometeram sigilo em prol do empreendimento. Cânticos e práticas do vodu foram realizados e, no final, a tradição oral afirma que eles mataram um porco para selar o movimento. Não se sabe o ponto em que realidade, emoção e exagero se encontram, mas as notícias da cerimônia com o porco chegaram até Cuba. O plano possuía dimensões grandiosas, pelo menos 12 mil escravos estavam envolvidos, e apesar de não existir uma coordenação completa<sup>1</sup>, o surto revolucionário se espalhou. Em pouco mais de um mês, cerca de mil plantações foram queimadas, homens brancos haviam morrido e o exército colonial não conseguiu subjugar os revoltosos<sup>2</sup>. Tinha início a Revolução de São Domingos.

Para apreendermos essa imbricada conjuntura, precisamos ressaltar o que vinha acontecendo em todo o Mundo Atlântico. Em um primeiro momento, o Mundo Atlântico apresenta profundas diferenças internas e culturais. Até o século XVI, a região possuía múltiplos grupos sociais, linguísticos e culturais, além de distintas divisões políticas e possibilidades econômicas<sup>3</sup>. A conquista europeia, estabelecida entre os séculos XVI e XIX, não transformou este espaço em uma área de cultura homogênea, visto que meia dúzia de nações estava engajada no empreendimento colonial, instalando e perpetuando tradições

---

<sup>1</sup>Segundo a filósofa política Hannah Arendt as revoluções são mais que meras mudanças ou acontecimentos violentos. Elas ocorrem quando a população deixa de acreditar que a pobreza lhes é inerente. Começam a duvidar das distinções sociais e passam a perceber que o modo em que vivem não precisa ser inevitável ou eterno. Na mesma linha, o historiador Valério Arcary sublinha que uma revolução se estrutura quando pessoas, até então indiferentes ao coletivo, despertam à luta política. São processos que acontecem com alguma raridade. As massas oprimidas reclamam e até resistem, mas hesitam em acreditar. Estão atreladas ao medo, receosas às represálias dos poderosos. Vez ou outra insistem e desenvolvem movimentos de participação popular tão ou mais autênticos, verdadeiros e representativos que eleições. Têm, portanto, legitimidade histórica irrefutável. Cf. ARENDT, Hannah. *Da revolução*. São Paulo: Editora Ática, 1990. ARCARY, Valério. O que é uma revolução? In: *Revista Dialectus*, v. 2, n.5, p. 51-63, ago./dez. 2014.

<sup>2</sup>FERRER, Ada. *Freedom's Mirror: Cuba and Haiti in the Age of Revolution*. P. 17.

<sup>3</sup>TOMICH. *Through the Prism of Slavery: Labor, Capital, and World Economy*. Maryland: Rowman & Littlefield Publishers, 2003. 119.

distintas. Dito de outra forma, os escravos da Jamaica talvez não pudessem falar com os escravos de São Domingos na mesma língua, contudo, as experiências que compartilharam foram suficientes para proporcionar-lhes uma perspectiva em comum, que não seria facilmente superada<sup>4</sup>.

A essência dessa base comum se encontra nas estruturas sociais criadas para os africanos, que foram submetidos a migrações coercitivas e a uma série de outras mudanças determinadas pelos governantes europeus, com efeitos em longo prazo na vida caribenha. Milhões de pessoas, vindas de muitas sociedades, foram arrematadas para situações em que a força de trabalho era a única consideração que deveria ser importante sobre elas. Esses indivíduos criaram sistemas culturais remodelados ao mesmo tempo em que foram explorados e, de certa forma, homogeneizados como uma massa comum. Aqueles que vieram acorrentados puderam trazer pouco com eles e precisaram recriar instituições para o próprio uso em condições extremamente desgastantes<sup>5</sup>.

Ao longo do século XIX, o sistema escravista do Mundo Atlântico foi simultaneamente questionado, por meio dos movimentos abolicionistas e das rebeliões e revoluções escravas<sup>6</sup> reconfigurado, pelo escravismo oitocentista, que se convencionou chamar de Segunda Escravidão<sup>6</sup>. A Revolução de São Domingos articula todos esses processos. Em agosto de 1791, enquanto antiescravistas de todo o globo acentuavam a imprescindibilidade de se dismantelar lentamente a escravidão, milhares de escravos de São Domingos, a mais proeminente colônia do Novo Mundo, lutavam pela liberdade, não somente por meio de petições ou decretos, mas através de uma Revolução violenta e organizada. Em 1794, os escravos forçaram a república francesa a abolir a escravidão na ilha. Entre 1794 e 1800, os negros, agora homens livres, expulsaram os britânicos da região. Em 1801, Toussaint Louverture, um dos principais líderes revolucionários, criou a primeira constituição de São Domingos, que afirmava que todos os negros da colônia eram, e sempre seriam, cidadãos livres e franceses. Em 1802, Toussaint foi apreendido. Em 1803, morreu na França. Napoleão Bonaparte e o seu cunhado, Charles Leclerc, tentaram subjugar a colônia e conter as outras dezenas de líderes que se delineavam. No entanto, em 01 de janeiro de 1804, Jean Jacques Dessalines, africano e ex-escravo, converteu São Domingos em uma nação independente e atrelou o fim da escravidão ao fim da condição colonial. Segundo Susan Buck-Morss “Se nos

---

<sup>4</sup>MINTZ, Sidney. Enduring Substances, Trying Theories: The Caribbean Region as Oikoumene. *The Journal of the Royal Anthropological Institute*. Vol. 2, No. 2 (Jun., 1996), P. 289-311

<sup>5</sup>MINTZ. Enduring Substances, Trying Theories: The Caribbean Region as Oikoumene.

<sup>6</sup>TOMICH. *Through the Prism of Slavery: Labor, Capital, and World Economy*.

acostumamos às narrativas que situam os eventos coloniais nas margens da história europeia, então fomos seriamente enganados. Os eventos em São Domingos foram cruciais para os esforços contemporâneos de extrair sentido da realidade criada pela Revolução Francesa e seus desdobramentos”<sup>7</sup>. Isolado, por ser um país de negros revolucionários, o Haiti nunca conseguiu recuperar a alcunha de pérola das Antilhas e acabou deixando um espaço econômico em aberto, que foi substituído por outras regiões do Novo Mundo: Brasil, sul dos Estados Unidos e Cuba.

Diversos materiais impressos foram criados para divulgar os acontecimentos que afligiam São Domingos no instante em que eles ocorriam. Eles circularam por todo o Atlântico, com mais frequência do que podemos imaginar. As histórias que aparecem nos livros refletem não apenas o ponto de vista dos escritores, mas também os seus preconceitos raciais e valores identitários. As percepções dos autores que se aproximaram dos eventos em questão, adicionadas às motivações e interesses particulares que os levaram a escrever, nos oferecem descrições que podem se assemelhar em termos de estilo narrativo, mas que diferem nas propostas. Essa dissertação cotejará alguns indivíduos que articularam as implicações da Revolução de São Domingos aos embates entre forças abolicionistas e escravistas no longo século XIX, mas se concentrará nas obras publicadas pelo soldado Marcus Rainsford e pelo livreiro Jean Louis Dubroca.

Rainsford, britânico, publicou *A memoir of transactions that took place in St. Domingo*, 1802, *St. Domingo; or, An historical, political and military sketch of the black republic*, 1802, e *An historical account of the Black empire of Hayti*, 1805<sup>8</sup>. Nessas obras, ele articulou a sua trajetória pessoal à Revolução de São Domingos, criticou os trabalhos de escravistas britânicos, como Bryan Edwards e Charles Chalmers, e serviu de inspiração para abolicionistas famosos, como James Stephen, William Willberforce, Henry Brougham e Thomas Clarkson, usarem a Revolução de São Domingos como justificativa para o fim do

---

<sup>7</sup>BUCK-MORSS, Susan. Hegel and Haiti. *Critical Inquiry*, Vol. 26, No. 4. (Summer, 2000). P. 827. Tradução minha.

<sup>8</sup>RAINSFORD, Marcus. *A memoir of transactions that took place in St. Domingo, in the spring of 1799; affording an idea of the present state of that country, the real character of its black governor, Touissant L'Ouverture, and the safety of our West-India islands from attack or revolt; including the rescue of a British officer under sentence of death.* London: John Carter Brown Library, 1802. RAINSFORD, Marcus. *St. Domingo; or, An historical, political and military sketch of the black republic, with a view of the life and character of Toussaint L'Ouverture, and the effects of his newly established dominion in that part of the new world.* London: John Carter Brown Library, 1802. RAINSFORD, Marcus. *An historical account of the black empire of Hayti: comprehending a view of the principal transactions in the revolution of Saint Domingo; with its antient and modern state.* London: John Carter Brown Library, 1805.

tráfico de escravos<sup>9</sup>. Veremos que Rainsford não condenou abertamente a escravidão, mas reconheceu, e aceitou, o iminente fim desse sistema, bem como a importância do abolicionismo britânico.

Dubroca, francês, foi contratado por Napoleão Bonaparte para atacar a Revolução de São Domingos e os seus principais líderes. Ele escreveu *La vie de Bonaparte*, 1802, *La vie de Toussaint*, 1802 e *La vie de Dessalines*, 1804, e estimulou outros escravistas franceses a falarem sobre São Domingos, como Charles-Yves Cousin d'Avallon e Felix Certeau<sup>10</sup>. Em *La vie de Dessalines*, Dubroca sublinha que a Grã-Bretanha estava lançando mão de São Domingos como justificativa para pôr fim ao tráfico de escravos. Em 1806, esse livro foi traduzido para o espanhol, *Vida de Jean Jacques Dessalines*, e enviado às Américas<sup>11</sup>. Na Nova Espanha, foi usado para condenar os movimentos independentistas que assolavam a colônia, em Cuba, na rebelião de Aponte, que ocorreu em 1812.

Como todos os documentos históricos, esses trabalhos são fontes de informação problemáticas. Eles foram realizados por indivíduos motivados, que almejavam interpretar e influenciar o mundo social no qual faziam parte. São documentações altamente ideológicas, que não captam uma realidade histórica objetiva, mas uma apreensão parcial da Revolução de

---

<sup>9</sup>*An Inquiry into the Causes of the Insurrection of the Negroes in the Island of St. Domingo*. London: John Carter Brown Library, 1792. EDWARDS, Bryan. *An historical survey of the French colony in the island of St. Domingo: comprehending a short account of its ancient government, political state, population, productions, and exports; a narrative of the calamities which have desolated the country ever since the year 1789, with some reflections on their causes and probable consequences; and a detail of the military transactions of the British army in that island to the end of 1794*. London: John Carter Brown Library, 1797. CHALMERS, Charles. *Remarks on the Late War in St. Domingo: with Observations on the Relative Situation of Jamaica, and other Interesting Subjects*. London: John Carter Brown Library, 1803. STEPHEN, James. *The Crisis of the Sugar Colonies, or, an Enquiry into the Objects and Probable Effects of the French Expedition to the West Indies*. London: John Carter Brown Library, 1802. WILLBERFORCE, William. *A letter on the abolition of the slave trade*. London: Oberlin College Library, 1807. BROUGHAM, Henry. *A concise statement of the abolition of the slave*. London: Schomburg Center, 1807. CLARKSON, Thomas. *The history of the rise, progress, and accomplishment of the abolition of the african slave-trade*. London: Wellesley Collage Library, 1808.

<sup>10</sup>DUBROCA, Jean Louis. *La vie de Bonaparte*. London: John Carter Brown Library, 1802. DUBROCA, Jean Louis. *La vie de Toussaint Louverture*. London: John Carter Brown Library, 1802. DUBROCA, Jean Louis. *La vie de Jean Jacques Dessalines*. London: John Carter Brown Library, 1804. COUSIN, Charles-Yves. *Histoire de Toussaint-Louverture chef des noirs insurgés de Saint-Domingue; précédée d'un coup d'oeil politique sur cette colonie, et suivie d'anecdotes et faits particuliers concernant ce chef des noirs, et les agens directoriaux envoyés dans cette partie du Nouveau-Monde, pendant le cours de la révolution*. London: John Carter Brown Library, 1802. *Vie privée politique et militaire de Toussaint Louverture par un homme de sa couleur*. London: John Carter Brown Library, 1802. *Événemens qui ont précédé et suivi l'évacuation de Saint Domingue, publiés par un officier de l'état-major de l'armée*. Paris: DESPREZ, 1804. CERTEAU, Félix. *Examen Politique des Colonies Modernes*. London: John Carter Brown Library, 1805.

<sup>11</sup>CANCELADA, Juan López (org). *Vida de J.J. Dessalines, gefe de los negros de Santo Domingo; : con notas muy circunstanciadas sobre el origen, carácter y atrocidades de los principales gefes de aquellos rebeldes desde el principio de la insurreccion en 1791*. Ciudad de Mexico: Mariano Zúñiga y Ontiveros, 1806.

São Domingos<sup>12</sup>. Não era incomum que os autores não percebessem aspectos cruciais de São Domingos. Às vezes não tinham tempo, ou não se davam ao trabalho, de realizar uma investigação apurada. Em certos momentos, deturpavam aspectos relacionados à ilha. Ocasionalmente, para criticar as próprias sociedades, exageravam nas virtudes de São Domingos. Em maior ou menor grau, todos os documentos refletem os preconceitos e os interesses pessoais dos autores. Ao mesmo tempo, é preciso cuidado para não inserir essas fontes em um lugar de niilismo excessivo onde não produzem verdade alguma. As identidades são confusas, incipientes e múltiplas não apenas nos relatos históricos, mas também na vida. Em outras palavras, as representações sobre a Revolução de São Domingos atestam uma situação, mas engendram uma interpretação e são formas de investigar a imbricada realidade da ilha.

Por meio de Immanuel Wallerstein, as fontes serão entendidas como uma série de tentativas coletivas de se estabelecer um acordo a respeito das contradições, ambiguidades e complexidades sociopolíticas relacionadas à Revolução de São Domingos. José d' Assunção Barros afirma que cultura é um vocábulo muito polissêmico, de modo que nas ciências humanas, é mais adequado falarmos de uma pluralidade de culturas do que de uma única cultura generalizada. A vida cotidiana está mergulhada no mundo da cultura. Ao existir, qualquer indivíduo está produzindo cultura sem precisar ser um artista, intelectual ou artesão. Comunicar-se é produzir cultura<sup>13</sup>. Dessa forma, a academia não se interessa somente pelos encontros, mas igualmente pelos embates culturais<sup>14</sup>. Segundo Wallerstein, como as discussões em torno das possíveis definições para o termo cultura ocorreram, essencialmente, dentro dos limites de um único sistema histórico, a economia mundo capitalista, esse debate é produto do desenvolvimento desse sistema e parte da sua lógica orientadora. Uma vez que os interesses estão em constante divergência, as concepções de cultura não serão neutras e, não raro, se converterão em campos de batalha ideológicos de interesses opostos, dentro desse sistema histórico<sup>15</sup>.

Inevitavelmente, surgirão ideologias de mudança e transformação, como as revoluções e os movimentos abolicionistas, classificadas como movimentos anti-sistêmicos.

---

<sup>12</sup>Christopher Schmidt-Nowara chama atenção para alguns desses aspectos relacionados às fontes em: SCHMIDT-NOWARA, Christopher. *Empire and Antislavery: Spain, Cuba, and Puerto Rico, 1833-1874*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1999. P. 15.

<sup>13</sup>BARROS, José D' Assunção. História Cultural: um panorama teórico e historiográfico. *TEXTOS DE HISTÓRIA*, vol. 11, n. 1, 2003.

<sup>14</sup>BORDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

<sup>15</sup>WALLERSTEIN, Immanuel. *Geopolitics and Geoculture: Essays on the Changing World-System*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991. P. 189.



Um movimento anti-sistêmico é um movimento que almeja transformar o sistema, mas é, também, um produto do sistema. Ele usa as estruturas do sistema para se opor ele, ele contesta as ideologias do sistema, mas aceita pelo menos partes dos termos definidos pelas forças dominantes. Em termos de cultura, ele dificilmente encarnaria uma cultura diferente da economia mundo capitalista. Ainda assim, ele afirma ter criado uma nova cultura, destinada aos anos vindouros. “O que os movimentos anti sistêmicos fizeram, se considerarmos as suas atividades globais ao longo de 150 e poucos anos, foi essencialmente transformar-se nos realizadores do sonho liberal, ao mesmo tempo em que afirmam ser seus críticos mais abundantes”<sup>16</sup>.

Através de Roger Chartier, as fontes serão entendidas como representações que dão sentido ao mundo e apreendem a realidade. Expressas em normas, instituições, discursos, imagens e ritos, as representações formam uma espécie de realidade paralela à existência dos indivíduos, mas contribuem para que os homens vivam por elas e nelas. As representações são matizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicadora do real. Elas carregam sentimentos ocultos, construídos social e historicamente<sup>17</sup>. Segundo Sandra Pesavento, a força das representações não se dá pelo seu valor de verdade, pela correspondência dos discursos e das imagens com o real, mas pela sua capacidade de mobilização e produção de reconhecimento e legitimidade social. As representações se inserem em regimes de verossimilhança e credibilidade, não veracidade. “[O historiador] deve ter em mente que a verdade deve emergir no seu trabalho de escrita da História como um horizonte a alcançar, mesmo sabendo que o resultado final não será, jamais, constituído por uma verdade única ou absoluta”<sup>18</sup>.

Invariavelmente, o historiador analisará os códigos de outro tempo, que podem se mostrar incompreensíveis para ele, dados os filtros que o passado interpõe. O historiador lida com uma temporalidade escoada, o não visto, o não vivido, que só se torna possível acessar através de registros e sinais do passado. “Este raciocínio não leva a desconsiderar a realidade sobre a qual se construíram as representações, mas sim a entender que a realidade do passado só chega ao historiador por meio de representações”<sup>19</sup>. As representações envolvem processos de percepção, identificação, reconhecimento, classificação, legitimação e exclusão, além de serem carregadas de sentidos ocultos, construídos social e historicamente. Vez ou outra se

---

<sup>16</sup>Ibidem. P. 181. Tradução minha.

<sup>17</sup>CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difusão Editora, 1988. P. 244.

<sup>18</sup>PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. P. 27.

<sup>19</sup>Ibidem. P. 131.

internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como inerentes à sociedade<sup>20</sup>. Chartier frisa que as lutas de representações possuem extrema importância para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, os seus valores, domínios e concepções de mundo social<sup>21</sup>.

Nessa conjuntura, serão consideradas, também, as práticas de produção e recepção dessas representações. Ao escrever um texto ou criar uma gravura, o autor incorpora o papel de produtor cultural e estabelece estratégias que tentam impor certa ortodoxia ao documento. Levarei em consideração as técnicas explícitas que os indivíduos lançaram mão para manifestar as suas intenções, como prefácios, advertências, introduções, notas, imagens gráficas, por vezes, acompanhadas de longas legendas, e as estratégias implícitas, subentendidas. Há razões para a escolha desta ou daquela maneira de descrever uma situação e essas escolhas constroem modos de inteligibilidade distintos, bem como realidades pensadas de maneiras diferentes. Finalmente, contestarei a ideia de que as obras possuem um sentido intrínseco, absoluto, único. Os documentos são recebidos por leitores que, através de suas especificidades, reinterpretem e se apropriam do discurso original e lhe conferem novas significações, que podem ou não concordar com as intenções originais do autor<sup>22</sup>.

Ademais, as gravuras ocuparam lugar central em *An Historical Account of the Black empire of Hayti e Vida de J. J. Dessalines*. Segundo Paulo Knauss, as imagens possuem grande destaque na vida humana, mas nem sempre são valorizadas em pesquisas acadêmicas. Trata-se de uma postura perigosa. Ignorar os vestígios visuais significa deixar de lado uma parte imprescindível da história, desconsiderar as múltiplas dinâmicas das relações sociais, bem como as associações entre a palavra escrita e o recurso visual<sup>23</sup>. Nesse sentido, Ulpiano Bezerra de Meneses acentua que as relações entre história e imagem estão em um constante processo de construção e superação de deficiências. Não raro, as imagens emergem como ilustrações e apenas confirmam o que já foi apresentado, previamente, por outras fontes. Ulpiano recomenda que o pesquisador alinhe os documentos visuais às problemáticas históricas, mas alerta que a visualidade não possui uma unidade teórico-metodológica, de modo que uma pesquisa apurada se torna fundamental<sup>24</sup>.

---

<sup>20</sup>Ibidem. P. 132.

<sup>21</sup>CHARTIER. *A história cultural entre práticas e representações*. P. 244.

<sup>22</sup>Ibidem. PESAVENTO. *História & história cultural*.

<sup>23</sup>MENESES, Ulpiano Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. In: *Revista Brasileira de História*. V. 23, n. 45, p. 11-36, jul. 2003.

<sup>24</sup>KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual. In: *ArtCultura. Revista do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia*. V. 8, n. 12, p. 97-115, jan.-jun. 2006.

Felizmente, as décadas de 1990-2000 alavancaram as análises da cultura visual. Para o historiador da arte W. J. T. Mitchell, esse momento possuía nome, *pictorial turn*. Em sua trajetória na Universidade de Chicago, Mitchell analisou diferentes mídias visuais, formas de produção e circulação de imagens, distinções entre o verbal e o visual e, como bom professor, despertou os alunos à visualidade e a romper com a aparente naturalidade que incide ao visível. De acordo com Mitchell, os processos de exame e debate são primordiais e devem prevalecer. Por outro lado, há a necessidade de relacionar a dimensão visual aos outros sentidos e tomar cuidado com os tratamentos redutores, que consideram as imagens como instrumentos inquestionáveis de dominação. O trabalho de Mitchell possui papel central à minha pesquisa porque concebe uma abordagem abrangente de cultura visual. A virada pictórica, em tradução livre, da década de 1990 e anos 2000, demarcava o retorno das questões visuais, mas o processo de revalorização das imagens já havia ocorrido incontáveis vezes ao longo da história da humanidade. Além disso, Mitchell incorpora múltiplas possibilidades imagéticas e de representação visual, não minimiza a presença do conteúdo visual na era eletrônica, mas também não ignora que o poder das imagens é antigo e não se restringe ao mundo pós-moderno<sup>25</sup>.

As gravuras que analisaremos transmitiam informações de múltiplas formas, por meio dos revolucionários retratados, dos cenários reproduzidos, dos objetos com os quais se cercavam as pessoas desenhadas. Em muitas imagens, é possível ver os frutos do trabalho e das ações dos escravos, as plantações, as construções, até mesmo, as devastações. Naturalmente, *Vida de J. J. Dessalines* depreciou os negros de São Domingos, seja através de determinadas características físicas ou por meio da violência que eles, supostamente, perpetraram. No entanto, *An Historical Account of the Black empire of Hayti*, apesar de questionar a instituição da escravidão, tratou os africanos como meros reprodutores da cultura europeia. Ainda assim, os dois casos ajudam a compreender as diferentes implicações da Revolução de São Domingos ao Mundo Atlântico e pensar a respeito do seu legado à historiografia da Era das Revoluções<sup>26</sup>.

De acordo com Agnes Lugo Ortiz, os negros escravizados foram retratados em diversas conjunturas históricas. Entre os séculos XVI e XVIII, os escravos apareciam nas gravuras e pinturas referentes às proeminentes famílias europeias para trazer noções visíveis de hierarquia, linhagem e distinção social. Até chegar aos museus, essas telas serviram para

---

<sup>25</sup>MITCHELL, W.J.T. *What do Pictures Want? The lives and loves of images*. Chicago: Chicago University Press, 2006. P. 336-356.

<sup>26</sup>HOBBSAWM, Eric. *A Era das Revoluções. 1789-1848*. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

decorar os espaços privados e se tornaram objetos de troca a fim de consolidar vínculos econômicos, políticos e sociais. Além disso, não era incomum que as figuras escravas surgissem para manifestar as habilidades técnicas do pintor ou gravurista. Os rostos e corpos negros eram usados para demonstrar o poder do artista frente aos limites estabelecidos ao que era usualmente considerado digno ou belo. Finalmente, os escravos emergiam nas ilustrações das legislações, códigos e jurisdições. Não era questão de articulá-los à justiça, mas de regulá-los. Ortiz acentua que desde o direito romano, os testemunhos escravos só eram creditados se tivessem sido extraídos sob tortura, entendia-se que a condição escrava era desqualificadora da verdade, exceto se fosse obtida por meio do terror<sup>27</sup>.

Alejandro Gómez sublinha que até o último quarto do século XVIII, os escravos apareceram na iconografia ocidental principalmente como figuras secundárias, que representavam a África e o mundo não-cristão. Não era incomum que as imagens referentes à escravidão trouxessem negros felizes, pacíficos e desarticulados da violência inerente ao sistema escravista. As gravuras sobre a Revolução de São Domingos não poderiam ser indiferentes a essa questão. Segundo Gómez, as imagens sangrentas de São Domingos fizeram parte de um ponto de virada na representação dos negros no Ocidente, uma vez que eles deixaram de ser vistos como indivíduos relativamente controláveis e se uniram a outros grupos que desafiaram os homens brancos e cristãos<sup>28</sup>.

O capítulo 01, *A escravidão colonial e as primeiras movimentações abolicionistas*, apreende os sistemas escravistas do Novo Mundo, principalmente o caso de São Domingos, discute as primeiras movimentações abolicionistas e o arcabouço do que se convencionou chamar de Segunda Escravidão. Em meados do século XVIII, São Domingos se destacou como uma das regiões mais prósperas do Novo Mundo, altamente lucrativa e explorada. Autores como Robin Blackburn, Laurent Dubois e, claro, CLR James serão cruciais nesse momento<sup>29</sup>. A partir de 1760, no entanto, a Grã-Bretanha passou a questionar a escravidão considerada injusta, o tráfico de escravos e o escravismo. Esse processo desencadeou uma série de debates historiográficos a respeito das motivações que fizeram com que essa nação se

---

<sup>27</sup>LUGO-ORTIZ, Agnes. *Tras la visualidad del rostro esclavo: Exploraciones para un archivo*. Disponível em: <http://hemisphericinstitute.org/hemi/pt/e-misferica-91/lugoortiz>. Acesso em: 03 de nov. 2018. LUGO-ORTIZ, Agnes. *Slave Portraiture in the Atlantic World*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

<sup>28</sup>GÓMEZ, Alejandro E. *Le spectre de la révolution noire. L'impact de la révolution haïtienne dans le monde atlantique, 1790-1886*. Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 2013. P. 6-43.

<sup>29</sup>BLACKBURN, Robin. *The Overthrow of Colonial Slavery, 1776-1848*. New York: Verso, 1988. DUBOIS, Laurent. *Avengers of the New World: The Story of the Haitian Revolution*. Cambridge: The Belknap Press, 2005. JAMES, C.L.R. *Os jacobinos Negros: Toussaint Louverture e a Revolução de São Domingos*. São Paulo: Editora Boitempo, 1938.

atrelasse tão estreitamente ao abolicionismo. Iniciarei com a abordagem clássica de Eric Williams em *Capitalism and Slavery*<sup>30</sup>, analisarei uma das críticas mais incisivas a esse trabalho, *Econocide: British Slavery in the era of Abolition*<sup>31</sup>, de Seymour Drescher, e mencionarei outros autores que enfrentaram essas discussões, como David Brion Davis, David Eltis, Howard Temperley e Dale Tomich<sup>32</sup>. Além disso, o abolicionismo britânico esteve diretamente atrelado ao período classificado como Era das Revoluções. O movimento se articulou à Guerra de Independência dos Estados Unidos, à Revolução Francesa e à Revolução de São Domingos. Para apreender esses debates de forma integrada, lançarei mão de autores como Robin Blackburn, Christopher Brown, David Brion Davis, Laurent Dubois e Tâmis Parron<sup>33</sup>. Nessa conjuntura, explicitarei que a Grã-Bretanha não era capaz de extinguir o comércio de escravos em todo o Atlântico, a própria nação possuía dúvidas se as legislações contra o tráfico seriam viáveis em médio e longo prazo. Finalmente, acentuarei que o nascimento do Haiti deixou um espaço econômico em aberto, que foi substituído pelas regiões atreladas à Segunda Escravidão, conceito estabelecido por Dale Tomich<sup>34</sup>.

O capítulo 02, *Marcus Rainsford e a Revolução de São Domingos*, investiga as implicações da Revolução de São Domingos ao abolicionismo britânico por meio das obras e gravuras do soldado Marcus Rainsford. Começarei com um debate historiográfico que envolve Seymour Drescher, João Pedro Marques, Michel Trouillot, Robin Blackburn e Ada Ferrer<sup>35</sup>. Drescher e Marques afirmam que o nascimento do Haiti não influenciou o

<sup>30</sup>WILLIAMS, Eric. *Capitalism and Slavery*. New York, Chapel Hill, 1944.

<sup>31</sup>DRESCHER, Seymour. *Econocide: British Slavery in the era of Abolition*. North Carolina: The University of North Carolina Press, 1977. O artigo DRESCHER, Seymour. Le “déclin” du système esclavagiste britannique et l’abolition de la traite. In *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, v. 31, n. 2, mar.-abr, 1976, p. 414-435 também é bastante elucidativo.

<sup>32</sup>DAVIS, David Brion. *Inhuman Bondage: The Rise and Fall of Slavery in the New World*. Oxford: Oxford University Press, 2006. DAVIS, David Brion. *The Problem of slavery in the Age of Revolution*. New York: Vintage, 1975. DAVIS, David Brion. Capitalism, Abolitionism and Hegemony. In: SOLOW, Barbara L.; ENGERMAN, Stanley L. *British Capitalism and Caribbean Slavery. The legacy of Eric Williams*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987, p. 209-227. TEMPERLEY, Howard. Anti-Slavery as a Form of Cultural Imperialism. In BOLT, Christine; DRESCHER, Seymour (eds.). *Anti-Slavery, Religion and Reform. Essays in Memory of Roger Anstey*. Hamden, Conn.: Archon Books, 1980. P. 335-50. TOMICH. *Through the Prism of Slavery: Labor, Capital, and World Economy*.

<sup>33</sup>BLACKBURN, Robin. *The American Crucible: Slavery, Emancipation And Human Rights*. New York: Verso, 2007. BROWN, Christopher. *Moral Capital*. North Carolina: The University of North Carolina Press, 2006. DAVIS. *Inhuman Bondage: The Rise and Fall of Slavery in the New World*. DAVIS. *The Problem of slavery in the Age of Revolution*. DUBOIS. *Avengers of the New World: The Story of the Haitian Revolution*. PARRON, Tâmis. *A Política da Escravidão na Era da Liberdade: Estados Unidos, Brasil e Cuba, 1787-1846*. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

<sup>34</sup>TOMICH. *Through the Prism of Slavery: Labor, Capital, and World Economy*.

<sup>35</sup>DRESCHER, Seymour. *Abolição: Uma História da Escravidão e do Anti-Escravismo*. São Paulo: Unesp, 2011. MARQUES, João Pedro. “Afterthoughts” in DRESCHER, Seymour. EMMER, Pieter. *Who Abolished Slavery? Slave Revolts and Abolitionism: A Debate with João Pedro Marques*. Oxford, 2010. P 185-200.

abolicionismo britânico. Trouillot, Blackburn e Ferrer contestam esse posicionamento e defendem que São Domingos possui importância histórica inquestionável aos embates entre forças abolicionistas e escravistas que assolaram o Mundo Atlântico. Em seguida, cotejarei a trajetória de Rainsford, os acontecimentos que culminaram na sua chegada em São Domingos e em seu suposto encarceramento, em 1799. Pouco depois, questionarei os posicionamentos de Rainsford a respeito da Revolução de São Domingos e de Toussaint Louverture. Os livros desse autor promovem uma defesa aclamada a ambos. Em um primeiro momento, é possível relacionar essas ações à decisão de Toussaint de poupar Rainsford da prisão e da pena de morte. No entanto, existem indícios de que essa detenção tenha sido inventada para atrair a atenção dos leitores. Por quais outras razões o britânico enalteceria Toussaint e o movimento revolucionário? Estaria Rainsford relacionado ao abolicionismo britânico? Em *An historical account of the Black empire of Hayti*, Rainsford articula a sua obra a um relato anônimo e aos trabalhos dos escravistas Bryan Edwards e Charles Chalmers. Esses livros condenaram a Revolução de São Domingos e manifestaram preocupação frente a possibilidade de a Revolução servir de justificativa para o fim do comércio de escravos. Rainsford não se declarava abertamente abolicionista, mas diante de um cenário negativo e desgastado, considerava esse movimento uma possibilidade plausível, desde que fosse usada com cautela. Por meio de David Brion Davis e Robin Blackburn, explicitarei que o posicionamento de Rainsford não se diferia muito do abolicionismo da época, que combinava os clamores populares e panfletários às ações pacíficas<sup>36</sup>. Através dos políticos e abolicionistas James Stephen, William Willberforce, Henry Brougham e Thomas Clarkson, acentuarei que os discursos de Rainsford serviram de inspiração para o abolicionismo britânico. Outras problemáticas serão cruciais ao capítulo. O trabalho de Rainsford adquiriu viabilidade no exterior e se tornou famoso na Alemanha, onde Susan Buck-Morss acentua que corroborou para Friedrich Hegel elaborar *Phänomenologie des Geistes*<sup>37</sup>. Estabeleceu, ainda, profundas críticas à campanha de Charles Leclerc em São Domingos, em 1802. O capítulo será contemplado com notícias dos jornais britânicos da época, debates parlamentares, além das nove gravuras de *An historical account of the Black empire of Hayti*. As imagens abordam a

---

TROUILLOT, Michel. *Silencing the Past: Power and the Production of History*. Boston: Beacon Press, 1995. BLACKBURN. *The American Crucible: Slavery, Emancipation And Human Rights*. FERRER, Ada. *Freedom's mirror: Cuba and Haiti in the Age of Revolution*. New York: Cambridge University Press, 2014.

<sup>36</sup>BLACKBURN. *The Overthrow of Colonial Slavery, 1776-1848*. DAVIS. *The Problem of Slavery in the Age of Revolution*.

<sup>37</sup>HEGEL, Friedrich. *Phänomenologie des Geistes*. Paderborn: Voltmedia GmbH, 2005. BUCK-MORSS. Hegel and Haiti. P. 821-865. BUCK-MORSS, Susan. *Hegel, Haiti, and Universal History*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2009.

estadia de Rainsford em São Domingos, os acontecimentos relacionados à sua prisão e à campanha de Charles Leclerc.

O capítulo 03, *Jean Louis Dubroca e a Revolução de São Domingos*, analisa as obras de Jean Louis Dubroca, as suas intercessões ao desejo de Napoleão Bonaparte recuperar São Domingos e as implicações da versão de um dos seus livros, *Vida de Jean Jacques Dessalines* para a Nova Espanha e a Cuba. Dubroca exaltou Bonaparte e Charles Leclerc, condenou a Revolução de São Domingos e os principais líderes desse movimento. Os seus livros foram apreendidos pela imprensa francesa, por dois relatos anônimos e pelos trabalhos de Charles-Yves Cousin d'Avallon e Felix Certeau. O terceiro livro, *La vie de Dessalines*, possui importância especial à pesquisa. Publicado em 1804, o trabalho encerrava a trilogia biográfica do autor, questionava a moralidade de Jean Jacques Dessalines e desenvolvia um balanço pessimista a respeito da Independência do Haiti. Segundo Dubroca, a Revolução de São Domingos havia sido um movimento extremado e culminara no nascimento de uma nação, não poderia contribuir para a lei britânica contra o comércio de escravos. Em 1806, *La vie de Dessalines* foi traduzido para o espanhol, *Vida de Jean Jacques Dessalines*, e enviado à Nova Espanha. Explicitarei que, do outro lado do Atlântico, o livro recebeu uma introdução, escrita pelo espanhol Juan López Cancelada e dez gravuras desenvolvidas por José Larrea e Manuel López. Cancelada se mudou para a Nova Espanha em 1789, e trabalhou na *Gazeta de México* até 1812. O periódico se dirigia aos espanhóis da região, recriminava negros e indígenas e estabelecia profundas críticas aos vice-reis do Novo Mundo. As notícias consideradas mais interessantes eram aprofundadas em formato de livro, como ocorrera com *Vida de Jean Jacques Dessalines*. Segundo Cancelada, essa obra serviria para alarmar os espanhóis sobre os movimentos independentistas, que poderiam dismantelar o Império Espanhol. Em 1810, os sucessivos ataques de Cancelada ao governo da Nova Espanha culminaram em sua deportação para a Europa. No entanto, as gravuras de *Vida de Jean Jacques Dessalines* começaram a circular de forma independente ao livro. Antes de ser expulso, o próprio Cancelada inseriu alguma dessas imagens no *Código formado por los negros de la isla de Santo Domingo de la parte francesa hoi estado de Haiti*<sup>38</sup>, que traduzia para o espanhol uma série de documentos oficiais relacionados ao Haiti. Além disso, em 1812, as imagens se atrelaram às circunstâncias que almejavam combater. Nesse período, ocorreu em Cuba a conspiração de negros que ficou conhecida como Rebelião de Aponte. Uma das principais características desse movimento foi

---

<sup>38</sup>CANCELADA, Juan López (org). *Código formado por los negros de la isla de Santo Domingo de la parte francesa hoi estado de Haiti*. Ciudad de Mexico: Mariano Zúñiga y Ontiveros, 1810.

o caderno de gravuras elaborado pelos revoltosos. Esse documento foi destruído, mas os líderes do movimento prestaram depoimentos e descreveram as imagens presentes no caderno. Algumas dessas descrições equivalem às gravuras produzidas por Cancelada. Ada Ferrer, Matt Childs, Jesús Pérez e Elzbieta Sklodwska serão revisitados neste momento<sup>39</sup>.

Dessa forma, São Domingos estará no centro da minha pesquisa, mas não restringirei as minhas análises às fronteiras de uma ilha. O historiador Dale Tomich, por exemplo, acentua a importância de apreendermos o conceito de Mundo Atlântico em sua singularidade e através de um horizonte maior de relações. A fim de evitar o determinismo geográfico, no entanto, muitos pesquisadores se esquivam de abordar o Atlântico como um espaço histórico-social e tratá-lo de forma integrada, não raro, convertem as fronteiras dos impérios em espaços quase vedados, sempre coerentes e com histórias próprias<sup>40</sup>. O pensamento de Tomich examina o conceito que Fernand Braudel classifica como espaço humano. Segundo Braudel, é necessário repensar a geografia, questionar a sua neutralidade e tratá-la de forma mais ampla e plural a fim de abarcar as relações humanas em espaços e temporalidades diversas<sup>41</sup>. Nesse sentido, versarei sobre o Atlântico como um espaço de integração e dependência mútuas, em que cada unidade se constitui de forma parcial, diversa e associada a um complexo sistema global.

---

<sup>39</sup>CHILD, Matt. *The 1812 Aponte Rebellion in Cuba and the Struggle against Atlantic Slavery*. North Carolina: The University of North Carolina Press, 2006. FERRER. *Freedom's mirror: Cuba and Haiti in the Age of Revolution*. PÉREZ, Jesús Paniagua. *La Revolución Haitiana en la obra de Juan López Cancelada*. León: Área de publicaciones e instituto de humanismo y tradición clásica de la Universidad de León, 2015. SKLODOWSKA, Elzbieta. *Espectros y espejismos: Haití en el imaginario cubano*. Madri: Iberoamericana Vervuert, 2009.

<sup>40</sup>TOMICH, Dale. O Atlântico Como Espaço Histórico. *Estudos Afro-Asiáticos*, ano 26, n. 2, 2004. P. 221-240.

<sup>41</sup>BRAUDEL, Fernand. *The Structures of Everyday Life. Civilization & Capitalism. 15th – 18th century*. New York: Harper and Row, vol. 1. P. 458-499. *Ibidem*. P. 62-63. WALLERSTEIN, Immanuel. *The Modern World-System I: Capitalist Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century*. California: University of California Press, 2011. BARONOV, David. The Analytical-Holistic Divide Within World-System Analysis. In: KORZIENEWICZ, Roberto. (org.). *The World-System as Unit of Analysis: Past Contributions and Future Advances*. Nova York: Routledge, 2018. P. 6-18. TILLY, Charles. *Big Structures, Large Processes, Huge Comparisons*. New York: Russell Sage Foundation, 1988.



## Capítulo 01: A escravidão colonial e as primeiras movimentações abolicionistas

### 1.1 São Domingos: a pérola das Antilhas?

O período compreendido entre os séculos XVI e XIX comportou a maior experiência escravista da história da humanidade. Grã-Bretanha, França, Portugal, Espanha e Holanda, foram os maiores sistemas escravistas do mundo, os primeiros impérios verdadeiramente globais e transoceânicos. Em uma mesma narrativa, essa conjuntura pode ser identificada como um desvio de percurso, um retrocesso às bases morais e sociais e um modo de produção lucrativo aos interesses europeus. Atrelar a brutalidade ao desenvolvimento ocidental não é tarefa fácil, sobretudo, porque a escravidão não se restringiu à atuação de alguns aventureiros que pouco tinham a perder. Em sua essência, o sistema foi coordenado por mercadores, investidores e banqueiros. Além disso, o Mundo Atlântico jamais foi homogêneo, de modo que estamos averiguando um desenvolvimento desigual e combinado<sup>42</sup>.

A colonização de São Domingos nos ajuda a apreender essa imbricada realidade. Após ter sido derrotada na Guerra dos Sete Anos (1756-1763), a França viu a Louisiana e os seus territórios canadenses se tornarem possessões britânicas. No Caribe, restaram algumas colônias pequeninas e São Domingos, metade de uma ilha, mas um pouco maior e bem mais significativa. Rapidamente, a metrópole concentrou os investimentos e o comércio de escravos na região<sup>43</sup>. São Domingos apresentava um litoral recuado, que facilitava o carregamento de produtos, quatro planícies férteis ao redor da capital, Le Cap, colinas arborizadas e rios e córregos que se direcionavam ao mar do Caribe. O amplo e fácil acesso à água possibilitou esquemas de irrigação, elevados índices agrícolas e moinhos movidos à água<sup>44</sup>. Segundo Laurent Dubois “São Domingos estava no coração das Américas, conectada de várias maneiras aos impérios que o rodeavam e bem longe da nação que o governava. Era parte de um mundo atlântico em evolução”<sup>45</sup>.

---

<sup>42</sup>Cf. BLACKBURN, Robin. *A Construção do Escravismo no Novo Mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2003. DAVIS, David Brion. Slavery and “Progress”. In BOLT, Christine; DRESCHER, Seymour (eds.). *Anti-Slavery, Religion and Reform. Essays in Memory of Roger Anstey*. Hamden Conn: Archon Books, 1980. TEMPERLEY, Howard. Capitalism, Slavery and Ideology. In: *Past and Present*, n. 75, (May, 1977), p. 94-118.

<sup>43</sup>Até o final do século XVII, São Domingos era uma colônia oficialmente espanhola. Em 1697, a região se tornou francesa com o Tratado de Ryswick. Cf. o tratado em: <https://bonoc.files.wordpress.com/2013/11/tratado-de-ryswick-y-sus-complementarios.pdf>. Acesso em 28 de maio de 2018. No entanto, a Espanha ficou receosa de a França ocupar toda a ilha Hispaniola e Santo Domingo, que permanecia espanhol. Em 1777 ocorreu a divisão legal de fronteiras com Saint Domingue, francês, e Santo Domingo, espanhol, com o Tratado de Aranjuez. Cf o tratado em: <http://digital.csic.es/bitstream/10261/5218/3/RIFrontera.pdf>. Acesso em 28 de maio de 2018.

<sup>44</sup>BLACKBURN. *A Construção do Escravismo no Novo Mundo*. P. 432.

<sup>45</sup>DUBOIS. *Avengers of the New World: The Story of the Haitian Revolution*. P. 28. Tradução minha.

Com as suas múltiplas possibilidades, a ilha era propícia para fazer ou reconstruir fortunas<sup>46</sup>. Aos poucos, o café e o índigo, matérias-primas menos custosas, se converteram nas principais opções dos homens brancos menos abastados, mulatos e negros livres da região. O cultivo do açúcar, por sua vez, exigia solos férteis, muita irrigação, equipamentos caros e mão de obra sempre disponível. Mas prometia lucros. Basicamente, as planícies açucareiras ficavam nas mãos daqueles que pudessem comprá-las e não era incomum que os interessados solicitassem empréstimos às casas comerciais da França. Em um cenário otimista, as dívidas eram pagas e o plantador se convertia em um homem rico, caso contrário, as casas comerciais se tornavam as proprietárias da plantação. As duas situações eram possíveis e recorrentes<sup>47</sup>. Inevitavelmente, o açúcar deixou de ser um artigo de luxo, São Domingos desenvolveu novos tipos de cana, integrou as etapas de moagem e refinação e estruturou novas tecnologias<sup>48</sup>. Em 1789, a colônia exportava o açúcar equivalente às produções da Jamaica, Brasil e Cuba combinadas, além da metade do café mundial<sup>49</sup>.

Ao chegarem à ilha, os escravos eram lavados, banhados em óleo e levados para um padre jesuíta, que fazia diante deles o sinal da cruz e professava uma série de palavras em latim e em francês. Pouco depois, um médico investigava se não estavam doentes e encaminhava os mais saudáveis para a venda. Em 1720, existiam 47 mil escravos em São Domingos, em 1730, cerca de 80 mil e em 1789, quase 500 mil, o equivalente a 90% da população<sup>50</sup>. A maior parte desses indivíduos passou a vida em plantações agrícolas. O trabalho começava cedo, ainda de madrugada. Às 8 h tomavam um breve café da manhã e seguiam até o meio dia. Às 14 h retomavam e iam até as 22 h, às vezes, 23 h.<sup>51</sup> Um viajante suíço sublinha que:

Eram cerca de uma centena de homens e mulheres de idades diferentes, todos ocupados em cavar fossas em um campo de cana, a maioria desnuda ou coberta com farrapos. O sol brilhava com toda a intensidade sobre suas cabeças. O suor resvalava por todos os seus membros. Suas extremidades vencidas pelo calor, fáticas com o peso das suas ferramentas e a resistência da terra argilosa, tão dura, lutavam para superar todos os obstáculos. Reinava um sombrio silêncio. O esgotamento estava impresso em cada rosto, porém ainda não havia chegado a hora do descanso. O impiedoso olhar do intendente supervisava a partida e vários capatazes equipados com longos chicotes passavam periodicamente entre eles,

<sup>46</sup>BLACKBURN. *A construção do escravismo no Novo Mundo*. P. 220.

<sup>47</sup>Ibidem. P. 20.

<sup>48</sup>BLACKBURN. *A Construção do Escravismo no Novo Mundo*. P. 432-434. DUBOIS. *Avengers of the New World: The Story of the Haitian Revolution*. P. 21.

<sup>49</sup>Ibidem. P. 163. DRESCHER. *Abolição: Uma História da Escravidão e do Anti-Escravismo*. P. 148-149. DUBOIS. *Avengers of the New World: The Story of the Haitian Revolution*. P. 21. GEGGUS, David Patrick. *Haitian Revolutionary Studies*. Indiana: Indiana University Press, 2002. P.5-6.

<sup>50</sup>Ibidem. P. 163. DRESCHER. *Abolição: Uma História da Escravidão e do Anti-Escravismo*. P. 148-149. DUBOIS. *Avengers of the New World: The Story of the Haitian Revolution*. P. 21. GEGGUS. *Haitian Revolutionary Studies*. P.5-6.

<sup>51</sup>JAMES. *Os jacobinos Negros: Toussaint Louverture e a Revolução de São Domingos*. P. 27.

dando chicotadas a todos os que, vencidos pelo cansaço, cediam à necessidade de um descanso: homens ou mulheres, jovens ou anciãos<sup>52</sup>.

Os escravos mais fortes cavavam canais, cultivavam o solo, plantavam e colhiam. Os muito jovens, ou muito velhos, bem como os recém-chegados, ainda fracos devido ao tráfico atlântico, assumiam tarefas variadas, como a fertilização dos cultivos. No geral, as plantações de açúcar costumavam ser bastante laboriosas. Alguns poucos trabalhavam como artesãos, dirigiam vagões, cuidavam dos cavalos e mulas. Ou, ainda, se dedicavam aos trabalhos domésticos. Limpavam, lavavam, cozinhavam. No geral, eram os mais cotados para a exploração sexual e, quem sabe, a emancipação. No final do dia, esses indivíduos costumavam dormir em cabanas com aproximadamente 06 metros de comprimento por 03 de largura e 3,5 de altura. O solo era de terra batida e as paredes, de palha. Não havia janelas. Nesse espaço moravam famílias inteiras<sup>53</sup>. Precisavam conviver com o medo, o excesso de trabalho e a desnutrição. Alguns cultivavam galinha e vegetais para trocar por outras mercadorias e em casos excepcionais conseguiam juntar dinheiro para comprar a própria liberdade<sup>54</sup>.

Em 1685, o rei Luís XIV havia estabelecido um decreto, o *Code Noir*, para regulamentar a colonização francesa<sup>55</sup>. O documento se baseava no arquétipo das Antilhas Espanholas e ressaltava que o Caribe Francês, mesmo que distante e pouco conhecido, era responsabilidade da Coroa. Afirmava, ainda, que os colonos possuíam controle sobre a manumissão dos escravos, poderiam explorá-los e chicoteá-los, controlar os seus respectivos casamentos e proibi-los de vender cana-de-açúcar ou portar armas. No entanto, não estavam legitimados a torturá-los, matá-los ou estuprá-los. Deveriam vesti-los, alimentá-los e compreender a ideia de que não poderiam fazer qualquer coisa com os negros<sup>56</sup>. Ainda assim, os relatos tornam a mostrar a criatividade do homem branco nesse quesito:

Pimentões, sal, limão ou cinzas às vezes foram esfregados em feridas abertas, que também podem ser queimadas com uma chama aberta para aumentar a dor. Casos de tortura ainda mais extrema aparecem nos documentos. Um homem escreveu na

<sup>52</sup>GIROD-CHANTRANS, Justin. Voyage d'un Suisse dans différentes colonies d'Amérique pendant la dernière guerre: avec une table d'observations météorologiques faites à Saint-Domingue. London: John Carter Brown Library, 1785. P. 27. Tradução minha.

<sup>53</sup>JAMES. *Os jacobinos Negros: Toussaint Louverture e a Revolução de São Domingos*. P. 28.

<sup>54</sup>DUBOIS. *Avengers of the New World: The Story of the Haitian Revolution*. P. 45- 46.

<sup>55</sup>*Le Code noir. Recueil d'édits, déclarations et arrêts concernant les esclaves nègres de l'Amérique*. Disponível em: <http://www.axl.cefan.ulaval.ca/amsudant/guyanefr1685.htm>. Acesso em: 20 de maio de 2017.

<sup>56</sup>Na França, surgiram discussões a respeito da moralidade da escravidão. Em 1667, o padre Du Tertre iniciou o primeiro volume, de um total de três relatórios, a respeito das colônias francesas e dos maus tratos que assolavam a instituição escravista. Du Tertre não era contrário à escravidão ou à captura de africanos, mas admitia se tratar de um sistema virulento e extremado. O texto é acompanhado de descrições das múltiplas possibilidades de agressão: mutilação, tortura, estupro. Não existiam regras e os limites se associavam à crueldade e à imaginação dos senhores. Cf. BLACKBURN. *A Construção do Escravismo no Novo Mundo*. P. 286-288.

década de 1730 sobre a prática de colocar pólvora no ânus de escravos e iluminá-lo. Outro escreveu sobre a castração de escravos masculinos. Um mestre levado ao tribunal na década de 1750 tinha amarrado um escravo, suspenso, acima de um incêndio. Moreau documentou casos em que os escravos foram espirrados com cera queimada e as partes vergonhosas das mulheres foram queimadas com brasas e uma na qual um mestre atacou alguns de seus escravos e mordeu pedaços de sua carne. Outro escritor do final do século XVIII descreveu os escravos que estavam sendo mergulhados com o suco de cana em ebulição e outros sendo enterrados vivos depois de serem forçados a cavar suas próprias sepulturas<sup>57</sup>.

Em doses variadas, os negros se resignaram, uniram-se aos senhores, ou resistiram. Gradualmente, o kreyòl, que combinava o francês, termos indígenas da tribo Taino e africanos do grupo Níger-Congo, se converteu em uma das línguas mais faladas e difundidas<sup>58</sup>. O idioma estava diretamente associado ao vodu. De acordo com Gèrdes Fleurant, o vodu é uma prática religiosa que sintetiza elementos das culturas Ewe-Fon e Ioruba. Esteve presente na África antes do tráfico atlântico e o termo deriva da palavra “deus”. A religião se tornou uma forma de oposição ao regime escravista e à religião oficial<sup>59</sup>. Em uma organização social em que os africanos deveriam ser apenas trabalhadores, as religiões ofereciam consolo, orientação e união, uma vez que eram pensadas para além das plantações. Serviam, também, como um fio de liberdade, em um mundo fundamentalmente fechado e escravista<sup>60</sup>.

Quando a situação se tornava insustentável, não era incomum que os escravos recorressem às medidas extremas, como o suicídio, a instauração de revoltas ou fugas. Os negros até precisavam de um passaporte que autorizava o deslocamento pela cidade, mas o documento era passível de ser falsificado, o que facilitava a evasão. As possibilidades eram variadas. Os cativos poderiam ser rapidamente recapturados, refugiar-se nas florestas, fugir para as cidades, onde se misturavam com os escravos urbanos, ou, até mesmo, migrar para a espanhola Santo Domingo. Em contrapartida, comunidades de escravos fugidos foram menos frequentes em São Domingos que em outras colônias, como a Jamaica. A constituição geográfica da ilha, muito montanhosa, contribuiu para a dificuldade desse tipo de organização<sup>61</sup>.

<sup>57</sup>JAMES. *Os jacobinos Negros: Toussaint Louverture e a Revolução de São Domingos*. P. 12-13. Tradução minha.

<sup>58</sup>Ao longo dos séculos XVII-XIX, alguns livros europeus foram traduzidos para o kreyòl. O ato promoveu a leitura dessas obras entre os grupos de mulatos e negros minimamente alfabetizados e contribuiu à conversão de um kreyòl oral para uma linguagem, também, escrita. Cabem observações sobre o modo que esse processo ocorreu. Os europeus contaram com a ajuda de negros ou quaisquer indivíduos que dominassem o assunto, mas inevitavelmente promoveram mudanças e certa tentativa de retornar ao francês convencional. Cf. LEFEBVRE, Claire. *Creole Genesis and the Acquisition of Grammar: The Case of Haitian Creole*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. P 53-57.

<sup>59</sup>FLEURANT, Gèrdes. *Dancing Spirits Rhythms and Rituals of the Haitian Vodun. The Rada Rite*. Westport, Connecticut: Greenwood Press. 1996. P. 209.

<sup>60</sup>DUBOIS. *Avengers of the New World: The Story of the Haitian Revolution*. P. 43. GEGGUS. *Haitian Revolutionary Studies*. P. 7.

<sup>61</sup>DUBOIS. *Avengers of the New World: The Story of the Haitian Revolution*. P. 52- 55.

Nenhum legislador pode esquecer que ferramentas e instrumentos não fogem, se rebelam, cometem crimes ou ajudam a proteger o estado de perigo externo. Nenhum mestre, seja na Roma antiga, na Toscana medieval ou no Brasil do século XVII, poderia esquecer que o servo atencioso também poderia ser um “inimigo doméstico” inclinado a roubar, a envenenamento ou a incêndio<sup>62</sup>.

No final do século XVIII, cerca de 2,5 milhões de escravos compunham a população do Novo Mundo. Certamente, o sistema escravista colonial havia se mostrado proveitoso, tornado-se uma forma lucrativa de adquirir produtos tropicais e subtropicais e contribuído para que verdadeiras fortunas tivessem sido criadas. Até então, esse modelo havia se sobressaído a qualquer moralidade ou inquietação que pudessem existir a respeito do uso de seres humanos escravizados. No entanto, essa estrutura, que parecia suntuosa, começou a dar sinais de desgaste e trazer à tona os seus alicerces frágeis, conforme analisaremos nas próximas seções<sup>63</sup>.

### 1.2.1 A escravidão considerada injusta

Entre os séculos XVII e XVIII, a França instituiu um dos principais sistemas escravistas no Novo Mundo. Acompanhando-a de perto neste cenário, estava a Grã-Bretanha. Por muito tempo, a Grã-Bretanha defendeu o escravismo e acentuou que ele gerava empregos, dinamizava os negócios e mantinha a balança comercial favorável<sup>64</sup>. A partir do último quarto do século XVIII, no entanto, os britânicos passaram a questionar a escravidão considerada injusta, o comércio de escravos e, até mesmo, toda a estrutura escravista. Desde então, a historiografia vem analisando essas movimentações e se desvelando para apreender a capciosa pergunta: por que a Grã-Bretanha, escravista, havia se tornado tão fortemente abolicionista?

Antes de explorarmos essa discussão, precisamos ter em mente que o abolicionismo não possui uma trajetória harmônica e a humanidade não despertou linearmente à percepção moral a respeito da escravidão como um sistema cruel. Até 1760, além das revoltas escravas, havia a atuação de alguns clérigos e moralistas isolados, que escreveram trabalhos no âmbito da retórica e do reformismo. No geral, tratavam-se de indivíduos que observavam a instituição, mas não participavam diretamente dela<sup>65</sup>. Nesse sentido, Christopher Brown acentua que existe um vácuo entre a opinião e a ação moral. Não é difícil perceber uma iniquidade. Pode-se, inclusive, apreendê-

<sup>62</sup>DAVIS. *The problem os Slavery in the Age of Revolution*. P. 41. Tradução minha.

<sup>63</sup>DAVIS. *The Problem of Slavery in the Age of Revolution*. P. 53. JAMES Os jacobinos Negros: Toussaint Louverture e a Revolução de São Domingos. P. 23. BLACKBURN, Robin. *The Overthrow of Colonial Slavery, 1776-1848*. New York: Verso, 1988. P. 13 e DAVIS. *Inhuman Bondage: The Rise and Fall of Slavery in the New World*. P. 80.

<sup>64</sup>BLACKBURN. *A Construção do Escravismo no Novo Mundo*. P. 219-220. BERBEL. MARQUESE. PARRON. *Escravidão e Política – Brasil e Cuba, 1790-1850*. São Paulo: Editora Hucitec, 2010. P. 30

<sup>65</sup>BLACKBURN. *The Overthrow of Colonial Slavery, 1776-1848*. P. 55-58. BROWN. *Moral Capital*. P. 39-43. DAVIS. *The Problem of Slavery in the Age of Revolution*. P. 82. BLACKBURN. *The American Crucible: Slavery, Emancipation And Human Rights*. P. 134-136.

la, manifestar-se contrário a ela e... tolerá-la. Não raro, a escravidão era vista como uma prática questionável, mas suficientemente antiga e natural para permanecer em voga<sup>66</sup>. Além disso, até aquele momento, nenhum país havia se movimentado significativamente para extinguir a escravidão e a emancipação jamais se reduziria à rápida assinatura de um decreto ou à decisão isolada de um governo<sup>67</sup>.

A decisão de agir envolveu mais do que pensar na escravidão como abominável, embora claramente isso fosse crucial. De alguma forma, esse erro moral particular teve que se tornar importante e urgente o suficiente para induzir indivíduos e grupos a confrontar instituições enraizadas<sup>68</sup>.

Nessa conjuntura, Robin Blackburn classifica a Guerra dos Sete Anos como um dos principais pontos de virada no tratamento que a escravidão colonial vinha recebendo até aquele momento. O conflito envolveu as principais potências atlânticas do período e quando chegou ao fim, manteve o espectro de que novos eventos se delineariam. A partir de 1763, por exemplo, cresceram as movimentações contrárias à escravidão considerada injusta. A ação vinha à tona quando um negro procurava a justiça e afirmava ser legalmente livre, mas mantido equivocadamente em cativeiro<sup>69</sup>. Em um dos casos mais famosos, o africano James Somerset foi liberado da escravatura<sup>70</sup>. Em 1769, Somerset se mudou com o seu senhor, Charles Stewart, de Boston para a Inglaterra e dois anos depois, fugiu do cativeiro. Quando foi recapturado, cerca de um mês depois, Stewart decidiu enviá-lo para a Jamaica, como forma de vingança. A comunidade negra da Inglaterra, no entanto, uniu-se à Somerset e acionou Granville Sharp, que possuía prática em advocacia, relações amistosas com o abolicionista Anthony Benezet e alguma experiência na defesa de negros escravizados.

A presença negra se fazia sentir na Inglaterra principalmente por meio de casos de liberdade na Inglaterra ou em relatos de vítimas anônimas: aqueles jogados ao mar para economizar água na viagem atlântica; aqueles brutalizados ou executados de forma horrível nas colônias; aqueles libertados durante a Revolução Americana; os resgatados pela caridade nas ruas de Londres; ou aqueles embarcados para fundar um novo assentamento em Serra Leoa<sup>71</sup>.

<sup>66</sup>BROWN. *Moral Capital*. P. 3. Tradução minha.

<sup>67</sup>DAVIS. *The Problem of Slavery in the Age of Revolution*. P. 92

<sup>68</sup>BROWN. *Moral Capital*. P. 3.

<sup>69</sup>Cf. BLACKBURN. *The Overthrow of Colonial Slavery, 1776-1848*. P. 61 e BLACKBURN. *The American Crucible: Slavery, Emancipation and Human Rights*. P. 114. O assunto também é tratado em DAVIS. *The Problem of Slavery in the Age of Revolution*. P. 83.

<sup>70</sup>O caso de James Somerset é abordado em BLACKBURN. *The American Crucible: Slavery, Emancipation and Human Rights*. P. 114. BROWN. *Moral Capital*. P. 98-105. P. 134. DAVIS. *Inhuman Bondage: The Rise and Fall of Slavery in the New World*. P. 234. DAVIS. *The Problem of Slavery in the Age of Revolution*. P. 480-482. DRESCHER. *Abolição: Uma História da Escravidão e do Anti-Escravidismo*. P. 134. PARRON. *A Política da Escravidão na Era da Liberdade: Estados Unidos, Brasil e Cuba, 1787-1846*. P. 26-46.

<sup>71</sup>DRESCHER. *Abolição: Uma História da Escravidão e do Anti-Escravidismo*. P. 218. Tradução minha.

Stewart e John Knowles, capitão do navio que levaria Somerset ao Caribe, recorreram à legalidade do tráfico e da escravidão e argumentaram que o escravo havia desrespeitado as legislações que lhe designavam o cativo. No entanto, em 1772, Somerset e Sharp saíram vitoriosos e suscitaram um discurso inflamado do juiz Lord Mansfield, responsável pelo caso. Mansfield acentuou que a escravidão era uma prática odiosa e válida somente com a força da lei. Uma vez que a Inglaterra não fundamentava a escravidão em solo europeu desde o século XIII, Somerset não poderia ser considerado escravo naquele país e estava livre. Tratou-se de uma decisão radical. Mansfield se recusou a aplicar as leis da colônia na metrópole, promoveu uma discussão impactante a respeito da estrutura colonial e criou um precedente jurídico. Ainda assim, David Brion Davis recomenda cautela:

Tribunais de justiça não são tribunais revolucionários, nem eles geralmente emitem veredictos abrangentes que ignoram as complexidades das relações de propriedade. Os tribunais ingleses da Câmara dos Comuns do século XVIII estavam quase invariavelmente preocupados com problemas privados e não públicos. Havia, portanto, um fosso considerável entre o entusiasmo dos abolicionistas e as decisões judiciais que restringiam a escravidão – uma lacuna que produzia mal-entendidos e depois confusão judicial<sup>72</sup>.

Nos anos seguintes, o escravismo britânico continuou sendo uma atividade lucrativa, ainda assim, o país tornou a apresentar indícios de que contestaria a moralidade, bem como a eficácia do sistema. Entre os grupos cristãos, por exemplo, cresceram as manifestações contrárias à escravidão. Com alguma frequência, eles lançaram mão da bíblia que, agora, expressava a incompatibilidade entre o cristianismo e o trabalho forçado<sup>73</sup>. Como justificar essa nova onda de movimentações?

### **1.2.2 Os abolicionistas sob a luz da historiografia**

Em 1783, os Quakers<sup>74</sup> apresentaram ao parlamento a primeira petição contrária ao comércio de escravos. O primeiro-ministro da época, Lorde North, reconheceu a benevolência dos indivíduos, mas descartou o pedido, afirmando que a Europa precisava do tráfico. Em 1784, eles conseguiram uma audiência com o novo primeiro-ministro, William Pitt, mas receberam a mesma educada e negativa resposta. Nos anos seguintes, o grupo se dedicou à elaboração de panfletos e notas na imprensa de Londres. Os resultados permaneceram modestos até 1787, quando fundaram a *Society for Effecting the Abolition of the Slave Trade* (SEAST) e decidiram ampliar as portas para inserir nomes de peso, como os anglicanos Thomas Clarkson e Granville Sharp. Enquanto Sharp era

<sup>72</sup>DAVIS, *The Problem of Slavery in the Age of Revolution*. P. 470. Tradução minha.

<sup>73</sup>ELTIS, David. *Economic Growth and the Ending of the Transatlantic Slave Trade*. Oxford: Oxford University Press, 1987. P. 1-3.

<sup>74</sup>Grupos religiosos, de base protestante, originados na Grã-Bretanha durante o século XVII.

a favor de um ataque geral à escravidão, Clarkson optou por uma crítica direcionada ao tráfico. Pouco depois, viajou até Liverpool, principal porto escravista britânico, e enfrentou gangues locais para coletar informações a respeito dos navios negreiros e apresentá-las ao parlamento. Apesar de casos mais passionais, a prudência costumava ser a regra. Os membros da SEAST acreditavam que o fim do comércio de escravos faria com que os senhores melhorassem as condições de vida dos escravizados e, gradativamente, se movimentassem para a emancipação<sup>75</sup>.

Em 1788, os abolicionistas estruturaram a primeira grande campanha direcionada ao fim do tráfico de escravos e cerca de 100 mil indivíduos assinaram uma petição de apoio. No mesmo ano, o deputado e abolicionista, William Dolben fiscalizou um navio negreiro em Londres e, horrorizado com o que encontrou, recorreu a William Pitt para garantir uma lei que restringisse o número de escravos por navios<sup>76</sup>. Em 1789, um terceiro William, de sobrenome Willberforce, ganhou repercussão. Como Dolben, tratava-se de um deputado ligado ao abolicionismo e à Pitt. A combinação tornou a gerar resultados. Willberforce inseriu um decreto na Câmara dos Comuns contra o tráfico de escravos e deu início ao debate parlamentar sobre o assunto. Nos anos seguintes, Willberforce se manteve firme à causa e conseguiu com que um comitê da Câmara dos Comuns examinasse as testemunhas e evidências<sup>77</sup>.

Até meados do século XX, a historiografia atribuía essas primeiras movimentações ao humanitarismo britânico<sup>78</sup>. O cenário tomou novas proporções quando, em 1944, o historiador Eric Williams elaborou uma interpretação econômica para o abolicionismo em seu famoso, e polêmico, *Capitalism and Slavery*<sup>79</sup>. De acordo com Williams, o capitalismo comercial havia se estruturado em torno das plantações do Novo Mundo e do comércio de escravos. Foram os lucros desse sistema que financiaram a Revolução Industrial Inglesa. Esse ponto gera debates<sup>80</sup>, mas a principal querela vem a seguir. Williams afirma que, a partir da Revolução Americana, o capitalismo tomou novas proporções e o colonialismo nas Américas deixou de ser conveniente à Grã-Bretanha. Em outras palavras, quando a escravidão perdeu a razão de existir, o abolicionismo emergiu como solução e a

<sup>75</sup>DAVIS. *Inhuman Bondage: The Rise and Fall of Slavery in the New World*. P. 234-235. DRESCHER. *Abolição: Uma História da Escravidão e do Anti-Escravidismo*. P. 211.

<sup>76</sup>DAVIS. *Inhuman Bondage: The Rise and Fall of Slavery in the New World*. P. 234-235. DAVIS. *The Problem of Slavery in the Age of Revolution*. 108-134. *Abolição: Uma História da Escravidão e do Anti-Escravidismo*. 214.

<sup>77</sup>DAVIS. *The Problem of Slavery in the Age of Revolution*. 108-134. DRESCHER. *Abolição: Uma História da Escravidão e do Anti-Escravidismo*. P. 216.

<sup>78</sup>Um trabalho que aborda essa perspectiva pode ser conferido em: COUPLAND, Reginald. *British Anti-Slavery Movement*. Edinburgh: F. Cases, 1933.

<sup>79</sup>WILLIAMS. *Capitalism and Slavery*.

<sup>80</sup>Figuras como David Eltis, Stanley Egnerman e Kenneth Pomeranz vêm estabelecendo discussões sobre essa questão. Cf. ELTIS, David, ENGERMAN, Stanley. The Importance of Slavery and the Slave Trade to Industrializing Britain. *The Journal of Economic History*. v. 60, n. 123. P. 13-144. POMERANZ, Kenneth. *The great divergence: China, Europe and the making of the modern world economy*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2000.



humanidade presenciou o declínio econômico definitivo do Caribe Britânico. A abordagem de Williams é cativante e se tratou de um dos primeiros textos a desenvolver uma explicação econômica para a ascensão e a queda da escravidão colonial de forma simples, fluída e coerente.

Para construir o seu pensamento, Williams lançou mão do historiador Lowell Joseph Ragatz, que publicara *The Fall of the Planter Class in the British Caribbean*, em 1928. Naturalmente, os livros possuem divergências. Ragatz defendia que a queda do colonialismo britânico se iniciara em 1763, com o fim da Guerra dos Sete Anos<sup>81</sup>, já Williams levava a discussão a um novo patamar, ao inserir e articular o capitalismo industrial britânico à questão. No entanto, ambos elaboraram uma equação para o fim da escravidão caracterizada pela somatória de trabalho escravo inoperante, esgotamento dos solos, estagnação das colônias e endividamentos. Além disso, Williams retirou o peso dos abolicionistas, que classificou como um movimento propagandístico, que serviu apenas para mascarar as reais intenções para o fim do tráfico e da escravidão. Alguns indivíduos foram alvo de críticas específicas. William Pitt foi acusado de defender a escravidão em São Domingos, Willberforce de saber o bastante sobre um navio negreiro para querer combatê-lo, mas de ignorar as péssimas condições de trabalho dos ingleses pobres<sup>82</sup>.

Os capitalistas primeiramente incentivaram a escravidão nas Índias Ocidentais e depois ajudaram a destruí-la. Quando o capitalismo britânico dependia das Índias Ocidentais, eles ignoraram a escravidão ou a defenderam. Quando o capitalismo britânico considerou o monopólio das Índias Ocidentais um incômodo, eles destruíram a escravidão das Índias Ocidentais como primeiro passo para a destruição do monopólio das Índias Ocidentais<sup>83</sup>.

Em 1977, Seymour Drescher lançou *Econocide: British Slavery in the era of Abolition*<sup>84</sup>, a crítica mais incisiva à *Capitalism and Slavery*. O argumento de Drescher convergia com um livro publicado em 1975, *The Atlantic Slave Trade and British Abolition*, de Roger Anstey<sup>85</sup>. Ambos enfatizavam que o ano de 1807 havia se tratado de um momento inoportuno para o fim do comércio britânico de escravos, de acordo com Drescher, um suicídio econômico. Dessa forma, *Econocide*, lança mão de dados estatísticos e realiza um exame empírico para refutar o posicionamento de Ragatz/Williams e comprovar que o escravismo britânico estava expandindo, e não declinando, no início do século XIX. Enquanto Williams afirma que as indústrias, têxteis e metalúrgicas, associaram-se ao abolicionismo quando compreenderam que as colônias representavam um entrave

<sup>81</sup>RAGATZ, Lowell Joseph. *The Fall of the Planter Class in the British Caribbean, 1763-1833: A Study in Social and Economic History*. London: Octagon Books, 1928.

<sup>82</sup>BROWN. *Moral Capital*. P.14.

<sup>83</sup>WILLIAMS. *Capitalism and Slavery*. P. 169. Tradução minha.

<sup>84</sup>DRESCHER. *Econocide: British Slavery in the era of Abolition*. DRESCHER. Le “déclin” du système esclavagiste britannique et l’abolition de la traite.

<sup>85</sup>ANSTEY, Roger. *The Atlantic Slave Trade and British Abolition*. New York: Prometheus Books, 1975.

a esses setores, Drescher defende que o Novo Mundo forneceu números elevados, e ascendentes, de algodão à Grã-Bretanha. Drescher argumenta, ainda, que Ragatz/Williams construíram um cenário falso e converteram uma queda passageira, entre 1777 e 1783, no contexto da Revolução Americana, em um declínio definitivo. O mesmo vale aos solos agrícolas. Para Drescher, períodos de desgaste e recuperação dos terrenos compunham o cotidiano das Américas e nem sempre indicavam falência. Sob esse ponto de vista, havia a plena possibilidade de industrialização e colonialismo conviverem e, ao que parece, conviviam<sup>86</sup>. Nesse sentido, a campanha abolicionista, que culminou no fim do tráfico, ocorreu quando a Grã-Bretanha apresentava o maior potencial de solos virgens em relação aos seus concorrentes e números comerciais impressionantes. Mais que isso, as transações com as Índias Ocidentais equivaliam aos únicos mercados em expansão e aos clientes mais seguros da Grã-Bretanha. Em nenhum momento, a campanha abolicionista tratou o Novo Mundo com desinteresse ou como uma região em crise, pelo contrário, os parlamentares sabiam, e jamais negaram, a importância econômica das colônias escravistas<sup>87</sup>.

De acordo com David Brion Davis, a metodologia de Drescher lança mão da história econômica, mas rejeita as suas motivações e recorre à cultura política para justificar o abolicionismo. Em relação à França, por exemplo, a Grã-Bretanha possuía uma base de ativismo mais forte e dinâmica, expressa em revistas, poemas, panfletos e campanhas. Drescher, no entanto, não explicita os motivos que levaram o abolicionismo a ganhar força na Grã-Bretanha. O autor até menciona que os abolicionistas se tornaram influenciadores de opinião, mas não aprofunda a questão<sup>88</sup>. Já Dale Tomich, acentua que Drescher e Williams possuem restrições metodológicas semelhantes, percepções limitadas de tempo e espaço e formas circunscritas de lidar com fenômenos históricos tão profundos e complexos. As narrativas construídas por ambos, afirma Tomich, priorizam uma abordagem linear e apreendem todos os acontecimentos em uma mesma temporalidade histórica. O espaço, por sua vez, surge como uma unidade política passiva e fechada, a Grã-Bretanha se torna o cenário do capitalismo e da Revolução Industrial, as colônias, o palco da escravidão, não existem grandes articulações, exceto aquelas de causa e efeito<sup>89</sup>. O procedimento de *Capitalism and Slavery* converte a escravidão, o abolicionismo e a Revolução Industrial em atores coadjuvantes de uma história do capitalismo previamente estabelecida, uma história do capitalismo britânico. Quando ele se desenvolve, a escravidão, agora obsoleta, perde a razão de existir. No entanto, *Econocide* também possui uma estrutura problemática, que não integra o abolicionismo a

---

<sup>86</sup>DRESCHER. *Econocide: British Slavery in the Era of Abolition*. DRESCHER. Le “déclin” du système esclavagiste britannique et l’abolition de la traite.

<sup>87</sup>Ibidem.

<sup>88</sup>DAVIS. *Inhuman Bondage: The Rise and Fall of Slavery in the New World*. P. 246.

<sup>89</sup>TOMICH. *Through the Prism of Slavery: Labor, Capital, and World Economy*. P. 98-108.

um contexto maior, não esclarece a origem do movimento, ou o porquê de sua consolidação. Seymour Drescher caracteriza 1807 como um período de expansão da Grã-Bretanha, na verdade, se tratava de um fenômeno europeu, de reestruturação mundial.<sup>90</sup>

À medida que a Grã-Bretanha passou a controlar o comércio fora das fronteiras do seu próprio Império, ela se tornou menos comprometida com o colonialismo formal como meio de definir a natureza e a direção dos fluxos de mercadorias e a divisão do trabalho entre centro e periferia. A superioridade comercial e industrial da Grã-Bretanha permitiu-lhe penetrar nos mercados das demais potências colonizadoras e estabelecer um comércio com a periferia baseado na complementaridade, ou seja, bens manufaturados britânicos em troca de matérias-primas e produtos agrícolas periféricos. Aos poucos, a Grã-Bretanha se tornou capaz de desenvolver uma estratégia econômica e política que lançava mão de diversas formas de mão de obra, escravos, arrendatários, meeiros, camponeses, trabalhadores contratados e assalariados, e contribuía para que o trabalho escravo perdesse o status privilegiado que possuía nessa nação. Em contrapartida, os produtores rivais se tornaram mais dependentes do trabalho escravo devido à expansão da demanda, à natureza competitiva do mercado e à falta de fontes de trabalho alternativas. Os mesmos processos que corroboraram para o fim da escravidão no Império Britânico resultaram na intensificação da produção escrava em outros lugares do hemisfério<sup>91</sup>.

Dessa forma, abolicionismo britânico se inseria em um processo liberalizante e modernizante, mas também opressivo e explorador, que inspirou reformas às classes trabalhadoras, mas ofereceu segurança para validar uma nova aliança entre as elites. Nessa conjuntura, para que o abolicionismo pudesse se estabelecer, a escravidão deveria ser considerada um erro moral. Em seguida, esse erro precisava receber cunho político, atrair interesse sustentado e se tornar fonte de preocupação. Por sua vez, os envolvidos, políticos, grupos religiosos, filantropos, deveriam estruturar as novas inquietações. Finalmente, o confronto com o sistema escravista tinha de ser problema pessoal e coletivo, prioridade para além dos protestos iniciais, sustentada em uma organização coerente e institucional<sup>92</sup>. Granville Sharp, Thomas Clarkson, William Pitt e Willberforce não nasceram abolicionistas e em 1780, possuíam mais dúvidas do que certezas. Não raro, defenderam motes que nem mesmo condiziam às suas reais crenças, mas refletiam as vigências do momento. No entanto, de alguma forma, engajaram-se ao abolicionismo e se converteram em indivíduos preocupados e envolvidos com a questão. Os abolicionistas lutavam contra a escravidão porque não gostavam das implicações desse sistema e de como ele afetava a sociedade, o Império e a moral. Nesse sentido, eles poderiam demonstrar um interesse sincero pelo bem-estar do escravizado, ou não. Muitos queriam acabar com a escravidão em uma base pessoal e

---

<sup>90</sup>Ibidem. P. 104-118.

<sup>91</sup>Ibidem. P. 104-105. Tradução minha.

<sup>92</sup>BROWN. *Moral Capital*. P. 36.

até mesmo egoísta<sup>93</sup>. No final do século XVIII, existiram falsos começos, múltiplos programas, objetivos variados e iniciativas não coordenadas. Até alcançar o famoso patamar abolicionista, de meados do século XIX, a Grã-Bretanha enfrentou falhas e recrudescimentos. O resultado foi um processo lento e incompleto que, eventualmente, incorporou os negros, mas formou uma base de humanidade que David Eltis classifica como fugidia e mal resolvida<sup>94</sup>.

### 1.2.3 As implicações da Revolução Americana ao abolicionismo britânico

As implicações da Revolução Americana (1775-1783) para o abolicionismo britânico se converteram em um fértil terreno de análise. O movimento dissolveu a divisão legal entre o Velho e o Novo Mundo e, inevitavelmente, lançou mão da ideologia e dos valores britânicos, mas definiu as próprias bases a respeito da escravidão e do abolicionismo<sup>95</sup>. A Declaração de Independência dos Estados Unidos, por exemplo, abordou os direitos individuais, a igualdade e a liberdade. Os primeiros esboços de Thomas Jefferson traziam a percepção de que a Inglaterra era a culpada pelo uso da mão de obra escrava nas colônias. A versão final, no entanto, não mencionou a escravidão negra e orientou a busca pela felicidade, não pela propriedade<sup>96</sup>. Robin Blackburn sublinha que essa escolha de palavras possibilita uma interpretação generosa a respeito da Declaração, mas é preciso cuidado.

Alguns dos revolucionários mais esclarecidos estavam dispostos a argumentar que a liberdade era o direito de primogenitura de toda a humanidade e que a escravização permanente era incompatível com os princípios da liberdade que deveriam fornecer os fundamentos apropriados da República. Mas para a grande maioria dos patriotas, “todos os homens” significava “todos nós”; não incluía índios, negros, mulheres ou crianças. Quando a Declaração afirmou que os norteamericanos eram “um povo”, isso se referia apenas à população branca<sup>97</sup>.

É verdade que a Revolução Americana contribuiu para que a escravidão nortista perdesse força. Em 1780, a Pensilvânia se tornou o primeiro estado a abolir a escravidão<sup>98</sup> e, na sequência, Vermont, New Hampshire, Massachusetts, Connecticut, Rhode Island, New York e New Jersey, elaboraram artigos constitucionais ou decisões judiciais que suprimiram o escravismo. Ainda assim, não nos deixemos enganar. Os Estados Unidos se consolidaram em uma base federalista complexa e

<sup>93</sup>Ibidem. P. 24-26.

<sup>94</sup>BROWN. *Moral Capital*. P. 2. ELTIS, David. Europeans and the Rise and Fall of African Slavery in the Americas: An Interpretation. In: *The American Historical Review*, v. 98, n. 5 (Dec., 1993), p. 1399-1423. ELTIS. *Economic Growth and the Ending of the Transatlantic Slave Trade*. P. 13-15. TEMPERLEY. Capitalism, Slavery and Ideology.

<sup>95</sup>DAVIS. *The Problem of Slavery in the Age of Revolution*. P. 343. DRESCHER. *Abolição: Uma História da Escravidão e do Anti-Escravismo*. P. 115.

<sup>96</sup>DRESCHER. *Abolição: Uma História da Escravidão e do Anti-Escravismo*. P. 124.

<sup>97</sup>BLACKBURN. *The Overthrow of Colonial Slavery, 1776-1848*. P. 111. Tradução minha.

<sup>98</sup>Em 1777, Vermont adotou uma cláusula anti-escavista. No entanto, o Estado não compunha a formação original das 13 colônias e não foi admitido no Congresso até 1791. Cf. BLACKBURN. *The Overthrow of Colonial Slavery, 1776-1848*. P. 112.

conflitante. As leis possuíam alcance limitado, atingiram os estados menos ligados à escravidão e, com alguma frequência, foram descumpridas<sup>99</sup>. Além disso, abolicionismo não era sinônimo de cidadania ou respeito e, no geral, os negros eram vistos como uma grande massa incômoda, perigosa e não condizente com a nova nação, branca e cristã. Emancipar os negros suscitava discussões indigestas, por exemplo, incorporá-los à sempre necessária mão de obra ou enviá-los para algum lugar longe dos Estados Unidos?<sup>100</sup>

Os debates em torno da constituição dos Estados Unidos permeiam essa conjuntura ambígua. Em um primeiro momento, os sulistas tentaram tornar o tráfico e a escravidão, inerentes ao novo país. Não foram bem-sucedidos, mas encontraram como alternativa aquilo que Tâmis Parron classifica como atos ilocutórios constituintes<sup>101</sup>. Em outras palavras, conquistaram, através de conversas e barganhas com os nortistas, o poder político que manteria o escravismo ativo. Em seguida, surgiu a necessidade de organizar os congressos norte-americanos, com Câmara, Senado, sufrágio parlamentar individual e proporcionalidade nas bancadas de acordo com a demografia dos estados. Os sulistas tentaram usar os seus escravos nessa contagem para ampliar a representação. Outra vez, fracassaram e acordaram, com os nortistas, que um escravo equivalia a três quintos de uma pessoa na representação norte x sul no congresso<sup>102</sup>. Em troca do compromisso dos três quintos, os nortistas conseguiram fazer com que o tráfico de escravos fosse proibido até 1808, solicitaram atos de navegação com maioria simples no congresso para o comércio de cabotagem e mão de obra exclusivamente livre nos territórios de Ohio, Illinois e Indiana. Por outro lado, o norte se comprometeu a ajudar o sul a controlar a área de escoamento de New Orleans, território espanhol desde a Guerra dos Sete Anos, e considerar a questão do solo livre em caso de escravo fugido<sup>103</sup>.

O texto funcionou tão bem que gerou um padrão de leitura em que o status condicional do cativo mudava conforme a intenção do enunciador. No Norte os adversários da Constituição, os antifederalistas, argumentaram que ela fortalecia o cativo, enquanto os federalistas (amigos da Constituição) sugeriram que ela tinha iniciado o seu desmantelamento por vislumbrar o fim do tráfico. No Sul, tudo se passou ao contrário. Os amigos da Constituição diziam que ela protegia a propriedade escrava, seus inimigos reclamavam que ela a tinha enfraquecido. Graças às lacunas na definição dos direitos civis, à escolha da jurisprudência como parâmetro dos direitos políticos, aos eufemismos lexicais nas cláusulas dos 3/5,

<sup>99</sup>BLACKBURN. *The Overthrow of Colonial Slavery, 1776-1848*. P. 111-120. P. 267. DRESCHER. *Abolição: Uma História da Escravidão e do Anti-Escravidismo*. P. 126-136.

<sup>100</sup>BLACKBURN. *The Overthrow of Colonial Slavery, 1776-1848*. P. 121. P. 133. BLACKBURN. *The American Crucible: Slavery, Emancipation and Human Rights*. P. 147. DAVIS. *The Problem of Slavery in the Age of Revolution*. P. 87. P. 231-232.

<sup>101</sup>Tâmis Parron classifica como *aparatos locutórios constitucionais* os decretos e artigos parlamentares. Já os *atos ilocutórios constituintes* seriam as conversas externas, que ajudavam a definir o sentido dos textos constitucionais. Cf. PARRON. *APolítica da Escravidão na Era da Liberdade: Estados Unidos, Brasil e Cuba, 1787-1846*. P. 28-32.

<sup>102</sup>Ibidem. P. 37-39.

<sup>103</sup>Ibidem. P. 39-43.

tráfico negreiro ou devolução de escravos fugitivos e à profusão dos atos ilocutórios constituintes, o Sul e o Norte podiam ler a mesma bíblia seguindo evangelhos diferentes<sup>104</sup>.

Seymour Drescher acentua que nos quatro primeiros anos que se seguiram à Revolução Americana, a Grã-Bretanha ainda estava timidamente engajada em seu movimento abolicionista e assim permaneceu até o final de 1787. Com a exceção de alguns ativistas, os britânicos não sentiram necessidade imediata em extirpar o tráfico ou a escravidão. Além disso, a perda das 13 colônias não gerou uma espécie de humilhação coletiva, uma vez que a Grã-Bretanha estava muito bem estabelecida, em seu auge político e econômico. Em contrapartida, os Estados Unidos eram vistos com certo desprezo e descrédito pela Europa. A título de exemplificação, em 1787, o político William Grenville iniciou as movimentações para estabelecer o comércio entre os Estados Unidos e as Índias Ocidentais Britânicas, mas frisou a finitude do acordo, afinal, não sabia se o novo país se tratava “de um governo, se consistiam em muitos governos discordantes, ou se eles não estavam sob nenhum governo”<sup>105</sup>. Drescher reconhece que o abolicionismo britânico recebeu boas notícias vindas da América, como o fim da escravidão em alguns estados do norte e o pedido de extinção do tráfico de escravos, feito pela Sociedade Abolicionista da Pensilvânia. A constituição dos Estados Unidos, no entanto, assegurava mais 20 anos de tráfico legal, um período suficientemente elevado para ser desconsiderado.

Por outro lado, Christopher Brown afirma que a Revolução Americana não causou o abolicionismo britânico, mas influenciou significativamente o caráter moral das instituições coloniais e das práticas imperiais. O escravismo foi repensado, transformou-se em símbolo e em fonte de auto-enxame. Os dois abolicionismos foram organizados em bases reformistas, com participação de comunidades religiosas e direcionados à ação legislativa, além de promoverem debates públicos e angariarem apoio popular<sup>106</sup>. Os filósofos dos dois lados do atlântico tentaram atribuir, ou esquivar-se, da culpa pela escravidão colonial. Em outras palavras, os norte-americanos acusavam os britânicos de organizarem uma colonização em bases escravistas, já os britânicos restringiam essa responsabilidade aos colonos. Havia o desejo de isentar o Estado, reforçar a sua civilidade e desassociá-lo das colônias, supostamente, as únicas dependentes da escravidão. A Revolução Americana, no entanto, extinguiu qualquer sentimento de ignorância ou inocência. Tornou-se impossível negar o fosso entre uma ideologia europeia, baseada na liberdade, e

---

<sup>104</sup>Ibidem. P. 42-43. Tradução minha.

<sup>105</sup>DRESCHER. *Abolição: Uma História da Escravidão e do Anti-Escravismo*. P. 146. P. 212-214. DRESCHER, Seymour. The Shocking Birth of British Abolitionism. *Slavery & Abolition: A Journal of Slave and Post-Slave Studies*, v. 33, 2012. P. 571-593. Tradução minha.

<sup>106</sup>BROWN. *Moral Capital*. P. 27.

instituições britânicas, que precisavam da escravidão. As mudanças não foram instantâneas, mas associaram a escravidão à moral e à política da época<sup>107</sup>.

O conflito americano abriu os vilões identificáveis: os colonos que gritaram pela liberdade, mas negaram a liberdade aos seus escravos, estadistas britânicos que honraram os interesses dos comerciantes africanos e impediram os colonos de restringir as importações de escravos. A maioria na Grã-Bretanha tendia a pensar na escravidão colonial e no tráfico de escravos atlânticos como desafortunado e desagradável, mas além do poder imediato de qualquer pessoa de extingui-lo. Agora, com maior frequência na era revolucionária, o sistema escravo foi caracterizado como culpa de alguém, como consequência de plantadores gananciosos ou traficantes de escravos insensíveis, como consequência de leis e políticas instituídas por particulares, do governo britânico ou governos coloniais específicos. Essa sensação afiada do sistema escravo como produto e preferência da escolha humana permitiu descrições radicalmente diferentes do dever moral. Se indivíduos e grupos específicos pudessem ser responsabilizados pela escravidão, eles também poderiam ser responsabilizados por corrigir os erros que eles criaram<sup>108</sup>.

A Revolução Americana construiu um cenário propício ao combate da escravidão e alinhou o conceito de capital moral ao de abolicionismo. A partir de 1788, as campanhas para pôr fim ao tráfico e à escravidão se consolidaram na Grã-Bretanha porque se tornaram indicadores de mérito e porque o sistema escravista se convertera em um estigma. Em uma realidade alternativa, um abolicionismo com menor credibilidade, provavelmente, não teria alcançado a aprovação pública ou o prestígio moral que eram necessários. O capital moral, analisado por Brown, possui objetivos políticos, mas também sociais, culturais, intelectuais e, até mesmo, emocionais.<sup>109</sup> Não raro, a historiografia se atrelou à velha dicotomia entre bem e mal para abordar o abolicionismo britânico, mas ignorou que os comportamentos políticos são mais imbricados. O abolicionismo angariou grande apoio porque poderia significar muitas coisas e atender às múltiplas demandas. A história do abolicionismo é uma história de iniciativas e sentimentos contrários à escravidão, mas também uma história de oportunidades e de agendas. Trata-se de uma mudança de atitude em relação à escravidão e ao abolicionismo e em como eles seriam vistos e quistos pela sociedade<sup>110</sup>.

#### **1.2.4 As implicações da Revolução Francesa e da Revolução de São Domingos ao abolicionismo britânico**

Ao longo do século XVIII, o tráfico e a escravidão se converteram nos principais pilares da economia francesa. Apesar de fecundo, se tratava de um sistema incerto, que suscitava debates quanto ao seu futuro e às possibilidades de modernização do país. A quantidade exorbitante de

<sup>107</sup>Ibidem. P. 114-115. P. 152.

<sup>108</sup>Ibidem. P. 153. Tradução minha.

<sup>109</sup>Ibidem. P. 458.

<sup>110</sup>Ibidem. P. 458.

escravos que compunham as Antilhas gerava lucros, mas também fugas e revoltas, que convertiam a região em nada menos que uma bomba relógio. Além disso, havia a Inglaterra, tão forte e tão perto<sup>111</sup>.

A escravidão já havia sido examinada por Montesquieu, Voltaire, Rousseau e os Enciclopedistas. Os fisiocratas questionaram a sua utilidade econômica. A partir de 1780, surgiram esquemas mais elaborados para uma abolição gradual nos trabalhos de Marquês de Condorcet e de L'Abbé Raynal. O ministro liberal Jacques Necker sugeriu uma iniciativa anglo-francesa para suprimir o comércio de escravos<sup>112</sup>. Por outro lado, a Coroa Francesa estabeleceu uma série de diretrizes que atacavam alguns preceitos do texto original do *Code Noir*<sup>113</sup>. Inicialmente, tentaram reorganizar as manumissões e reaver as alforrias irregulares. Poucos, no entanto, cederam. Em seguida, buscaram desfazer os direitos civis que o *Code Noir* assegurava aos negros livres. A medida segregou racialmente esses indivíduos e desestabilizou o sistema construído em São Domingos, uma vez que milhares de indivíduos anteriormente emancipados não cederiam facilmente ao novo modelo<sup>114</sup>. Os franceses se aproximavam como nunca da estrutura de colonização do Noroeste Europeu e se inseriam em um terreno perigoso, saturado de incongruências e fissuras, mas, parecia, não possuíam a real consciência disso. Ao menos naquele momento<sup>115</sup>.

Nessa conjuntura, em 1788, surgiu a *Société des Amis des Noirs*. O movimento contava com o aval do Ministério da Marinha e das Colônias e se baseava na SEAST, a organização britânica de 1787<sup>116</sup>. A vertente francesa almejava ressaltar o caráter moral da causa abolicionista e defender os escravos, mas também a nação e os plantadores. Laurent Saes acentua que os Amigos dos Negros não manifestaram anseios revolucionários ou abruptos, mas o desejo de coordenar projetos de superação gradual da escravidão negra. Não se tratava, no entanto, de mais uma instituição filantrópica, que se resignaria a distribuir remédios, alimentos e roupas. Apesar de

---

<sup>111</sup>SAES, Laurent de. A Sociedade dos Amigos dos Negros: O Antiescravismo sob a Revolução Francesa. *História Econômica & História de Empresas*, v. 16, 2013. P. 269-300.

<sup>112</sup>GEGGUS, David Patrick. *Haitian Revolutionary Studies*. P. 158

<sup>113</sup>O *Code Noir* foi reeditado em 1735, 1742, 1745, 1767 e 1788 a fim de atender a essas novas demandas. Cf. SALA-MOLINS, Louis. *Le Code Noir ou le calvaire de Canaan*. Paris: PUF, 2012.

<sup>114</sup>PARRON. *A Política da Escravidão na Era da Liberdade: Estados Unidos, Brasil e Cuba, 1787-1846*. P. 48-49.

<sup>115</sup>BERBEL, MARQUESE. PARRON. *Escravidão e Política – Brasil e Cuba, 1790-1850*. P. 41-42.

<sup>116</sup>Em 1789, Thomas Clarkson foi enviado à Paris para ajudar o grupo. Cf. DAVIS. *The Problem of Slavery in the Age of Revolution*. P. 95. DRESCHER. *Abolição: Uma História da Escravidão e do Anti-Escravismo*. P. 151-153.



comedido, os Amigos dos Negros desejavam interferir em um sistema complexo por meio da difusão de ideias e da intervenção direta nos órgãos de poder<sup>117</sup>.

Em seu arcabouço, a Sociedade dos Amigos dos Negros possuía um caráter elitista e conservador. A nobreza representava pelo menos metade dos membros e a presença de indivíduos diretamente associados às colônias era ínfima, as reuniões chegaram a ser classificadas como tediosas e extremamente formais. Em nenhum momento, a dimensão imperial da França foi levada em consideração, o objetivo principal estava na abolição do tráfico. Por sua vez, a emancipação efetiva era vislumbrada em um futuro, que poderia ser distante. O posicionamento possuía razão de existir. Assemelhava-se ao britânico, parecia um caminho mais fácil de ser conquistado, tendo em vista as circunstâncias deploráveis que envolviam a travessia, e suscitaria a melhora imediata nas condições de vida dos escravos. No instante em que não existisse a reposição de cativos, os senhores seriam obrigados a tratá-los melhor. Durante esse período, os colonos deveriam estruturar a transição para o trabalho assalariado e ensinar os escravos a viver em liberdade, como cidadãos<sup>118</sup>.

Na França, ao contrário da América, poucos homens já haviam visto um escravo negro, exceto talvez em Paris e nas cidades portuárias, e menos ainda se acostumaram à escravidão como parte de seu universo imediato. A causa antiescravista poderia ser facilmente aplaudida por qualquer homem iluminado que não tivesse vínculos pessoais ou econômicos com o sistema colonial. No entanto, precisamente porque as colônias francesas eram tão remotas, a situação dos escravos poderia permanecer baixa na agenda da reforma. À medida que a Revolução se ampliou, a agitação dos *Amis des noirs* parecia, na melhor das hipóteses, uma irrelevância piedosa, na pior das hipóteses, uma distração perigosa, inspirada, sem dúvida, pelos britânicos para dividir as colônias da França<sup>119</sup>.

Os Amigos dos Negros surgiram em meio ao Despotismo Esclarecido e, nesse contexto, atuou principalmente nos bastidores. Com a Revolução Francesa e a liberdade de imprensa, o grupo pôde publicar textos e panfletos, além de apresentar petições à Assembleia Nacional. O contexto revolucionário, no entanto, tinha os seus próprios interesses, que não condiziam com os Amigos dos Negros. A Assembleia possuía diversos membros associados ao comércio de escravos e não demorou até frisar que manteria o sistema escravista<sup>120</sup>.

Em 1789, durante a estruturação dos Estados Gerais, o rei Luís XVI convocou os indivíduos para redigir uma lista de queixas ao governo. No final do ano, surgiu o *Cahier de*

<sup>117</sup>SAES. A Sociedade dos Amigos dos Negros: O Antiescravismo sob a Revolução Francesa. P. 275-279. BLAKBURN. *The Overthrow of Colonial Slavery, 1776-1848*. P. 169-170 e DAVIS. *The Problem of Slavery in the Age of Revolution*. P. 344.

<sup>118</sup>Cf. BLACKBURN. *The American Crucible: Slavery, Emancipation And Human Rights*. P. 155. DAVIS. *The Problem Of Slavery in the Age of Revolution*. P. 96. DRESCHER. *Abolição: Uma História da Escravidão e do Anti-Escravismo*. P. 152-154. SAES. A Sociedade dos Amigos dos Negros: O Antiescravismo sob a Revolução Francesa. P. 280-88.

<sup>119</sup>DAVIS. *The Problem of Slavery in the Age of Revolution*. P. 345. Tradução minha.

<sup>120</sup>SAES. A Sociedade dos Amigos dos Negros: O Antiescravismo sob a Revolução Francesa. P. 288-293.

*plaintes, doléances et réclamations*. O documento atraiu atenções variadas. Jacques Necker, membro dos Amigos dos Negros, solicitou que o rei repensasse o tráfico e a escravidão. Mulatos de São Domingos pediram a revogação do controle das manumissões e, principalmente, a reordenação dos direitos civis, lançando mão da figura de Mansfield e da crise institucional que se instaurara na França. Esse segundo exemplo, no entanto, não se tratava de uma movimentação abolicionista. Alguns dos seus membros mais conhecidos, como os mulatos Vincent Ogé e Julien Raimon, possuíam terras e escravos, e o próprio texto do documento reafirmava o cativo. Ainda assim, o posicionamento foi considerado perigoso, uma vez que os europeus defendiam que as distinções raciais eram fundamentais para a manutenção da escravidão<sup>121</sup>.

Do outro lado do Atlântico, os colonos caribenhos almejavam ampliar o poder político escravista. Basearam-se no modelo constitucional norte-americano e na alegação de que São Domingos fazia parte da França. Inicialmente, os proprietários foram ousados e apresentaram uma representação parlamentar que equivalia os homens livres e os escravos da colônia, em um total de 30 deputados. Não conseguiram. Uma vez que os escravos eram considerados bens-móveis, os franceses questionaram: “nós, na repartição de deputados de acordo com a população da França, levaremos em consideração o número de nossos cavalos e mulas?”<sup>122</sup>. Em seguida, tentaram imitar o modelo dos três quintos e enviar 20 membros. Também não deu muito certo e se contentaram com seis vagas, duas para cada província. Pouco depois, os colonos de São Domingos se uniram aos proprietários de terra que residiam na França e aos negociantes portuários e acordaram uma campanha para federalizar o conceito de cidadania e manter o exclusivo colonial. O grupo se estruturou como *Club Massiac* e enfraqueceu os Amigos dos Negros<sup>123</sup>.

Em agosto de 1790, a Assembleia Nacional elaborou a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. O decreto não passou ileso pelo Caribe. De acordo com Laurent Dubois “era uma guerra sobre o significado da própria Revolução, sobre se as leis de uma França regenerada seriam aplicáveis tanto nas colônias quanto na metrópole, sobre a questão de saber se os direitos eram universais”<sup>124</sup>. Certamente, os plantadores preferiam quase qualquer coisa a ver os princípios da metrópole chegando às colônias, mas, aos poucos, compreenderam que os Direitos do Homem defendiam a igualdade, a liberdade e a propriedade privada e não seriam incorporados, em sua

<sup>121</sup>DUBOIS. *Avengers of the New World: The Story of the Haitian Revolution*. P. 64-66. PARRON. *A Política da Escravidão na Era da Liberdade: Estados Unidos, Brasil e Cuba, 1787-1846*. P. 50.

<sup>122</sup>DUBOIS. *Avengers of the New World: The Story of the Haitian Revolution*. P. 32. Tradução minha.

<sup>123</sup>DRESCHER. *Abolição: Uma História da Escravidão e do Anti-Escravismo*. P. 245. DUBBOIS. *Avengers of the New World: The Story of the Haitian Revolution*. P. 75. PARRON. *A Política da Escravidão na Era da Liberdade: Estados Unidos, Brasil e Cuba, 1787-1846*. P. 53-54. GEGGUS. *Haitian Revolutionary Studies*. P. 9-10.

<sup>124</sup>DUBBOIS. *Avengers of the New World: The Story of the Haitian Revolution*. P. 76. Tradução minha.

plenitude, às Américas. Ao mesmo tempo, precisaram conviver com as notícias que chegavam ao Caribe sobre os abolicionistas britânicos, os Amigos dos Negros e o levante de Vicent Ogé<sup>125</sup>. Enfraquecidos, os Amigos dos Negros voltaram às atenções aos direitos dos mulatos e negros livres das colônias. Na França, os textos eram vagos, deixavam a questão para ser resolvida no futuro e limitavam a inclusão política aos fatores raciais<sup>126</sup>. Essa posição incomodou e serviu de motivação a um movimento liderado por Vincent Ogé. Ogé conseguiu recursos com os abolicionistas de Londres, comprou armas nos Estados Unidos<sup>127</sup> e rumou para o Caribe com cerca de 300 mulatos. Acabou capturado e morto, mas as agitações estavam apenas começando, os Amigos dos Negros politizaram a morte de Ogé como propaganda contra os brancos de São Domingos<sup>128</sup>.

Como em muitas revoltas violentas, seu impacto deve-se mais a seus supressores do que a seus instigadores. Ogé e seu co-líder, Jean-Baptiste Chavannes, foram torturados, quebrados em uma roda, executados, decapitados e empalados em um pique. As terríveis execuções provocaram uma pequena campanha de petição de alguns jacobinos metropolitanos provinciais<sup>129</sup>.

Em maio de 1791, a Assembleia Legislativa Constituinte aprovou dois decretos. O primeiro pretendia minimizar o incidente de Ogé e afirmava que os homens livres de cor poderiam, gradualmente, atingir a cidadania plena. O segundo se direcionava aos colonos e limitava as alterações ao tráfico e à escravidão aos desígnios coloniais<sup>130</sup>. Nas palavras de Tâmis Parron, tratou-se da “declaração mais clara, contundente e determinante, de toda a Era das Revoluções no Atlântico, de que a escravidão negra encravada num país escapava ao controle do poder soberano supremo desse mesmo país”<sup>131</sup>. Dois anos após a Declaração de Direitos do Homem, a França revolucionária abriu algumas concessões ao abolicionismo, mas, legalmente, tratou a escravidão do Caribe como intocável. Negros e mulatos livres ficaram insatisfeitos com a decisão da Constituinte, mas correspondiam a 10% da população. O contexto se tornou insustentável quando os escravos iniciaram um dos movimentos revolucionários mais surpreendentes da história da humanidade. Não deixa de ser curioso que a Revolução Francesa, mesmo sem desejar, tenha antecipado a sua própria

<sup>125</sup>Ibidem. P. 76-79.

<sup>126</sup>DAVIS. *The Problem of Slavery in the Age of Revolution*. P. 141. DUBBOIS. *Avengers of the New World: The Story of the Haitian Revolution*. P. 82.

<sup>127</sup>Existem alguns registros de ajuda norte-americana a São Domingos. Quando a Revolução estourou, o país vendeu armas aos negros. Em 1803 ajudou simultaneamente a ilha e o exército de Napoleão Bonaparte. Em 1806, sob pressão da França, os Estados Unidos implantou um embargo ao recém-formado Haiti. Cf. DAVIS, *The Problem of Slavery in the Age of Revolution*. P. 152.

<sup>128</sup>DAVIS. *The Problem of Slavery in the Age of Revolution*. P. 144. GEGGUS. *Haitian Revolutionary Studies*. P. 11. PARRON. *A Política da Escravidão na Era da Liberdade: Estados Unidos, Brasil e Cuba, 1787-1846*. P. 50-55.

<sup>129</sup>DRESCHER. *Abolição: Uma História da Escravidão e do Anti-Escravismo*. P. 158. Tradução minha.

<sup>130</sup>Ibidem. P. 158.

<sup>131</sup>PARRON. *A Política da Escravidão na Era da Liberdade: Estados Unidos, Brasil e Cuba, 1787-1846*. P. 56. Tradução minha.

destruição enquanto metrópole. Não demorou até que a França enviasse reforços. Emissários percorreram os Estados Unidos, Jamaica e Cuba em busca de ajuda, qualquer recurso que pudesse conter o movimento era válido. Ao mesmo tempo, por mais temerosos que estivessem e pessimistas que fossem, ninguém acreditava que São Domingos triunfaria. No final de 1791, poucos imaginavam que a revolta escrava se tornaria o que hoje conhecemos como a história do Haiti<sup>132</sup>.

Quando os escravos de São Domingos e seus líderes iniciaram uma guerra de libertação em 1791, não foi de alcançarem independência política ou para formarem um Estado-Nação. No entanto, estes foram os objetivos atingidos pela Revolução em 1804. Os significados substantivos de conceitos abstratos como emancipação, liberdade, igualdade, cidadania ou independência, não eram evidentes. Eles foram construídos ao longo de 13 anos de luta, rebelião e revolução, para satisfazerem as necessidades e os interesses divergentes de partes em confronto. Em um contexto de imperialismo e escravidão, mas também de igualitarismo revolucionário, as massas do Haiti conseguiram transformar esses conceitos em realidade concreta e, contra a evidência histórica, transformar o seu próprio futuro<sup>133</sup>.

Ainda assim, a Revolução produziu efeitos. Em abril de 1792, a França decretou igualdade entre os homens livres de todas as cores. Em agosto de 1793, comissários coloniais estabeleceram o fim da escravidão em São Domingos. O decreto de Leger-Felicite Sonthonax, comissário francês, foi publicado em francês e em créole para atingir a maior parte da população. A medida foi recebida com hostilidade pelos colonos e certo ceticismo pelos escravos. A metrópole hesitou, mas fez o mesmo e afirmou que todos os homens que viviam nas colônias, independente da cor, seriam considerados cidadãos franceses. Inicialmente, a lei se aplicava a São Domingos, mas em 1795, a Convenção estendeu o decreto a todo o território francês<sup>134</sup>.

A Convenção Nacional derrubou a propriedade dos escravos em um momento em que a pressão dos san-culottes sobre a Convenção estava no auge. Talvez só a Revolução, na sua forma mais radical, pudesse ter adotado a política, mas, após a derrubada de Robespierre em Thermidor, ela deveria ser sustentada pelo Diretório até o final da década de 1790<sup>135</sup>.

A França acreditava que conseguiria atrair os negros e afastá-los dos invasores. As medidas eram um avanço, foram além de quaisquer decisões previstas pelos Estados Unidos e Grã-Bretanha, mas também uma tentativa de subjugar os rebeldes e mantê-los contidos até que a Revolução se esvaísse. Sonthonax e o seu companheiro de trabalho, Étienne Polvorel, pretendiam manter os ex-escravos como trabalhadores agrícolas, ligados às plantações remanescentes da Colônia. Ainda

<sup>132</sup>Ibidem. P. 359-361.

<sup>133</sup>Ibidem. Tradução minha.

<sup>134</sup>BLACKBURN. *The American Crucible: Slavery, Emancipation And Human Rights*. P. 151-156. DAVIS. *The Problem of Slavery in the Age of Revolution*. P. 73. P. 147.148.

<sup>135</sup>BLACKBURN. *The American Crucible: Slavery, Emancipation And Human Rights*.P. 161. Tradução minha.

assim, o posicionamento da Convenção foi considerado extremado e contribuiu para que o abolicionismo britânico perdesse terreno por cerca de dez anos<sup>136</sup>. São Domingos acentuou as tensões do Iluminismo, inverteu os princípios dos Direitos do Homem e redefiniu o significado de liberdade. A Revolução Americana e a Francesa associavam a liberdade aos direitos de propriedade, São Domingos extinguiu esses direitos. A luta pela emancipação e autonomia distinguiu o conflito não só de outros burgueses, mas também de todas as outras revoltas e rebeliões escravas que aconteceram no Novo Mundo<sup>137</sup>.

Ao longo de treze anos, São Domingos conheceu diversos líderes revolucionários e, provavelmente, Toussaint Louverture foi o mais famoso. Durante os dez anos e meio em que esteve no poder, Toussaint estabeleceu o controle sobre toda a ilha, negociou tratados com a Grã-Bretanha e os Estados Unidos e estruturou um grande e bem disciplinado exército. Mostrou-se particularmente interessado em Napoleão Bonaparte. Escrevia cartas a ele, tratava-o como igual, afirmava ser inspirado em seus ideais. Pelo menos até o Imperador retomar a escravidão nas colônias francesas e recrudescer a ofensiva contra São Domingos. Louverture caiu, Bonaparte tentou, mas em 01 de janeiro de 1804, Jean Jacques Dessalines converteu São Domingos no independente Haiti<sup>138</sup>. O novo país caribenho estava rodeado de colônias europeias intensamente atreladas à escravidão e deixou uma série de marcas: o receio de que novas subversões escravas se delineassem no processo de Constituição dos Estados Modernos<sup>139</sup>, a constatação, para os abolicionistas britânicos, da crescente impraticabilidade da escravidão e um espaço econômico em aberto que viria a ser substituído pelo escravismo oitocentista. Os eventos ocorreram em simultâneo e afetaram o Mundo Atlântico ao longo da primeira metade do século XIX.

A emancipação não era apenas uma questão de decretos, leis e emendas constitucionais, embora fossem importantes. Em última instância, a emancipação, se fosse efetiva, veio de baixo e de cima, com a subordinação de escravos destruindo a disciplina de plantação enquanto a legislação negava ao escravo a ordem da lei dentro de um determinado território. A desubordenação dos escravos poderia ser um fator tão poderoso que somente a emancipação permitiu ao governo obter uma alavanca na situação. Por outro lado, se a escravidão devia ser realmente terminada, qualquer ação de rebeldes de escravos precisava ser confirmada e consolidada por uma legislação formal ancorada em um estado que efetivamente controlava o território em questão. Em alguns casos, a ação de cima prevaleceu com pouca ou nenhuma contribuição de baixo, mas isso era onde a instituição era

<sup>136</sup>BLACKBURN. *The Overthrow of Colonial Slavery, 1776-1848*. P. 128. P. 267. DAVIS. *The Problem of Slavery in the Age of Revolution*. P. 108-134. DAVIS. *Inhuman Bondage: The Rise and Fall of Slavery in the New World*. P. 236.

<sup>137</sup>FICK, Carolyn. Para uma (re)definição de liberdade: a Revolução no Haiti e os paradigmas da Liberdade e Igualdade. In: *Estudos Afro-Asiáticos*. v. 26, n. 2, p. 359-361, mai./ago. 2004.

<sup>138</sup>DAVIS. *The Problem of Slavery in the Age of Revolution*. P. 148. JAMES. *Os jacobinos negros: Toussaint L'Ouverture e a Revolução de São Domingos*. P. 232.

<sup>139</sup>PARRON. *A Política da Escravidão na Era da Liberdade: Estados Unidos, Brasil e Cuba, 1787-1846*. P. 49-59.

de qualquer maneira marginal ou severamente enfraquecida. Os principais eventos de emancipação - seja a França em 1794 ou 1848, a Grã-Bretanha em 1823-38 ou os Estados Unidos em 1862-5 - são verdadeiros pontos de viragem por essa razão, assim como a fundação do Haiti em 1804<sup>140</sup>.

### 1.3 O arcabouço da Segunda Escravidão

A restauração do tráfico e da escravidão na França, em 1802, reascendeu o abolicionismo britânico. Não demorou até que a Câmara dos Comuns aprovasse um projeto de lei, proposto por William Willberforce, para pôr fim à escravidão. William Pitt, no entanto, adiou o debate para a Câmara dos Lordes e os abolicionistas, liderados por James Stephen, preferiram concentrar as atenções no fim do tráfico. A escolha se mostrou acertada. Em 1805, Pitt interrompeu o tráfico em colônias capturadas ou cedidas, como Trinidad. Em 1807, o projeto de lei passou na Câmara dos Lordes, com 100 votos contra 36, e na Câmara dos Comuns, com 283 votos contra 16. Em 01 de janeiro de 1808, o comércio britânico de escravos se tornou ilegal, a mesma data que os Estados Unidos<sup>141</sup>. Nos anos seguintes, principalmente a partir de 1815, com o fim das guerras napoleônicas, a Grã-Bretanha se desvelou para que a lei se tornasse parte de todo o Atlântico. Apenas o tempo mostraria a dificuldade da tarefa. A Grã-Bretanha era uma grande potência, mas não era a única nação do mundo. Não existia poder dentro ou fora da lei que fizesse com que a região pudesse abolir o comércio de escravos em todo o globo e até o último momento, os próprios britânicos tiveram dúvidas se a lei seria, de fato, válida<sup>142</sup>. Em concomitância aos projetos abolicionistas, desenvolveu-se a chamada Segunda Escravidão.

Nos últimos oitenta anos de sua existência, o tráfico de escravos esteve sujeito a pressões intensamente conflitantes. De um lado, o crescimento econômico provocou um aumento da demanda de produtos de plantation e do trabalho que o produzia. Esta pressão de algum modo foi aliviada pela revolução tecnológica que permitiu que todas as formas de trabalho, inclusive a escrava, se tornassem mais produtivas. De outro lado, havia a campanha contra o tráfico liderada pelos britânicos, que muito provavelmente falharia a menos que os britânicos ignorassem as leis internacionais ou que recebessem ajuda de outras nações marítimas, bem como dos países importadores. As atitudes contra o tráfico de escravos acabaram por se generalizar, e todos os países de ambos os lados do Atlântico se uniram contra o tráfico. Mas a pressão foi aplicada gradualmente e teve efeitos desiguais. Dadas as restrições, à primeira vista não era óbvio que o tráfico seria suprimido pela força e, caso isso ocorresse, se desconhecia a importância dos vários componentes envolvidos na supressão<sup>143</sup>.

<sup>140</sup>BLACKBURN. *The American Crucible: Slavery, Emancipation And Human Rights*. P. 328. Tradução minha.

<sup>141</sup>DAVIS. *Inhuman Bondage: The Rise and Fall of Slavery in the New World*. P. 236. DAVIS. *The Problem of slavery in the Age of Revolution*. P. 159. DRESCHER. *Abolição: Uma História da Escravidão e do Anti-Escravidismo*. P. 227.

<sup>142</sup>BLACKBURN. *The American Crucible: Slavery, Emancipation And Human Rights*. P. 277. ELTIS. *Economic Growth and the Ending of the Transatlantic Slave Trade*. P. 81-125.

<sup>143</sup>Ibidem. P. 12-13. Tradução minha.

De acordo com Dale Tomich, a escravidão se mostrou flexível à economia mundial do século XIX, de modo que a Era da Emancipação foi também o apogeu do sistema escravista do Mundo Atlântico. Tomich alinha esse processo à hegemonia da Grã-Bretanha e à Revolução Industrial, que reestruturaram as necessidades da economia-mundo, promoveram o desenvolvimento da classe média e a procura por novos produtos, como o café e o açúcar, e matérias-primas, como o algodão. Dessa forma, enquanto os antigos centros escravistas declinavam, o Vale do Paraíba, no Brasil, Cuba e o sul dos Estados Unidos, ascendiam, em escala global<sup>144</sup>.

O primeiro momento da escravidão se associava aos sistemas Ibéricos, o segundo momento se relacionava à escravidão estabelecida pelos países do Noroeste Europeu, a fase classificada por Tomich como Segunda Escravidão corresponde, na verdade, à terceira etapa da escravidão nas Américas. A Segunda Escravidão negava o status de colônia, seja de forma efetiva, como nos Estados Unidos e no Brasil, ou por meio de aspirações, como em Cuba. Apresentava um regime mais autônomo, que reivindicava soberania e era capaz de suportar movimentos revolucionários e demandas do pós-colonialismo. Certamente precisava de um Estado que a amparasse, mas não que a controlasse. Provavelmente era mais moderna e produtiva, definitivamente não era mais humana. Todos os modelos utilizaram cativos a partir de critérios subraciais, lançaram mão do trabalho forçado e trataram os escravos como mercadorias que poderiam ser compradas e vendidas<sup>145</sup>.

Waldomiro Loucernço acentua que, como a maioria dos esquemas interpretativos, a Segunda Escravidão deixa escapar aspectos particulares, referentes ao cotidiano das relações e dos conflitos sociais. Ainda assim, eles oferecem um bom ponto de referência para o entendimento da dinâmica que envolvia a reprodução sistêmica da escravidão. As transformações que ocorreram na economia-mundo capitalista, a partir da segunda metade do século XVIII, deram margem para o surgimento de novas zonas de exploração escravistas, sob um arranjo sistêmico original, que se integraria à produção industrial por meio do fornecimento de café, açúcar e algodão. Esse esquema, no entanto, não contempla toda a realidade. A intensa produção escravista do Brasil, Cuba e sul dos Estados Unidos, coexistiram com outras atividades produtivas de ritmos diferenciados. As regiões alavancadas no processo de materialização da nova onda escravista, embora tenham sido impactadas pelas modificações sistêmicas, dispunham de um repertório de normas, valores e costumes herdados do convívio pregresso com a instituição do cativo. Além disso, no interior de uma ordem socioeconômica, nem todas as práticas estão diretamente ligadas à atividade econômica

---

<sup>144</sup>TOMICH. *Through the Prism of Slavery: Labor, Capital, and World Economy*. P. 83-89.

<sup>145</sup>BLACKBURN, Robin. Por que a segunda escravidão? In: MARQUESE, Rafael. SALLES, Ricardo. *Escravidão e capitalismo histórico no século XIX. Cuba Brasil e Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. P. 19.

principal, àquela que gera a reprodução do capital em ritmo mais intenso. Dessa forma, nem todas as relações escravistas, ao longo do longo século XIX, estavam atreladas à produção agroexportadora, de modo que é possível apreender condições de infraestrutura, modos de trabalho e de vida, padrões de propriedade e de posse bastante variáveis<sup>146</sup>.

Os abolicionistas britânicos agiram em meio a esse contexto. Já em 1808, James Stephen e Thomas Clarkson estabeleceram diretrizes para averiguar o tráfico ilegal. Nos anos seguintes, Clarkson visitou o porto de Liverpool e criou um comitê para relatar as infrações. Além disso, outras delegações surgiram em Londres e em Bristol e, aos poucos, se estabeleceram em outros países para angariar informações sobre os navios negreiros dessas regiões<sup>147</sup>. Leonardo Marques enfatiza que:

O século XIX foi, portanto, marcado por tensões no Atlântico de língua inglesa em torno dos limites que definiam o que constituía formas legítimas e ilegítimas de envolvimento com o tráfico transatlântico de escravos. As leis aprovadas tanto na Grã-Bretanha como nos Estados Unidos certamente poderiam ser interpretadas como instrumentos para conter o envolvimento indireto de comerciantes de ambos os países no comércio de contrabando de escravos<sup>148</sup>.

O volume do tráfico recuou, mas se manteve elevado e os escravistas britânicos continuaram a desempenhar papéis imprescindíveis nos navios e portos. Alarmados, os abolicionistas decidiram reorganizar a legislação nacional. “A participação no tráfico de escravos transatlânticos poderia assumir uma variedade de formas, desde a organização direta de viagens escravas até o consumo de produtos escravos. A primeira onda do abolicionismo britânico atacou todas essas formas”<sup>149</sup>. Em 1809, 1810 e 1811, a lei de 1807 sofreu os primeiros ajustes e estabeleceu que os britânicos associados ao comércio de escravos poderiam ser banidos da Grã-Bretanha por quatorze anos<sup>150</sup>. Em contrapartida, os territórios estrangeiros ou em alto-mar não estavam submetidos às leis britânicas e os navios das outras nações não poderiam ser fiscalizados sem a permissão do governo estrangeiro. Os traficantes britânicos sabiam disso e muitas vezes utilizaram falsas bandeiras, espanhola ou portuguesa<sup>151</sup>.

Tais navios deixavam seus portos de origem com o equipamento mais incriminador oculto ou para ser retirado junto com os documentos falsos. Uma vez no mar, seus

<sup>146</sup> LOURENÇO, Waldomiro. *Entre a escrita e a prática: direito e escravidão no Brasil e em Cuba, c.1760-1871*. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. P. 11-25.

<sup>147</sup> *Ibidem*. P. 105.

<sup>148</sup> MARQUES, Leonardo. *The United States and the Transatlantic Slave Trade to the Americas, 1776–1867*. New Haven: Yale, 2016. P. 6. Tradução minha.

<sup>149</sup> *Ibidem*. P. 5. Tradução minha.

<sup>150</sup> ELTIS. *Economic Growth and the Ending of the Transatlantic Slave Trade*. P. 105-106.

<sup>151</sup> *Ibidem*. P. 54.



carpinteiros iniciavam a construção de um compartimento para escravos, convertiam barris em recipientes de dejetos e ampliavam ou descobriam as grades. Divisórias, carga de negociação e uma bandeira espanhola – “as bandeiras espanholas estavam sendo feitas na Inglaterra e eram costuradas junto à bandeira anterior para a navegação”, de acordo com um marinheiro – em geral, estavam no lugar antes da partida. Comissários enviados para a costa em 1810 informaram que “dos navios empregados muito poucos são realmente espanhóis; a grande maioria dos navios sob a bandeira espanhola... e realmente norte-americana; vários desses navios supostamente pertencem aos traficantes britânicos”<sup>152</sup>.

Em 1819 foi criado um departamento especial sobre o tráfico, o *Foreign Office*. Em 1821, a Câmara dos Comuns indicou um grupo de comissários para elaborar um levantamento no Caribe a respeito dos africanos resgatados da escravidão. Em 1824, o *Slave Trade Laws Consolidation Act* começou a punir os britânicos que se relacionassem com o tráfico, mesmo se residissem em outras nações. Em seguida, as leis de 1833 e 1838, aboliram a escravidão no Império Britânico e a lei de 1843, proibiu os súditos britânicos de possuir escravos em qualquer lugar do mundo. Em nenhum desses momentos, existiu simplicidade na execução da lei e, não raro, os indivíduos alegaram inocência, sob a justificativa de que não sabiam que estavam lidando com um navio negreiro ou com mão de obra escrava<sup>153</sup>. Em outras palavras, enquanto o tráfico de escravos existiu, os britânicos permaneceram atrelados ao seu funcionamento e desafiaram os pressupostos abolicionistas<sup>154</sup>.

Por fim, cabe mencionar que a tese de Tomich vem recebendo observações e acréscimos historiográficos. Para citar apenas dois historiadores nacionais, Silvana Andrade dos Santos analisa as economias regionais e outros produtos que se desenvolveram por conta da segunda escravidão<sup>155</sup>. Já Tâmis Parron, se dedica a integrar a dimensão do poder ao conceito<sup>156</sup>. Nos capítulos seguintes, me proponho a inserir, e articular, a dimensão sociocultural da segunda escravidão à economia e à política por meio de narrativas e gravuras desenvolvidas sobre a Revolução de São Domingos, em âmbitos abolicionistas e escravistas.

<sup>152</sup>Ibidem. P. 55. Tradução minha.

<sup>153</sup>Ibidem. P. 81-125. MAMIGONIAN, Beatriz. *Africanos livres: A Abolição do Tráfico de Escravos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. P. 128-129.

<sup>154</sup>ELTIS. *Economic Growth and the Ending of the Transatlantic Slave Trade*. P. 82-84.

<sup>155</sup>SANTOS, Silvana Andrade. Nestas costas tão largas: o tráfico transatlântico de escravizados e a dinamização de economias regionais no Brasil (c.1831-c.1850). *XII Congresso Brasileiro de História Econômica. 13a Conferência Internacional de História de Empresas*. v. 12. n.1. 2017.

<sup>156</sup>PARRON. *A Política da Escravidão na Era da Liberdade: Estados Unidos, Brasil e Cuba, 1787-1846*.

## Capítulo 02: Marcus Rainsford e a Revolução de São Domingos

### 2.1 As implicações da Revolução de São Domingos para o abolicionismo britânico

Seymour Drescher afirma que muitos abolicionistas, negros e brancos, se esquivaram de abordar a Revolução de São Domingos devido às atrocidades relacionadas ao movimento. Segundo Drescher, os principais relatos dedicados ao conflito foram elaborados por europeus que, afastados da colônia, puderam vislumbrar alguma relação entre o evento e os seus respectivos anseios. Nenhuma dessas associações, no entanto, serviu de inspiração para que os impérios europeus acabassem com a escravidão. São Domingos deveria ser evitada, não imitada. Além disso, em 1807, o Haiti havia sido reduzido a um espectro, visto que nenhum país havia reconhecido a sua independência até aquele momento<sup>157</sup>.

João Pedro Marques, por sua vez, argumenta que o abolicionismo, especialmente o abolicionismo britânico, deveria receber todo o crédito por extinguir a escravidão no Novo Mundo. Segundo Marques, a contribuição dos acontecimentos ocorridos em São Domingos havia sido praticamente insignificante, uma vez que o abolicionismo britânico e a Revolução de São Domingos não faziam parte do mesmo universo. As decisões tomadas por um parlamento, acentua, não correspondiam às consequências de uma revolta. Não obstante as particularidades de cada trabalho, Drescher e Marques compartilham a opinião de que o Haiti havia causado um impacto negativo ao Mundo Atlântico, tratava-se somente de uma história pavorosa, enquanto o abolicionismo britânico correspondia à verdadeira salvação dos escravizados<sup>158</sup>.

Posicionamentos como os de Drescher e Marques foram amplamente questionados por Michel Trouillot. Segundo Trouillot, quando a realidade não corresponde às crenças profundamente arraigadas, os seres humanos elaboram interpretações que forçam a verdade para o âmbito dessas doutrinas. Não raro, eles criam fórmulas para reprimir o impossível e trazê-lo de volta para o domínio do discurso aceito. Nesse sentido, a Revolução de São Domingos entrou para a história com a característica peculiar de ser impensável mesmo enquanto ocorria. Naturalmente, os indivíduos do último quarto do século XVIII, bem como do início do século XIX, possuíam as próprias percepções ideológicas e não pensavam na igualdade de direitos da mesma forma que alguns de nós, hoje, o fazem. Essa não é a questão. O nascimento do Haiti desafiou os pressupostos

---

<sup>157</sup>DRESCHER. *Abolição: Uma História da Escravidão e do Anti-Escravidismo*. P. 169-171

<sup>158</sup>MARQUES. "Afterthoughts" in DRESCHER, Seymour. EMMER, Pieter. *Who Abolished Slavery?* P. 185–200.

políticos e ontológicos dos escravistas, mas também dos escritores iluministas mais radicais, até mesmo, dos abolicionistas<sup>159</sup>. Michel Trouillot ressalta que:

O impensável é aquele que não se pode conceber dentro do leque de alternativas possíveis, o que perverte todas as respostas porque desafia os termos sob os quais as perguntas foram formuladas. Nesse sentido, a Revolução Haitiana era impensável em sua época: desafiava o próprio arcabouço dentro do qual os proponentes e opositores haviam examinado raça, colonialismo e escravidão nas Américas.<sup>160</sup>

As primeiras notícias sobre a insurreição chegaram à Europa em outubro de 1791. A França apurou os fatos, mas não se alarmou. Jacques-Pierre Brissot, político e membro dos Amigos dos Negros, ressaltou que as notícias deveriam ser falsas ou, ao menos, exageradas. Afirmava ter recebido cartas datadas de agosto de 1791, que delineavam um quadro de tranquilidade em São Domingos, reforçava que qualquer um que conhecesse os escravos saberia que era improvável que milhares deles se reunissem tão rápida e concretamente. Os escravos não eram capazes de elaborar, sozinhos, uma revolução e os mulatos e brancos não seriam inconsequentes ao ponto de incitá-los à violência. Além disso, mesmo que os escravos tivessem se rebelado, as tropas francesas estariam aptas para derrotá-los<sup>161</sup>.

Aos poucos, se tornou impossível negar a intensidade dos acontecimentos em São Domingos, ainda assim, os indivíduos se concentraram em explicações que restringiam a rebelião a uma cosmovisão específica e a uma determinada ordem de discursos. Uma vez que os negros não eram capazes de organizar um movimento tão expressivo, a insurreição, provavelmente, era fruto das imprudências dos proprietários franceses, das contribuições de britânicos egoístas ou, no máximo, de mulatos como Vincent Ogé. De qualquer forma, o desastre seria temporário e, em breve, a ordem retornaria. Os posicionamentos se revezaram em minimizar a Revolução de São Domingos, considerar algumas mudanças e reconhecer, com reservas, a legitimidade dos acontecimentos. Não se falou em abolir imediatamente a escravidão ou concordar que o cenário poderia se repetir em outras regiões<sup>162</sup>.

O que aconteceu no Haiti entre 1791 e 1804 contradizia muito do que aconteceu em outras partes do mundo antes e depois. Esse fato em si não é surpreendente: o processo histórico é sempre confuso, muitas vezes contraditório. Mas o que aconteceu no Haiti também contradisse a maior parte do que o Ocidente contou a si mesmo e aos outros sobre si mesmo. O mundo do Ocidente se aquece no que François Furet chama de segunda ilusão de verdade: o que aconteceu é o que deve

<sup>159</sup>TROUILLOT. *Silencing the Past: Power and the Production of History*. P. 72.

<sup>160</sup>Ibidem. P. 73. Tradução minha.

<sup>161</sup>SAES, Laurent. *A Sociedade dos Amigos dos Negros: A Revolução Francesa e a Escravidão (1788-1802)*. Curitiba: Editora Prismas., 2016. P. 367-377.

<sup>162</sup>TROUILLOT. *Silencing the Past: Power and the Production of History*. P. 91

ter acontecido. Quantos de nós podemos pensar em qualquer população não-europeia sem o pano de fundo de uma dominação global que agora parece predeterminada? E como o Haiti, ou a escravidão ou o racismo, pode mais do que distrair as notas de rodapé nessa ordem narrativa? O silenciamento da Revolução do Haiti é apenas um capítulo dentro de uma narrativa de dominação global. Faz parte da história do Ocidente e é provável que persista, mesmo de forma atenuada, desde que a história do Ocidente não seja recontada de modo a apresentar a perspectiva do mundo. Infelizmente, não estamos nem perto de uma reescrita tão fundamental da história mundial, apesar de algumas realizações espetaculares<sup>163</sup>.

Como Trouillot, Robin Blackburn defende que o Novo Mundo havia se tornado uma combinação de nações, valores, instituições e identidades, que não podem ser ignoradas por aqueles que almejam apreender os embates entre forças abolicionistas e escravistas no longo século XIX. Se a historiografia se empenhou em elencar as implicações da Revolução Americana e da Revolução Francesa a esse processo, ela, no entanto, falhou em registrar adequadamente as contribuições da Revolução de São Domingos. A Revolução de São Domingos suprimiu a escravidão antes que os britânicos conseguissem fazê-lo. Em 1794, a Convenção aboliu a escravidão em todas as colônias francesas. Em 1801, a Constituição de Toussaint Louverture declarou em seu terceiro artigo: “Não pode haver escravos neste território. A servidão está abolida para sempre. Aqui todos os homens nascem, vivem e morrem livres e franceses”. Em 1804, a Constituição do Haiti reforçou que não existiriam escravos na ilha.

Além disso, “Haiti” se tratou de uma homenagem aos habitantes pré-coloniais da ilha, a cor branca foi retirada da bandeira do novo país e o termo “branco” passou a designar qualquer estrangeiro, mesmo se eles fossem jamaicanos ou cubanos de tez escura. Inevitavelmente, o Haiti influenciou o abolicionismo britânico e se alguns abolicionistas retrocederam, horrorizados com as sangrentas consequências da revolta de escravos, muitos outros compreenderam que não havia motivos para ignorar o movimento que trouxera à tona a crescente impraticabilidade da escravidão<sup>164</sup>. O surgimento do Haiti marcou o alvorecer de 1804. Tornou-se um evento político, econômico e intelectual, conquistou liberdade individual e cidadania aos negros, despertou à imaginação. Por mais abstratas que essas bases pareçam, desencadearam um golpe contra a escravidão no lugar em que o sistema era mais forte: nas Américas<sup>165</sup>.

Nessa conjuntura, Ada Ferrer concorda com muitos dos pontos de Trouillot, mas enxerga de outra forma o silenciamento de São Domingos. Ferrer acentua que se falava sobre São Domingos, escrevia-se a respeito. As notícias circulavam entre senhores e escravos e as autoridades tentavam afastar dos seus territórios os cativos supostamente contaminados por ideias sediciosas.

<sup>163</sup>Ibidem. P. 106-107. Tradução minha.

<sup>164</sup>BLACKBURN. *The American Crucible: Slavery, Emancipation And Human Rights*. P. 15. P. 152-156.

<sup>165</sup>BLACKBURN. *The American Crucible: Slavery, Emancipation And Human Rights*. P. 156.

Muitas décadas depois, a simples menção ao Haiti mantinha um poder evocativo. O Haiti desafiava a imaginação, mas falava-se dele. Muitas vezes consistiam em insinuações e afirmações breves, sem conteúdo explícito, mas, por mais imprecisas que fossem, essas referências evocavam imagens concretas, que esclareciam ou ilustravam uma opinião. Afinal, como algo tão mal compreendido poderia motivar tantas observações e se tornar assunto de predileção? Ouvir o nome do Haiti no Atlântico, durante a Era das Revoluções, implicava em se referir a uma gama de possibilidades: revolução, violência, extermínio, vingança e liberdade. Se isso era um silêncio, certamente era estrondoso. Para Ferrer, a leitura cuidadosa dos arquivos pode mostrar como os processos de silenciamento foram tentados, mas também em como eles falharam<sup>166</sup>.

Voltando à nossa observação inicial, sobre o silêncio em torno da Revolução Haitiana, trata-se de uma boa metáfora. Havia certamente muitos mal-entendidos – ou melhor, uma cegueira voluntária – sobre a revolução, naquele tempo como agora. No entanto, esta falta de compreensão não impediu que os olhares se voltassem ao Haiti a fim de refletir, dar sentido às intuições vagas, personificar a liberdade ou a catástrofe. Não que as informações sobre a revolução produzissem automaticamente o terror entre os brancos e a esperança entre os negros e os homens livres de cor. O Haiti expressava, sim, a frustração, o medo e a esperança. Aqueles que não pertenciam ao Haiti viveram também a história de sua revolução, invocando-a constantemente, manipulando-a, imaginando-a para seus próprios fins. Assim, Haiti tornou-se, antes mesmo de sua existência oficial, em janeiro de 1804, um símbolo polivalente que permitiu a escravos, senhores e agentes da Coroa fazer referências a visões divergentes do futuro<sup>167</sup>.

### 2.1.2 O soldado Marcus Rainsford conhece São Domingos

Ao longo do século XVII, a família Rainsford migrou da Inglaterra para a Irlanda. Na região, se estabeleceu no condado de Kildare e ascendeu socialmente por conta de uma gratificação recebida em nome de Oliver Cromwell, ao que parece, William Rainsford havia apoiado e demonstrado lealdade política a Cromwell. Junto ao filho Mark, William fez a família prosperar e manter-se sólida. Mark foi eleito xerife e prefeito de Dublin, na virada dos séculos XVII para o XVIII, e William construiu uma cervejaria na capital irlandesa, que se mantém até os dias atuais<sup>168</sup>. Mark teve um filho, Edward, que, por sua vez, concebeu três herdeiros: Frances, Edward Jr e Marcus. A data de nascimento do caçula é incerta, mas gira em torno do ano de 1755. Marcus frequentou a dublinense *Trinity College*, ao passo que Edward Jr se formou em direito e Frances se casou, em 1774, com um oficial do exército britânico chamado Welbore Ellis Doyle. Como filho mais novo, a tradição pregava que Marcus receberia uma parcela menor da herança do pai. De

<sup>166</sup>FERRER. *Freedom's mirror: Cuba and Haiti in the Age of Revolution*. P. 52-53.

<sup>167</sup>Ibidem. P. 53. Tradução minha.

<sup>168</sup>PIERROT, Grégory. YOUNGQUIST, Paul. (Ed). *An Historical Account of the Black Empire of Hayti*. Durham: Duke University Press, 2013. P. XXIV.

alguma forma, Edward Jr ficou com todo o dinheiro<sup>169</sup>. “Nascido de uma família respeitável no reino da Irlanda onde meu irmão mais velho, o conselheiro Rainsford, agora goza da fortuna de nossos antepassados”<sup>170</sup>.

Inspirado pelo cunhado, Marcus seguiu o militarismo e, no final de 1770, lutou contra os norte-americanos na Guerra de Independência dos Estados Unidos. Neste conflito, participou de, pelo menos, duas campanhas e da batalha de Camden, em agosto de 1780. Em 1794, Rainsford se envolveu em uma segunda revolução, quando Doyle o convocou para uma expedição contra a França. Em 1795, o irlandês voltou ao Novo Mundo e percorreu uma série de colônias caribenhas: Barbados, Jamaica e Martinica. Em dado momento, essa temporada nas Antilhas foi interrompida pelos surtos de febre amarela. Não é sabido se Rainsford foi acometido por algum tipo de doença, mas ele precisou voltar à Europa<sup>171</sup>.

A data em que Marcus Rainsford pisou, pela terceira vez, nas Américas é controversa. De acordo com o britânico, em meados de 1798, ele regressou por conta própria à Martinica. Ao chegar à colônia, descobriu que os seus companheiros estavam na Jamaica. Uma vez na Jamaica, Rainsford foi informado de que o seu batalhão havia partido e já estava a caminho da Inglaterra. Desorientado, soube de uma pequena escuna dinamarquesa, que partiria da Martinica para a Europa. Não foi difícil regressar à Martinica e conseguir uma vaga a bordo, mas a embarcação foi arremetida e destroçada por um furacão. Os tripulantes sobreviveram e conseguiram se deslocar ao pedaço de terra mais próximo: o litoral de Cap Français, em São Domingos<sup>172</sup>. Essa estadia fez com que Rainsford conhecesse um terceiro movimento revolucionário e publicasse três livros: *A memoir of transactions that took place in St. Domingo, in the spring of 1799; affording an idea of the present state of that country, the real character of its black governor, Touissant L'Ouverture, and the safety of our West-India islands from attack or revolt; including the rescue of a British officer under sentence of death*<sup>173</sup>, de 1802 e 31 páginas, *St. Domingo; or, An historical, political and military sketch of the black republic, with a view of the life and character of Toussaint L'Ouverture, and the*

---

<sup>169</sup>Ibidem. P. XXXV.

<sup>170</sup>RAINSFORD, Marcus. *A memoir of transactions that took place in St. Domingo, in the spring of 1799; affording an idea of the present state of that country, the real character of its black governor, Touissant L'Ouverture, and the safety of our West-India islands from attack or revolt; including the rescue of a British officer under sentence of death*. London: John Carter Brown Library, 1802. P.3. Tradução minha.

<sup>171</sup>PIERROT. YOUNGQUIST. (Ed). *An Historical Account of the Black Empire of Hayti*. P. XXIV. RAINFORD. *A memoir of transactions that took place in St. Domingo, in the spring of 1799; affording an idea of the present state of that country, the real character of its black governor, Touissant L'Ouverture, and the safety of our West-India islands from attack or revolt; including the rescue of a British officer under sentence of death*.

<sup>172</sup>Ibidem. P. 6-7.

<sup>173</sup>Ibidem.

*effects of his newly established dominion in that part of the new world*<sup>174</sup>, de 1802 e 64 páginas, e *An historical account of the black empire of Hayti: comprehending a view of the principal transactions in the revolution of Saint Domingo; with its antient and modern state*<sup>175</sup>, de 1805, 467 páginas e 09 gravuras.

Quando Rainsford chegou a São Domingos, 1798 havia se tornado 1799 e a Grã-Bretanha já não era bem-vinda na ilha. A principal expedição britânica chegara entre abril e maio de 1794, com 07 mil homens a bordo de 08 grandes navios e 12 embarcações menores. Essa invasão se associava ao confronto entre a França e a Grã-Bretanha, no contexto da Revolução Francesa, e à proximidade entre São Domingos e Jamaica. Além disso, expressava o declínio provisório do abolicionismo britânico, que recuava após a Convenção abolir abruptamente a escravidão<sup>176</sup>. Em 1798, a Grã-Bretanha possuía 6.000 soldados negros, mas nunca se tratou de um cenário favorável. Após anos de conflito, São Domingos deixara de ser lucrativa e a permanência britânica na ilha gerava altos custos à Coroa. Além do mais, o exército padecia pelas doenças e dificuldades de se manter em um ambiente extremado. O primeiro-ministro William Pitt estava empenhado em dar continuidade à tentativa de controlar São Domingos, mas o general Thomas Maitland iniciou as movimentações para o processo de retirada dos britânicos, a partir de março de 1798<sup>177</sup>.

Nessa conjuntura, Maitland compreendeu que o poder da ilha se concentrava, essencialmente, em Toussaint Louverture e não em Gabriel Marie Theodore Joseph d'Hédouville, à época o principal representante francês na região. O general solicitou à Toussaint uma saída pacífica e a não-invasão da Jamaica, em troca propôs proteção aos indivíduos e às plantações francesas situadas nas áreas tomadas pelos britânicos. Hédouville tentou intervir, mas Toussaint ficou com a última palavra. Entre março e agosto, Maitland e Toussaint realizaram uma série de encontros e jantares para estabelecerem a retirada britânica. Após a saída da Grã-Bretanha, Toussaint reorganizou as funções desempenhadas pelos negros dos ex-territórios britânicos e os associou aos trabalhos militares e agrícolas. Ainda assim, cerca de 12 mil soldados britânicos morreram em São Domingos, metade pela febre amarela e a outra parcela por conta dos conflitos, e, no final das

---

<sup>174</sup>RAINSFORD, Marcus. *St. Domingo; or, An historical, political and military sketch of the black republic, with a view of the life and character of Toussaint L'Ouverture, and the effects of his newly established dominion in that part of the new world.*

<sup>175</sup>RAINSFORD, Marcus. *An historical account of the black empire of Hayti: comprehending a view of the principal transactions in the revolution of Saint Domingo; with its antient and modern state.* London: John Carter Brown Library, 1805.

<sup>176</sup>DAVIS. *Inhuman Bondage: The Rise and Fall of Slavery in the New World.* P. 236.

<sup>177</sup>DUBOIS. *Avengers of the New World: The Story of the Haitian Revolution.* P. 215-220. JAMES. *Os jacobinos Negros: Toussaint Louverture e a Revolução de São Domingos.* P. 155.

contas, a Grã-Bretanha havia se tornado indesejada na ilha<sup>178</sup>. Em seu terceiro livro, Rainsford aborda o ocorrido:

O ministério da Grã-Bretanha estava ocupado demais nos complicados assuntos da Europa, para dar mais atenção a São Domingos. As possessões dos ingleses foram descontinuadas assim como as tropas negras coloniais. A Inglaterra renunciou a todas as pretensões de ter São Domingos para sempre! Tal foi o fim dessa desastrosa empresa, que durante cinco anos alimentou as esperanças e a vaidade do Império britânico, ao qual se sacrificaram muitas vidas valiosas e uma porção extravagante do dinheiro público<sup>179</sup>.

Segundo a versão de Rainsford, ele foi orientado pelos tripulantes a fingir ser um americano a fim de evitar que os destroços do navio fossem apreendidos e ele, detido como prisioneiro de guerra. No entanto, a análise sobre Marcus Rainsford, feita pela dupla de historiadores Paul Youngquist e Grégory Pierrot, questiona as datas fornecidas pelo soldado. De acordo com os pesquisadores, Rainsford convalesceu na Europa pelo período de apenas um ano e em 1796, retornou ao Caribe. Após uma breve passagem pela Jamaica, chegou a São Domingos em meados de 1796. Tratava-se de um contexto mais ameno e o soldado, como muitos outros, teria sido alocado para servir nos territórios britânicos da ilha. Uma chegada trivial e um trabalho cotidiano. Além disso, existem indícios de que em 1798, Rainsford estava em Londres, estabelecendo contatos para receber o pagamento pelos serviços prestados no Caribe<sup>180</sup>. Naturalmente, pode ter havido uma simples confusão de datas, mas há a possibilidade de que Marcus Rainsford tenha reinterpretado os acontecimentos. Ao chegar a São Domingos em 1799, após a evacuação britânica, o soldado ultrapassa o insucesso da Grã-Bretanha e acrescenta uma dose considerável de emoção ao seu relato. Ademais, a versão de Youngquist e Pierrot justifica a história confusa de um Rainsford circulando entre colônias, furacões e seres humanos<sup>181</sup>. Exemplifiquemos com o ponto de vista do próprio Rainsford. O soldado, no suposto disfarce de norte-americano, foi recebido por Toussaint Louverture:

Ele muito civilmente veio até nós – perguntou de onde nós viemos e o nosso destino. Eu acomodei minhas respostas para a ocasião, e para o personagem que eu me tornara. Aproveitei para me queixar do tratamento que os ingleses recebiam na ilha<sup>182</sup>.

<sup>178</sup>DUBOIS. *Avengers of the New World: The Story of the Haitian Revolution*. P. 215-220.

<sup>179</sup>RAINSFORD. *An historical account of the black empire of Hayti: comprehending a view of the principal transactions in the revolution of Saint Domingo; with its antient and modern state*. P. 208. Tradução minha.

<sup>180</sup>PIERROT. YOUNGQUIST. (Ed). *An Historical Account of the Black Empire of Hayti*. P. XXVI-XXVIII.

<sup>181</sup>PIERROT. YOUNGQUIST. (Ed). *An Historical Account of the Black Empire of Hayti*. P. XXVI-XXVIII.

<sup>182</sup>RAINSFORD. *A memoir of transactions that took place in St. Domingo, in the spring of 1799; affording an idea of the present state of that country, the real character of its black governor, Touissant L'Ouverture, and the safety of our West-India islands from attack or revolt; including the rescue of a British officer under sentence of death*. P. 9. Tradução minha.



Tinha início uma aventura rocambolesca. Rainsford se maravilhou. Aos poucos, compreendeu que os negros de São Domingos conheciam os prazeres da vida. Ficou hospedado em um espaço pacífico e bem organizado. No local, não havia indivíduos superiores a outros, Toussaint sequer se sentara à cabeceira da mesa durante a refeição. Por sua vez, o britânico jantou, jogou bilhar e conversou com Toussaint, por quem foi carinhosamente apelidado de “meu americano”. Os demais negros se vestiam de forma suntuosa e, não raro, pareciam com os seus senhores. Exceto pela pele predominantemente negra, se sentiu como em uma hospedagem de Londres, em alguns aspectos, em uma das melhores estalagens londrinas. No âmbito das artes, assistiu a um espetáculo de Molière, com atores negros e uma precisão infável, conheceu ex-escravos que se dedicavam à pintura e presenciou instrumentos musicais de corda em uma série de espaços privados<sup>183</sup>.

---

<sup>183</sup>RAINSFORD. *An historical account of the black empire of Hayti: comprehending a view of the principal transactions in the revolution of Saint Domingo; with its antient and modern state*. P. 72. P. 214-220.



Na folha de rosto, que possui o título de *The Author in Conversation with a private Soldier of the Black Army on his Excursion in St. Domingo*<sup>184</sup> Marcus Rainfsord surge cercado pela vegetação vivaz de São Domingos. Veste um uniforme supostamente americano e desenvolve uma conversa com um soldado da frota negra. O britânico mantém um olhar reto, sério e respeitoso. A

<sup>184</sup>RAINSFORD. *An historical account of the black empire of Hayti: comprehending a view of the principal transactions in the revolution of Saint Domingo; with its antient and modern state.* P. I.

presença física de Rainsford nas primeiras imagens de *An historical account* explicita o desejo de narrar a história do Haiti através do ponto de vista de um soldado britânico *in loco*. Tratava-se de um formato comum, as gravuras associadas aos relatos de viagens do século XIX costumavam trazer o autor dos textos em, pelo menos, uma das ilustrações. Era uma forma de retratar o indivíduo e conferir legitimidade aos relatos, uma vez que eles pareciam vivenciar os eventos que narravam<sup>185</sup>.

James Cundee, o editor de *An Historical Account*, já havia lançado mão do modelo em outro livro que organizara: *Narrative of a five years expedition against the revolted Negroes of Surinam*, escrito pelo soldado holandês John Gabriel Stedman, em 1796<sup>186</sup>. O trabalho de Stedman também possui a presença física do autor desde o seu frontispício e, como a obra de Rainsford, havia sido gravurada pelo britânico Inigo Barlow. Nessa conjuntura, os dois autores afirmavam que haviam rascunhado as imagens originais dos seus trabalhos, no entanto, enquanto Stedman enviara à Cundee uma série de aquarelas detalhadas e pedira extensas correções aos primeiros resultados apresentados por Barlow, não existem evidências de que Rainsford tenha, efetivamente, participado da criação das suas gravuras<sup>187</sup>. Talvez por isso algumas delas se contradigam quando são comparadas ao texto escrito.

---

<sup>185</sup>THOMAS, Sarah. "On the spot": Travelling artists and abolitionism, 1770–1830. *Atlantic Studies: Global Currents*. V. 8. N. 2. 2011. P. 213-232. LUGO-ORTIZ. *Slave Portraiture in the Atlantic World*. P. 346.

<sup>186</sup>STEDMAN, John Gabriel. *Narrative of a five years expedition against the revolted negroes of Surinam*. London: J. Johnson & T. Payne, 1796.

<sup>187</sup>BROWN, Laurence. Visions of violence in the Haitian Revolution. *Journal Atlantic Studies Global Currents*. V. 13, 2016. P. 144-164.



*From different Parents, different Climes we came,  
At different Periods; Fate still rules the same!  
Unhappy Youth! while bleeding on the ground;  
'Twas Yours to fall—but Mine to feel the wound!*

O frontispício de *Narrative of expedition against the revolted Negroes of Surinam* traz Stedman junto a um negro que ele acabara de assassinar. A imagem é acompanhada por um texto escrito pelo soldado, que rememora a cena e explicita a sua fé em seus instintos e sensibilidade. “*From different parents, different climes we came, at different periods; fates still rules*



*the same. Unhappy youth while bleeding on the ground; was yours to fall – but mine to feel the wound*<sup>188</sup>.

Rainsford se impactou. A cidade de Cap Français estava devastada, tratava-se de anos de guerra civil e contra os outros países. Edifícios de cinco ou seis metros de altura se reduziam aos esqueletos, em uma ruína magnífica, que convivia com instalações pequeninas, construídas às pressas para os europeus e comerciantes locais. As plantações haviam secado e se limitado às cinzas. Soldados armados, de todas as cores, se misturavam aos civis. “Os estragos da rebelião durante o tempo que permaneci no Cap Français se estendia em todas as direções. Toda a planície do Cabo, com a exceção de uma plantação adjacente à cidade, estava em ruínas”<sup>189</sup>.

---

<sup>188</sup>STEDMAN. *Narrative of a five years expedition against the revolted negroes of Surinam*. P. 1.

<sup>189</sup>RAINSFORD. *An historical account of the black empire of Hayti: comprehending a view of the principal transactions in the revolution of Saint Domingo; with its antient and modern state*. P. 147. Tradução minha.



*View of a Temple erected by the Blacks to commemorate their Emancipation*<sup>190</sup> apresenta uma parte desse cenário. Temos um Rainsford diminuto, reduzido às escadas e à estrutura de um templo construído pela França para exaltar a liberdade. Ao redor, vemos certo desmatamento e a vigília de dois guardas, altos demais para o ângulo da gravura. Existem alguns desencontros entre as

<sup>190</sup>RAINSFORD. *An historical account of the black empire of Hayti: comprehending a view of the principal transactions in the revolution of Saint Domingo; with its antient and modern state.* P. XI.

primeiras narrativas de Rainsford a respeito dessa cena. Em *Memoir of Transactions that took place in Sto. Domingo* e em *St. Domingo; or, An historical, political and military sketch of the black republic*, o britânico afirma ter visto um monumento de madeira envelhecida e não menciona a existência de um discurso de Sonthonax sobre ele<sup>191</sup>. Em *An Historical Account*, a construção se transforma em um grandioso templo de pedras, erguido para comemorar a emancipação decretada pela França. De certa forma, o texto de Rainsford, bem como a gravura de Barlow, desejavam estabelecer que o Haiti, agora uma nação, não era mais escravista desde 1793.

Tratava-se da subida de uma cúpula cuja arquitetura não era perfeitamente regular, sob a qual uma inscrição exibia a tolerância de Toussaint. Havia duas sentinelas para guardá-lo e ao perguntar se eu poderia subir os degraus, responderam afirmativamente, mas com uma estrita proibição de tocar a placa sobre liberdade, que o coroava. Era um tributo de respeito à memória de Santhonax e Poverel, os comissários franceses, e fora construído por alguns dos seus defensores. Um extrato de um discurso de um deles fazia parte da inscrição, em francês, que ressaltava que a abolição da escravidão era um dos principais objetivos da missão francesa. "Meus amigos, nós viemos torná-los livres. Os franceses dão a liberdade ao mundo. Você é livre, proteja a sua liberdade. Viva a liberdade, Viva Robespierre, Viva a República!"<sup>192</sup>

Rainsford se desesperou. Cerca de três semanas após a sua chegada, foi descoberta a identidade britânica do soldado. Acabou aprisionado, condenado à morte e poupado por Toussaint Louverture. Ao que parece, a escuna dinamarquesa havia sido reparada e os naufragados retornariam à Europa. A embarcação possuía bandeira e indivíduos dinamarqueses, não havia o que temer... certo? Não exatamente. Três dias após a partida, o navio apresentou um vazamento e precisou fazer uma parada em Fort Liberté, cerca de 50 km de Cap Français. Rainsford aportou junto ao capitão do navio e, meia hora depois, foi abordado<sup>193</sup>:

Desembarquei impensadamente com o capitão e em menos de meia hora fui preso por quatro negros e um oficial mulato de grande ferocidade. Voltaram comigo a bordo e colocaram duas sentinelas para me vigiar. Fui informado de que havia suspeitas de ser um espião e de que meu julgamento seria rápido e decisivo. No dia seguinte eu seria julgado e condenado<sup>194</sup>.

O silêncio da noite, interrompido apenas pelos murmúrios do oceano e os sons distantes da costa, induziram um grau de melancolia mais forte que eu, talvez,

<sup>191</sup>RAINSFORD. *A memoir of transactions that took place in St. Domingo, in the spring of 1799; affording an idea of the present state of that country, the real character of its black governor, Touissant L'Ouverture, and the safety of our West-India islands from attack or revolt; including the rescue of a British officer under sentence of death*. P. 13. RAINSFORD. *St. Domingo; or, An historical, political and military sketch of the black republic*. P. 29.

<sup>192</sup>RAINSFORD. *An historical account of the black empire of Hayti: comprehending a view of the principal transactions in the revolution of Saint Domingo; with its antient and modern state*. P. 45. Tradução minha.

<sup>193</sup>RAINSFORD. *A memoir of transactions that took place in St. Domingo, in the spring of 1799; affording an idea of the present state of that country, the real character of its black governor, Touissant L'Ouverture, and the safety of our West-India islands from attack or revolt; including the rescue of a British officer under sentence of death*. P. 23.

<sup>194</sup>Ibidem. P. 24. Tradução minha.

jamais tivesse experimentado. Uma idéia confusa sobre o meu destino, a vergonha dos terrores de uma morte abominável, revolviam em minha mente, me privavam da possibilidade de descanso ou da menor preparação para o evento tão cedo e tão duramente anunciado. Pela manhã, fui levado diante de um general negro. Ele insistiu que eu não era um americano, mas um espião inglês, enviado para reconhecer a costa. Ele informou-me de que no dia seguinte eu seria julgado por um Tribunal Marcial Geral e me dispensara<sup>195</sup>.

A ausência de documentos foi decisiva. Marcus Rainsford afundara os papéis que lhe designavam como britânico, mas não possuía nada que remetesse aos Estados Unidos. Além disso, o soldado indagou, sem descobrir, se o excesso de caminhadas em Cap Français gerara algum tipo de burburinho em torno da sua real identidade. No entanto, acorrentado e reduzido aos limites de uma cela, restava ao britânico esperar que Toussaint Louverture sancionasse a sua sentença.

---

<sup>195</sup>Ibidem. P. 25. Tradução minha.





Duas imagens abordam a detenção de Rainsford. Em *General Christophe at the Court Martial which Sentenced the Author to Death*<sup>196</sup> o britânico está algemado e rodeado pelos guardas do tribunal que está sendo julgado. Henri Christophe ocupa o lugar central, mas todos os olhares

<sup>196</sup>RAINFORD. *An historical account of the black empire of Hayti: comprehending a view of the principal transactions in the revolution of Saint Domingo; with its antient and modern state.* P. XIII.

estão em Rainsford. A gravura possui uma contraposição: Rainsford recebe uma sentença de morte e nada na imagem aponta para uma injustiça. Os negros parecem razoáveis e humanos.



Já *The author when under sentence of Death relieved by a benevolent female of colour*<sup>197</sup>, aborda a cela em que Rainsford foi colocado enquanto aguardava o julgamento. Segundo o britânico, o espaço foi construído em um edifício em ruínas, possuía barras de ferro espaçadas e a possibilidade de contato com outros seres humanos. Ainda assim, o autor estava enclausurado, uma corrente unia o seu braço direito ao pé esquerdo. O soldado ficou quatorze dias nesse local.

Fui então conduzido a uma prisão escura, com as habituais características de miséria, e tratado como alguém que preparara alguma terrível conspiração contra a felicidade do seu país. Eu não tinha cama, nem alimentação, exceto um grosseiro peixe seco, que eu não podia comer. Na manhã seguinte, às dez horas, fui regularmente levado a um tribunal militar, composto por doze oficiais-gerais. Tudo o que eu poderia alegar em meu favor não me serviria, não tendo os passaportes apropriados, nem os certificados americanos. Na verdade, o meu julgamento foi rápido e decisivo – eu fui condenado a sofrer a pena de morte no dia seguinte<sup>198</sup>.

Não obstante a tensão, Rainsford desfrutou de alguns prazeres. A prisão estava situada no meio de um forte com colinas e uma igreja, a vegetação era exuberante e árvores de cacau cercavam os arredores. À noite, era possível assistir aos negros dançarem, nessas ocasiões, os homens mantinham as roupas de trabalho, mas as mulheres usavam enfeites e jóias. “A dança se assemelhava aos passos de balé que são realizados nos palcos da França ou Itália”<sup>199</sup>.

Além disso, ocorreu a circunstância que permaneceu atrelada à trajetória de Rainsford e serviu de inspiração para a imagem. Após duas noites na cela, o britânico sentiu o desconforto e a fome pesarem, mas se resignava a uma agonia silenciosa, até que uma voz suave e feminina despertou a sua atenção. Tratava-se de uma figura magra, alta, simétrica e muito bonita. “Um coração melancólico e machucado pelos indivíduos de uma pele mais justa, mas que jamais perdeu o seu senso de dever”<sup>200</sup>. O evento foi destacado por Rainsford nos três livros e em todos surgiu para aliviar a morte, que adquiriu um caminho romântico. O soldado sentia-se extremamente grato pela mulher que lhe deu um pouco de conforto em um momento tão difícil, nunca soube o seu nome, mas jamais se esqueceu dela<sup>201</sup>.

<sup>197</sup>RAINFORD. *An historical account of the black empire of Hayti: comprehending a view of the principal transactions in the revolution of Saint Domingo; with its antient and modern state*. P. XV.

<sup>198</sup>RAINFORD. *A memoir of transactions that took place in St. Domingo, in the spring of 1799; affording an idea of the present state of that country, the real character of its black governor, Touissant L'Ouverture, and the safety of our West-India islands from attack or revolt; including the rescue of a British officer under sentence of death*. P. 26. Tradução minha.

<sup>199</sup>RAINFORD. *Anhistorical account of the black empire of Hayti: comprehending a view of the principal transactions in the revolution of Saint Domingo; with its antient and modern state*. P. 232. Tradução minha.

<sup>200</sup>RAINFORD. *A memoir of transactions that took place in St. Domingo, in the spring of 1799; affording an idea of the present state of that country, the real character of its black governor, Touissant L'Ouverture, and the safety of our West-India islands from attack or revolt; including the rescue of a British officer under sentence of death*. P. 27. Tradução minha.

<sup>201</sup>Allan Sekulla o poder afetivo das imagens. Uma representação visual pode trazer à tona sentimentos nostálgicos e transcender a visualidade. Ao mesmo tempo, possui uma função informativa e de poder de prova. Cf. SEKULLA, Allan.



Ela estava vestida com um estilo superior e possuía toda a elegância dos costumes europeus, melhorada pelo olhar mais expressivo. Ela segurou uma cesta, contendo a comida mais alinhada, com os melhores frutos: ela o suplicou para recebê-los silenciosamente e destruir quaisquer restos, como uma descoberta seria fatal para ela e prejudicial para si mesmo. Eu estava prestes a responder com o ardor de gratidão, quando, no instante, ela se foi.<sup>202</sup>

Após esse período conturbado, em uma virada na história, Toussaint ordenou que Rainsford fosse libertado e nunca mais voltasse à ilha sem os papéis adequados. De alguma forma, os jantares e as jogatinas geraram resultados<sup>203</sup>. Se Rainsford esteve em São Domingos em 1796, essa detenção provavelmente se trata de uma invenção. Não é o principal problema. Tendo sido encarcerado ou não, Rainsford adornaria a narrativa para atrair a atenção dos leitores<sup>204</sup>. No entanto, por quais outras razões o britânico descreveria Toussaint com tanta simpatia? Por que enaltecer a Revolução de São Domingos?

À Toussaint, os elogios não são poucos. De acordo com o britânico, Toussaint era uma pessoa viril, de estatura acima da média e semblante acentuado. O seu uniforme era uma espécie de casaco azul, com uma capa vermelha sobre os ombros, punhos vermelhos, oito linhas de renda sobre os braços e um par de medalhas de ouro, colete vermelho e calças, botas de cano curto, chapéu redondo com uma pena vermelha e um cocar. A espada completava o equipamento e a blusa parcialmente aberta dava certa áurea romântica ao negro<sup>205</sup>. Toussaint surgia alto, bonito e genérico<sup>206</sup>, o resultado não se distinguia muito de uma colcha de retalhos. As penas no chapéu, por exemplo, se assemelhavam ao uniforme britânico, utilizado pelo próprio Rainsford nas Índias Ocidentais<sup>207</sup>. Era uma forma de retirar Toussaint da lealdade francesa e aproximá-lo dos ingleses. Esse posicionamento é um tanto quanto inovador. No geral, a imagem de Toussaint foi construída

---

On the Invention of Photographic Meaning. In: BURGIN, Victor. *Thinking Photography*. London: MacMillan Press, 1982. P. 84-102.

<sup>202</sup>RAINSFORD. *An historical account of the black empire of Hayti: comprehending a view of the principal transactions in the revolution of Saint Domingo; with its antient and modern state*. P. 232. Tradução minha.

<sup>203</sup>RAINSFORD. *A memoir of transactions that took place in St. Domingo, in the spring of 1799; affording an idea of the present state of that country, the real character of its black governor, Touissant L'Ouverture, and the safety of our West-India islands from attack or revolt; including the rescue of a British officer under sentence of death*. P. 28-29.

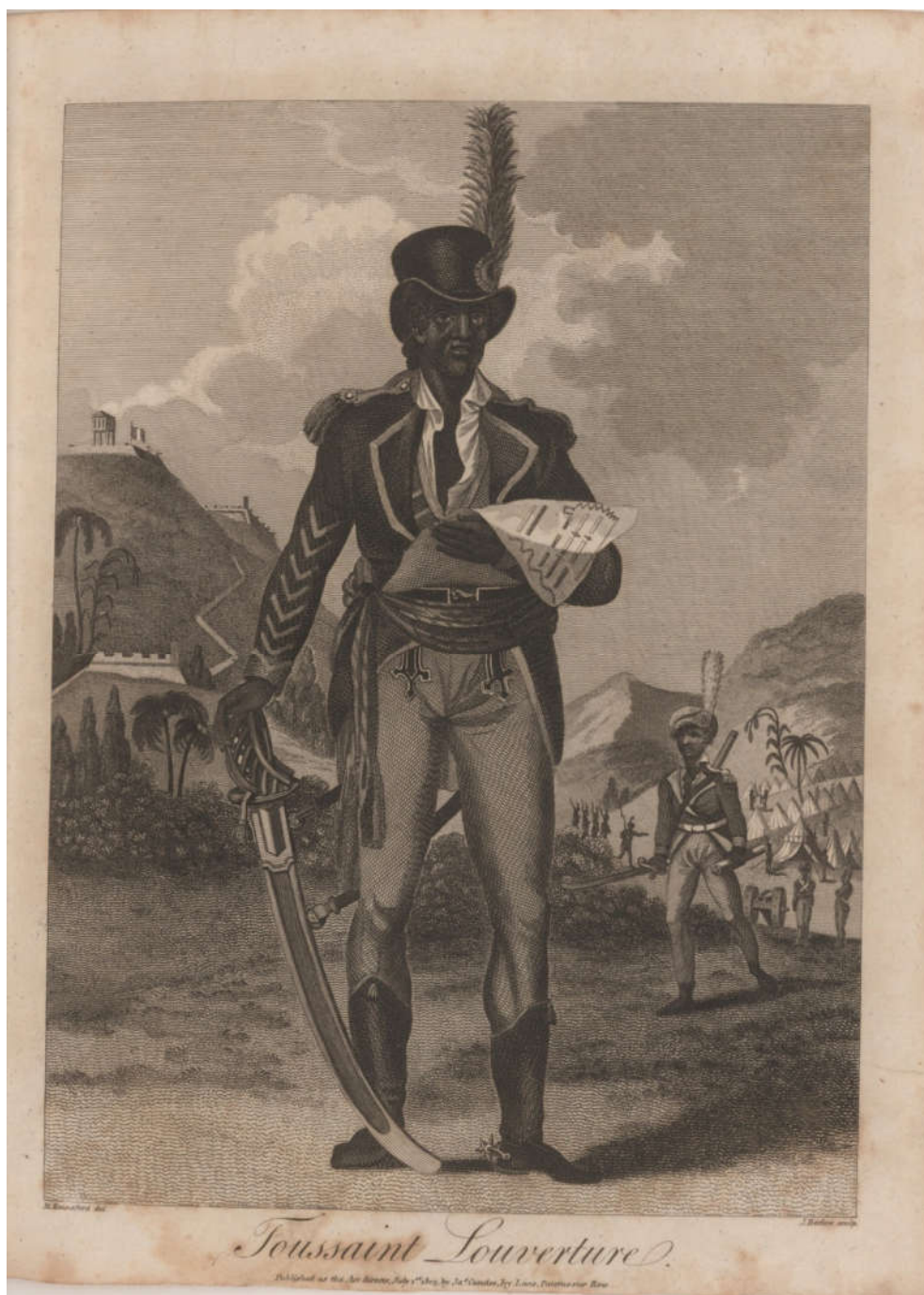
<sup>204</sup>As sensibilidades operam como uma forma de apreensão do mundo que brotam não do racional ou das elucubrações mentais elaboradas, mas dos sentidos, que vêm do íntimo de cada indivíduo. As sensibilidades lançam mão do mundo cognitivo e lidam com as sensações, com o emocional, com a subjetividade. Mesmo que as representações sensíveis se refiram a algo que não tenha existência real ou comprovada, o que se coloca em análise é a realidade do sentimento, a experiência de viver e enfrentar aquela representação. Botar em alguma imagem. PESAVENTO. *História & história cultural*. P. 28.

<sup>205</sup>RAINSFORD. *An historical account of the black empire of Hayti: comprehending a view of the principal transactions in the revolution of Saint Domingo; with its antient and modern state*. P. 250.

<sup>206</sup>Olivier Lugon analisa a estética da imagem e a necessidade de torná-la visualmente atraente. Cf. LUGON, Olivier. *El estilo documental: De August Sander à Walker Evans*. Ediciones Universidad de Salamanca, 2010. P. 15-33.

<sup>207</sup>RAINSFORD. *An historical account of the black empire of Hayti: comprehending a view of the principal transactions in the revolution of Saint Domingo; with its antient and modern state*. P. 250.

em relação a de Bonaparte, ele era o Napoleão negro. O próprio Toussaint se intitulava o “primeiro dos negros” em alusão ao “primeiro dos brancos”<sup>208</sup>.



Em *Toussaint Louverture*<sup>209</sup>, o líder segura uma espada e papéis, possivelmente planos de batalha, que expressam o seu letramento. Ao fundo, soldados negros, um acampamento e

<sup>208</sup>LUGO-ORTIZ. *Slave Portraiture in the Atlantic World*. P. 363.

fortificações. Toussaint não possui um retrato oficial, mas uma série de imagens foi produzida ao longo da sua vida. No geral, ele aparece em uniforme militar e em nenhum momento é representado de joelhos, implorando por sua liberdade ou agradecendo ao homem branco por concedê-la<sup>210</sup>. A imagem de Rainsford possui certa credibilidade, é a representação de alguém que conheceu Toussaint no auge do poder. No entanto, esse Toussaint não apresentava complicações ou demônios interiores, estava genuinamente comprometido com a liberdade e serviria de inspiração para quase qualquer época e lugar. Nem todas as descrições foram tão generosas. O político francês Victor Schoelcher define Toussaint como um homem bondoso, pequeno e feio<sup>211</sup>. O General Caffarelli, que interrogou Toussaint na França, afirmou que o revolucionário apresentava olhos grandes, maçãs do rosto proeminentes, nariz muito longo, boca larga, ausência dos dentes superiores, maxilar inferior com dentes salientes e bochechas afundadas. A quem perguntasse, Caffarelli não hesitava em repetir que Toussaint havia perdido os dentes para Leclerc<sup>212</sup>.

Sobre o movimento revolucionário, existem muitas expectativas e algumas realizações. Desde *A memoir of transactions that took place in St. Domingo*, as propostas são grandiosas. Rainsford não chega a ser soberbo, “muito pouco pode ser esperado nas páginas seguintes, já que elas vêm da pena de um soldado”<sup>213</sup>, mas argumenta que os homens e as coisas estavam sendo deturpados pelos preconceitos populares. São Domingos despertava o alarme generalizado, provocava conjecturas e crises desnecessárias. Era imprescindível que indivíduos competentes aliviassem a ansiedade da população mundial. Apesar dos perigos e deveres do militarismo, a profissão proporcionava “uma oportunidade peculiar de julgar o atual estado de São Domingos, realizar a defesa do movimento e do caráter de seu extraordinário Governador”<sup>214</sup>.

No mesmo ano, o livro recebeu uma segunda edição e um novo título: *St. Domingo; or, An historical, political and military sketch of the black republic, with a view of the life and character of Toussaint L'Ouverture, and the effects of his newly established dominion in that part of the new*

---

<sup>209</sup>RAINSFORD. *An historical account of the black empire of Hayti: comprehending a view of the principal transactions in the revolution of Saint Domingo; with its antient and modern state*. P. XVII.

<sup>210</sup>LUGO-ORTIZ. *Slave Portraiture in the Atlantic World*. P. 345. Ana Maria Mauad classifica as imagens célebres como foto-ícones. Trata-se de figuras que condensam uma experiência e se tornam sínteses de certas situações ou períodos. Cf. MAUAD, Ana Maria. Como Nascem as Imagens? Um Estudo de História Visual. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 61, p. 105-132, jul./dez. 2014.

<sup>211</sup>SCHOELCHER, Victor. *Vie de Toussaint Louverture*. Paris: Ollendorff, 1889.

<sup>212</sup>PIERROT. YOUNGQUIST. (Ed). *An Historical Account of the Black Empire of Hayti*. P. XVIII.

<sup>213</sup>RAINSFORD. *A memoir of transactions that took place in St. Domingo, in the spring of 1799; affording an idea of the present state of that country, the real character of its black governor, Touissant L'Ouverture, and the safety of our West-India islands from attack or revolt; including the rescue of a British officer under sentence of death*. P. I. Tradução minha.

<sup>214</sup>Ibidem. P. 1. Tradução minha.

*world*<sup>215</sup>, de acordo com o autor, a pedido do público. Apesar de surpreso, Rainsford dizia saber o motivo: tratava-se de um trabalho inovador, que diferia da abordagem tradicional<sup>216</sup>. A nova versão reforçava que a Europa havia estabelecido uma ignorância mundial e coletiva porque não sabia lidar com a versatilidade das resoluções humanas. A França e, até mesmo, a Grã-Bretanha elaboraram uma série de opiniões a respeito de São Domingos e Toussaint. Ideias sem embasamento, fundamentadas no vazio. Rainsford prometia fazer diferente e garantia que *A memoir of transactions that took place in St. Domingo e St. Domingo; or, An historical, political and military sketch of the black republic* eram os principais trabalhos sobre o assunto, até aquele momento.

No entanto, Rainsford era um soldado, não um escritor, de modo que a primeira edição havia sido feita às pressas e continha apenas as propostas do autor e as memórias das aventuras que quase causaram a sua morte. A segunda versão, com 30 páginas a mais, possuía uma visão geral, ainda que superficial, dos principais aspectos relacionados a São Domingos, desde a descoberta da ilha pela Espanha, até o final do século XVIII. Nas duas situações, o britânico pede a empatia do público quanto às suas limitações como pesquisador, mas garante não que não estava produzindo obras literárias<sup>217</sup>.

São Domingos está situado no oceano Atlântico – 18°20' de latitude, e longitude 68°40', oeste de Greenwich, entre três e quatro mil milhas da Inglaterra. Tem cerca de quinhentos quilômetros de comprimento e cento e cinquenta de largura. É diversificada por savanas, ou planícies, de uma extensão surpreendente, os vales mais românticos e montanhas prodigiosas. Em geral, é fértil no mais alto grau, quando bem regada produz quase todas as variedades de natureza vegetal, para uso e beleza, para comida e luxo, que a mão pródiga de uma Providência generosa concedeu à parte mais rica do globo. As posses da França naquela ilha nobre foram consideradas como o jardim das Índias Ocidentais; devido ao belo cenário, riqueza de solo, salubridade e variedade de clima, pode ser justamente considerada o PARAÍSO<sup>218</sup>.

Em 1805, Rainsford deu continuidade ao projeto de produzir trabalhos a respeito da sua estadia em São Domingos. As primeiras páginas de *An historical account of the black empire of Hayti: comprehending a view of the principal transactions in the revolution of Saint Domingo; with its antient and modern state* ressaltam que os acontecimentos fascinantes, que alteram a condição da

---

<sup>215</sup>RAINSFORD. *St. Domingo; or, An historical, political and military sketch of the black republic, with a view of the life and character of Toussaint L'Ouverture, and the effects of his newly established dominion in that part of the new world*.

<sup>216</sup>Ibidem. P. 1.

<sup>217</sup>Ibidem. P. 7-8. O século XIX intensificou as ações para inserir a História em um âmbito científico. Cf. PAYEN, Pascal. A constituição da história como ciência no século XIX e seus modelos antigos: fim de uma ilusão ou futuro de uma herança? *História da Historiografia*. Ouro Preto. N. 6. Mar. 2011. P. 103-122.

<sup>218</sup>RAINSFORD. *St. Domingo; or, An historical, political and military sketch of the black republic, with a view of the life and character of Toussaint L'Ouverture, and the effects of his newly established dominion in that part of the new world*. P. 9. Tradução minha.

humanidade, costumam ser negados pelos contemporâneos e obter respeito apenas na posterioridade. No geral, a sociedade se recusava a contemplar os eventos que ameaçassem o sistema ou ferissem os seus preconceitos favoritos. Dessa forma, a história, com todas as suas vantagens, era uma ciência imperfeita, que deixava causas não registradas e titubeava em questionar eventos surpreendentes. Para o autor, uma alternativa a essas omissões eram os relatos de viagens, falhos, por vezes parciais, mas sempre necessários<sup>219</sup>.

A ascensão do Império haitiano é um evento que pode afetar fortemente a condição da raça humana, mas é visto como uma sucessão ordinária de triunfos e derrotas, interrompida apenas pelos horrores de novas e terríveis inflexões, pela fúria de elementos rivais e por doenças destrutivas. Será assustadoramente creditado em outra época, por filósofos que ouviram falar e constataram um fato brilhante, até então desconhecido. Ou será confinada ao conhecimento vago daqueles cuja experiência não é admitida no âmbito da verdade histórica. É inacreditável que a Europa esclarecida tenha testemunhado calmamente o seu brilho, mas utilizado a visão opaca da noite durante uma hora sombria, obscurecendo o seu esplendor<sup>220</sup>.

Os negros repeliram os seus inimigos com vigor e fundaram um país. Rainsford trata a situação com grande estima e propõe atrair a atenção ao que afirma ser uma virada na história da humanidade. *A memoir of transactions* era uma forma rápida de sanar a ausência de São Domingos, mas 31 páginas não eram o bastante. Três anos depois, com mais tempo e discernimento, “encontrar-se-á uma versão sucinta, e confiável, na qual a impolidez da crueldade e os erros da injustiça são expostos, preferencialmente a qualquer preconceito ou hábito nacional”<sup>221</sup>. É apenas o início uma extensa jornada, que culmina no nascimento do Haiti. Em quase 500 páginas, o autor constrói uma narrativa afetuosa sobre São Domingos e alinha a história da região às suas aventuras pessoais.

No entanto, apesar de dizer que combateria preconceitos, Rainsford o fez de forma segura. Em momento algum o autor propõe esmiuçar a cultura africana em São Domingos, a construção do créole ou as influências que os negros transmitiram aos homens brancos. Torna-se inevitável alguns questionamentos. Por que a defesa tão aclamada de São Domingos? Tratava-se mesmo de um trabalho precursor? Qual lição Rainsford desejava fornecer à Europa? Jamais saberemos o nível exato da imaginação do autor, mas se quisermos ir além da ideia de que Rainsford escreveu três livros apenas para agradecer a Toussaint, o que sobra?

---

<sup>219</sup>Ibidem. P. IX.

<sup>220</sup>Ibidem. P. X. Tradução minha.

<sup>221</sup>Ibidem. P. XVII. Tradução minha.



Quando, em 02 de agosto de 1805, o jornal britânico *Public Ledger and Daily Advertiser*<sup>222</sup> anunciou o lançamento de *An Historical Account*, afirmou apenas que o livro de Rainsford possuía cerca de 467 páginas, 09 gravuras e uma publicação elegante. Não fez observações sobre o conteúdo do texto, mas a notícia que seguia a esta questionava a manutenção da escravidão em colônias francesas, como Martinica e Guadalupe, mesmo após os acontecimentos ocorridos em São Domingos. Vale frisar que a lei britânica para pôr fim ao tráfico de escravos estava a poucos anos de ser aprovada, de modo que escravistas e abolicionistas não hesitariam em lançar mão do nascimento do Haiti para defender os seus posicionamentos, mas apenas uma análise apurada elucidará o ponto em que Rainsford, e as suas obras, se inserem nessas discussões.

[Franceses] Eles costumam argumentar que nós já temos colônias suficientes para nos preocupar. Nós respondemos que são questões totalmente diferentes. Os habitantes de toda a Europa sabem que a colonização francesa é indigesta, têm o bom senso de perceber que as medidas de Bonaparte levaram a uma guerra inevitável, que prejudicou todo o seu governo. O insucesso de suas tropas não pode ser comparado às hesitações do parlamento britânico<sup>223</sup>.

## 2.2 Marcus Rainsford e o escravismo britânico

Para elaborar *An Historical Account*, que pretendia ser uma obra definitiva, Marcus Rainsford pesquisou, e condenou, os trabalhos em inglês que já haviam abordado o assunto.

Aos resumos dessas obras, uma variedade de produções temporárias, foi feita a referência apropriada, na medida em que tive a cautela de consultar tais materiais. No entanto, não foi dito, na nossa linguagem, nenhum relato correto ou abrangente sobre esse país. Mesmo aqueles autores que iluminaram a mente pública em outras ocasiões, caíram na apatia geral e diminuíram essa maravilhosa Revolução<sup>224</sup>.

O texto mais antigo que Rainsford menciona se trata de um relato anônimo chamado *An Inquiry into the Causes of the Insurrection of the Negroes in the Island of St. Domingo*, de 1792<sup>225</sup>:

Quando começaram os acontecimentos que levariam à independência da ilha, a primeira obra inglesa exclusivamente sobre São Domingos fez sua aparição; e, embora na forma de um panfleto, continha um relato relativamente correto sobre os fatos. Não possuiria falhas se não fosse o estilo inflamado, facilmente contestável<sup>226</sup>.

<sup>222</sup>NEWBERY, John. This day was published, elegantly printed History of St. Domingo. *Public Ledger and Daily Advertiser County*, London, 02 ago 1805. P. 1.

<sup>223</sup>NEWBERY, John. St. Domingo. *Public Ledger and Daily Advertiser County*, London, 02 ago 1805. P. 1. Tradução minha.

<sup>224</sup>RAINSFORD. *An historical account of the black empire of Hayti: comprehending a view of the principal transactions in the revolution of Saint Domingo; with its antient and modern state*. P. XVI. Tradução minha.

<sup>225</sup>*An Inquiry into the Causes of the Insurrection of the Negroes in the Island of St. Domingo*.

<sup>226</sup>RAINSFORD. *An historical account of the black empire of Hayti: comprehending a view of the principal transactions in the revolution of Saint Domingo; with its antient and modern state*. P. XIII. Tradução minha.

A narrativa era, realmente, um tanto quanto exaltada, mas não diferia muito do estilo arrebatado de Rainsford. O autor afirmava que a França estava dividida. Uma parcela da população minimizava a truculência da colonização realizada em São Domingos, alegavam que os escravos da região conviviam com a obediência e a afeição e sofriam castigos esporádicos. Esse ponto de vista declarava que os negros desencadearam os eventos revolucionários porque foram influenciados pelas movimentações dos mulatos, liderados por Vincent Ogé. A outra parte admitia a violência atrelada aos colonizadores, mas considerava esse tratamento necessário, afirmavam que os africanos eram seres distintos dos europeus e produziam mais por meio dos insultos e abusos. Nesse caso, as atribuições do movimento até recaíam sobre Ogé, mas se concentravam na natureza violenta dos negros<sup>227</sup>.

*An Inquiry into the Causes of the Insurrection of the Negroes in the Island of St. Domingo* não ignora a brutalidade de São Domingos, mas atribui a Revolução a uma sucessão de falhas cometidas pela França. O autor acentua que a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão era benéfica aos iluministas, perigosa às colônias e reticente aos africanos, uma vez que não especificou se eram, ou não, humanos. Além disso, a metrópole descontentou os colonos, ao não inseri-los em seu movimento revolucionário, e os negros e mulatos, quando voltou atrás e restringiu aos senhores de escravos as mudanças nas legislações escravistas. As soluções se mostraram insatisfatórias. Por conta do abolicionismo britânico, a França criou os Amigos dos Negros que, apesar de acanhada, se tornou problemática<sup>228</sup>:

Sob estas circunstâncias, era necessário que os Amigos dos Negros informassem aos negros que eram uma raça infeliz e ferida? Era necessário que eles conhecessem as causas da circunscrição entre os plantadores? O amor pela liberdade não é contagioso? A voz dos Amigos dos Negros não soou irresistível, como um chamado à insurreição?<sup>229</sup>

Nessa conjuntura, o autor afirma que os negros ultrapassaram os limites e construíram um movimento inaceitável. Dito de outra forma, a colonização era cruel, porém cotidiana, a Revolução de São Domingos parecia uma aberração. Ainda assim, São Domingos poderia servir de argumentação à lei britânica para pôr fim ao comércio de escravos. Caso não chegasse a esse ponto, a Grã-Bretanha deveria, ao menos, analisar o movimento e o que não fazer em uma colônia, uma vez que um governo mais conciliador e humano evitaria outras conflagrações do mesmo nível<sup>230</sup>.

---

<sup>227</sup> *An Inquiry into the Causes of the Insurrection of the Negroes in the Island of St. Domingo*. P. 2-6.

<sup>228</sup> *Ibidem*. P. 6-8.

<sup>229</sup> *Ibidem*. P. 18. Tradução minha.

<sup>230</sup> *Ibidem*. P. 19-35.

Em seguida, surge em *An historical account*, o trabalho de Bryan Edwards, *An historical survey of the French colony in the island of St. Domingo: comprehending a short account of its ancient government, political state, population, productions, and exports; a narrative of the calamities which have desolated the country ever since the year 1789, with some reflections on their causes and probable consequences; and a detail of the military transactions of the British army in that island to the end of 1794*<sup>231</sup>, publicado em 1797:

Pouco depois, o senhor Bryan Edwards, que tinha sido bem-sucedido em *The history, civil and commercial, of the British colonies in the West Indies* tencionou escrever uma história semelhante sobre as colônias francesas e publicou um volume sobre o assunto. Esse trabalho, no entanto, embora contivesse documentos autênticos, não elevou a fama de Edwards como escritor e possuía inconsistências factuais e topográficas<sup>232</sup>.

Edwards era um famoso senhor de escravos que se mudou para a Jamaica aos 16 anos, onde adquiriu terras e se alinhou às queixas dos colonos norte-americanos a respeito do iminente fim da escravidão. Ele fez sucessivas tentativas de se inserir ao Parlamento, até conseguir, em 1796<sup>233</sup>. Ao longo da sua vida, o britânico escreveu quatro volumes, e várias reedições, da mencionada obra *The history, civil and commercial, of the British colonies in the West Indies*, o primeiro lançado em 1793<sup>234</sup>. Quando surgiu o livro sobre São Domingos, Edwards era relativamente conhecido, mas, como Rainsford, duvidava que o tema, por ser muito polêmico, favoreceria a sua carreira como escritor. De certa forma, Edwards e Rainsford se mostraram equivocados e o livro foi reimpresso na Filadélfia e traduzido para o alemão, francês e espanhol<sup>235</sup>.

Pouco depois de eu publicar *The history, civil and commercial, of the British colonies in the West Indies* concebi a intenção de compilar um relato geral das realizações feitas por todas as nações da Europa naquela parte do Hemisfério, mas mais precisamente a parcela francesa, que é o mais valioso e produtivo de todo o Arquipélago. Esta ideia se revelou na minha mente, ao invadir os materiais que eu colecionava sobre a sua principal colônia, São Domingos, e que eu poderia escrever facilmente detalhes sobre a condição, a população e a cultura da região, o

<sup>231</sup>EDWARDS. *An historical survey of the French colony in the island of St. Domingo: comprehending a short account of its ancient government, political state, population, productions, and exports; a narrative of the calamities which have desolated the country ever since the year 1789, with some reflections on their causes and probable consequences; and a detail of the military transactions of the British army in that island to the end of 1794*.

<sup>232</sup>RAINSFORD. *An historical account of the black empire of Hayti: comprehending a view of the principal transactions in the revolution of Saint Domingo; with its antient and modern state*. P. XIII. Tradução minha.

<sup>233</sup>GÓMEZ. *Le spectre de la Révolution noire : l'impact de la Révolution haïtienne dans le Monde atlantique , 1790-1886*. P. 83-106.

<sup>234</sup>EDWARDS, Bryan. *The history, civil and commercial, of the British colonies in the West Indies*. London: John Carter Brown Library, 1793.

<sup>235</sup>GÓMEZ. *Le spectre de la Révolution noire: l'impact de la Révolution haïtienne dans le Monde atlantique , 1790-1886*. P. 90.

que me permitiria completar meu desejo, com crédito a mim mesmo e satisfação ao público<sup>236</sup>.

No entanto, eu vou confessar francamente, que, se eu já tiver algum crédito com o público como autor; não estou certo se esse trabalho aumentará minha reputação. Nessa ocasião, a informação que eu devo exibir, não tem nada para encantar a fantasia ou para alegrar o coração. As pessoas que estão diante de nós são todas negras e difíceis. Aqui não há espaço para traçar os belos laços da natureza virgem. Desses bosques de vegetação perene, essas paisagens magníficas e românticas, que, em regiões tropicais, convidam todos os lados, e muitas vezes o detém, até que a maravilha seja exaltada à devoção, que agora deu lugar às misérias da guerra e aos horrores da violência, às cenas de anarquia, desolação e carnificina<sup>237</sup>.

Em 01 de setembro de 1791, Bryan Edwards estava na Jamaica quando ouviu as primeiras notícias a respeito dos acontecimentos em São Domingos. Aparentemente, dois comissários franceses vieram de São Domingos informar sobre a revolta e requisitar ajuda, tropas, armas, munições e provisões<sup>238</sup>. De acordo com Edwards, a colônia se sentiu temerosa, mas solidária e sem hesitar “afirmou aos comissários que poderiam receber do governo da Jamaica todas as provisões que poderiam dar. Tropas não poderiam oferecer, porque não as tinha, mas que forneceriam armas, munições e provisões”<sup>239</sup>. No dia 26 de setembro, o auxílio jamaicano chegou a São Domingos e Bryan Edwards, preocupado com o futuro das suas plantações, decidiu ir à colônia francesa verificar o nível de devastação instaurado. De acordo com o autor, toda Cap Français estava coberta pelas chamas, todas as colinas, casas, fábricas e plantações. As circunstâncias se agravaram quando Edwards se deparou com os indivíduos que classificou como as principais vítimas da revolta. De imediato, percebeu que os homens brancos estavam acuados na praia. “Vieram com as mãos erguidas e os olhos arregalados, como se dessem as boas vindas aos seus libertadores”<sup>240</sup>. Ao andar pela região, o britânico viu uma série de outras atrocidades, que contemplavam as deformidades da mente humana e traziam à tona a ignorância e as imperfeições inerentes aos negros. O autor descreve, de forma emocionada, uma sucessão de tragédias. Todas as crianças brancas e, até mesmo, mulatas, cujos pais não apoiaram a revolta, foram mortas, as mulheres jovens foram violadas e sequer as grávidas foram poupadas. Além disso, as chuvas eram incessantes, bem como as doenças, em especial, a febre amarela<sup>241</sup>.

---

<sup>236</sup>EDWARDS. *An historical survey of the French colony in the island of St. Domingo: comprehending a short account of its ancient government, political state, population, productions, and exports; a narrative of the calamities which have desolated the country ever since the year 1789, with some reflections on their causes and probable consequences; and a detail of the military transactions of the British army in that island to the end of 1794*. P. I. Tradução minha.

<sup>237</sup>Ibidem. P. XVIII. Tradução minha.

<sup>238</sup>Ibidem. P. 3.

<sup>239</sup>Ibidem.P.4.

<sup>240</sup>Ibidem.P. 5. Tradução minha.

<sup>241</sup>Ibidem. P. XVIII.

Até vivenciar a Revolução de São Domingos, Edwards acreditava que o movimento tivera início com os negros recém-importados, que viviam em liberdade na África e foram forçadamente inseridos ao regime escravista. Bastou uma olhada rápida para compreender que uma parcela considerável dos insurgentes não era de africanos, mas negros nascidos nas Américas e, até mesmo, mestiços. Dessa forma, o tráfico possuía alguma culpa, consolidou uma população negra no Caribe, que era distinta ao homem branco, mas não precisava ser extinto. Se a Grã-Bretanha estabelecesse uma colonização adequada, equilibrasse as necessidades da metrópole às limitações e, principalmente, às concessões das colônias, os acontecimentos de São Domingos não tornariam a se repetir<sup>242</sup>. Em 1789, Edwards chegara a enviar uma petição de apoio a William Wilberforce a respeito do excesso de violência atrelado ao escravismo. Nos anos seguintes, frente ao perigo de São Domingos, se tornou um dos indivíduos mais dedicados a combater o abolicionismo britânico, na Câmara dos Comuns e em seus livros<sup>243</sup>.

Por fim, Rainsford menciona *Remarks on the Late War in St. Domingo: with Observations on the Relative Situation of Jamaica, and other Interesting Subjects*<sup>244</sup>, panfleto publicado em 1803 pelo general Charles Chalmers. “*The Remarks of Colonel Chalmers* foi mais bem-sucedido do que era esperado. De modo geral, o trabalho não injuriou o nome do autor, mas não acredito que tenha satisfeito completamente ao público”<sup>245</sup>. Ainda que o livro propusesse completar o trabalho de Edwards a partir dos pontos de vista não abordados, na prática, temos trabalhos semelhantes. Chalmers não acreditava que a colonização francesa fosse a mais virulenta do Atlântico e desconfiava que os britânicos ocupassem essa posição. “Nos nossos dias, até o ponto em que Wilberforce surgiu, os escravos em nossas colônias foram certamente tratados de forma mais severa do que na França ou na Espanha”<sup>246</sup>. Ainda assim, as Índias Ocidentais precisavam ser cultivadas por negros, que deveriam estar atrelados ao solo. Os escravos não produziram mais em situação de liberdade porque não eram iguais aos europeus, de modo que a maior preocupação do britânico se concentra nos colonos. O autor lamenta que os escravistas do Novo Mundo tenham ficado sem um caminho bom e reto para seguir. Naturalmente, a França não era uma opção e, infelizmente, a Grã-Bretanha se distanciava da função à medida que o movimento abolicionista se consolidava<sup>247</sup>.

---

<sup>242</sup>Ibidem. P. 140.

<sup>243</sup>DAVIS. *The Problem of Slavery in the Age of Revolution*. P. 186

<sup>244</sup>CHALMERS. *Remarks on the Late War in St. Domingo: with Observations on the Relative Situation of Jamaica, and other Interesting Subjects*.

<sup>245</sup>RAINSFORD. *An historical account of the black empire of Hayti: comprehending a view of the principal transactions in the revolution of Saint Domingo; with its antient and modern state*. P. XIV-XV. Tradução minha.

<sup>246</sup>CHALMERS. *Remarks on the Late War in St. Domingo: with Observations on the Relative Situation of Jamaica, and other Interesting Subjects*. P. 8. Tradução minha.

<sup>247</sup>Ibidem. P. 85.

Não obstante as especificidades de cada obra, os três autores possuíam muito em comum. Todos conviveram com pessoas de diversas origens e interesses, mas exaltaram e protegeram o sistema escravista britânico. Enquanto o texto anônimo hesita, mas se inclina para o escravismo, Edwards e Chalmers assumem o posicionamento e lançam mão da política e do militarismo para defendê-lo. Esses indivíduos, no entanto, não negligenciaram as campanhas humanitaristas. Eram observadores minuciosos, que escreveram trabalhos detalhados a respeito da geografia, política, economia e sociedade de São Domingos. Em meio ao Iluminismo, à Revolução de São Domingos e ao abolicionismo britânico, entenderam a necessidade de melhorar a escravidão e adequá-la ao século XIX. As três obras apresentam ressalvas a respeito das interferências metropolitanas, em especial, às decisões tomadas pela França. Não por acaso, recomendavam que a Grã-Bretanha não abolisse o comércio de escravos e nem transferisse essas atividades para as demais metrópoles europeias. É fácil entender as queixas de Marcus Rainsford a esses trabalhos, o autor jamais criticou abertamente os negros do Caribe ou a Revolução de São Domingos. Ainda assim, ele hesitou em se inserir ao abolicionismo britânico, conforme veremos a seguir.

### 2.3 Marcus Rainsford e o abolicionismo britânico

O abolicionismo britânico se estabeleceu por meio de um confronto de ideias, que envolveu densos antagonismos sociais e novas formas de solidariedade. De certa forma, foi fruto da Era das Revoluções, mas esses movimentos derramaram bastante sangue. Os abolicionistas acreditavam que era possível atingir resultados globais satisfatórios através de vias mais amenas. Vislumbravam a liberdade, mas temiam um caminho social direto e precisaram equilibrar os clamores populares e panfletários às ações pacíficas para que atingissem as Índias Ocidentais Britânicas e não desmotivassem os parlamentares conservadores<sup>248</sup>. O pensamento de David Brion Davis ajuda a elucidar a questão:

O abolicionismo foi usado para descrever uma força social organizada; atividade política que visa erradicar o tráfico ou a própria escravidão; um conjunto de convicções morais e filosóficas que podem ser realizadas com diferentes intensidades; ou simplesmente a crença teórica de que a escravidão negra é um sistema de trabalho ultrapassado, caro e perigoso que tende a corromper a moral dos cristãos brancos. O risco de homogeneizar esses significados acompanha, no outro extremo, o risco de se distrair com uma taxonomia elaborada e artificial<sup>249</sup>.

Em 1800, a Grã-Bretanha compreendeu a necessidade de consolidar o seu movimento abolicionista e demonstrar que a campanha atrairia a opinião pública, elevaria a moralidade e

<sup>248</sup>BLACKBURN. *The American Crucible: Slavery, Emancipation And Human Rights*. P. 283-286. BLACKBURN. *The Overthrow of Colonial Slavery, 1776-1848*. P. 300.

<sup>249</sup>DAVIS. *The Problem of Slavery in the Age of Revolution*. P. 164. Tradução minha.

confrontaria a ditadura de Napoleão Bonaparte. Nessa fase, o comitê lançou mão, principalmente, de abolicionistas que possuíam experiência com os assuntos coloniais, como James Stephen<sup>250</sup>. Stephen se inseriu no abolicionismo em diversas frentes. Como advogado, especializou-se nas leis que regiam o comércio exterior da Grã-Bretanha e, em 1797, se opôs ao uso da mão de obra escrava em colônias recém-adquiridas, como Trinidad. Em 1800, casou-se com Sarah Willberforce. O sobrenome não se trata de uma coincidência, Sarah era irmã de William Wilberforce e o enlace permitiu a Stephen contato direto com as movimentações abolicionistas<sup>251</sup>. Em 1808, Stephen se tornou um dos membros do Parlamento e oficializou a parceria com Willberforce e os demais abolicionistas. O político achou prudente priorizar o fim do tráfico de escravos e conseguiu o apoio de uma parcela considerável do parlamento e, até mesmo, dos colonos das Índias Ocidentais. Para tal, alegou que o comércio de escravos fomentava a economia de Cuba e contribuía para a hipocrisia dos espanhóis, que mal questionavam o abolicionismo, mas intensificavam a exploração das Antilhas. Stephen escreveu, ainda, uma série de livros a respeito das movimentações abolicionistas e das suas associações com as Américas e São Domingos<sup>252</sup>.

Em *The Crisis of the Sugar Colonies, or, an Enquiry into the Objects and Probable Effects of the French Expedition to the West Indies*<sup>253</sup>, de 1802, Stephen abordou a fragilidade dos sistemas escravistas das Índias Ocidentais, previu que a campanha de Bonaparte, em São Domingos, seria derrotada e argumentou que a vitória dos negros interessava aos britânicos, visto que impediria a reconstrução do sistema colonial francês. Segundo Stephen, as principais informações sobre São Domingos chegavam à Europa através dos textos produzidos por militares, como Bryan Edwards e Marcus Rainsford. Enquanto Edwards se atrelou ao senso comum e ajudou a disseminar uma série de incertezas, Rainsford inovou e colaborou para a criação de uma nova base de pensamento, na qual Stephen almejava contribuir<sup>254</sup>. Stephen sabia, no entanto, que redefinir a história de São Domingos não seria tarefa fácil, a escravidão possuía uma essência indigesta, desconhecida ao olhar distraído do homem branco<sup>255</sup>.

O mal-entendido não surge nem da falta, nem da inconsistência da evidência; mas da desatenção aos fatos notórios e nunca questionados ou negados. Os escravos das

<sup>250</sup>BLACKBURN. *The American Crucible: Slavery, Emancipation And Human Rights*. P. 192.

<sup>251</sup>GÓMEZ. *Le spectre de la Révolution noire : l'impact de la Révolution haïtienne dans le Monde atlantique , 1790-1886*. P. 83-106.

<sup>252</sup>BLACKBURN. *The American Crucible: Slavery, Emancipation And Human Rights*. P. 192. DAVIS. *The Problem of Slavery in the Age of Revolution*. P. 366.

<sup>253</sup>STEPHEN. *The Crisis of the Sugar Colonies, or, an Enquiry into the Objects and Probable Effects of the French Expedition to the West Indies*.

<sup>254</sup>Ibidem. P. 98.

<sup>255</sup>Ibidem. P. 8.

Índias Ocidentais, francesas ou inglesas, são propriedades dos seus mestres e transferíveis por ele, como se fossem inanimados<sup>256</sup>.

Quando a Convenção, um tanto quanto apressada, aboliu a escravidão, a Grã-Bretanha titubeou e não conseguiu conviver com o próprio movimento abolicionista. Tratava-se de um posicionamento recorrente, a Revolução de São Domingos desencadeava uma série de incertezas. Como a ilha se reorganizaria? A agricultura sobreviveria sem o trabalho escravo? Abolicionistas e escravistas se tornariam inimigos? Para sanar essas questões, Stephen sublinhava que deveriam ser implementadas sanções menos severas. A medida adequaria os negros ao trabalho livre e fomentaria as plantações. Nessa conjuntura, os exércitos franceses e, principalmente, britânicos seriam necessários a São Domingos. Os negros estavam vacilantes, poderiam ser agressivos<sup>257</sup>, ou não. “Os assassinatos são muito raros. Nunca se ouviu falar, exceto em revoltas gerais”<sup>258</sup>. Os militares envolvidos nessa empreitada precisariam, ainda, enfrentar outros obstáculos, como a sempre presente febre amarela:

Essa doença é infinitamente mais fatal para os europeus nesse clima, do que a espada do adversário mais formidável. As expedições britânicas para as Índias Ocidentais, especialmente a última, evidenciaram isso completamente. As causas, no entanto, são desconhecidas e desconsideradas no nosso país. O exercício laborioso e a exposição ao sol são destrutivos para as instituições europeias. Por isso, em todos os departamentos da vida civil nas Índias Ocidentais, o trabalho, especialmente ao ar livre, é atribuído quase exclusivamente aos negros<sup>259</sup>.

Ao restante do Caribe, não existiriam alternativas além de reorganizar a escravidão e iniciar as movimentações para a sua gradual extinção. A França estava confusa, mas se recuperaria e assumiria um posicionamento semelhante ao que ocorrera entre a Grã-Bretanha e os Estados Unidos. Aos poucos, desistiria da escravidão. Cabia à Grã-Bretanha compreender que, no final do dia, essa vitória negra poderia ser superada, mas não precisava ser repetida, bastava que o governo britânico recuperasse o foco. “A Revolução nas ilhas francesas efetuou o que a abolição do comércio de escravos poderia ter mais felizmente desempenhado”<sup>260</sup>.

É relatado que o Primeiro-Ministro enviou uma força naval para a Jamaica, forte o suficiente para lidar, se necessário, com os esquadrões unidos da França e da Espanha, que foram cedidos. Se tal for o fato, não condeno a precaução, mas todo coração britânico deve lamentar esse tipo de necessidade. Um inimigo poderoso ou

---

<sup>256</sup>Ibidem. P. 8. Tradução minha.

<sup>257</sup>Ibidem.P. 72.

<sup>258</sup>Ibidem.P. 82. Tradução minha.

<sup>259</sup>Ibidem. P. 59. Tradução minha.

<sup>260</sup>Ibidem. P. 124. Tradução minha.



uma doença e nossos soldados valentes certamente serão acometidos por aquela região fatal<sup>261</sup>.

Houve um tempo, e olhar para trás pode não ser inútil, que uma próspera reforma poderia ter sido estabelecida; estou firmemente convencido de que o seu progresso teria sido excepcional. Se essa grande medida tivesse sido adotada em 1792, muito diferente, provavelmente, seria a situação atual de nossas Ilhas. Talvez o dia esteja próximo quando esta retrospectiva fornecer uma lição importante; mas ele ainda não chegou e as nações parecem ser ensinadas apenas pela experiência, a conexão inseparável entre moralidade e a verdadeira sabedoria. Que a abolição do comércio de escravos venha a tempo de evitar o prejuízo iminente e que, mesmo com o temperamento do atual parlamento, seja uma medida a ser imediatamente esperada<sup>262</sup>.

As percepções morais e ideológicas de James Stephen conversavam com o posicionamento de Marcus Rainsford e forneciam uma aura de justiça à campanha para pôr fim ao tráfico de escravos. Ao mesmo tempo, faziam do abolicionismo um campo vago e flexível, capaz de abarcar indivíduos divergentes e complementares. Segundo Robin Blackburn “está longe de acontecer que cada categoria social veio totalmente acabada com sua cosmovisão peculiar. Em vez disso, dentro de cada camada social havia tipicamente uma disputa entre noções rivais da ordem social e das relações entre classes e grupos de status”<sup>263</sup>. Apesar dos obstáculos, Stephen e Rainsford trataram a Revolução de São Domingos como um evento excepcional e de importância histórica global. Quando os seus livros foram publicados, nenhuma nação havia reconhecido a independência do Haiti, e nem iria pelas próximas três décadas<sup>264</sup>. Inquestionavelmente, o novo país estava devastado, mas dera exemplos concretos sobre o que era necessário para extinguir a escravidão quando os europeus planejavam dismantelar lentamente o sistema. Nessa conjuntura, James Stephen se inclinava ao assunto e Marcus Rainsford afirmava que o Haiti era um Estado.

Em 1805, a Grã-Bretanha estava às vésperas de extinguir o comércio de escravos. Um longo caminho vinha sendo percorrido. Se lançar mão da Revolução de São Domingos durante a ocupação britânica na ilha parecia precipitado, sete anos após a sua evacuação, o posicionamento havia se tornado, no mínimo, instigante. Enquanto James Stephen participou das legislações abolicionistas, Marcus Rainsford não foi um político ou um panfletário abolicionista, mas não abriu mão da sua trajetória pessoal. Que outro ser humano poderia se vangloriar de ter jogado bilhar com Toussaint? Quem mais, supostamente, devia a Louverture a sua vida? Rainsford possuía mais experiência com os negros do Caribe do que a maior parte dos abolicionistas, ainda que instituisse

<sup>261</sup>Ibidem. P. 108. Tradução minha.

<sup>262</sup>Ibidem. P. 122. Tradução minha.

<sup>263</sup>BLACKBURN. *The American Crucible: Slavery, Emancipation And Human Rights*. P. 289. Tradução minha.

<sup>264</sup>Ibidem. P. 167.

ressalvas. O soldado tinha certeza de que a Revolução de São Domingos poderia ter sido evitada se os franceses fossem mais humanos com os seus cativos. “Assim, uma ignorância da natureza humana, uma cegueira às circunstâncias reais e uma falta de virtude individual dos colonos suscitou o espírito revolucionário em São Domingos”<sup>265</sup>. Ao mesmo tempo, diante de um cenário desgastado, Rainsford assimilava o abolicionismo como um caminho plausível:

Portanto, entende-se que a possibilidade da extinção do comércio de escravos não é de modo algum desprezível. O escritor não se opõe, hoje, à prática do tráfico de escravos. Ele é um inimigo, apenas, de todas as funções que oferecem poder indevido a muitos. A maioria dos plantadores de São Domingos, cheios de opulência e dissipação, chegaram a um estado de sentimento mais viciado e maneiras igualmente depravadas. Enquanto feridos por um exemplo tão contagioso, os escravos se tornaram mais lascivos do que os de qualquer ilha britânica. Se o mestre era orgulhoso, voluptuoso e astuto, o escravo era igualmente viciado e, muitas vezes, revoltoso; a Revolução era a consequência dos próprios excessos<sup>266</sup>.

Concluo este relato da origem da Revolução de São Domingos observando o quão melhor seria para os colonos e, talvez, para a humanidade, se eles soubessem discernir os sinais do tempo e renunciassem a paixão desmedida pelo domínio e pelo avanço indevido do comércio de escravos<sup>267</sup>.

Dessa forma, Rainsford reforçava que os britânicos deveriam promover concessões e respeitar o moral dos escravos. A liberdade não precisava ser consequência do radicalismo, mas os casos extremos poderiam ser legitimados, mesmo quando culminassem no nascimento de uma nação. Ainda que o soldado não tenha assimilado plenamente o abolicionismo britânico, ele reconheceu a singularidade de São Domingos e ofereceu um estimulante relato sobre a autonomia que os negros buscaram alcançar e sustentar. Em algum nível conseguiram, São Domingos se converteu no Haiti e jamais tornou a ser uma colônia<sup>268</sup>.

Em contrapartida, as diferentes participações de Stephen e Rainsford no abolicionismo britânico refletiram nos seus respectivos discursos. Rainsford questionava a contemporaneidade entre o abolicionismo e as péssimas condições de vida e trabalho da Grã-Bretanha. Tratava-se de um posicionamento recorrente e, não raro, os políticos foram questionados sobre a indignação que sentiam a respeito do tráfico de escravos quando uma coação similar ocorria nas fábricas britânicas. No entanto, David Brion Davis enfatiza que, em tese, os abolicionistas poderiam se indispor com as duas situações, mas se dedicar àquela que classificavam como mais abominável<sup>269</sup>. Foi a abordagem

<sup>265</sup>RAINSFORD. *An historical account of the black empire of Hayti: comprehending a view of the principal transactions in the revolution of Saint Domingo; with its antient and modern state*. P. 100. Tradução minha.

<sup>266</sup>Ibidem. P. 102. Tradução minha.

<sup>267</sup>Ibidem. P. 106. Tradução minha.

<sup>268</sup>Ibidem. P. 215.

<sup>269</sup>DAVIS. *Capitalism, Abolitionism and Hegemony*. P. 209-227.

que James Stephen assumiu ao afirmar que o trabalho escravo e o assalariado se tratavam de universos incomparáveis e moralmente distintos:

O camponês menos favorecido e o operário mais desgastado também trabalhavam por necessidade, mas se tratava de uma necessidade moral. O leitor pode considerar essa diferença sutil, mas estou descrevendo universos distintos. O cotidiano intenso do europeu pobre era recompensado pelo pagamento e a certeza de que eram livres. Já os escravos sobreviviam sob a perspectiva de que jamais desfrutariam de uma refeição abundante, uma casa apropriada e que nem mesmo a sua esposa e filhos eram seus<sup>270</sup>.

Para os abolicionistas, parecia crucial estabelecer que a Grã-Bretanha apoiava a liberdade. Em meio ao tráfico de escravos e a Era Napoleônica, essa liberdade poderia se associar a uma nação que resistira, ou se livrara, da tirania<sup>271</sup>. No entanto, parece apressado concluir que os abolicionistas direcionaram o foco às Américas a fim de ocultar as atrocidades da Grã-Bretanha. Segundo Howard Temperley:

Era a mensagem que, debate após debate, os abolicionistas martelavam na casa. Liberdade significava prosperidade; liberdade significava progresso; liberdade significava tertrabalhadores dispostos e não com má vontade para o trabalho. Com a abolição do tráfico de escravos, os fazendeiros não tratariam os seus escravos como dispensáveis, e seriam compelidos a se comportar de forma mais humana; isto, por sua vez, aumentaria a produção de modo que, etapa após etapa, a cada aumento de liberalidade seguir-se-iam rendimentos maiores e, aos poucos, finalmente, ocorreria a emancipação completa. Escusado será dizer quenada disso aconteceu. Se alguém duvidava disso, então que olhasse para a Grã-Bretanha. Se alguém duvidava que os negros trabalhariam, que observasse a experiência britânica para ver como o amor pela riqueza tornou-se “cada vez mais intenso à medida em que aumentava a posse de propriedades”. A liberdade consistia em incentivá-los a adquirir conhecimentos, que estimulariam novas necessidades materiais (incluindo um desejo pelasmanufaturas britânicas) e assim seriam estimulados a um esforço maior<sup>272</sup>.

À medida que os escravistas relutaram em se comportar como o abolicionismo desejava, os abolicionistas assimilaram a possibilidade de usar os meios extralegais quando os recursos legais falharam. Aos poucos, o abolicionismo lançou mão de métodos alternativos, como a opressão e a força, e arriscou subverter os objetivos originais<sup>273</sup>. Conforme salienta David Eltis “houve um dilema muito forte acerca da utilização ou não de meios não-liberais para se alcançar finsliberais”<sup>274</sup>. Afinal, poderia uma sociedade impor a liberdade às outras regiões?

<sup>270</sup>STEPHEN. *The Crisis of the Sugar Colonies, or, an Enquiry into the Objects and Probable Effects of the French Expedition to the West Indies*. P. 50. Tradução minha.

<sup>271</sup>DAVIS. *Capitalism, Abolitionism and Hegemony*. P. 209-227.

<sup>272</sup>TEMPERLEY. *Capitalism, Slavery and Ideology*. P. 108. Tradução minha.

<sup>273</sup>ELTIS. *Economic Growth and the Ending of the Transatlantic Slave Trade*. P. 104.

<sup>274</sup>Ibidem. P. 102. Tradução minha.

Nos anos seguintes, o discurso de Rainsford sobre a Revolução de São Domingos foi consideravelmente difundido. No dia 25 de agosto de 1805, um grupo de irlandeses apresentou à Câmara dos Comuns uma petição que celebrava o lançamento de *An Historical Account* e requisitava a imediata abolição do comércio de escravos. O texto afirmava que o livro de Rainsford havia contribuído fortemente para que toda a Grã-Bretanha soubesse o que havia acontecido em São Domingos e compreendesse que a escravidão era vexatória aos sentimentos de um povo leal e generoso como o britânico. Dessa forma, o fim do tráfico era propício, e altamente necessário, à segurança e à integridade da nação. A mesma petição foi reapresentada à Câmara dos Lordes em 13 de junho de 1806<sup>275</sup>.

Em 19 de junho de 1806, Edmund Pursey e Lyon Esquire, que possuíam terras e escravos na Jamaica, apresentaram à Câmara dos Comuns uma petição que condenava o texto exposto pelos irlandeses. Segundo Pursey e Esquire, os irlandeses frisaram que o tráfico era contrário à humanidade, justiça e política da Grã-Bretanha, de modo que deveria ser imediatamente abolido. Esqueciam-se, no entanto, que essa atividade era vantajosa à nação e, não por acaso, parlamentares como Edwards não hesitavam em defendê-la. Os peticionários lamentavam, ainda, que o abolicionismo britânico viesse ganhando novos contornos, sendo supervalorizado por conta de uma revolução que ocorrera em uma colônia francesa, sem relação alguma com a Grã-Bretanha<sup>276</sup>.

Estamos vigilantes. Nos questionamos se os negros da vizinha São Domingos impressionariam os negros das colônias britânicas e podemos garantir, mais que qualquer outro indivíduo, que as nossas Índias Ocidentais estão controladas. Não é possível que a abolição do tráfico de escravos seja concebida como justa se ela está fazendo uso de informações desconstruídas e mentirosas. Nos prontificamos a contribuir com todas as informações que pudermos fornecer sobre esta grande questão<sup>277</sup>.

Entre os dias 13 e 20 de fevereiro de 1807, Pursey e Esquire reforçaram que o parlamento deveria aprovar regulamentações judiciosas e humanas, dedicadas a proteger o comércio de escravos, não a extingui-lo. Nesse sentido, os peticionários acusaram os abolicionistas de agir por meio de especulações, uma vez que a ideologia antiescravista não seria disseminada em todo o Atlântico graças à promulgação de uma lei. Em contrapartida, muitos plantadores, já assentados e apegados às Índias Ocidentais Britânicas, precisariam se direcionar a outras regiões, onde encontrariam mais autonomia para agir e investir. Pursey e Esquire até acentuam a importância de humanizar a escravidão, mas não consideravam prudente nem mesmo advertir aos escravos que eles

---

<sup>275</sup> *Journals of the House of Commons*. v. 60. Richmond: H.M. Stationery Office, 1807. P. 169. *Journals of the House of Lords*. v. 45. Richmond: H.M. Stationery Office, 1807. P. 104.

<sup>276</sup> *Journals of the House of Commons*. P. 715.

<sup>277</sup> *Ibidem*. Tradução minha.

viviam em condições degradantes, visto que informações sediciosas vindas da Grã-Bretanha poderiam ser mais pungentes do que relatos distorcidos sobre a Revolução de São Domingos<sup>278</sup>.

A existência de um reino de negros deixou uma inesquecível lição, marcada com sangue, a respeito das tentativas de pôr fim ao escravismo Atlântico. Estamos alertas e asseguramos que somente se o abolicionismo britânico triunfar, os negros perceberão que a nossa nação está vacilante e aproveitarão o momento para iniciar o próprio movimento revolucionário<sup>279</sup>.

Em 21 de janeiro de 1807, Pursey e Esquire encaminharam a discussão à Câmara dos Lordes. Os peticionários afirmaram que vinham se dedicando há muitos anos ao comércio de escravos, reforçaram que pagavam milhares de libras à receita em alfândega e em impostos e sublinharam que o fim do tráfico extinguiria esse empreendimento. Dessa forma, os peticionários solicitavam que o ato para extinguir o tráfico não fosse aprovado e acrescentavam que estavam rezando para isso<sup>280</sup>. No dia 20 de fevereiro, Pursey e Esquire tornaram a argumentar que os relatos escritos sobre a Revolução de São Domingos estavam sendo usados pelos abolicionistas como justificativa para pôr fim ao tráfico de escravos, um sistema extremamente lucrativo para os interesses da Grã-Bretanha. O movimento abolicionista deveria, no entanto, lançar mão de informações verídicas, não de relatos exagerados e mentirosos. Sem dúvidas, o Haiti deixara mostras da carnificina que havia se tornado a antiga colônia francesa, mas o novo país não dizia respeito aos plantadores britânicos, que não poderiam ter as suas propriedades destituídas por conta disso. Nesse mesmo dia, o parlamento emitiu uma nota, acentuando que a Revolução de São Domingos e o abolicionismo britânico estavam fortemente relacionados, de modo que os plantadores caribenhos deveriam estar arrepiados com os horrores que os ditos relatos anunciavam<sup>281</sup>.

A imprensa britânica também abordou o assunto. No dia 04 de fevereiro de 1806, Thomas Flindell, editor da *Royal Cornwall Gazette*, afirmou que havia conversado com um indivíduo inteligente, que visitara São Domingos, vira as suas tropas e dialogara com os oficiais de Toussaint e, até mesmo, com o próprio Toussaint. Esse indivíduo assegurava que Toussaint Louverture se parecia com um verdadeiro lorde inglês e defendia que os britânicos deveriam apoiar o Haiti porque, em breve, compreenderiam os benefícios econômicos de reconhecer o novo país caribenho. Flindell acentua, no entanto, que comparou essas informações com o que já sabia sobre o caráter natural dos negros e das pessoas de cor e concluiu que tal indivíduo estava equivocado.

<sup>278</sup> *Journals of the House of Commons*. v. 60. Richmond: H.M. Stationery Office, 1807. P. 124-148.

<sup>279</sup> *Ibidem*. P. 148. Tradução minha.

<sup>280</sup> *Journals of the House of Lords*. v. 45. Richmond: H.M. Stationery Office, 1807. P. 41.

<sup>281</sup> *Journals of the House of Lords*. v. 46. P. 34. P. 56.

Eles venceram a França com armas francesas contra os princípios franceses. As sementes da discórdia estão profundamente arraigadas em seus corações para serem facilmente erradicadas. A pressão do inimigo comum, que até agora, unira São Domingos e Grã-Bretanha, começa a ser dissolvida e podemos esperar que as paixões ferozes dos negros comecem a estender em todas as direções. Feliz será a ilha que escapar do vórtice revolucionário. Onde estão, e procuramos, as vantagens comerciais que certos indivíduos já antecipam como consequência do que chamam de Império Negro do Haiti? Vemos pouca razão para esperar que suas antigas riquezas voltem a inchar o novo comércio de canais. As riquezas de São Domingos são proporcionais ao trabalho concedido em seu cultivo e não sabemos se os líderes encontrarão trabalhadores voluntários, que incharão as produções da ilha como costumava ser<sup>282</sup>.

Em 06 de fevereiro de 1806, William Adams Jr, redator do *Caledonian Mercury*, destacou que indivíduos como Stephen e Rainsford haviam exaltado a figura de Toussaint em seus relatos sobre São Domingos. Ainda que não compartilhasse do mesmo posicionamento, Adams Jr frisa que o governo de Bonaparte havia sido mais prejudicial aos interesses britânicos do que o estabelecimento de um Império de Negros. Ainda assim, em breve, a Jamaica substituiria a posição ocupada por São Domingos, mesmo quando o parlamento aprovasse a lei contra o comércio de escravos<sup>283</sup>.

No dia 09 de junho de 1806, o fundador e editor do jornal *Staffordshire Advertiser*, Joshua Drewry, acentuou que Stephen e Rainsford haviam se tornado merecedores dos mais sinceros elogios, que não caberiam em uma única edição do *Staffordshire*. Por conta deles, o comércio de escravos, que por muito tempo envergonhara a Grã-Bretanha, estava às vésperas de ser abolido. Drewry frisa que os livros de Stephen e Rainsford permitiram à Grã-Bretanha apreender o assunto, prever os riscos e evitar as consequências. “Os exércitos negros de São Domingos se vingaram dos fazendeiros, no entanto, a Grã-Bretanha, envolvida com a grande causa da humanidade, terá uma chance melhor”. Como nem todos os britânicos haviam tido acesso a esses trabalhos, muitos ainda temiam a rivalidade francesa e duvidavam da necessidade de se extinguir o comércio de escravos. Drewry, no entanto, não vê razoabilidade nesse posicionamento.

São Domingos é o principal exemplo a respeito das deploráveis circunstâncias das Índias Ocidentais. Os escravos destruíram os seus senhores e aboliram a escravidão. Em poucos anos, estabeleceram um Império de negros. Aqui está o exemplo e o perigo: uma reviravolta pode mudar as condições da servidão e pode ser sentida por aqueles que costumavam ser os opressores. Acham que eles na a audácia de continuar esse infame comércio mesmo quando a Inglaterra o tiver abolido? Que continuarão diante de um formidável Império negro? Que, sob o

<sup>282</sup> FLINDELL, Thomas. St. Domingo. *Royal Cornwall Gazette*, Cornwall, 04 fev. 1806. P. 2. Tradução minha.

<sup>283</sup> ADAMS, Jr. William. St. Domingo. *Caledonian Mercury*. Edinburgh, 06. fev. 1806. P. 3.

descontentamento da Inglaterra e do Império negro, monopolizarão o mercado de açúcar? Isto é absurdo demais para, sequer, se pensar<sup>284</sup>.

Ademais, as colônias britânicas já possuíam o número necessário de escravos, quando cortassem o suprimento, em um futuro próximo, os plantadores se tornariam mais humanos, de modo que os cativos não seguiriam o exemplo dos negros de São Domingos. Drewry compreende que essa política, conhecida como abolicionismo gradual, pode parecer pouco interessante às mentes mais aficionadas, mas, novamente, ele pede para que prestem atenção à França. “Eles declararam a abolição geral da escravidão em uma manobra que não possuía nem justiça e nem humanidade. Tratou-se de uma crueldade com os fazendeiros e uma benção muito repentina para os escravos, que se mostraram inaptos para recebê-la”. Na Grã-Bretanha, a liberdade viria aos poucos, naquele momento, deveriam abolir o tráfico, em breve, os parlamentaristas extinguiriam a escravidão<sup>285</sup>.

Além disso, em 1807, William Willberforce publicou *A letter on the abolition of the slave trade*. Em um texto inflamado, Willberforce acentua que o abolicionismo vinha ocupando lugar central à sua vida pessoal e profissional, de modo que aqueles que não considerassem o tráfico o mais sujo borrão do caráter britânico não deveriam se dedicar às páginas do seu livro. O abolicionista reforça que se sentia indignado, os anos estavam passando, as discussões parlamentares se acumulando, ainda assim, muitos negligenciavam os sofrimentos que assolavam o Novo Mundo. “Os escravistas são ricos e poderosos, possuem autoridade e influência. Têm navios, fábricas e propriedades. Agem como se nós nunca tivéssemos agido, nunca tivéssemos feito declarações, nunca tivéssemos estruturado uma campanha”<sup>286</sup>. O autor é enfático ao sublinhar que todas as legislações relacionadas ao tráfico até aquele momento se mostraram ineficazes, bastava que olhassem para o caso francês, em que o Código Negro, bem como os Amigos dos Negros, foram inoperantes e não contiveram a Revolução de São Domingos. Nessa conjuntura, os relatos escritos por britânicos eram uma boa forma de a população apreender o assunto. Há uma breve menção a Stephen e a um irlandês que, provavelmente, se trata de Rainsford<sup>287</sup>.

Não esqueçamos do que foi feito por Stephen, do que foi feito em livros vindos da Irlanda. Costumes antigos foram explorados, erros foram investigados. Caso saibamos perceber, veremos que o assunto já foi bem explorado em todo o nosso território, trata-se, apenas, de uma questão mal compreendida. Os conselhos dos

<sup>284</sup> DREWRY, Joshua. St. Domingo. *Staffordshire Advertiser*, Staffordshire, 09. jun. 1806. P. 1-3.

<sup>285</sup> *Ibidem*. P. 1-3.

<sup>286</sup> WILLBERFORCE. *A letter on the abolition of the slave trade*. P. 18. Tradução minha.

<sup>287</sup> *Ibidem*. P. 232-233.

sábios foram ignorados, a bravura foi transformada em covardia. É isso que eu quero resgatar<sup>288</sup>.

No mesmo ano, o abolicionista Henry Brougham publicou *A concise statement of the abolition of the slave* e argumentou que o livro seria particularmente útil àqueles que ainda não haviam considerado as conexões entre a Revolução de São Domingos e o abolicionismo britânico. Brougham acentua que o movimento era fruto do tráfico desmedido de quase 500 mil indivíduos da África para o Caribe, meio milhão de negros que haviam sido brutalmente humilhados e explorados. “Os 13 anos durante os quais o conflito se alastrou, nos autorizou a ver com crescente antipatia o comércio de escravos de africanos, que se tornou uma verdadeira insanidade”<sup>289</sup>. Inevitavelmente, os escravos da Jamaica teriam acesso ao espírito revolucionário que assolava as Antilhas, de modo que as colônias britânicas já não poderiam mais receber novos escravos, vindos de lugares distintos do Atlântico. Por sua vez, os plantadores deveriam escolher entre o tráfico e a integridade das suas terras, precisariam ensinar os seus cativos a viver em civilidade e contribuir para que as Índias Ocidentais se convertessem em um lugar estabilizado. Brougham ressalta que havia lido alguns relatos, escritos por indivíduos que estiveram em São Domingos e conviveram com negros educados e bem-vestidos, que pareciam verdadeiros cavalheiros londrinos. Se até em São Domingos, os negros estavam progredindo, Brougham não possuía razões para ser pessimista a respeito dessa empreitada<sup>290</sup>.

Os últimos acontecimentos em São Domingos me fazem crer que se o nosso exemplo não for seguido agora, não será em qualquer outro momento futuro. Este momento é uma verdadeira crise colonial, e se adiarmos fazer o que se impõe, tão imperiosamente, sob o pretexto de que no futuro o faremos mais eficazmente, a abolição do tráfico de escravos será suprimida pela destruição total do sistema colonial. Ainda há solução, tive acesso a alguns trabalhos, publicados por colegas abolicionistas, que destacam a civilidade de Toussaint e dos seus aliados, que nos mostram que é possível recuperar os negros<sup>291</sup>.

Em 1808, Thomas Clarkson lançou *The history of the rise, progress, and accomplishment of the abolition of the african slave-trade* e reforçou que os britânicos deveriam averiguar, minuciosamente, a natureza do tráfico, uma instituição que afetara o bem-estar moral e político de toda a Grã-Bretanha. O texto recomenda que os britânicos priorizem trabalhos que articulem as relações entre o passado e o presente da ilha de São Domingos à história, bem como às consequências, da emancipação do Caribe Britânico. Aos mais céticos, aconselha que prestem

<sup>288</sup>Ibidem. P. 18. Tradução minha.

<sup>289</sup>BROUGHAM. *A concise statement of the abolition of the slave*. London: Schomburg Center. P. 75. Tradução minha.

<sup>290</sup>Ibidem. P. 67-76.

<sup>291</sup>Ibidem. P. 91-92. Tradução minha.



atenção aos livros que não foram escritos por parlamentares ou panfletários engajados, mas cidadãos comuns que, ocasionalmente, vivenciaram as mazelas da escravidão<sup>292</sup>.

A escravidão é tema de investigação frequente e séria e a imprensa está divulgando as suas numerosas publicações sobre essa questão. Existem obras baratas, claras, valiosas e instrutivas relacionadas a este assunto que vem agitando todo o nosso país. Elas não apenas satisfarão a sede predominante de informação, mas também, promoverão a causa da verdade e da justiça. Recomendo o trabalho do senhor Rainsford<sup>293</sup>.

Apesar do sucesso de *An Historical Account*, a obra não trouxe segurança financeira a Marcus Rainsford. Em 1810, Rainsford se alistou ao Primeiro Batalhão Real de Veteranos, que se dedicava aos feridos, enfermos e idosos. Em 1811, solicitou uma pensão de 100 libras por ano pelas injúrias sofridas no Caribe. Em 1813, foi intimado a pagar por empréstimos que teria feito nos anos anteriores. Não retornou a São Domingos, mas, de alguma forma, se manteve atrelado a sua causa<sup>294</sup>. O país enfrentava uma séria crise política. Em 1806, Jean Jacques Dessalines havia sido assassinado e o Haiti se separou em dois estados, um ao norte e o outro ao sul. Ao norte, o general Henri Christophe ascendeu graças às relações que vinha mantendo com a Grã-Bretanha. Em 1811, foi coroado rei e se converteu em Henry I. No entanto, o tratado de Paris, de 1814, permitiu que a França continuasse com o tráfico, e a restauração de Louis XVIII, almejou reconquistar o Haiti. Henry I e Alexandre Pétion, ao sul, se prepararam para a invasão e escreveram petições à Grã-Bretanha a fim de atrair simpatizantes. William Willberforce e Thomas Clarkson censuraram os planos da França e em novembro de 1814, Marcus Rainsford cumprimentou os abolicionistas por se preocuparem com a questão. Por sua vez, Henry I ficou comovido com a atitude de Rainsford e deu ao antigo soldado o título honorário de tenente-general do Haiti. Até o ano de sua morte, em 1817, Rainsford passou a assinar como tenente-general Marcus Rainsford, da armada de São Domingos<sup>295</sup>.

O reconhecimento internacional da independência do Haiti foi ainda mais difícil de ganhar do que a vitória militar sobre as forças de Napoleão. Demorou mais tempo e mais recursos, mais de meio século de lutas diplomáticas. A França impôs uma pesada indenização ao Estado haitiano para reconhecer sua própria derrota. Os Estados Unidos e o Vaticano, notadamente, reconheceram a independência do Haiti somente na segunda metade do século XIX. A rejeição diplomática foi apenas um sintoma de uma negação subjacente. Os próprios feitos da revolução eram incompatíveis com os principais dogmas das ideologias ocidentais dominantes<sup>296</sup>.

<sup>292</sup>CLARKSON. *The history of the rise, progress, and accomplishment of the abolition of the african slave-trade*. P. 1.

<sup>293</sup>Ibidem. Tradução minha.

<sup>294</sup>PIERROT. YOUNGQUIST. (Ed). *An Historical Account of the Black Empire of Hayti*. P. XXXII.

<sup>295</sup>Ibidem. P. XXXIII.

<sup>296</sup>TROUILLOT. *Silencing the Past: Power and the Production of History*. P. 96. Tradução minha.

Ademais, o livro de Rainsford se mostrou bem-sucedido no exterior. Em 1792, o filósofo prussiano Johann Wilhelm von Archenholz fundou o jornal *Minerva* e atualizou o noticiário com informações sobre a Revolução Francesa e de São Domingos. No início do século XIX, o periódico já possuía bastante renome e era considerado um dos maiores veiculadores de informação em língua alemã. Em 1805, Archenholz traduziu partes de *An Historical Account* para o alemão e priorizou trechos que enfatizavam as qualidades de Toussaint Louverture. Em outubro do mesmo ano, Archenholz subentendeu que havia conversado com Rainsford e ouvido do soldado que após o lançamento de *An Historical Account* “os escravos negros se tornaram o principal tema de conversa e lamento na metade das cidades da Europa. Com eloquência, os cidadãos descreviam as misérias da escravidão e afirmavam que elas propiciaram à ação, em larga escala, daquele espírito de revolta nos escravos da América”<sup>297</sup>. Com certa frequência, o *Minerva* traduziu textos em inglês e em francês sobre São Domingos e inspirou outros jornais germânicos. Aos poucos, as suas informações atingiram alguns intelectuais alemães, como Johann Goethe, Friedrich Schelling e Friedrich Hegel.

No início do século XIX, Hegel refinou a sua concepção sobre a dialética e, em 1807, publicou *Phänomenologie des Geistes*<sup>298</sup>, o mesmo ano da extinção britânica do comércio de escravos<sup>299</sup>. Segundo Hegel, em um primeiro momento, o senhor é independente e sua natureza é existir para si mesmo, enquanto o escravo é dependente e sua essência é viver para o outro. Nesse sentido, o escravo pode ser visto como um objeto, uma coisa. No entanto, à medida que a dialética se desenvolve, a dominação do senhor se reverte e é possível compreender que os senhores prescindem dos escravos para consolidar a sua existência e riqueza. Por sua vez, os escravos atingem autoconsciência ao demonstrar que não são coisas e nem objetos, mas sujeitos que transformam a natureza material. Susan Buck-Morss atribui parte da percepção de Hegel sobre o senhorio e a escravidão ao Haiti. No geral, os pesquisadores abreviaram as análises sobre o assunto, privilegiaram as leituras clássicas feitas por Hegel, como Aristóteles, e enfatizaram a questão da luta de classes em suas interpretações sobre a dialética hegeliana<sup>300</sup>. No entanto, Hegel também era um ávido leitor de revistas e jornais e não ignorou as publicações do *Minerva* sobre os negros do Caribe.

<sup>297</sup>RAINSFORD, Marcus "Toussaint-Louverture. Eine historische Schilderung für die Nachwelt", *Minerva*, 56, 1805. P.276-298, 392- 408. Tradução minha.

<sup>298</sup>HEGEL, Friedrich. *Phänomenologie des Geistes*. Paderborn: Voltmedia GmbH, 2005.

<sup>299</sup>PIERROT. YOUNGQUIST. (Ed). *An Historical Account of the Black Empire of Hayti*. P. XL

<sup>300</sup>Judith Shklar analisou as relações entre Hegel e Aristóteles. Cf. SHKLAR, Judith. "Self-sufficient man: dominion and bondage". In: *Hegel's dialectic of desire and recognition*. Albany: State University of New York, 1996. P. 289-303. Pierre Franklin Tavarès estabeleceu associações entre Hegel e o Haiti, ao destacar que Hegel lera o abade francês abolicionista Grégoire. Cf. TAVARÈS, Pierre-Franklin. Hegel et l'abbé Grégoire: question noire et révolution française. In: *Annales Historiques de la Révolution Française*, n. 3, v. 4, 1993. P. 491-509. BUCK-MORSS. Hegel and Haiti. P. 821-865.

Ler o jornal no início da manhã é uma espécie de prece matinal realista. [No primeiro caso], nos afastamos do mundo e nos dirigimos a Deus, ou [no segundo caso] nos dirigimos ao mundo, àquilo de que ele é feito. Ambas nos oferecem a mesma segurança, uma vez que deixam cientes de onde nos encontramos<sup>301</sup>.

Buck-Morss sublinha que desde a década de 1840, muitos indivíduos abstraíam a luta entre o senhor e o escravo e a tratavam como uma metáfora. No entanto, apenas se presumirmos que Hegel narrava uma história que se restringia à Europa, na qual a escravidão era uma instituição há muito abandonada, não há motivos para acreditarmos que o filósofo desconsideraria uma das principais questões sociais do seu tempo. Rebeliões escravas eclodiam em todas as colônias e uma revolução bem-sucedida se estabeleceu na mais rica entre todas elas, como Hegel poderia se manter fixado em Aristóteles? *Phänomenologie des Geistes* acentua que a liberdade só é sentida pelos escravos em sua plenitude quando é conquistada. Hegel não desconsidera o abolicionismo e destaca que as ações outorgadas de liberdade não devem ser minimizadas, mas não podem se equiparar aos processos de luta. De certa forma, esse posicionamento converge com o ponto de vista de Marcus Rainsford, que afirmava ter presenciado em São Domingos um verdadeiro sistema de liberdade, afinal, em que outra região os escravos lutaram com mais bravura e êxito por sua autonomia? “A revolução real e bem-sucedida dos escravos caribenhos contra seus senhores é o momento em que a lógica dialética do reconhecimento se torna visível como a temática da história mundial, a história da realização universal da liberdade”. Nessa conjuntura, Archenholz afirmava que o *Minerva* se tratava de um jornal apertidário, objetivo e factual, apresentava a sociedade do seu tempo em sua própria forma e força. No entanto, ao traduzir o texto de Rainsford, e não o de algum escravista, como Edwards, influenciou o posicionamento dos alemães, e de Hegel, a respeito de São Domingos.

Marcus Rainsford escreveu, em 1805, que a causa da Revolução Haitiana era o espírito da liberdade. O fato de que esse espírito pudesse ser contagioso, tornava-o capaz de atravessar a fronteira não apenas das raças, mas dos escravos e dos homens livres. Foi precisamente isso que tornou possível argumentar, sem recorrer a uma ontologia abstrata da “natureza”, que o desejo de liberdade era verdadeiramente universal, e que o Haiti era, talvez, o seu mais extremo exemplo propagandístico<sup>302</sup>.

#### **2.4 Marcus Rainsford e a campanha de Napoleão Bonaparte**

Em dezembro de 1801, Toussaint Louverture decidiu que São Domingos deveria ter uma Constituição. Apesar de o texto enfatizar que a colônia permaneceria francesa, incomodou a

<sup>301</sup>ROSENKRANZ, Karl. *Georg Wilhelm Friedrich Hegels Leben*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesells, 1977. P. 543. Tradução minha.

<sup>302</sup>BUCK-MORSS. *Hegel, Haiti, and Universal History*. 2009. P. 61. Tradução minha.

metrópole, que não havia sido consultada e nem receberia benefícios diretos por meio do novo documento. Pouco depois, a França e a Grã-Bretanha iniciaram as movimentações para o *Tratado de Amiens*, que selaria a paz entre as duas nações. Tratou-se de um acordo provisório, mas tornou possível que uma grande força militar atravessasse o oceano, da Europa às Antilhas. Tinha início a campanha de Napoleão Bonaparte para retomar o controle do Caribe e de São Domingos<sup>303</sup>. “A paz com a Grã-Bretanha havia chegado. A guerra em São Domingos poderia começar”<sup>304</sup>.

O que se verifica, no geral, é um claro descompasso entre a propaganda escravista, bastante incisiva e explícita, e os resquícios de uma opinião abolicionista que se manifestava de maneira bastante tímida ou hesitante. Se certamente eram muitos os adeptos do princípio da abolição, o fato é que eles se mantinham globalmente em silêncio. Num momento em que as relações entre a metrópole e as colônias pós-abolição estavam bastante degradadas, o movimento antiescravista tinha sido praticamente reduzido a pó<sup>305</sup>.

Em janeiro de 1802, durante uma viagem até Santo Domingo, Toussaint soube que a França preparava uma expedição contra São Domingos. Acreditou que os franceses levariam meses para chegar, que viriam poucos homens e teria tempo para fortalecer a ilha. Estava enganado. A expedição, comandada por Charles-Emmanuel Leclerc, cunhado de Bonaparte, possuía cinquenta navios, incluindo as maiores embarcações da França, 22 mil soldados e 20 mil marinheiros. Esse número dobrou no ano seguinte e Toussaint chegou a afirmar que toda a França chegava a São Domingos<sup>306</sup>. Entre os passageiros estavam dois dos filhos de Toussaint: Isaac e Placide, que estudavam em Paris. Na Europa, Bonaparte conversou com ambos, elogiou Toussaint e minimizou a expedição: serviria apenas para fortalecer as forças militares do Caribe<sup>307</sup>. Segundo Laurent Saes, o francês “queria passar uma imagem de continuidade, quando tudo apontava para uma ruptura”<sup>308</sup>.

Nas Antilhas, a expedição demonstrou ser mais audaciosa do que anunciara, mas tão logo chegou, enfrentou complicações: como administrar uma série de ilhas tão próximas, mas com condições de liberdade tão distintas? Apesar do decreto de 1794, Santo Domingo e Martinica

<sup>303</sup>Em 1799, Bonaparte já havia instaurado uma nova Constituição na França. O documento afirmava que as colônias seriam governadas por leis especiais, distintas das jurisprudências metropolitanas. Por meio dessa medida, os habitantes do Novo Mundo deixavam de ter os mesmos direitos que os da Metrópole e não poderiam mais eleger representantes ao parlamento francês. Abria-se uma brecha para a revogação da abolição. SAES. *A Sociedade dos Amigos dos Negros: A Revolução Francesa e a Escravidão (1788-1802)*. P. 610-662. DUBOIS. *Avengers of the New World: The Story of the Haitian Revolution*. P. 252.

<sup>304</sup>GIRARD, Philippe. *Toussaint Louverture: A revolutionary life*. New York: Basic books, 2016. P. 215. Tradução minha.

<sup>305</sup>SAES. *A Sociedade dos Amigos dos Negros: A Revolução Francesa e a Escravidão (1788-1802)*. P. 634. Tradução minha.

<sup>306</sup>DUBOIS. *Avengers of the New World: The Story of the Haitian Revolution*. P. 251.

<sup>307</sup>Ibidem. P. 214-217.

<sup>308</sup>SAES. *A Sociedade dos Amigos dos Negros: A Revolução Francesa e a Escravidão (1788-1802)*. P. 641. Tradução minha.

possuíam escravos. São Domingos, Guadalupe e a Guiana Francesa, não. Mas poderiam voltar a ter. Em novembro de 1801, Bonaparte tranquilizou o povo de São Domingos e enfatizou que todos, independente da cor, eram e permaneceriam livres, mas passariam a ser conduzidos pelos braços da maior nação do mundo. A fim de convencê-los a se atrelar ao lado francês, Bonaparte inseriu soldados negros e mulatos em sua expedição e sugeriu que Leclerc traduzisse os panfletos informativos do francês para o crioulo. A França sabia que iniciar a campanha com um discurso escravista exacerbaria a Revolução e desencadearia outros movimentos similares. Dessa forma, a campanha exaltou a liberdade, mas confiou que a submissão dos líderes da ilha extinguiria a Revolução de São Domingos<sup>309</sup>.

O alvo principal estava em Toussaint e os franceses não hesitaram em lembrá-lo que a maior parte da sua glória se devia às concessões da França. “Você [Napoleão Bonaparte] deseja consideração, honra e fortuna? Com a estimativa pessoal que temos a você, que você não deve duvidar em relação a consideração, a fortuna e as honras que lhe esperam”<sup>310</sup>. Toussaint hesitou, mas a mensagem, até certo ponto, tranquilizadora e a notícia de que os seus filhos estavam em São Domingos, impulsionaram-no a encontrar, esporadicamente, os franceses. No entanto, em meio a desconfiança de Louverture e a ausência de acordos, o cenário pacífico foi substituído pela ofensiva francesa:

[Charles Leclerc] I. O General Toussaint e o General Christophe são retirados da proteção da lei. Todos os cidadãos são obrigados a persegui-los e a tratá-los como inimigos da República Francesa. II. A partir do dia em que o exército francês ocupar os cargos públicos, todos os oficiais, civis ou militares que não obedecerem exclusivamente às ordens da França serão tratados como rebeldes. III. Os plantadores que, seduzidos ao erro e enganados pelas insinuações pífidas do general rebelde, podem ser considerados filhos que se desviaram e ser reenviados às suas plantações, desde que não busquem incitar uma Insurreição. IV. Os soldados da brigada que abandonarem o exército de Toussaint serão recebidos pela França<sup>311</sup>.

Leclerc dividiu as suas tropas entre as principais cidades portuárias da ilha, Le Cap, Port-au-Prince, Les Cayes e Santo Domingo, e assumiu o comando dos navios direcionados a essas regiões. Durante o processo, reafirmou as boas intenções da França e reforçou que administraria a Constituição de 1802. No entanto, aos poucos, a expedição apreendeu aquilo que os britânicos haviam descoberto em 1798: existia uma diferença significativa entre dominar a costa e governar o

<sup>309</sup>Ibidem. P. 252.

<sup>310</sup>RAINSFORD. *An historical account of the black empire of Hayti: comprehending a view of the principal transactions in the revolution of Saint Domingo; with its antient and modern state.*P. 272. Tradução minha.

<sup>311</sup>Ibidem. P. 276. Tradução minha.

interior da ilha. Inevitavelmente, os franceses foram vistos como inimigos e não demorou até se tornarem reféns<sup>312</sup>.

Não por acaso, Rainsford questiona a necessidade do empreendimento. Em *An Historical Account*, o britânico acentua que, até aquele momento, tensões entre homens brancos e negros haviam surgido e sido controladas, mas, no final de 1801, a situação parecia estável. No entanto, Bonaparte pretendeu dissipar a liberdade que prometera manter e acabou desencadeando a fase mais complexa da devastação de São Domingos. No dia 24 de janeiro de 1806, David Couper Thompson, editor do jornal *Courier and Evening Gazette* reforçou que, às vésperas da campanha de Bonaparte, São Domingos estava em paz. Sem mencionar Rainsford, Thompson afirma ter lido o relato de um irlandês e compreendido que, sob o comando de Toussaint Louverture, São Domingos havia recuperado grande parte das riquezas que possuía até 1791 e, em breve, tornaria a ser uma das regiões mais dinâmicas do Caribe. A ambição desmedida de Bonaparte quase pusera tudo a perder, felizmente, ele frisa, os britânicos se mostraram atentos a esse cenário e puderam conter as movimentações francesas.

Foi a guerra com a Grã-Bretanha que fez a França sair da Louisiana; foi a guerra com a Grã-Bretanha que, por si só, salvou homens brancos e negros de São Domingos do extermínio. Os sentimentos gerais da nação britânica coincidem com essa opinião e não se pode esquecer que a parte pensante da nossa comunidade se simpatizou com Toussaint e se indignou com as horríveis e cruéis ações que exerceram os franceses naquela ilha. Os negros devem ser gratos a nós pela maneira em que contribuimos para livrá-los dos franceses e nossa política será estabelecer um sistema de relações comerciais, meramente comerciais, com eles, o que não pode deixar de ser do mais alto benefício para ambos<sup>313</sup>.

---

<sup>312</sup>DUBOIS. *Avengers of the New World: The Story of the Haitian Revolution*. P. 262-270.

<sup>313</sup>THOMPSON, David Couper. *St. Domingo*. London Courier and Evening Gazette, London, 27. fev. 1806, p. 2. Tradução minha.



*The Mode of Exterminating the Black Army practiced by the French*<sup>314</sup> se dividem em duas gravuras. Na primeira, um oficial francês de bigode aponta o punho para um soldado negro, que possui os braços e os tornozelos algemados. A imagem lança mão de duas formas de atrocidades: o

<sup>314</sup>RAINSFORD. *An historical account of the black empire of Hayti: comprehending a view of the principal transactions in the revolution of Saint Domingo; with its antient and modern state.* P. XIX-XXI.

assassinato no mar, por afogamento e o uso dos cães de caça. Uma bandeira tricolor francesa tremula no alto da figura. As gravuras referentes à expedição de Leclerc cobrem eventos posteriores à estadia de Rainsford em São Domingos e, talvez por isso, a imagem detalhada da execução no mar se contraponha ao texto de *An Historical Account* que afirma, apenas, que alguns negros haviam sido enviados a bordo de diferentes embarcações e nunca mais tinham sido vistos, de modo que deveriam ter sido assassinados ou jogados no mar<sup>315</sup>. Segundo Agnes Ortiz, a fim de fazer da violência um dos capítulos mais hediondos da história da escravidão, a cultura visual abolicionista insistia na exibição ostensiva de corpos negros marcados e vulneráveis, como evidência da natureza criminosa do regime<sup>316</sup>. No entanto, Rainsford não realiza descrições das torturas, dos castigos físicos ou das cicatrizes nos corpos negros, as articulações que ele estabelece entre a violência e a Revolução de São Domingos se concentram nas ações dos homens de Leclerc.

John Fletcher, editor do jornal *Chester Chornicle*, afirmou, em 11 de fevereiro de 1806, ter tido acesso ao relato de um viajante que descrevia uma série de atrocidades cometidas pela campanha de Leclerc. Em uma delas, os negros eram feitos prisioneiros, amarrados e jogados no mar a uma pequena distância da cidade. Fletcher acentua que o relato como um todo era bastante exagerado, “mas devemos ter tolerância com esse tipo de exagero. É impossível não ver que o sistema estabelecido pelos franceses desejava nada menos que o extermínio total”. A notícia é acompanhada de uma pequena gravura sobre o crime, que não corresponde à imagem do livro de Rainsford<sup>317</sup>.

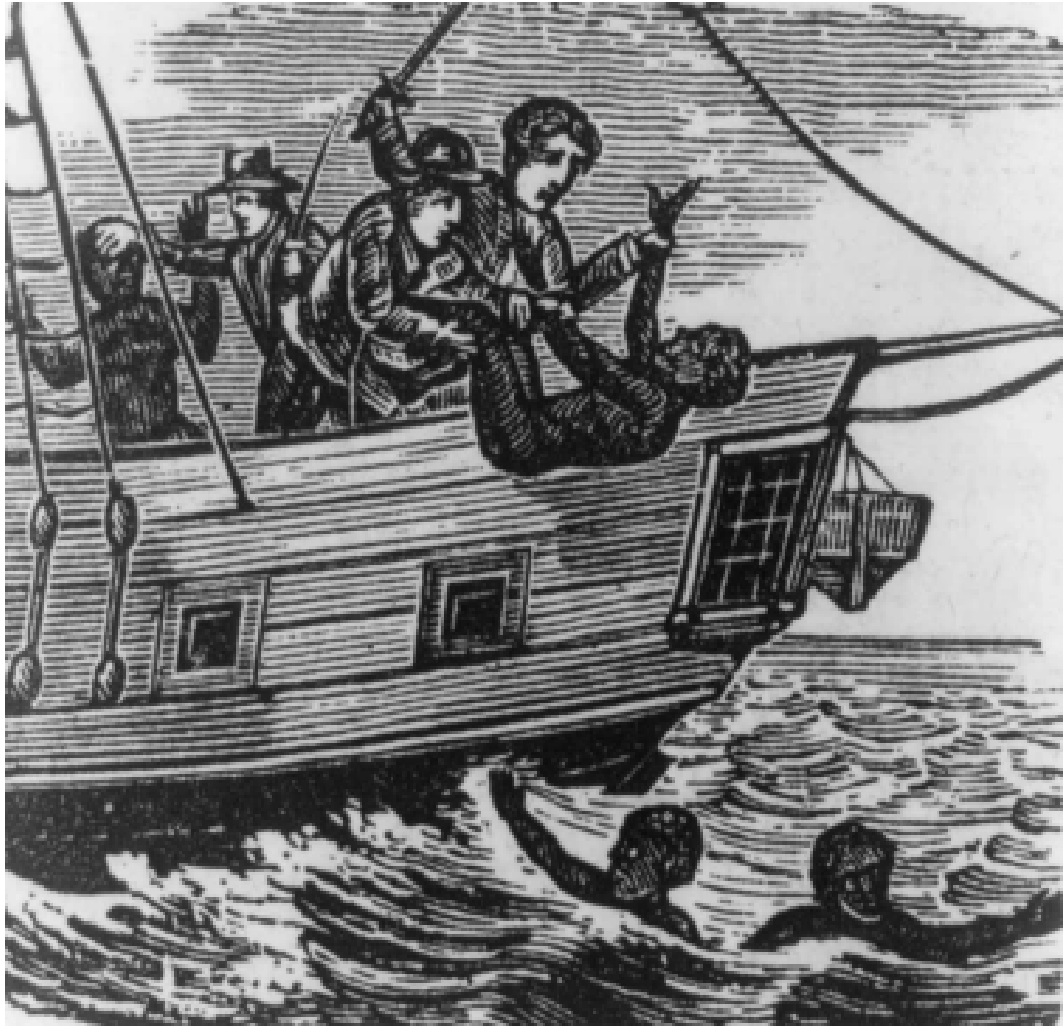
---

<sup>315</sup>RAINSFORD. *An historical account of the black empire of Hayti: comprehending a view of the principal transactions in the revolution of Saint Domingo; with its antient and modern state*. P. 119.

<sup>316</sup>LUGO-ORTIZ. *Slave Portraiture in the Atlantic World*. P. 362.

<sup>317</sup>FLETCHER, John. St. Domingo. *Chester Chronicle*, Chester. 11. fev. 1806, p. 3. Tradução minha.







No segundo momento, uma figura negra indefesa está centrada na imagem, com os braços amarrados e as pernas acorrentadas<sup>318</sup>. À sua direita, um soldado branco uniformizado o mantém no

<sup>318</sup> RAINSFORD. *An historical account of the black empire of Hayti: comprehending a view of the principal transactions in the revolution of Saint Domingo; with its antient and modern state.* P. XIX-XXI.

lugar. A atenção de ambos é fixada em uma grande gaiola em que vários cães atacam outra vítima. As mandíbulas abertas e as garras afiadas dos animais se projetam ameaçadoramente, com a sua violência contida desmentindo o ambiente pastoral e tropical. No fundo, soldados armados encerram várias figuras suplicantes fora de uma pequena residência rural.



*Blood Hounds attacking a Black Family in the Woods.*

*Blood hounds attacking a black family in the Woods*<sup>319</sup> retoma a violência dos cães de caça treinados para destruir os escravos. Em Martinica e Guadalupe, Rainsford assistiu a esse tipo de treinamento. De acordo com o britânico, os cães eram alimentados com carne sangrenta para adquirir predileção por esse alimento, em alguns casos, um oficial colocava cães famintos em celas com manequins pintados de preto, cobertos de carne vermelha<sup>320</sup>. *An historical account* descreve a gravura acima:

Os cães foram colocados na floresta e surpreenderam uma família de escravos. Dois cães pegaram os soldados nas jaulas e um deles atacou o pescoço do pai. Mãe e filho se tornaram uma ameaça. Os animais rasgaram o bebê do seio de sua mãe e retornaram com as mandíbulas cheias de sangue<sup>321</sup>.

E interrompe a narrativa, nesse momento, alegando que a história era pesada demais para ser narrada, mesmo com a melhor das intenções. De qualquer forma, há a imagem, igualmente intensa e brutal. Afonso Ramos afirma que as imagens de atrocidades se sobressaem a quaisquer argumentos que as esclareçam. A invocação desse tipo de cena ganha destaque e consolida o ponto de vista a ser explicitado<sup>322</sup>.

Relatos sobre cães de caça apareceram em diversos momentos da história do Caribe. Em 1795, R.C Dallas publicou *The History of the Maroons: From the origin to the establishment of their chief tribe at Sierra Leone*, que narra os confrontos entre o governo britânico e os negros da Jamaica e afirmava que os britânicos compararam cães de caça em Cuba para aniquilar os revoltosos. O frontispício do livro apresenta um caçador com três grandes cães amordaçados, insinuando que eles seriam o centro da narrativa subsequente<sup>323</sup>.

Ao avistarem um fugitivo, os cães latem para ele até que ele pare, então eles se agacham perto dele, aterrorizando-o com um grunhido feroz caso ele se mexa. Nesta posição, eles continuam latindo para avisar os caçadores, que se aproximam e aprisionam o escravo. Essas pessoas vivem com seus cães, dos quais são inseparáveis. Em casa, os cachorros são mantidos acorrentados e, quando caminham com seus donos, nunca são soltos, exceto quando são enviados para o ataque. A sua pele é muito mais dura que a da maioria dos cães, e assim deve ser toda a estrutura do corpo, já que as agressões severas que eles sofrem durante o treinamento matariam qualquer outra espécie de cão<sup>324</sup>.

---

<sup>319</sup>RAINSFORD. *An historical account of the black empire of Hayti: comprehending a view of the principal transactions in the revolution of Saint Domingo; with its antient and modern state*. P. XXIII.

<sup>320</sup>Ibidem. P. 56.

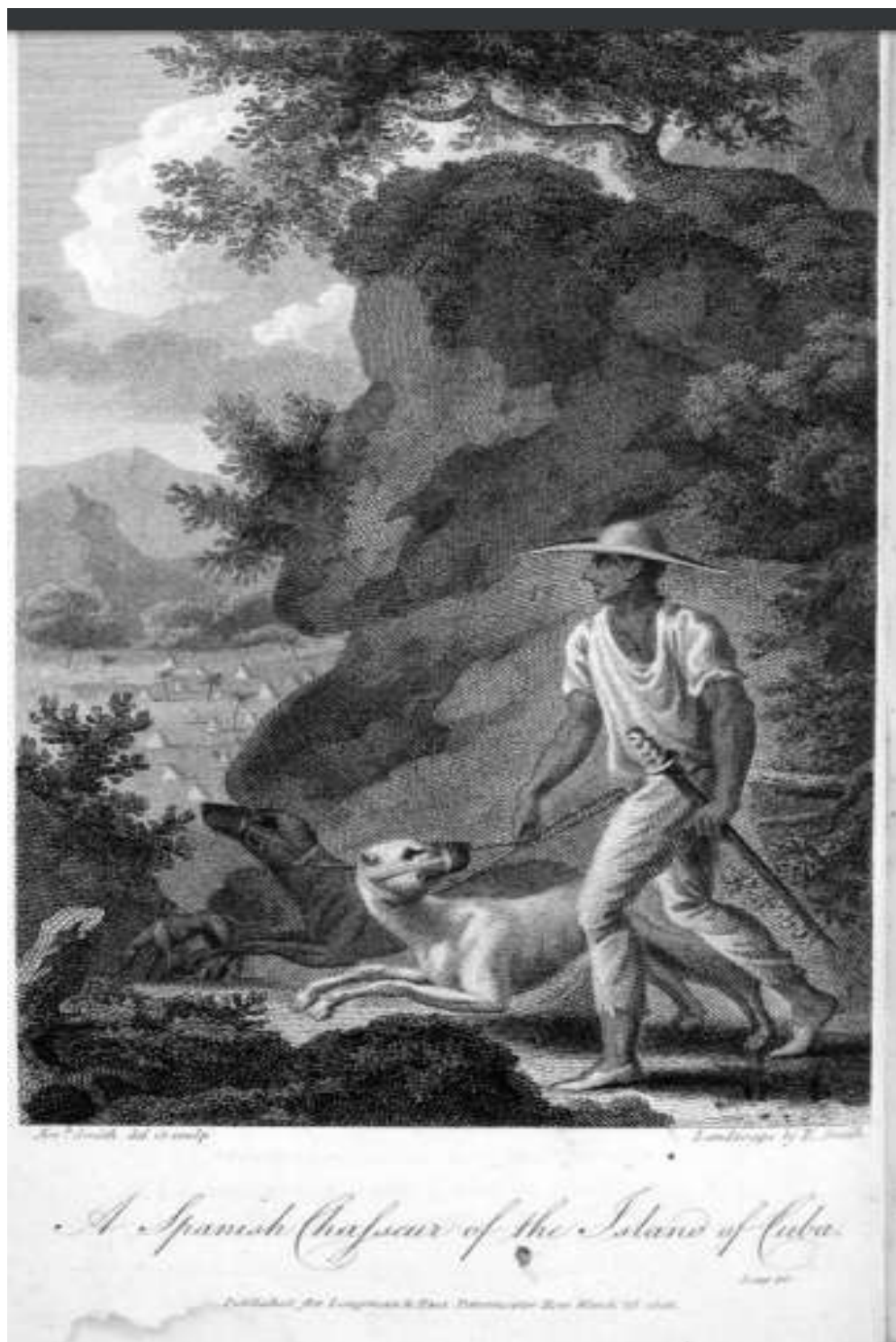
<sup>321</sup>Ibidem. P. 56. Tradução minha.

<sup>322</sup>RAMOS, Afonso. "Angola 1961, o horror das imagens". In: VICENTE, Filipa. *O Império da visão: Fotografia no contexto colonial português*. Coimbra: Edições 70. Almedina, 2014. P. 397-432.

<sup>323</sup>DALLAS, RC. *The History of the Maroons: From the origin to the establishment of their chief tribe at Sierra Leone*. London: John Carter Brown Library, 1796. P. 1.

<sup>324</sup>Ibidem. P. 72. Tradução minha.





Em 1803, o periódico *London Anti-Jacobin Review* resenhou o livro de Dallas e sublinhou que os cães de caça desencadearam uma espécie de comoção coletiva entre os britânicos, de modo que o próprio rei, George III, exigira que esses animais fossem retirados da Jamaica. O texto frisa, ainda, que os escravistas chegaram a se defender, acentuando que os cães eram uma medida

preventiva, que nem sempre eram utilizados, mas estavam sendo supervalorizados por abolicionistas que, dentro dos seus escritórios, afirmavam possuir compaixão por seres desafortunados, que nunca se preocuparam em conhecer<sup>325</sup>. No mesmo ano, Rochambeau, em uma carta, escreveu ao seu assistente Donatien-Marie-Joseph de Vimeur: “Eu lhe envio, meu querido Donatien, cães de caça. Esses reforços permitirão que você finalize as suas operações. Eu não preciso dizer que não há rações ou despesas autorizadas para a alimentação dos cães. Você deve dar a eles negros para comer”<sup>326</sup>. Sara Johnson acentua que demonstrações a respeito da ferocidade desses animais foram realizadas em Le Cap. Os cães eram usados para encenar uma performance sobre a supremacia e a dominação dos homens brancos. Essas apresentações públicas deveriam ser entendidas como um alerta severo de que o Estado poderia ser um predador temível e pronto para canibalizar carne humana<sup>327</sup>.

Na imprensa britânica, o texto de Rainsford sobre aos cães de caça apareceu em dois momentos. Em 20 de março de 1806, John Crowder, redator do *Public Ledger and Daily Advertiser* escreveu: “Tive acesso ao relato do senhor Rainsford, esse relato narrou a atroz tentativa de Bonaparte de recuperar São Domingos. Certa vez, uma criança foi mordida por cães ferozes e famintos”<sup>328</sup>. Em 23 de setembro de 1806, T. O’Donnel, redator do *Hibernian Journal; or, Chronicle of Liberty*, afirmou que havia lido a respeito da criação de cães de caça assassinos e gostaria de repassar as informações aos seus leitores. Sem citar Rainsford, o texto se assemelha muito ao do soldado.

Os cães são confinados em canis com barras de ferro na frente. Enquanto crescem, os seus criadores frequentemente expõem na frente de suas gaiolas uma figura parecida com um negro, homem ou mulher, com sangue e entranhas frescas. De imediato, esta figura chama a atenção dos animais. Gradualmente, os cães têm as suas refeições reduzidas, até ficarem quase mortos. A imagem continua sendo exposta e, quando eles passam a lutar com ferocidade redobrada contra o confinamento, são liberados para irem ao encontro da figura. Enquanto eles se empanturram com isso, os seus criadores os acariciam e os encorajam. Os franceses os usaram em sua luta contra São Domingos. Os cães surpreenderam uma inofensiva família de trabalhadores, que já haviam se submetido aos franceses e, como se fizessem uma simples refeição, rasgaram o bebê do peito de sua mãe<sup>329</sup>.

<sup>325</sup>BOSTOCK, R. *The Anti-Jacobin Review and Magazine, Or, Monthly Political and Literary Censor*, v. 15, 1803. P. 247.

<sup>326</sup>MADIOU, Thomas. *Histoire d’Haiti, vol. 2*. Port au Prince: Editions Henri Deschamps, 1989. P. 555. Tradução minha.

<sup>327</sup>JOHNSON, Sara. You Should Give them blacks to eat: waging inter-american wars of torture and terror. *American Quarterly*, v. 61, n.1, mar. 2009. P. 65-92.

<sup>328</sup>CROWDER, John. St. Domingo. *Public Ledger and Daily Advertiser*, London. 20. Mar. 1805, p. 2-3. Tradução minha.

<sup>329</sup>O’DONNEL, T. St. Domingo. *Hibernian Journal; or, Chronicle of Liberty County*, Dublin, 23. set. 1806, p. 3. Tradução minha.

Em meados de 1802, frente ao cenário caótico, Toussaint pediu que Leclerc poupasse os seus filhos e se entregou. Leclerc prendeu Louverture e a sua família, e os enviou para a França. Caberia à metrópole decidir o que fazer. Em junho, Toussaint entrou, pela única vez, em um navio que atravessaria o Atlântico. Em abril de 1803, faleceu no exílio. Ao deter Toussaint, Leclerc sentiu que havia conquistado uma grande vitória, mas no final de 1802, foi acometido pela febre amarela. Morreu sem cumprir a suposta promessa de ocupação pacífica. Henri Christophe e Jean Jacques Dessalines assumiram o controle do movimento e o general Rochambeau foi incumbido de substituir Leclerc. Solicitou à França mais homens e provisões e decidiu expandir a brutalidade das ações de Leclerc. A medida serviu apenas para tornar as ações de Christophe e Dessalines mais pungentes e contribuir para a vitória final do exército de São Domingos<sup>330</sup>.

---

<sup>330</sup> BLACKBURN. *The American Crucible: Slavery, Emancipation And Human Rights*. P. 167. DUBOIS. *Avengers of the New World: The Story of the Haitian Revolution*. P. 293. GIRARD. *Toussaint Louverture: A revolutionary life*. P. 225.



*Revenge Taken by the Black Army for the Cruelties Practiced on them by the French*<sup>331</sup> servia para vingar as imagens anteriores. Segundo Rainsford, Dessalines ordenou que os negros elevassem ao alto um oficial francês e colocassem uma corda em seu pescoço. Ao redor, o cenário

<sup>331</sup>RAINSFORD. *An historical account of the black empire of Hayti: comprehending a view of the principal transactions in the revolution of Saint Domingo; with its antient and modern state.* P. XXV.



se repete e uma série de outros homens brancos são encaminhados para o mesmo destino. Apesar de intensa, a imagem não possui o mesmo peso que as outras. Rainsford enfatiza que esses crimes não eram frequentes e reafirma que os negros estavam em paz, se movimentaram apenas porque os franceses instigaram tal comportamento<sup>332</sup>. Em 11 de fevereiro de 1806, o jornal *Chester Chronicle*, em uma possível referência à *An Historical Account*, acentuou que a Grã-Bretanha possuía ciência de que os negros haviam assassinado franceses porque sabiam que nenhuma conciliação seria ouvida, que nenhuma abertura seria concedida<sup>333</sup>. Em 08 de setembro de 1806, *Carlisle Journal County*, mencionando o relato de um irlandês, reforçou que Bonaparte não hesitou em trair, assassinar e destruir os negros de São Domingos, de modo que era de se esperar que eles também retalhassem os seus antigos senhores<sup>334</sup>.

Os Estados europeus predatórios tinham desenvolvido regras de guerra ao lutarem uns contra os outros, mas essas regras não se aplicavam às situações coloniais ou à repressão dos levantes de escravos. Os proprietários de escravos e seus seguidores lutaram para manter seus escravos em sujeição, e suas ações deveriam ser apoiadas pelos estados atlânticos mais fortes. Alguns historiadores chegam mesmo à conclusão pessimista de que a Revolução Haitiana, apesar de libertar meio milhão de escravos, foi um revés em vez de uma vitória, porque seu derramamento de sangue e violência racial minaram as reivindicações dos abolicionistas<sup>335</sup>.

A produção escrita de Rainsford possui algumas possibilidades de interpretação. Em um primeiro momento, a defesa à Revolução de São Domingos pode ser relacionada à trajetória pessoal do autor. A argumentação é até pertinente. O britânico havia sido salvo, possuía razões para resguardar a ilha. No entanto, Rainsford também lançou mão de São Domingos para condenar a dureza atrelada ao escravismo e assimilar o gradual desmantelamento desse sistema. O discurso comedido, porém simpático ao emancipaiconismo, serviu de inspiração para o abolicionismo britânico, que não demorou em usar São Domingos como justificativa para o fim do comércio de escravos. Em contrapartida, a produção visual desse escritor não se restringiu às dimensões abolicionistas. As gravuras, expressivas, funcionavam de forma independente ao texto escrito e poderiam ser desvinculadas da mensagem antiescravista. Não demorou até que imagens como *Revenge Taken by the Black Army for the Cruelties Practiced on them by the French* fossem assimiladas por nações empenhadas em manter a escravidão, como França e Espanha, e servissem de inspiração à produção de obras contrárias ao Haiti e ao abolicionismo. Analisaremos essas questões no próximo capítulo.

<sup>332</sup>Ibidem. P. 222.

<sup>333</sup>FLETCHER, John. St. Domingo. *Chester Chronicle*, Chester. 11. fev. 1806, p. 3.

<sup>334</sup>JOLIE, Francis. St. Domingo. *Carlisle Journal*, Cumberland. 08. set. 1806, p. 4.

<sup>335</sup>BLACKBURN. *The American Crucible: Slavery, Emancipation And Human Rights*. P. 176. Tradução minha.

## Capítulo 03: Jean Louis Dubroca e a Revolução de São Domingos

### 3.1 As contribuições do escritor Jean Louis Dubroca para a reescravização de São Domingos

Pouco se sabe a respeito da vida de Jean Louis Dubroca. Nasceu em Landes, França, em 1757, e se dedicou ao sacerdócio até 1789, quando teve início a Revolução Francesa. Nos anos seguintes, Dubroca se casou, tornou-se professor de eloquência e dicção e, em 1801, abriu uma livraria em Paris. Uma vez inserido ao mundo dos livros, Dubroca se tornou, também, um escritor e produziu diversos trabalhos associados a Napoleão Bonaparte<sup>336</sup>. Entre 1802 e 1804, período da campanha do imperador em São Domingos, Dubroca escreveu três biografias sobre alguns dos principais nomes da Era das Revoluções: *La vie de Bonaparte*, *La vie de Toussaint* e *La vie de Dessalines*. Veremos que, nos anos seguintes, os livros de Dubroca foram revisitados não só por escritores franceses, mas também por indivíduos de diversas regiões do Atlântico, como São Domingos, Nova Espanha e Cuba.

Encomendados pelo governo francês, os livros de Dubroca podem ser analisados sob a luz do conceito de política cultural. As políticas culturais são formulações ou propostas desenvolvidas pelo Estado para promover intervenções na sociedade através da cultura. Segundo Nestor Canclini, as políticas culturais almejam coordenar a dimensão simbólica, satisfazer as necessidades culturais da população e alcançar algum tipo de consenso a respeito da manutenção ou da transformação da ordem vigente. As políticas culturais estão ligadas a estratégias e atividades governamentais que viabilizam a produção, disseminação, propaganda e consumo de um determinado produto. No entanto, por conta da natureza disforme da cultura, as políticas culturais carecem de intenções claras, definidas e irrevogavelmente aceitas e não é incomum que os objetivos variem de acordo com a natureza do sistema político e dos valores ideológicos incorporados. Naturalmente, os discursos relacionados às políticas culturais convivem com os demais discursos do período, ainda assim, alguns se mostram tão pungentes que se torna impossível ignorá-los ou, até mesmo, pensar fora dos seus arcabouços<sup>337</sup>.

Curiosamente, Dubroca prometeu trabalhos imparciais. Em *La Vie de Bonaparte*, o autor afirma que as biografias relacionadas aos grandes homens, costumavam iniciar com o nascimento do biografado e realçar, desde as primeiras linhas, qualidades excepcionais e inerentes ao indivíduo. Essa estrutura, no entanto, possuía falhas, uma vez que se associava à imaginação do autor e se

<sup>336</sup>Cf. *Louis Dubroca (1757-183)*. [http://data.bnf.fr/12524386/louis\\_dubroca/](http://data.bnf.fr/12524386/louis_dubroca/). Acesso em: 04 de abril de 2018.

<sup>337</sup>CANCLINI, Nestor García. *Definiciones en transición*. Buenos Aires: CLACSO, 2001. FÉLIX, Paula. FERNANDES, Taiane. *Política Cultural*. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/POLITICACULTURAL.pdf>. Acesso em: 25/09/2018. MULCAHY, Kevin. *Public Culture, Cultural Identity, Cultural Policy Comparative Perspectives*. London: Palgrave Macmillan, 2017.

distanciava do fazer histórico. Não era esse o objetivo de Dubroca. “A verdade é a minha base e eu nunca pegarei o lápis exceto quando os eventos forem claros, apoiados por evidências autênticas. Este foi o plano que me baseei quando concebi o desejo de escrever a vida de Napoleão”<sup>338</sup>. Nesse sentido, Dubroca até menciona os anos de formação de Bonaparte, mas alerta que o passado era um campo nebuloso, no qual ele preferia não se deter, principalmente porque o presente parecia ser mais claro e o futuro, mais fascinante<sup>339</sup>.

As primeiras páginas de *La vie de Bonaparte*, no entanto, demonstram que Dubroca não cumpre o que estabelece e constrói uma narrativa parcial. Napoleão Bonaparte é descrito como um indivíduo formidável, que destruiu exércitos, reorganizou o governo francês e se dedicou às artes e às ciências. Em todas as ocasiões, seguiu princípios rígidos de conduta, dos quais jamais se desviou. Em 400 páginas, o livro enfatiza as campanhas militares de Bonaparte, os caminhos que o levaram ao império e os benefícios que esse governo proporcionou à França<sup>340</sup>. O texto não menciona as Antilhas, a Revolução de São Domingos ou qualquer outro conflito entre a metrópole e as colônias, de modo que a história de Bonaparte é contada sem máculas. De qualquer forma, os próximos dois livros se dedicariam a essa parte da história.

*La vie de Toussaint* propunha divulgar a trajetória de Toussaint Louverture que, segundo Dubroca, permanecia desconhecida da maior parte dos europeus. Superficialmente, era sabido que se tratava de um indivíduo peculiar, mas faltava esclarecer algumas questões. Toussaint é apresentado como um indivíduo que estabeleceu relações com pessoas influentes de São Domingos. Ao longo da vida, aprendeu a ler e a escrever, moderadamente, mas o bastante para perceber as limitações da sua condição como homem negro e escravo. Era um exímio cavaleiro, viajava com rapidez inconcebível, ao ponto de deixar os parceiros para trás, dormia pouco e raramente descansava após as refeições<sup>341</sup>. Os únicos elogios se convertem nos principais defeitos<sup>342</sup>. Dubroca acentua que Toussaint lançava mão dessas habilidades para cometer crimes e traições, matar seres humanos se assim julgasse conveniente. Deturpava os ensinamentos do catolicismo, de modo que

<sup>338</sup>DUBROCA. *La vie de Bonaparte*. P. 2. Tradução minha.

<sup>339</sup>Ibidem. P. 2-3.

<sup>340</sup>Ibidem. P. 256-299.

<sup>341</sup>DUBROCA. *La vie de Toussaint*. P. 3-4. P. 62.

<sup>342</sup>Segundo Antonello Gerbi, apesar das expectativas que circundavam o Novo Mundo, existia certa altivez europeia em relação às Américas. No decurso dos séculos, os europeus receberam boas notícias vindas de Cristóvão Colombo e Américo Vesúpcio, no entanto, em meados do século XVIII, pensadores iluministas reavaliaram as percepções que possuíam a respeito do Novo Mundo. Cornelius Pauw, por exemplo, sublinhou que o Novo Mundo apresentava deficiências estruturais e metafísicas, de modo que os indivíduos que se desenvolviam ou eram transportados às Américas, careciam das virtudes intelectuais, físicas e éticas do homem europeu. GERBI, Antonello. *The Dispute of the New World: The History of a Polemic, 1750-1900*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1973. PAUW, Cornelius. *Recherches philosophiques sur les Américains: ou, Mémoires intéressants pour servir à l'histoire de l'espece humaine*. Boston: John Adams Library, 1770.

vivia cercado por sacerdotes, mas não hesitava em trocar o altar pela carnificina generalizada<sup>343</sup>. “Seu caráter é uma mistura estranha e espantosa de fanatismo e paixões ferozes. Ele passa sem remorso do altar para a carnificina premeditada e da devoção aos mais sombrios artificios da perfídia”<sup>344</sup>. Ainda assim, em 1791, Toussaint hesitou. Não sabia a potencialidade do conflito ou se valeria a pena trair a fidelidade ao antigo mestre:

Longe de tomar parte nos movimentos que precederam a insurreição dos negros, ele parecia determinado a ficar distante de toda a intriga e violência dos tempos; e certo é que a história não tem que censurá-lo com qualquer participação nos massacres dos brancos mortos em agosto de 1791. Sua ambição não foi tentada mesmo pela conexão íntima com os chefes dos negros insurgentes<sup>345</sup>.

No decorrer da narrativa, qualquer vislumbre de retidão cede espaço à ambição. Toussaint aparece como um indivíduo feroz, que traiu antigos aliados e subiu indiscriminadamente de cargos. Em 1802, a figura de Toussaint era o principal obstáculo à reintegração da escravidão na colônia que havia sido a mais lucrativa e poderosa da França. Toussaint não almejou a Independência de São Domingos, mas tratou Bonaparte como igual e o seu autogoverno soou, para Dubroca, como um ataque à autoridade e à dignidade da nação francesa.

Nunca deveriam ter consentido em uma Constituição que os separa dos seus benfeitores, os corta de um país do qual são filhos e os entrega às mãos de um tirano, cuja fúria eles já experimentam com tanta frequência. Esta constituição não é fruto de trabalho, é a disposição de um partido mentiroso, que, junto às armas e ao seu chefe, espalharam o terror por toda a ilha e ousaram associar as suas vontades ao nome sagrado da vontade do povo e ao código, que garante a ambição pessoal desses cidadãos<sup>346</sup>.

Nessa conjuntura, a expedição de Leclerc se mostrou imprescindível. Leclerc e Bonaparte lutaram juntos contra os britânicos em Toulon, em 1793, em 1796, saíram vitoriosos na Itália e, em 1797, Leclerc se casou com Pauline, irmã de Bonaparte<sup>347</sup>. Em 1802, esperava-se que ele arrancasse São Domingos de Toussaint. Dubroca até ameniza a situação e ressalta que Bonaparte e Leclerc estruturaram uma campanha pacífica e articulada aos negros revolucionários. Henri Christophe e Toussaint Louverture haviam sido tranquilizados e informados sobre os próximos passos da campanha, mas responderam de forma incivilizada e se recusaram a receber os franceses<sup>348</sup>. Pouco depois, atearam fogo em Le Cap.

---

<sup>343</sup>Ibidem. P. 62.

<sup>344</sup>Ibidem. P. 62.

<sup>345</sup>Ibidem. P. 4. Tradução minha.

<sup>346</sup>Ibidem. P. 47. Tradução minha;

<sup>347</sup>DUBOIS. *Avengers of the New World: The Story of the Haitian Revolution*. P. 251.

<sup>348</sup>DUBROCA. *La vie de Toussaint*. P. 50-56.

A horrível ameaça dos negros foi executada. O esquadrão viu a cidade em chamas e esse espetáculo tornou-se ainda mais chocante pela chegada da noite na qual a ansiedade dos franceses foi levada ao maior extremo devido à total incapacidade de prestar qualquer socorro às infelizes vítimas dessa ação atroz. Quando o general Leclerc entrou na cidade Cap Français, as tropas francesas já estavam ocupadas em salvar as ruínas daquela cidade infeliz. A presença do general restaurou a ordem e a confiança. Os habitantes que escaparam do massacre reuniram-se ao redor dele<sup>349</sup>.

Existem poucas referências à Revolução de São Domingos na imprensa francesa. *La vie de Bonaparte* não foi anunciado. Em 20 de abril de 1802, o *Journal typographique et bibliographique: ou annonce de tous les ouvrages qui ont rapport à l'imprimerie* afirmou que *La vie de Toussaint* trazia as características mais notáveis da juventude de Toussaint, o seu encontro com o famoso Biassou, bem como as atrocidades da guerra que ele havia iniciado contra os franceses<sup>350</sup>. Alguns meses depois, em 26 de dezembro de 1802, o *Journal général de la littérature, des sciences et des arts* reforçou que São Domingos havia construído uma máquina infernal para destruir os franceses. Conforme Dubroca anunciara, Toussaint era o principal responsável por esse empreendimento, um ser atroz, um falso católico, sem moralidade ou dignidade, que havia convencido negros covardes de que a liberdade era um direito universal, que eles poderiam se tornar ociosos e impunes, que eles poderiam desrespeitar as leis e obedecer, apenas, às paixões vis<sup>351</sup>.

Além disso, *La vie de Toussaint* serviu de inspiração para a publicação de dois livros: *Histoire de Toussaint-Louverture chef des noirs insurgés de Saint-Domingue; précédée d'un coup d'oeil politique sur cette colonie, et suivie d'anecdotes et faits particuliers concernant ce chef des noirs, et les agents directoriaux envoyés dans cette partie du Nouveau-Monde, pendant le cours de la révolution*, de Charles-Yves Cousin d'Avallon<sup>352</sup>, e *Vie privée politique et militaire de Toussaint Louverture par un homme de sa couleur*, que possui autoria desconhecida<sup>353</sup>. Charles-Yves Cousin nasceu em uma família abastada na comuna de Avallon e trabalhou como banqueiro até agosto de 1792, quando foi demitido por conta dos acontecimentos da Revolução Francesa. Nos anos seguintes, Cousin tentou fazer de um antigo hobby, a escrita, a sua profissão e publicou uma série de trabalhos de história, economia doméstica, biografias, dicionários e romances. Apesar de lançar vários livros por ano, Cousin jamais conheceu o sucesso literário, chegou a ser classificado como

<sup>349</sup>Ibidem. P. 59-60. Tradução minha.

<sup>350</sup>FONTENAI, Abbé de. *Anonce. Journal typographique et bibliographique*, Paris. 20. abr. 1802. P. 3.

<sup>351</sup>GUILLON, Marie-Nicolas-Silvestre. *Saint Domingue. Journal général de la littérature, des sciences et des arts*, Paris. 28. dez. 1812. P. 2.

<sup>352</sup>COUSIN. *Histoire de Toussaint-Louverture chef des noirs insurgés de Saint-Domingue; précédée d'un coup d'oeil politique sur cette colonie, et suivie d'anecdotes et faits particuliers concernant ce chef des noirs, et les agents directoriaux envoyés dans cette partie du Nouveau-Monde, pendant le cours de la révolution*.

<sup>353</sup>*Vie privée politique et militaire de Toussaint Louverture par un homme de sa couleur*.

mau escritor, e faleceu, em 1840, sem receber a pensão que o ministro da educação, Narcisse-Achille de Salvandy, havia lhe prometido<sup>354</sup>.

*Histoire de Toussaint Louverture* afirma que Dubroca acabara de publicar uma espécie de esboço sobre a vida de Toussaint que, no entanto, estava longe de dar conta de todas as informações e explicações a respeito dos negros de São Domingos. Cousin almejava ultrapassar o trabalho de Dubroca e converter o seu livro na principal biografia sobre Toussaint, escrita em francês, até aquele momento.

Eu li todos os textos que apareceram nos últimos seis anos sobre Toussaint Louverture. Venho trabalhando há muito tempo e esperei o momento certo para trazer este livro à luz. *La vie de Toussaint*, de Dubroca, acabou acelerando a impressão do meu livro, mas Dubroca criou apenas um ligeiro e imperfeito esboço da vida de Toussaint<sup>355</sup>.

Segundo Cousin, o principal erro de Dubroca estava em imputar à Toussaint toda a culpa pelo movimento revolucionário. A França e as suas colônias deveriam ser entendidas como uma unidade, integradas a um único e poderoso império, de modo que seria imaturidade acreditar que os ecos da Revolução Francesa não atingiriam ao Caribe<sup>356</sup>. A Revolução de São Domingos era fruto das legislações francesas inconsistentes, das instituições mal estabelecidas e dos exageros dos escravistas, que semearam a revolta e o desespero nos negros da ilha. Nesse sentido, os indivíduos enviados pela França prometiam restaurar a calma e a tranquilidade, mas dificilmente saberiam manter o comedimento. A principal inovação no trabalho de Cousin se encontra neste ponto. Em 1802, poucos franceses desconfiavam que Bonaparte fracassaria, mas a obra previu a derrota das tropas francesas e sublinhou que os negros de São Domingos não seriam facilmente destruídos.

Vocês, que desfrutaram, no coração da Europa, todos os prazeres de suas conquistas, acreditam que um herói francês porá fim a todos os males que os colonos experimentam. É Toussaint Louverture quem ocupará o lugar central na história dessa revolução. A sua elevação foi rápida, mas não acredito que a sua queda será tão terrível como dizem<sup>357</sup>.

Apesar de não considerar Toussaint o principal responsável pela Revolução de São Domingos, Cousin não hesita em proferir profundas críticas ao negro revolucionário. Muitos indivíduos buscaram invalidar Toussaint, o que mais chama atenção em Cousin, é que ele promete um trabalho original, e até desenvolve ideias precursoras, mas, a maior parte de *Histoire de*

<sup>354</sup>BEAUMONT, René Moniot. *L'horrible naufrage de la Méduse: Théorode Géricault, Eugène Sue, Charles-Yves Cousin d'Avallon*. Paris: La Découverte. 2015. P. 111.

<sup>355</sup>COUSIN. *Histoire de Toussaint-Louverture chef des noirs insurgés de Saint-Domingue: précédée d'un coup d'oeil politique sur cette colonie, et suivie d'anecdotes et faits particuliers concernant ce chef des noirs, et les agents directoriaux envoyés dans cette partie du Nouveau-Monde, pendant le cours de la révolution*. P. III. Tradução minha.

<sup>356</sup>Ibidem. P.IV.

<sup>357</sup>Ibidem. P. V. Tradução minha.

*Toussaint Louverture* copia ideias, parágrafos ou mesmo páginas inteiras de *La vie de Toussaint*. Tendo em vista que somente em 1802, Cousin publicara mais 06 livros, torna-se inevitável o questionamento se ele realmente fizera uma pesquisa apurada sobre a vida Toussaint. No mais, a narrativa de Dubroca começava a receber as primeiras reproduções e apropriações.

Texto de Dubroca:

Este negro possui estatura mediana. Ele tem um olhar aguçado, rápido e penetrante. Sombrio por caráter, não há nada que impeça o sucesso dos seus empreendimentos. Ele é um excelente cavaleiro e viaja com uma rapidez inconcebível, chegando frequentemente ao final da jornada sozinho. Os seus ajudantes são incapazes de segui-lo em jornadas que são de cinquenta ou sessenta léguas. Costuma vestir-se com o seu uniforme de general. Ele sempre tem um lenço torcido ao redor da cabeça, onde ele também usa um chapéu militar. Seu humor é sombrio e taciturno, ele fala pouco e muito mal a língua francesa. Todas as suas ações estão cobertas com um véu de tão profunda hipocrisia que, embora toda a sua vida seja uma série contínua de traições e perfídias, ele ainda tem a arte de enganar todos aqueles que se aproximam dele a respeito da pureza das suas intenções. Seu caráter é uma mistura estranha e espantosa de fanatismo e paixões ferozes. Ele passa sem remorso do altar para a carnificina premeditada e da devoção aos mais sombrios artificios da perfídia. Ele aparece sempre escoltado por sacerdotes, pelos quais ele finge ter uma grande veneração. Os sacerdotes geralmente elaboram suas proclamações<sup>358</sup>.

Texto de Cousin:

Toussaint Louverture possui estatura mediana e uma aparência fraca. Ele tem um olhar aguçado, seu olhar é rápido e penetrante. Sombrio por caráter, não há nada que impeça o sucesso dos seus empreendimentos. Ele viaja um dia inteiro sem se cansar, chegando frequentemente ao final da jornada sozinho. Os seus ajudantes são incapazes de segui-lo em jornadas que são de cinquenta ou sessenta léguas. Seu humor é sombrio e taciturno, ele fala pouco e muito mal a língua francesa. Todas as suas ações estão cobertas com um véu de tão profunda hipocrisia que, embora toda a sua vida seja uma série contínua de traições e perfídias, ele ainda tem a arte de enganar todos aqueles que se aproximam dele a respeito da pureza das suas intenções. Seu caráter é uma mistura terrível de fanatismo e inclinações ferozes. Ele passa sem remorso do altar para a carnificina premeditada e da devoção aos mais sombrios artificios da perfídia. Ele aparece sempre escoltado por sacerdotes, pelos quais ele finge ter uma grande veneração; são eles que escrevem suas proclamações<sup>359</sup>.

Texto de Dubroca:

Longe de tomar parte nos movimentos que precederam a insurreição dos negros, ele parecia determinado a ficar distante de toda a intriga e violência dos tempos; e certo é que a história não tem que censurá-lo com qualquer participação nos massacres dos brancos mortos em agosto de 1791. Sua ambição não foi tentada

<sup>358</sup>DUBROCA. *La vie de Toussaint*. P. 62-63. Tradução minha.

<sup>359</sup>COUSIN. *Histoire de Toussaint-Louverture chef des noirs insurgés de Saint-Domingue; : précédée d'un coup d'oeil politique sur cette colonie, et suivie d'anecdotes et faits particuliers concernant ce chef des noirs, et les agents directoriaux envoyés dans cette partie du Nouveau-Monde, pendant le cours de la révolution*. P. 13-14. Tradução minha.

mesmo pela conexão íntima com os chefes dos negros insurgentes. Esta conduta extraordinária aproximou os laços de confiança e amizade entre Toussaint e seu mestre. No estado infeliz da colônia, entregue à cruel vingança dos negros, Toussaint tornou-se duplamente querido para a família do superintendente. Mas a moderação de Toussaint Louverture foi totalmente fingida. Sua conduta foi o resultado dos cálculos da hipocrisia mais profunda, que durante um tempo considerava apenas a questão incerta do empreendimento. Quando julgou que os negros triunfavam em quase toda parte, ele de repente escapou da casa de seu senhor e fugiu para o acampamento de Biassou. Este chefe dos insurgentes, feliz por ter um novo companheiro de atrocidades, deu-lhe a recepção mais cordial, e fez de Toussaint o seu secretário e conselheiro<sup>360</sup>.

Texto de Cousin:

Satisfeito, por assim dizer, com sua condição, ele não tomou parte nos primeiros movimentos de insurreição que apareceram nessa ilha; há mais, ele não sujou as mãos no horrível massacre de brancos, realizado no mês de agosto de 1791. Tal conduta, sábia, redobrou a confiança que seu mestre tinha nele. O tipo de neutralidade que ele mantinha naquela época dava-lhe uma certa preponderância sobre seu mestre, que tinha interesse em poupá-lo, conhecendo seus meios, o que ele poderia fazer e a influência que poderia obter sobre os negros. Não era possível prever que essa atitude seria apenas um cálculo de sua parte, e que ele aguardava o momento em que o sucesso dos negros estivesse assegurado para elevar o padrão da revolta. Quando julgou que os negócios da colônia se tornavam favoráveis aos seus desígnios e que os negros triunfavam em quase toda parte, ele escapou da casa de seu senhor, desapareceu da casa de Bréda, e se apresentou ao acampamento de Biassou, que o acolheu com amizade e ficou encantado por tê-lo como companheiro<sup>361</sup>.

Por sua vez, o relato anônimo *Vie privée politique et militaire de Toussaint Louverture par un homme de sa couleur* acentua que *La vie de Toussaint* se tratava de um trabalho ideológico mentiroso, encomendado pelo governo francês para desmoralizar Toussaint e os seus aliados. Não deveria ser levado em consideração, uma vez que Toussaint havia sido detido e não estava em condições de se defender. No entanto, como estava sendo amplamente difundido, o autor sentiu a necessidade de reunir informações sobre Toussaint e publicar *Vie privée et militaire de Toussaint Louverture*, um esboço imperfeito, porém genuíno a respeito desse líder revolucionário<sup>362</sup>. O autor se apresenta como um simples negro livre, que havia conhecido Toussaint, mas não pretendia se tornar o seu defensor ou apologista, apenas trazer uma narrativa alternativa a de Dubroca. “Deixem que ele seja traçado aos olhos da posteridade, como um homem ambicioso, cuja conduta é irracional

<sup>360</sup>Dubroca. *La vie de Toussaint*. P. 4. Tradução minha.

<sup>361</sup>COUSIN. *Histoire de Toussaint-Louverture chef des noirs insurgés de Saint-Domingue: précédée d'un coup d'oeil politique sur cette colonie, et suivie d'anecdotes et faits particuliers concernant ce chef des noirs, et les agens directoriaux envoyés dans cette partie du Nouveau-Monde, pendant le cours de la révolution*. P. 19-20. Tradução minha.

<sup>362</sup>*Vie privée politique et militaire de Toussaint Louverture par un homme de sa couleur*. P. 1-10.



e criminosa, e todos esquecerão o bem que ele fez, a honra e a reputação que ele possuía, e que poderiam tê-lo colocado entre os maiores benfeitores da humanidade”<sup>363</sup>.

Nas páginas seguintes, Toussaint é apresentado como um indivíduo de estatura mediana, olhar aguçado e cerca de 50, talvez 60, anos de idade. Ainda assim, era incansável. Levantava às 5 h, fazia uma breve oração e passava as manhãs fiscalizando as plantações. Às 10 h, ia à igreja e, em seguida, se direcionava aos serviços administrativos. Cavalgava com a graça e a leveza de um jovem, muitas vezes andava cinquenta ou sessenta léguas sem se esgotar, com incrível rapidez. Sempre usava o uniforme de general e mesmo que não falasse muito, estava constantemente atento ao que lhe diziam. Dedicava pouco tempo ao lazer, costumava apenas pregar em alguns domingos, no lugar do sacerdote<sup>364</sup>. Não aparentava viver no luxo e ao menos parecia vivenciar um dos princípios básicos que defendia: “Enquanto todas as famílias não tiverem o necessário, ninguém terá o direito de ter o supérfluo”<sup>365</sup>.

Em 1791, Toussaint era um dos principais supervisores da plantação dos Bréda, de modo que quando a Revolução começou, ele hesitou. Tentou se desvencilhar de indivíduos como Boukman e Biassou e se desvelou para proteger os seus antigos senhores. “Toussaint Louverture, vendo que a guerra civil estava prestes a estourar, preferiu passar por ingrato, em sacrifício ao seu benfeitor, do que se unir aos vários milhares de soldados”<sup>366</sup>. Nos meses seguintes, no entanto, Toussaint compreendeu o seu potencial como líder revolucionário e se tornou chefe absoluto de São Domingos. Ao longo dos dez anos e meio em que esteve no poder, Toussaint cercou-se de homens esclarecidos, como os sacerdotes, e se preocupou em tornar os negros da ilha seres civilizados e católicos, ligados aos trabalhos agrícolas e à reconstrução da região. Dessa forma, a colônia pôde desfrutar de momentos pacíficos, o comércio e a agricultura voltaram a se desenvolver e a ilha tornou a prosperar<sup>367</sup>.

Por algum tempo, Toussaint Louverture desfrutou de sua autoridade incomparável. Ele era temido, respeitado por seus inimigos. Ele era muito mais do que se poderia esperar e tentou fazer com que os seus erros fossem esquecidos por uma administração sábia e bem-feita. Os negros preferiram, como de costume, os trabalhos da agricultura, o que Toussaint incentivou, mas ele queria que a colônia prosperasse, também, pelo comércio e pelas artes<sup>368</sup>.

Por se tratar de um homem negro e ligado à Toussaint, o autor sabe que o seu trabalho pode ser acusado de parcialidade, ele espera, no entanto, que os leitores compreendam que Toussaint

<sup>363</sup>Ibidem. P. 11. Tradução minha.

<sup>364</sup>Ibidem. P. 52-60.

<sup>365</sup>Ibidem. P. 52. Tradução minha.

<sup>366</sup>Ibidem P. 18. Tradução minha.

<sup>367</sup>*Vie privée politique et militaire de Toussaint Louverture par un homme de sa couleur*. P. 25-40.

<sup>368</sup>Ibidem P. 39. Tradução minha.

realizou, ao mesmo tempo, feitos brilhantes e crimes hediondos. As atrocidades, que foram inerentes ao seu governo, poderiam ter sido minimizadas, por exemplo, se Toussaint se submetesse aos exércitos franceses. Essa atitude evitaria a sua detenção e asseguraria a sua presença na ilha, mesmo quando as tropas de Leclerc recuperassem a colônia. “As primeiras operações do exército francês já tiveram todo o sucesso, como poderíamos imaginar. Muito em breve, a paz voltará a reinar na ilha, mas Toussaint já está longe de São Domingos”<sup>369</sup>.

Nos meses seguintes, discursos otimistas a respeito da campanha de Leclerc, como o que vemos em *Vie privée politique et militaire de Toussaint Louverture*, perderam a razão de existir. No decurso da expedição, os franceses compreenderam que os negros não devolveriam São Domingos. Não existiria uma espécie de gratidão à metrópole, rendição à França ou qualquer outro tipo de colaboração. Além disso, as condições das tropas se tornaram cada vez mais precárias, faltavam suprimentos, munições e imunidade, uma vez que as doenças tropicais cobravam o seu preço<sup>370</sup>. Em 1803, Toussaint e Leclerc saíram de cena, mas outros nomes emergiram. Chegava a hora de Dubroca atacar Jean Jacques Dessalines.

De acordo com Dubroca, Jean Jacques Dessalines era um africano atroz, que havia sido transportado da Guiné para São Domingos. Analfabeto, nunca conheceu os hábitos europeus ou a civilização dos seus idiomas, sabia apenas assinar o próprio nome. Conservava a ferocidade e a barbárie da África em uma alma extremamente vingativa. A sua carreira de extermínios teve início com o assassinato do seu senhor, de cujo nome se apropriou. Ao longo dos anos, acumulou riquezas, um tesouro imenso, que conduzia consigo sempre que viajava<sup>371</sup>. Outro companheiro era a morte. Dessalines não demonstrava consideração ao sexo, idade ou condição da vítima. “Uma morte rápida era uma dádiva em vista de um fim tortuoso”<sup>372</sup>. Como não possuía limites, existiam poucos exemplos na história que pudessem ser comparados ao caráter do africano. Dessalines degolou quantos europeus julgou ser necessários, “todos que possuíam riquezas e ele poderia se apoderar”<sup>373</sup>. Nos poucos momentos em que poupou os brancos, aniquilou negros, cúmplices que cogitaram traí-lo e, até mesmo, fiéis seguidores, que jamais o abandonaram<sup>374</sup>.

Dubroca acentua que foi esse homem que Toussaint incumbiu de fiscalizar a agricultura da colônia, bem como os plantadores da ilha. A medida sujeitou esses indivíduos aos caprichos do

<sup>369</sup>Ibidem. P. 41. Tradução minha.

<sup>370</sup>DUBOIS. *Avengers of the New World: The Story of the Haitian Revolution*. P. 268-269.

<sup>371</sup>DUBROCA. *La vie de Dessalines*. P. 100

<sup>372</sup>Ibidem. P. 34. Tradução minha.

<sup>373</sup>Ibidem. P. 22. Tradução minha.

<sup>374</sup>Ibidem. P. 22.

africano, que não tardou em “exterminar proprietários e tomar propriedades”<sup>375</sup>. Para evitar sanções, no entanto, Dessalines fingiu que se redimiria e ajudaria os franceses a desarmar os negros. “Tudo anunciava aos infelizes colonos o fim de tantos males e as esperanças mais bem fundadas prometia a compensação de todos eles. Abriam-se de novo os portos da ilha ao comércio e as riquezas dos dois mundos começaram a inundar a colônia”<sup>376</sup>. Pouco depois, Dessalines retornou secretamente as armas aos revoltosos e deu continuidade à insurreição. Após o anoitecer, percorria a ilha, reanimava os indivíduos e inculcava o espírito revolucionário. Inevitavelmente, as plantações tornaram a ser aniquiladas<sup>377</sup>.

Em 1804, abordar a trajetória de Dessalines até justificaria a terceira obra, que finalizava a trilogia biográfica de Dubroca. No entanto, a campanha francesa em São Domingos acabara de ser derrotada, de modo que *La vie de Dessalines* possuía uma segunda motivação: apreender as associações entre a Revolução de São Domingos e o abolicionismo britânico. Nas palavras de Dubroca, o objetivo do livro era “exaltar às almas sensíveis quanto desse monstro, coberto de sangue humano e crimes, bárbaro por natureza e desnudo dos costumes da civilização europeia, encontrou no governo de uma nação da Europa socorro, apoio e proteção”<sup>378</sup>. Segundo o autor, a sociedade europeia confiava que a Grã-Bretanha não se envolveria em conflitos que se dedicassem a combater os princípios civilizatórios básicos estabelecidos pela Europa. Todavia, a nação atrelou os seus interesses aos objetivos de um movimento cruel, que atentou contra a vida de milhares de europeus.

Existem cruéis homens públicos na Inglaterra capazes de representar a nação inteira. Não conhecem os ministros dessa nação as combinações de ambição que legitimam essa terrível catástrofe? Não se preocupam com a Jamaica? O que farão quando os negros se virem no direito de matar ingleses? Quantas e mais funestas consequências podem acontecer com essa conduta do povo inglês!<sup>379</sup>

A atitude britânica era grave, mas não anulava, ao menos por completo, a ideologia abolicionista. Vez ou outra, a alma francesa também se regozijava ao imaginar as férteis plantações das Antilhas cultivadas por mãos livres. O próprio Dubroca não descartava a possibilidade, mas acreditava que não era o momento de a França examinar essa questão<sup>380</sup>. A Revolução de São Domingos arruinara famílias, assassinara cidadãos inocentes e não poderia reverberar em um movimento abolicionista. Além disso, os negros do Caribe não estavam preparados, uma vez que

<sup>375</sup>Ibidem. P. 22. Tradução minha.

<sup>376</sup>Ibidem. P. 76. Tradução minha.

<sup>377</sup>Ibidem. P. 76.

<sup>378</sup>Ibidem. P. 9. Tradução minha.

<sup>379</sup>Ibidem. P. 10. Tradução minha.

<sup>380</sup>Ibidem. P. 11.

não haviam sido treinados para viver em liberdade. “Não estranho que a liberdade tenha se manifestado em São Domingos sobre o aspecto de uma fúria, correndo aqui e ali com o machado em uma mão, o punhal em outra e a morte sempre diante de si”<sup>381</sup>. Ainda assim, a Grã-Bretanha exaltara Toussaint Louverture em trabalhos publicados por Marcus Rainsford e James Stephen e, em seguida, financiara a campanha de Jean Jacques Dessalines, ao oferecer munições aos seus soldados. Ademais, em 1803, o *Tratado de Amiens* havia chegado ao fim, bem como as relações pacíficas entre a Grã-Bretanha e a França, de modo que o apoio britânico ao nascimento do Haiti serviu, também, como uma tentativa de eliminar o comércio francês na ilha<sup>382</sup>.

Não se pode duvidar que a verdadeira causa das desgraças ocorridas em São Domingos consiste na avareza insaciável da Inglaterra, que não pode suportar a alegria de outra potência nessa rica colônia. Com essa ideia, há muito fomentava a discórdia entre os 500 mil negros que habitavam a ilha<sup>383</sup>.

Em São Domingos, restaram poucas alternativas aos homens brancos, além de migrar para as regiões vizinhas. Segundo Dubroca, em 1803, uma esquadilha se dirigiu até Baracoa, em Cuba, e foi recebida com entusiasmo pelos espanhóis. Pouco depois, os recém-chegados foram questionados a respeito de quem seriam os culpados pela situação: os britânicos ou a guarda de Dessalines? Sem hesitar, apontaram os primeiros. Dubroca legitima o posicionamento. Os negros até eram cruéis, mas não possuíam os princípios e nem a moralidade europeia. Os britânicos, no entanto, cometiam esses atentados em prol das suas ambições<sup>384</sup>. “Os ingleses, formados na escola de costumes europeus, em meio às relações políticas e sociais dos povos cultos, se prestam e se tornam cúmplices de crimes exacerbados, e isso é horrível ao extremo e mereceria vingança”<sup>385</sup>.

O discurso de Dubroca sobre o abolicionismo britânico foi consideravelmente difundido. Em 01 de dezembro de 1804, o *Journal Typographique et bibliographique* afirmou que *La vie de Dessalines* traria notas muito detalhadas sobre a origem, as características, a vida e as atrocidades cometidas pelos principais negros de São Domingos. O texto acentua, ainda, que os últimos debates ocorridos nas duas câmaras do parlamento britânico a respeito do Haiti haviam sido pouco produtivos. Os parlamentares negligenciaram a participação das tropas britânicas na Revolução de São Domingos, minimizaram o fato de que estavam usando esse movimento, que dizimara milhares de europeus,

---

<sup>381</sup>Ibidem. P. 80. Tradução minha.

<sup>382</sup>Ibidem. P. 82-84.

<sup>383</sup>Ibidem. P. 80. Tradução minha.

<sup>384</sup>Ibidem. P. 86.

<sup>385</sup>Ibidem. P. 94. Tradução minha.

como justificativa para pôr fim ao tráfico de escravos e concentraram as suas críticas às atuações de Bonaparte e Leclerc<sup>386</sup>.

No mesmo ano, o relato anônimo *Événemens qui ont précédé et suivi l'évacuation de Saint Domingue, publiés par un officier de l'état-major de l'armée*, afirmou que os britânicos haviam violado as convenções sociais e enviado tropas e munições para os negros de São Domingos. A Grã-Bretanha confiou em seu projeto abolicionista, acreditou que destruiria a França e reinaria, absoluta, nas Índias Ocidentais. Ela, no entanto, estava enganada. Este autor também não demonstra simpatia a Jean Jacques Dessalines. Dessalines é apresentado como um negro de 55 anos que não sabia ler e nem escrever, mas que se destacava pela força e virilidade: “ele é capaz de percorrer toda a ilha sem precisar descansar”. Andava sempre acompanhado por soldados, verdadeiros carrascos, que partilhavam da sua raiva e psicose. Em meados de 1803, Dessalines assegurou aos ingleses que eles seriam colocados em posse de uma fortaleza da colônia e teriam o comércio exclusivo da ilha no instante em que os exércitos franceses fossem evacuados. Naturalmente, ele descumpriu o acordo e o exército britânico, fraco e desmantelado, mal conseguiu contestar as ações do novo Imperador do Haiti<sup>387</sup>.

A única coisa que restou para os ingleses foi a vergonha de ter enviado reforços ao tirano dessa ilha. Por que eles esperam que um negro cumpra com a sua palavra, quando eles próprios foram insensatos? Negros e ingleses disputam a crueldade e a má-fé, embora eu acredite que os últimos ultrapassaram os primeiros. Ainda assim, admito estar surpreso com o projeto abolicionista britânico, que acarretará na perda de todas as colônias desse país<sup>388</sup>.

Em 1805, Felix Certeau, um antigo proprietário de terras de São Domingos, publicou *Examen Politique des Colonies Modernes* e realizou uma espécie de balanço a respeito do final do escravismo na ilha. O texto acentua que São Domingos havia sido altamente lucrativa para os interesses europeus, no entanto, os excessos dos outros plantadores da região, não os seus, acentua, fizeram com que a campanha de Leclerc se tornasse necessária.<sup>389</sup>

Não nos surpreendamos: há coisas muito boas, excelentes por si mesmas que, por abuso, se tornaram perniciosas. Nossas colônias foram comparadas àquelas casas de campo de puro prazer, onde os convidados bebem, jogam e até mesmo o mestre, que faz as honras, se rende à diversão e acaba arruinando todo o lugar. O sentimento que São Domingos não fará falta, permanecerá por muito tempo, mas,

<sup>386</sup> THIONVILLE, Jean. La vie de Dessalines. *Journal typographique et bibliographique*. 01. dez. 1804. P. 5.

<sup>387</sup> *Événemens qui ont précédé et suivi l'évacuation de Saint Domingue, publiés par un officier de l'état-major de l'armée*. P. 6-33. Tradução minha.

<sup>388</sup> Ibidem. P. 34. Tradução minha.

<sup>389</sup> CERTEAU. *Examen Politique des Colonies Modernes*. P. 4.

se as colônias são mesmo supérfluas, por que a França batalhou para recuperar São Domingos?<sup>390</sup>

Nessa conjuntura, Certeau sublinha que os seus prejuízos foram quase inimagináveis. As suas plantações foram queimadas, os seus escravos, influenciados pelos escravos das outras propriedades, se rebelaram, e pessoas próximas a ele, amigos e, até mesmo, familiares, morreram. Ainda assim, seria inútil tentar restabelecer São Domingos. A França precisaria reconquistar, repovoar e recultivar uma ilha que havia se transformado em um reino de negros<sup>391</sup>. Dessa forma, o livro se preocuparia em explicitar a principal mazela causada pela Revolução de São Domingos, que já havia sido apontada por Dubroca, a Grã-Bretanha havia lançado mão desse movimento para justificar o fim do tráfico de escravos.

Não há nada mais atroz e impolítico do que a conduta atual dos ingleses no auxílio e encorajamento que eles proporcionaram aos negros rebeldes de São Domingos. Aqui não há indivíduos ignorantes, trata-se de uma nação inteira representada por um rei, ministros e parlamentares que, imersos na ganância e na avareza, desejam a ilha sob a justificativa do fim do tráfico de escravos. Eles duplicaram os esforços, o alarme e a vigilância para evitar em suas colônias de escravos o que eles encorajaram na nossa. Estou longe de acreditar que qualquer francês teria a mesma conduta<sup>392</sup>.

Apesar dos discursos inflamados, esses textos não estão equivocados ao afirmar que, às vésperas da Independência do Haiti, os britânicos reforçaram os discursos de liberdade e enfatizaram que cuidariam da ilha. No final de 1803, o governo britânico enviou comissários da Jamaica para que negociassem com Dessalines. Assustaram-se com as imposições do negro revolucionário. Dessalines desejava liberdade de comércio, provisões e munições. Cinco dias depois, os britânicos tentaram permutar, mas receberam em troca mais exigências. Compreenderam que não seriam bem-sucedidos na antiga pérola das Antilhas<sup>393</sup>. Não por acaso, nos anos seguintes, a Grã-Bretanha lançou mão de Toussaint Louverture como figura-chave de São Domingos. Nascido nas Américas, apaixonado pela Europa e morto antes de São Domingos se tornar o Haiti. Inquietos, escravistas, como Dubroca, questionaram: e Dessalines?

Para os haitianos, Toussaint é uma figura, por vezes, transitória. O hino nacional do Haiti recebeu o nome de Dessalines. A bandeira do país se baseou em um projeto de Dessalines. Os principais feriados, 01 de janeiro, Dia da Independência e 18 de maio, Dia da Bandeira, comemoram acontecimentos que ocorreram após a morte de Toussaint<sup>394</sup>. Dessalines fez o que

<sup>390</sup>Ibidem. P. 5. Tradução minha.

<sup>391</sup>Ibidem. P. 121.

<sup>392</sup>Ibidem. P. 52. Tradução minha.

<sup>393</sup>Ibidem. P. 96. GIRARD. *Toussaint Louverture: A revolutionary life*. P. 235-240.

<sup>394</sup>Ibidem. P. 235-240.

Toussaint nunca ousou. Legitimou o extermínio dos brancos e converteu São Domingos em uma nação independente. No final de 1803, a situação das tropas francesas se tornou insustentável. Eles não possuíam nada além do ódio contra os revolucionários. Os livros de Dubroca se encaixam nesse cenário<sup>395</sup>. Os soldados remanescentes retornaram à Europa e deixaram para trás quase 50 mil mortos. Por sua vez, Jean Jacques Dessalines abandonou o termo Saint Domingue, que considerou francês demais para um país de negros. Haiti era o nome inicial da região, dado pelos ameríndios. O termo vem da língua Taino e significa “ilha montanhosa”. O Haiti almejava mitigar o colonialismo francês e a história dessa metrópole na ilha, desejava canalizar todo o sofrimento escravo em um novo Estado, destinado a garantir a liberdade irrevogável aos seus habitantes<sup>396</sup>.

Em contrapartida, Carolyn Fick acentua que os direitos e os deveres dos cidadãos de São Domingos haviam sido determinados pelas necessidades econômicas de uma colônia em guerra. Quando Toussaint assumiu o poder, os direitos foram restringidos e as obrigações, intensificadas e circunscritas. Liberdade e cidadania tinham, portanto, limitações. Nem o regime de *plantation*, nem o estatuto colonial de São Domingos haviam sido colocados em causa. As tentativas de Napoleão Bonaparte restabelecer a escravidão, em 1802, culminaram na independência do Haiti e em uma reformulação dos princípios de cidadania e nação, cujos fundamentos básicos estavam profundamente relacionados às heranças e contingências da Revolução. À medida que as estruturas do Haiti foram reforçadas e militarizadas, os cidadãos do novo país foram excluídos e marginalizados dos processos de construção nacional<sup>397</sup>. Dessa forma, o significado da cidadania haitiana, que surgiu com a independência, foi “dolorosamente construído e constringido pelas contingências históricas de uma idade de revolução, imperialismo e colonialismo atlântico que tinha dado forma às longas e heroicas lutas revolucionárias no Haiti pelos Direitos do Homem e do Cidadão”<sup>398</sup>. O pensamento de Marcus Rainsford se encaixa nesse contexto:

O perigo de uma comunidade de escravos libertos no arquipélago americano é a principal objeção ao novo Império do Haiti. Àqueles que formam a sua opinião pelos princípios errados; podem surgir medos desse tipo, à medida que a ignorância se surpreende à sombra dele no período da luz da lua. Se o Haiti existirá ou não como uma ilha independente, se a população negra das outras colônias das Antilhas continuará a aumentar - como ocorreu nos últimos cinquenta anos para compensar a população de brancos; acompanharemos a partir do presente. Espera-se que essa

<sup>395</sup>DUBOIS. *Avengers of the New World: The Story of the Haitian Revolution*. P. 266-293.

<sup>396</sup>Ibidem. P. 234.

<sup>397</sup>FICK. Para uma (re)definição de liberdade: a Revolução no Haiti e os paradigmas da Liberdade e Igualdade. P. 359.

<sup>398</sup>Ibidem. P. 359. Tradução minha.

Revolução seja associada entre as transações mais notáveis e importantes da história da humanidade<sup>399</sup>.

Frente à impossibilidade de consolidar um Império Escravista, a França decidiu vender a Louisiana aos Estados Unidos. Um vasto território, que não era mais interessante aos objetivos de Bonaparte. Para os norte-americanos, no entanto, a região se mostrou muito proveitosa, aumentou o cultivo do algodão e contribuiu para a ampliação do comércio negreiro interestadual. Por sua vez, Bonaparte se dedicou, entre outros assuntos, ao Bloqueio Continental e à invasão da Península Ibérica. Essas ações acabaram por estimular movimentos independentistas no Brasil e na maior parte da América Espanhola, além de permitir ao senhorio cubano reforçar a sua fidelidade à metrópole e permanecer como um dos principais sistemas escravistas do século XIX<sup>400</sup>.

Não obstante essa mudança de comportamento, a França demorou a aceitar, ou simplesmente acreditar, que o nascimento do Haiti se tratava de um cenário irreversível. As únicas questões autorizadas a aparecer na imprensa napoleônica, fortemente censurada, foram as descrições da ferocidade e da selvageria perpetrada pelos negros revolucionários. As atrocidades francesas dificilmente foram relatadas. Ao voltar à França em 1814, pela primeira vez desde 1789, Thomas Clarkson lamentou a desordem dos abolicionistas de Paris que, diante da hostilidade mobilizada, pareciam irremediavelmente fracos<sup>401</sup>.

### **3.2 *La vie de Dessalines se transforma em Vida de Jean Jacques Dessalines***

Bernarda Santiso e José López Macías se casaram em Cancela de Aguiar, Espanha, em 1765. Pouco depois, deram à luz ao primeiro filho do casal: Juan José Enrique López Santiso. Eventualmente, Bernarda e José tiveram dificuldades em sustentar o primogênito, que acabou sendo enviado a um tio comerciante, cuja identidade é desconhecida. Por conta desse tio, o pequeno Juan José migrou para diversas regiões da Espanha, até fixar residência em Cádiz, em 1780. Em 1789, Juan José Enrique López Santiso reduziu o nome para Juan López Cancelada. Tratava-se de uma homenagem, à região que nascera, e uma espécie de despedida. No mesmo ano, Cancelada se mudou para a Nova Espanha. Na Nova Espanha, Cancelada deu continuidade ao ofício que aprendera com o tio e trabalhou como caixeiro-viajante até 1799, quando a sua vida tomou novas proporções. Nesse ano, ele fixou residência na Cidade do México e, em seguida, se casou com María Antonia Dolores de Verazategui, mulher rica e influente. Tratou-se de um casamento rápido,

<sup>399</sup>RAINSFORD. *An historical account of the black empire of Hayti: comprehending a view of the principal transactions in the revolution of Saint Domingo; with its antient and modern state*. P. 360. Tradução minha.

<sup>400</sup>MARQUESE, Rafael. PARRON, Tâmis. Internacional escravista: a política da Segunda Escravidão. *Topoi*, v. 12, n. 23, jul.-dez. 2011, p. 97-117.

<sup>401</sup>DRESCHER. *Abolição: Uma História da Escravidão e do Anti-Escravismo*. P. 174.



em 1801 já haviam se divorciado, mas contribuiu para que Cancelada se tornasse alcaide da Nova Espanha, em 1801, e editor da *Gazeta de México*, em 1805<sup>402</sup>.

A *Gazeta de México* foi fundada em 1784 por Manuel Antonio Valdés e se tratava do principal periódico da Nova Espanha. Até 1805, possuía periodicidade quinzenal e tinha como público-alvo os espanhóis que viviam na colônia. O periódico reunia notícias de todo o mundo, principalmente da Europa, mas caracterizava-se pelo comedimento, de modo que não emitia opiniões contrárias a respeito da Coroa ou das mazelas da Nova Espanha. Entre 1804 e 1805, Cancelada se tornou amigo de Valdés e, mesmo sem experiência, se converteu no principal editor da *Gazeta de México*. Cancelada, no entanto, não se ambientou ao modelo do jornal. Em 1805, ampliou o número de publicações para duas vezes por semana, quartas-feiras e sábados. Em 1806, definiu que notícias extraordinárias receberiam edições exclusivas, em formato de livro, por meio de uma parceria firmada com a oficina Mariano Zúñiga y Ontiveros. A partir de 1808, desenvolveu profundas críticas a Napoleão Bonaparte, aos movimentos independentistas da América Espanhola e aos vice-reis Iturrigaray, Garibay e Liazana. Essas publicações culminaram no fechamento do periódico e na deportação de Cancelada para a Espanha, em maio de 1810<sup>403</sup>.

Cancelada organizou a publicação de dois livros sobre São Domingos: *Vida de J.J. Dessalines, jefe de los negros de Santo Domingo; con notas muy circunstanciadas sobre el origen, carácter y atrocidades de los principales jefes de aquellos rebeldes desde el principio de la insurreccion en 1791*<sup>404</sup>, de 1806, e *Código formado por los negros de la isla de Santo Domingo de la parte francesa hoi estado de Haití*<sup>405</sup>, de 1810. O primeiro se tratava de uma tradução do livro de Dubroca, *La vie de Dessalines*, já o segundo, era um compêndio de documentações, informações e ilustrações sobre o nascimento do Haiti. Apesar de existir um curto espaço de tempo entre os dois trabalhos, eles correspondiam a momentos distintos tanto à vida de Cancelada quanto à história do Império Espanhol<sup>406</sup>.

---

<sup>402</sup>TOSCANO, Verónica. “Juan López Cancelada: Escritor Público en ambos mundos”. En *Histórias*, v. 18, 1987. P. 115-123.

<sup>403</sup>OLIVARES, Alicia. V. Ramirez. Dessalines y Santo Domingo en la Nueva España, de la libertad al horror. *Graffylia: Revista de la Facultad de Filosofía y Letras*. Nº. 5, 2005. P 108-114.

<sup>404</sup>CANCELADA. *Vida de J.J. Dessalines, jefe de los negros de Santo Domingo; con notas muy circunstanciadas sobre el origen, carácter y atrocidades de los principales jefes de aquellos rebeldes desde el principio de la insurreccion en 1791*.

<sup>405</sup>CANCELADA. *Código formado por los negros de la isla de Santo Domingo de la parte francesa hoi estado de Haití*.

<sup>406</sup>Pérez. *La revolución haitiana en la obra de Juan López Cancelada (1806-1810)*. P. 218.

*La vie de Dessalines* havia sido traduzido pela primeira vez para o espanhol em 1805, na cidade de Madri, pelo desconhecido D.M.G.C<sup>407</sup>. Além de ampliar o título da obra, D.M.G.C realizou algumas modificações ao texto original. É possível perceber que o tradutor não compartilhava com Dubroca o fanatismo por Napoleão Bonaparte. O livro estende as boas ações do “primeiro cônsul” para o “governo francês”, retira trechos que exaltam a liberdade atrelada ao governo de Bonaparte e suprime o intervalo entre as páginas 34 e 39, que mencionam o pacifismo da campanha de Leclerc<sup>408</sup>. Pouco depois do lançamento, o periódico *memorial literário o biblioteca periódica de ciencias y artes* classificou *Vida de J. J. Dessalines* como um bom livro a respeito das atrocidades e dos horrores que acometeram o Novo Mundo, mas estabeleceu ressalvas. Sem mencionar o trabalho original, acentuou que o texto pecava pela superficialidade, não oferecia informações significativas sobre a história de Dessalines e se prendia a pensamentos dicotômicos entre bem e mal. No final das contas, deveria ser renomeado para *Notícias acerca de Dessalines*<sup>409</sup>.

Cancelada reproduziu, integralmente, o título e a tradução de D.M.G.C, sob a justificativa de que o próprio tradutor enviara uma cópia do trabalho à *Gazeta de México*. “Tendo chegado à minha mão este compêndio, graças ao favor de um amigo do comércio, eu percebi a utilidade que decorreria de sua publicação na Nova Espanha”<sup>410</sup>. A versão mexicana, no entanto, possui três grandes novidades: uma introdução, dez gravuras e uma cópia da constituição do Haiti, promulgada por Dessalines em 1806, após a Independência da ilha. No início do século XIX, textos sobre São Domingos estavam sendo amplamente traduzidos e, entre 1805 e 1806, *La vie de Dessalines* também recebeu versões em inglês e em alemão, mas Cancelada não era um tradutor. Por que ele manifestou interesse em publicar uma “versão mexicana” do livro? Por quais razões ele recuperaria, e ampliaria, o trabalho de Dubroca?

Essencialmente, *La vie de Dessalines* esmiúça as atrocidades cometidas por revolucionários como Toussaint e Dessalines, acentua as ações de Bonaparte para conter a Revolução de São Domingos e condena a participação do abolicionismo britânico nesse processo. A Nova Espanha nunca possuiu tantos escravos como São Domingos, Robin Blackburn afirma que a

<sup>407</sup>DUBROCA, Jean Louis. *Vida de J.J. Dessalines, gefe de los negros de Santo Domingo; con notas muy circunstanciadas sobre el origen, carácter y atrocidades de los principales gefes de aquellos rebeldes desde el principio de la insurreccion en 1791*. New York: New York Public Library, 1805.

<sup>408</sup> DUBROCA. *La vie de Dessalines*. P. 5-15. DUBROCA. *Vida de J.J. Dessalines, gefe de los negros de Santo Domingo; : con notas muy circunstanciadas sobre el origen, carácter y atrocidades de los principales gefes de aquellos rebeldes desde el principio de la insurreccion en 1791*. P. 131. 150.

<sup>409</sup>CARNERO, José María. *Vida de J. J. Dessalines*. Traducido del frances por DMGC. Se vende en casa de Fuentenebrero. *Memorial literario o Biblioteca periódica de ciencias, literatura y artes*. Madrid, 30 ago. 1805, n. 24. P. 18. Tradução minha.

<sup>410</sup>CANCELADA. *Vida de J.J. Dessalines, gefe de los negros de Santo Domingo; : con notas muy circunstanciadas sobre el origen, carácter y atrocidades de los principales gefes de aquellos rebeldes desde el principio de la insurreccion en 1791*. P. 6.

América Central e o México comportaram entre 10 mil e 20 mil cativos, ainda assim, o discurso de Dubroca se ajustou às intenções de López Cancelada<sup>411</sup>.

Não há nada mais errado do que ficar indiferente sobre o que acontece, de bom ou ruim, na política de outras nações porque elas não nos tocam pessoalmente. Muito se engana um Estado quando crê que não importa o que aconteceu a duas mil léguas do seu continente. O mundo político não é apenas físico. Uma cédula dá impulso à massa geral e estende a sua condução de um extremo ao outro do globo terrestre. O conhecimento dessa verdade será mais perceptível após a leitura deste compêndio sobre os terríveis acontecimentos da ilha de São Domingos<sup>412</sup>.

No início do século XIX, a Nova Espanha era a colônia mais rica da Espanha e, às vésperas de se tornar independente, possuía cerca de 6 milhões de habitantes, mais de um terço da população total do império espanhol no ultramar. A capital, Cidade do México, se tratava da maior cidade tanto da América do Norte como do Sul e era, depois de Madri, a maior cidade do Império. No entanto, a Espanha impunha uma série de restrições econômicas ao vice-reino, como a proibição de comércio com portos estrangeiros, a existência de monopólios sobre o tabaco, a pólvora e o mercúrio, além de um grande número de impostos que deveriam ser pagos tanto para exportar produtos mexicanos quanto para importar bens estrangeiros. Essas restrições custaram à Nova Espanha 17,3 milhões de pesos anuais nos últimos 20 anos do regime colonial. Dessa forma, desde meados do século XVIII, os crioulos do vice-reino questionavam a extensão do poder conferido aos espanhóis da região, pleiteavam reconhecimento social e político e, até mesmo, a independência da colônia<sup>413</sup>.

Nesse sentido, a versão mexicana de *Vida de J. J. Dessalines* lançava mão da Revolução de São Domingos para convocar a comunhão dos homens brancos da Nova Espanha e conter as movimentações independentistas que assolavam a região. Ao longo da introdução, Cancelada sublinha que a desunião dos brancos de São Domingos desencadeou a Revolução Haitiana, um fenômeno cruel, que matou milhares de plantadores, mulheres e crianças. Quando esse movimento chegou ao fim, deixou no ar um perigoso espírito revolucionário, que poderia atingir às castas ditas inferiores, leia-se, negros e indígenas. Nessa conjuntura, Drescher acentua que a América Espanhola oscilou entre o livre comércio de escravos e o medo das revoltas de escravos, a própria Nova Espanha recebera alguns indivíduos vindos do Haiti, especialmente em Veracruz. No entanto,

---

<sup>411</sup>BLACKBURN. *The Overthrow of Colonial Slavery, 1776-1848*. P. 334.

<sup>412</sup>CANCELADA. *Vida de J.J. Dessalines, jefe de los negros de Santo Domingo; : con notas muy circunstanciadas sobre el origen, carácter y atrocidades de los principales gefes de aquellos rebeldes desde el principio de la insurreccion en 1791*. P. 7. Tradução minha.

<sup>413</sup>DRESCHER. *Abolição: Uma História da Escravidão e do Anti-Escravidismo*. P. 181. BETHELL. *Historia de América Latina 5*. P. 41.

quaisquer que fossem as discussões a respeito da escravidão e do abolicionismo, o governo imperial nunca alterou a sua política de expandir o comércio de escravos e encorajar o escravismo<sup>414</sup>.

O resultado foi que o que restava da América Espanhola fez com que o período após 1800 fosse o mais dinâmico e maciço dos quatrocentos anos de história da escravidão do Novo Mundo espanhol. A Espanha teria a distinção de ser o primeiro e último poder europeu a importar escravos africanos para as Américas ao longo de três séculos e meio<sup>415</sup>.

A introdução de Cancelada servia, ainda, para alertar aqueles que esperavam suporte britânico na luta pela Independência da Nova Espanha. “Seres passionais da Grã-Bretanha deram ouvidos aos emissários de Toussaint e Dessalines. Veja o que essa nação apoiou. Veja o preço que ela pagou. Zombou da palavra liberdade e contribuiu para a independência de São Domingos”<sup>416</sup>. Em 18 de outubro de 1806, Cancelada já havia publicado, na *Gazeta de México*, uma matéria sobre as movimentações abolicionistas da Grã-Bretanha e as sucessivas tentativas de Granville Sharp abolir o comércio de escravos na Câmara dos Comuns. Cancelada reproduz uma longa argumentação de Sharp:

O tráfico comete três grandes crimes contra a humanidade. Inicialmente, os africanos são arrancados do seu continente de origem, afastados da família e dos amigos. Em seguida, são enviados às Américas. Finalmente, são explorados nas colônias. Todas as etapas são caracterizadas pela crueldade e violência e, inevitavelmente, contribuem para que os escravizados se tornem indivíduos brutais. Os africanos são privados dos laços que lhes trazem felicidade, se veem condenados a sofrer as maiores misérias em sua travessia da África às Américas. Impossível que alguém, por mais endurecido que seja, possa ver com serenidade os horrores que são cometidos durante essas viagens e ao duro trato que estão condenados os desgraçados negros. Nas Índias, são submetidos a plantadores tirânicos, enfrentam longuíssimas jornadas de trabalho, expostos aos raios do sol escaldante. Os princípios da justiça, estabelecidos pela Europa, devem se estender a todas as regiões do globo e nada há mais contrário a estes princípios que roubar a liberdade de outro indivíduo. Isto é injusto, inumano e apolítico. Lançar mão das vantagens econômicas do comércio de escravos é o mesmo que defender o roubo ou qualquer outro crime. Os acontecimentos em São Domingos servem de alerta. O perigo cresce à medida que aumenta o número de negros. O comércio de escravos precisa chegar ao fim. Esses indivíduos não podem continuar sendo escravizados. Essas razões me fazem pensar que a resolução da Câmara dos Comuns está fundada sobre os princípios mais justos e estimula a Câmara dos Lordes a tomar outra determinação semelhante para a abolição do comércio de escravos. Não só

<sup>414</sup>DRESCHER. *Abolição: Uma História da Escravidão e do Anti-Escravismo*. P. 183-184.

<sup>415</sup>Ibidem. P. 185. Tradução minha.

<sup>416</sup>CANCELADA. *Vida de J.J. Dessalines, gefe de los negros de Santo Domingo; : con notas muy circunstanciadas sobre el origen, carácter y atrocidades de los principales gefes de aquellos rebeldes desde el principio de la insurreccion en 1791*. P. 7.

penso que a abolição do comércio será muito vantajosa aos africanos, mas também que faria introduzir em nossas colônias um menor número de negros<sup>417</sup>.

E concorda que o comércio de escravos é um sistema cruel, como também é a escravidão, mas hesita em se vincular ao abolicionismo. Para o espanhol, as inúmeras mazelas da humanidade não deveriam ser solucionadas sem que se calculassem as consequências e refletissem se não resultariam em problemas maiores. “É um inconveniente adotar princípios abstratos sem prever os resultados. Os decretos da França sobre os negros produziram uma devastação horrível em São Domingos”. No final do texto, Cancelada acentua que, apesar de todos os debates e votações, o tráfico e a escravidão ainda não haviam sido suprimidos pela Grã-Bretanha<sup>418</sup>. O abolicionismo britânico tornou a ser mencionado apenas no dia 13 de junho de 1807. *En passant*, Cancelada comenta que traficantes britânicos haviam apresentado ao parlamento petições em defesa do comércio de escravos<sup>419</sup>.

No dia 24 de dezembro de 1806, a *Gazeta de México* anunciou o lançamento de *Vida de J. J. Dessalines*. Cancelada acentua que a história da Revolução de São Domingos, traduzida do francês para o espanhol em Madri, fora lida na Espanha com o maior interesse. Havendo conseguido o editor por casualidade um exemplar, não demorou em reimprimi-lo na América, com uma dedicatória para toda a Nova Espanha. Dubroca não é mencionado. “Acrescentei ao texto uma introdução que prepara o, tenro e sensível, coração dos filhos da NE a uma loucura muito distante dos seus suaves costumes. Desde o ano de 91 até a presente data, os negros cobrem São Domingos com martírios atroz e inumanos”. Para os que não pretendessem ler as páginas do livro, ficava a recomendação de que, ao menos, comprassem as gravuras sobre os revolucionários de São Domingos. O livro seria vendido na sede do periódico, Portal de los Augustinos, e na própria casa do editor, Rua de Santo Domingo, número 09. O livro sem as ilustrações custava 23 reales, com as ilustrações esse valor subia em 04 pesos. Caso quisessem comprar somente as gravuras, as 10 imagens custavam 05 pesos. A notícia dedicava um parágrafo exclusivo a essas imagens, que abordaremos na próxima seção.

O livro possui 10 gravuras com os retratos dos principais negros, desde o precursor Biassou até o execrável Dessalines. Dessalines aparece em três distintas imagens. A primeira, em suas sangrentas atividades de general em chefe, com a cabeça de uma bonita jovem na mão e partes de seus membros atirados no chão; a outra, sentada no trono no dia de sua coroação, pronunciando um longo e abominável discurso aos seus vassalos negros contra os brancos e a última, apresentando-se em dia de gala, ostentando a majestade de imperador, com uma coroa e insígnias concedidas

<sup>417</sup>CANCELADA, Juan López. Continuation de las noticias de Europa. GRAN BRETAÑA. *Gazeta de México*, Ciudad de Mexico, 18 out. 1806. P.1-3. Tradução minha.

<sup>418</sup>Ibidem.

<sup>419</sup>CANCELADA, Juan López. GRAN BRETAÑA. *Gazeta de México*, Ciudad de Mexico, 13 jun. 1807. P. 4-5.

pelos ingleses. As outras imagens também possuem muito interesse. A de *Lauberture*, porque possui um grande papel na história, até o momento em que o levaram arrastado à França, a de Christobal (mulato), porque foi o maior incendiário de todos os tempos, e Christobal Clerbeaus (negro), porque se tornou o Ministro de Estado do novo Império, Generalíssimo das Armas da Terra e Almirante da Marinha. Em seu nome foi publicada a constituição do Império do Haiti<sup>420</sup>.

### 3.3 As gravuras de *Vida de Jean Jacques Dessalines*

Juan López Cancelada contratou dois gravuristas para dar vida às imagens de *Vida de J. J. Dessalines*: José Simón Larrea, que se dedicou aos retratos dos líderes revolucionários, e Manuel López, que ilustrou as cenas mais impactantes do livro. As imagens vinham acompanhadas de longas legendas, que almejavam atingir o leitor e torná-las auto-suficientes, caso não fossem vistas na versão ilustrada de *Vida de J. J. Dessalines*. Juntas, propunham narrar a trajetória dos dirigentes de São Domingos desde os tempos de Biassou até a coroação de Dessalines, em outubro de 1804, sob o nome de Jacques I. No entanto, exceto pela coroação, que mesmo assim apresenta controvérsias, a maior parte das imagens não representa eventos históricos da Revolução de São Domingos. Não existem comprovações de que as cenas tenham realmente ocorrido e algumas delas sequer correspondem aos eventos narrados por Dubroca. Ainda assim, as imagens foram importantes para aumentar a popularidade, bem como as vendas do livro e acentuar o efeito social que esse movimento revolucionário representava<sup>421</sup>.

As gravuras de Larrea abrem as ilustrações do livro. As suas imagens se baseavam nas correntes neoclássicas europeias, com retratos ovulados, nítidos e sem ornamentação<sup>422</sup>. Pelo menos as gravuras referentes à Biassou e à Toussaint foram inspiradas na coletânea de imagens publicadas em Paris, entre 1796 e 1802, por François Bonneville, na qual Bonneville se dedicou a produzir retratos sobre os principais líderes da Revolução Francesa e de São Domingos<sup>423</sup>. Segundo Agnes Ortiz, as gravuras produzidas por Bonneville eram totalmente negativas e estereotipadas e não se

<sup>420</sup>CANCELADA, Juan López. MADRID. *Gazeta de México*, Ciudad de México, 24 dez. 1806. P.7-8. Tradução minha.

<sup>421</sup>PÉREZ, Jesús Paniagua. Las Ilustraciones en la obra de Juan López Cancelada sobre la Revolución de Haití. *Archivos Regionales, Derechos, Memoria e Identidad*. ano LXXXV, v. XXXVIII, n. 136. Santo Domingo, maio-ago 2013. P. 219-269. WALLACE, Kelly Donahue. Ilustrando el terror de rebelión. Los grabados de la vida de J.J. Dessalines. In: GUZMÁN, Fernando, CORTÉS, Gloria y MARTÍNEZ, Juan Manuel. *Arte y crisis en Iberoamérica. Segundas Jornadas de Historia del Arte*, Santiago de Chile, Ril Editores, 2004. P. 84-91.

<sup>422</sup>PÉREZ. Las Ilustraciones en la obra de Juan López Cancelada sobre la Revolución de Haití. P. 241.

<sup>423</sup>Existem poucas informações sobre a vida de François Bonneville. Ele trabalhou como pintor, desenhista e gravurista em Paris, entre 1791 e 1814. Nesse período, Bonneville produziu uma série de retratos de pessoas famosas da Revolução Francesa e de São Domingos. PLAIDEUX, Hugues. *De Coutances à Paris: François Bonneville (1755-1844), un artiste en Révolution*. Paris: Société d'archéologie et d'histoire de la Manche, 1952. As imagens de Bonneville estão disponíveis em: Musée de la Révolution Française. [https://dcpvizille.cg38.fr/vizille\\_internet/default.jsp?ac=vizille\\_internet&at=vizille\\_internet&bc=simplequery&archive=DCP\\_VIZI&view=view2&statement=NO\\_INVEN=1984.625](https://dcpvizille.cg38.fr/vizille_internet/default.jsp?ac=vizille_internet&at=vizille_internet&bc=simplequery&archive=DCP_VIZI&view=view2&statement=NO_INVEN=1984.625). Acesso em: 28 de setembro de 2018.

relacionavam a nenhuma das descrições que já haviam sido feitas a respeito dos negros revolucionários<sup>424</sup>

Biassou por Bonneville x Biassou por Larrea (*Biasou Primer jefe de los Negros de Santo Domingos*)<sup>425</sup>.



Não existem muitas informações a respeito das origens de Georges Biassou. É provável que ele tenha nascido escravo em São Domingos, em 1741. O seu nome aparece atrelado aos primeiros momentos da Insurreição, por exemplo, os acontecimentos em Bois Caiman, junto à figura de Dutty Boukman. Foi do grupo comandado por Biassou que saiu um dos principais indivíduos da Revolução de São Domingos: Toussaint Louverture<sup>426</sup>.

Foi o execrável Biassou quem desafiou as tropas francesas e organizou os negros, mas ele carecia de toda ideia de arte militar e da organização necessária para manter um exército em campanha. No entanto, Toussaint se apresentou em sua tenda e ele viu a sua sorte mudar<sup>427</sup>.

<sup>424</sup>LUGO-ORTIZ. *Slave Portraiture in the Atlantic World*. P. 354.

<sup>425</sup>CANCELADA. *Vida de J.J. Dessalines, gefe de los negros de Santo Domingo; : con notas muy circunstanciadas sobre el origen, carácter y atrocidades de los principales gefes de aquellos rebeldes desde el principio de la insurreccion en 1791*. P. 7-8.

<sup>426</sup>Ibidem.

<sup>427</sup>Ibidem. Tradução minha.

Toussaint por Bonneville x Toussaint por Larrea (*Louverture Capitain de Guardias de Baisoy y despues General en gefe de la Isla de Sto Domingo, fue arrestado y llevado á francia*)<sup>428</sup>.



Toussaint nasceu na ilha, ao leste do Cabo Francês. Submeteu-se ao mando de Biassou e foi um dos generais mais sagazes da Insurreição. Possuía olhos vivos, rápidos e penetrantes. O seu rosto apresentava uma certa persuasão, que era demasiadamente sedutora. A ele que se deve a maior parte da obra que começou Biassou. Foi, no entanto, preso devido a uma traição vil de Dessalines. Morreu na miséria, em uma tristeza profunda. No retrato, Toussaint está no auge do seu poder<sup>429</sup>

<sup>428</sup> CANCELADA. *Vida de J.J. Dessalines, gefe de los negros de Santo Domingo; : con notas muy circunstanciadas sobre el origen, carácter y atrocidades de los principales gefes de aquellos rebeldes desde el principio de la insurreccion en 1791*. P. 18-20.

<sup>429</sup> Ibidem. Tradução minha.



Dessalines por Larrea (*Primer Emperador de Hayti en dia de Gala*). Cristobal (*Cristobal Ministro de estado de Hayti Generalissimo de las armas de tierra y Almirante de Marina*)<sup>430</sup>.



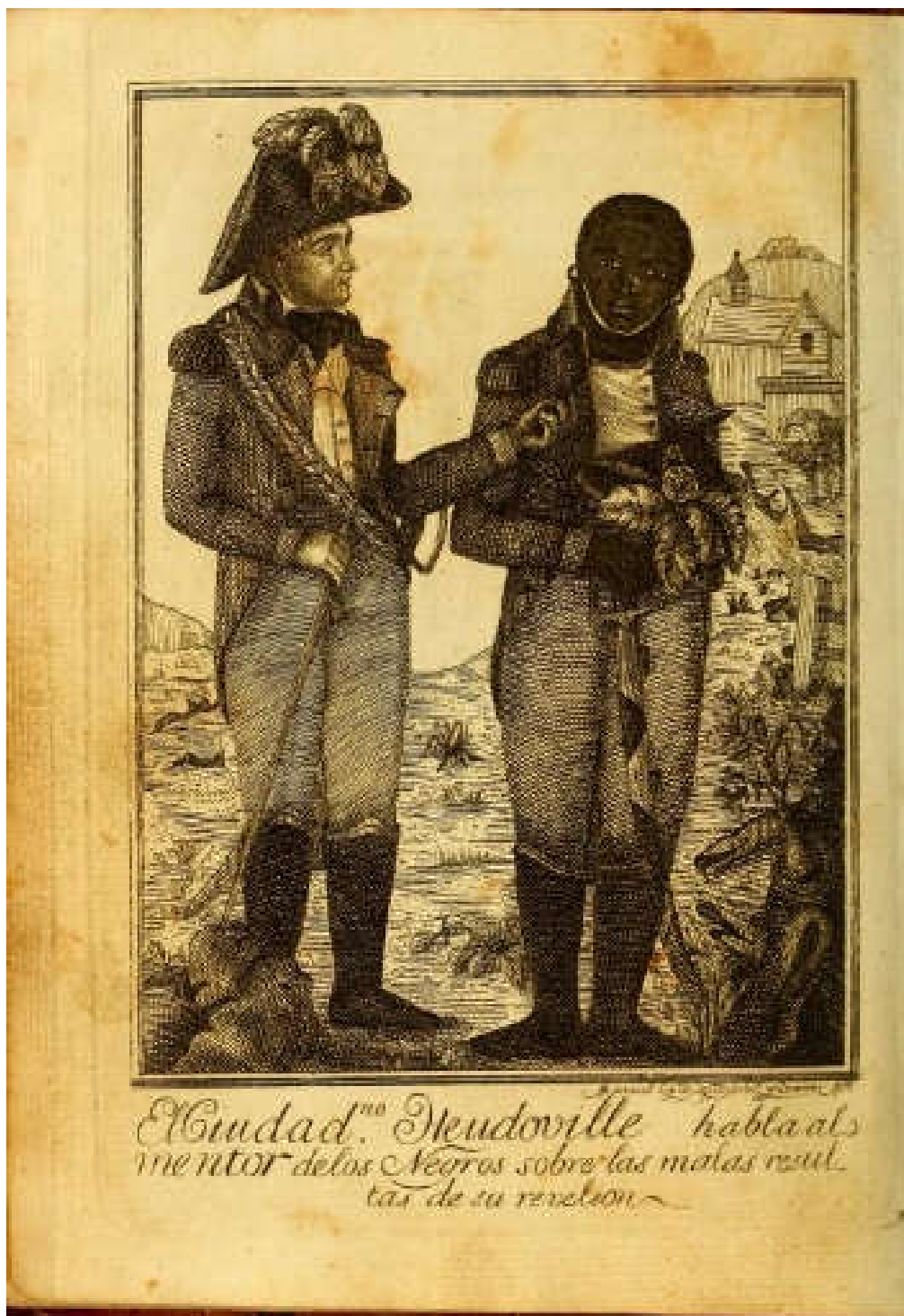
A fisionomia de Dessalines era sumamente áspera e selvagem, a cabeça grande, o pescoço curto, o nariz chato e muito largo, os lábios grossos e os olhos que riam, ao encarar o inimigo. O seu modo de vestir, depois que se coroou Imperador, imitava sempre os europeus que possuíam este título. Vestia todas as insígnias que se tem notícia. Mandou-se retratar mais de 20 vezes e em nenhuma ficou satisfeito com o resultado<sup>431</sup>.

Christophe, hoje presidente e generalíssimo, sucedeu ao mando de Dessalines. Durante a Revolução foi um incendiário, que percorreu a ilha com a tocha na mão e reduziu às cinzas a maior parte da população, das casas e das plantações. Segundo me informou um oficial, que esteve em seu palácio e depois passou pelo México, ainda que negro, Christophe possui uma presenta impactante, que não pode ser desconsiderada. O seu retrato é um dos mais exatos que se pôde conseguir<sup>432</sup>.

<sup>430</sup> CANCELADA. *Vida de J.J. Dessalines, gefe de los negros de Santo Domingo; : con notas muy circunstanciadas sobre el origen, carácter y atrocidades de los principales gefes de aquellos rebeldes desde el principio de la insurreccion en 1791*. P. 26-28.

<sup>431</sup> Ibidem. Tradução minha.

<sup>432</sup> Ibidem. P. 30-32. Tradução minha.



*El Ciudadno Heudonville habla al mentor de los Negros sobre las malas resultas de su revelion<sup>433</sup>* dá início às gravuras elaboradas por López. Em relação às imagens que vêm a seguir,

<sup>433</sup>CANCELADA. *Vida de J.J. Dessalines, gefe de los negros de Santo Domingo; : con notas muy circunstanciadas sobre el origen, carácter y atrocidades de los principales gefes de aquellos rebeldes desde el principio de la insurreccion en 1791.* P. 28-30.

trata-se de uma representação discreta a respeito de uma conversa entre o diplomata francês Heudoville e um negro revolucionário, em uma plantação de São Domingos. Apesar de alguns autores afirmarem que o Mentor se tratava de Toussaint Louverture, Cancelada e López referiam-se a outro indivíduo: Étienne Mentor. Mentor nasceu em Saint-Pierre, Martinica, em 1771. Em 1794, migrou para São Domingos e se aproximou de Toussaint, ainda que os dois não dividissem os mesmos ideais. Mentor desejava o extermínio de todos os britânicos que residissem no Caribe, defendia a proclamação da República Livre de São Domingos e condenava o governo de Bonaparte. Após a campanha de Leclerc, Mentor se tornou amigo de Dessalines e o ajudou a planejar a nova constituição do Haiti. Quando Dessalines foi assassinado, em 17 de outubro de 1806, Mentor tentou se desligar do grupo atrelado ao antigo Imperador, mas acabou capturado e morto, em 22 de outubro, a mando de Alexandre Petión<sup>434</sup>. Em *la vie de Dessalines*, Dubroca afirma que Mentor se tratou de um dos negros mais sanguinários do Caribe e é provável que venha daí o interesse de Cancelada e López López em retratá-lo<sup>435</sup>.

---

<sup>434</sup>Ibidem. P. 28-30.

<sup>435</sup>DUBROCA. *La vie de Dessalines*. P. 36.



*Cristóbal comandante del Ejército recorre la Isla de Sto. Domingo incendiando y matando a los infelices colonos de ella*<sup>436</sup> representa Henri Christophe em um ataque contra a cidade de Cap

<sup>436</sup>CANCELADA. *Vida de J.J. Dessalines, jefe de los negros de Santo Domingo; : con notas muy circunstanciadas sobre el origen, carácter y atrocidades de los principales gefes de aquellos rebeldes desde el principio de la insurreccion en 1791.* P. 31.

Français, o evento não é narrado no texto de Dubroca. Christophe domina o primeiro plano da imagem com a espada em uma mão e a tocha em outra. Dá ao expectador um olhar ameaçador. No fundo, colonos franceses saem de suas casas queimadas. Os homens levantam as mãos para se render, enquanto as suas mulheres e filhos buscam, desesperados, proteção. O espectador sabe o destino dessas pessoas e a legenda o confirma<sup>437</sup>. Henri Christophe nasceu em Granada, em 1767. Foi levado para São Domingos ainda pequeno, como um escravo, e enviado para trabalhar em serviços domésticos. Após anos trabalhando em um hotel, conseguiu juntar dinheiro e comprar a sua liberdade. Existem indícios que tenha participado, já como liberto, da Revolução Americana. Junto à Toussaint e Dessalines, se destacou como um dos principais nomes do movimento revolucionário de São Domingos<sup>438</sup>.

Em 1806, Christophe elaborou, com Alexandre Pétion, um plano para derrubar Dessalines e partilhar o poder. Após o assassinato de Dessalines, Christophe assumiu o norte do país e se converteu em Henri I. Nos anos seguintes, parou de mencionar Dessalines em discursos e textos oficiais. Em 1807, tornou-se presidente do Haiti, com o título de presidente e generalíssimo das forças de terra e mar do Estado do Haiti. Pouco depois, decidiu estabelecer uma monarquia e, em 1811, o cabeçalho foi ampliado: Henrique, pela graça de Deus e pela Lei constitucional do Estado Real do Haiti, Soberano das Ilhas de Tortuga, Gônavé, e outras ilhas adjacentes, Destruidor da tirania, Regenerador e benfeitor da nação haitiana, Criador das instituições morais, políticas e guerreiras, Primeiro monarca coroado do Novo Mundo, Defensor da fé, Fundador da ordem real e militar de Santo Henrique<sup>439</sup>.

Para evitar inimigos, Christophe ajudou a Espanha a recuperar a parte oriental da ilha, Santo Domingo, e não manifestou apoio às movimentações independentistas das colônias espanholas. Entre 1805 e 1820, ordenou a construção da Citadelle Laferrière, uma gigantesca fortaleza que visava proteger a ilha dos franceses. A partir de 1811, estabeleceu um grande corpo nobiliárquico com 04 príncipes, 05 duques, 22 condes e 08 barões e estimulou a migração de músicos, jardineiros e artesãos de todos os tipos para a ilha. Tentou, ainda, desenvolver a educação, estabelecer um sistema legal, o Código Henriquiano, e a religião católica. No entanto, Henri I foi considerado um rei autocrático e impopular, cujo reino estava em constante beligerância com o sul. Aos 53 anos, Henri I se suicidou e foi enterrado na Citadelle Laferrière. O seu filho, o príncipe real,

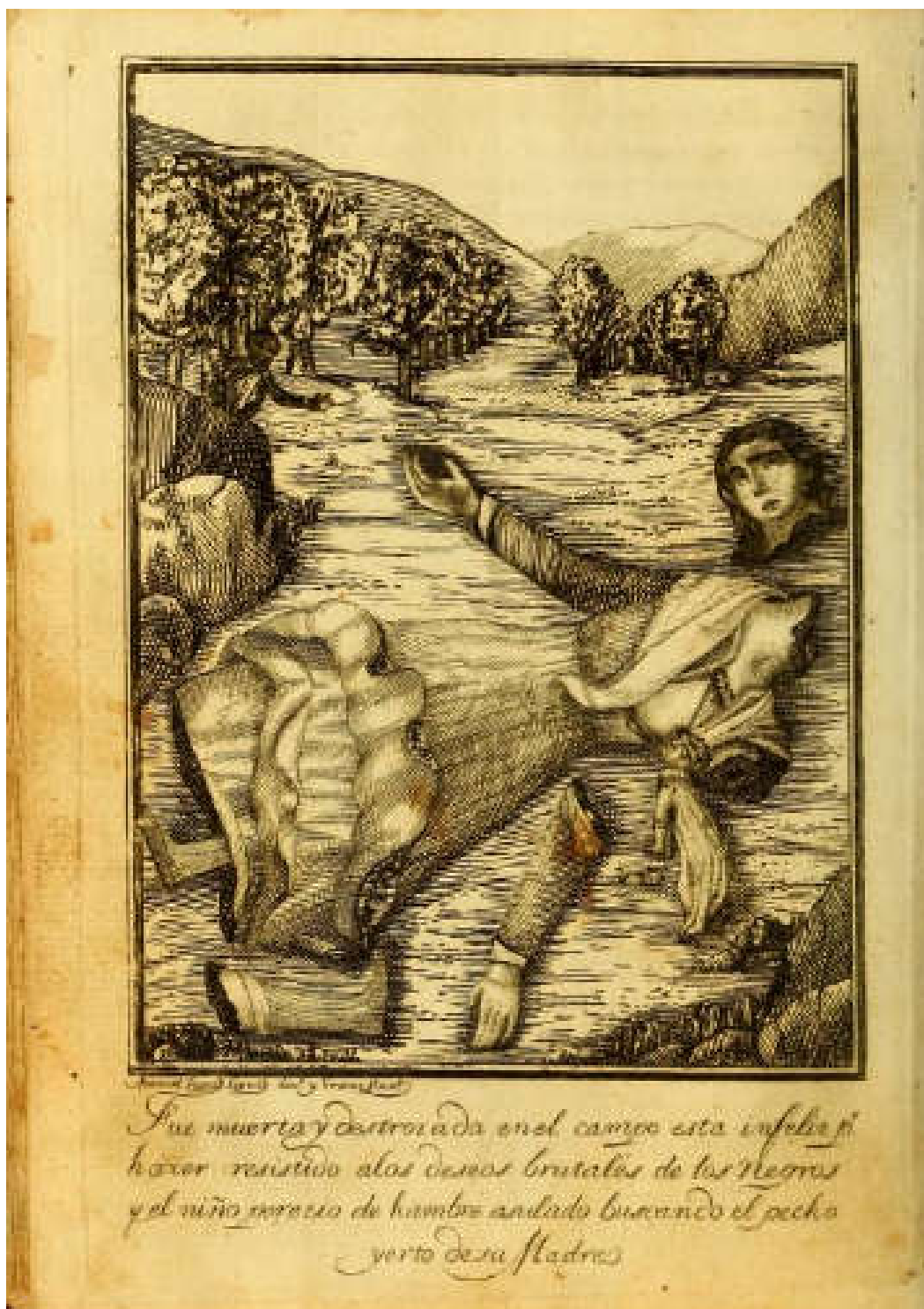
---

<sup>437</sup> Ibidem.

<sup>438</sup> CHEESMAN, Clive. *The Armorial of Haiti: Symbols of Nobility in the Reign of Henry Christophe*, London: The College of Arms, 2007. P. 1-10.

<sup>439</sup> Ibidem.

então com dezesseis anos, não pôde suceder ao pai, acabou preso e executado a estocadas de baioneta por revolucionários no Palácio Sans-Souci<sup>440</sup>.



<sup>440</sup>Ibidem.



*Fue muerta y destrozada en el campo este infeliz pr. haver resitado a los deseos brutales de los Negros y el nino perezio de hambre asulado buscando el pecho yerto de su Madr<sup>441</sup>e traz, no primeiro plano, um corpo aos pedaços. Os olhos da cabeça decapitada se direcionam para o céu, enquanto a saia e a blusa estão fora do lugar, revelando partes descobertas do corpo. A mulher teria sido violentada? Dessalines pouco antes havia sido descrito como um estuprador. Além disso, um bebê morto tenta se alimentar no torso de sua mãe, enquanto uma pequena figura rebelde aparece ao fundo da gravura, mostrando a navalha que usou para mutilar a mulher. “Trêmulas e assombradas, Dessalines as colocou em fila. Em seguida, fez com que desfilassem ao seu redor. Quando passavam na sua frente, Dessalines desferia golpes com um pedaço de madeira que tinha nas mãos. Maltratava, particularmente, as mulheres brancas, que acabaram mortas na praça”<sup>442</sup>.*



*Lauberture<sup>443</sup> e Desalines<sup>444</sup> trazem os dois revolucionários diante de um acampamento onde as tropas francesas se rendem ao poder dos negros. Ambos ocupam o primeiro plano, mas*

<sup>441</sup> CANCELADA. *Vida de J.J. Dessalines, gefe de los negros de Santo Domingo; : con notas muy circunstanciadas sobre el origen, carácter y atrocidades de los principales gefes de aquellos rebeldes desde el principio de la insurreccion en 1791.* P. 32.

<sup>442</sup> Ibidem. P. 24-25. Tradução minha.

<sup>443</sup> CANCELADA. *Vida de J.J. Dessalines, gefe de los negros de Santo Domingo; : con notas muy circunstanciadas sobre el origen, carácter y atrocidades de los principales gefes de aquellos rebeldes desde el principio de la insurreccion en 1791.* P. 34.

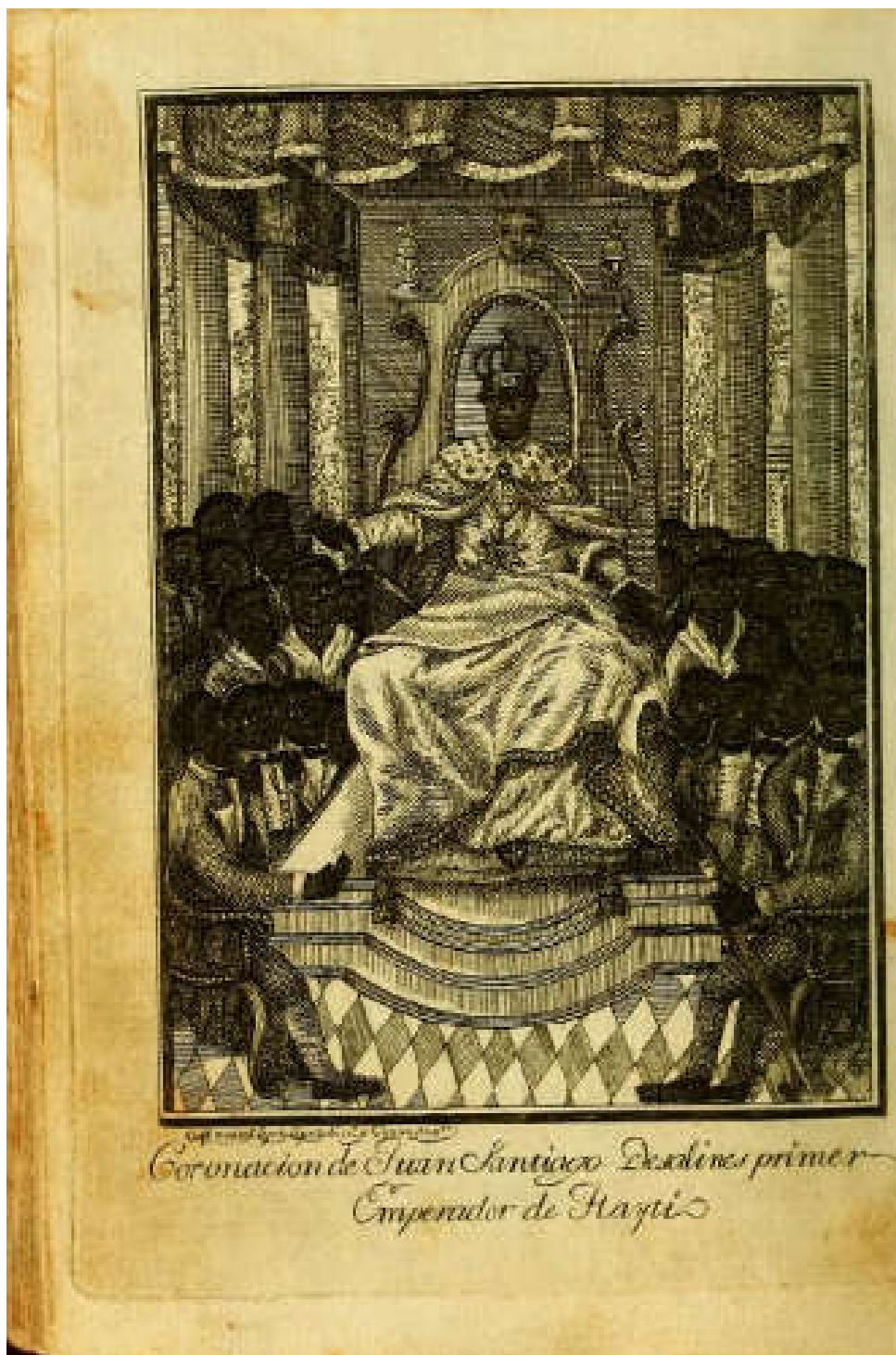
<sup>444</sup> CANCELADA. *Vida de J.J. Dessalines, gefe de los negros de Santo Domingo; : con notas muy circunstanciadas sobre el origen, carácter y atrocidades de los principales gefes de aquellos rebeldes desde el principio de la insurreccion en 1791.* P. 45.

somente Dessalines levanta a espada em uma mão, enquanto a outra mostra a cabeça cortada de uma francesa. Como a mãe da imagem anterior, essa também havia sido esquartejada. O vestido arrancado do corpo, bem como a sua mão cortada estão atrás do negro. As imagens foram inseridas em uma parte do livro que descreve, detalhadamente, Dessalines em termos negativos e racistas<sup>445</sup>.

---

<sup>445</sup>Ibidem.





*Coronacion de Juan Santiago Dessalines primer Emperador de Hayti*<sup>446</sup> corresponde à última imagem do livro. O imperador ocupa um trono alto sobre um dossel, possui uma coroa

<sup>446</sup> CANCELADA. *Vida de J.J. Dessalines, gefe de los negros de Santo Domingo; ; con notas muy circunstanciadas sobre el origen, carácter y atrocidades de los principales gefes de aquellos rebeldes desde el principio de la insurreccion en 1791.* P. 72.

imperial em sua cabeça, uma manta de arminho sobre os ombros e um cetro na mão direita. O seu olhar está voltado ao espectador, com a mão esquerda aponta para a sua corte de negros, agora cidadãos haitianos. Estão reunidos em um palácio de arquitetura clássica. No livro, a figura está atrelada ao texto da nova constituição e as suas declarações contra europeus e católicos<sup>447</sup>.

Imagens como essas serviam para ilustrar o texto, reforçar as intenções ou o sintetizar conteúdo. Ao mesmo tempo, eram capazes de ofuscar e alterar o sentido das palavras. Havia, ainda, a possibilidade de enfatizar certos momentos da história<sup>448</sup>. Dessalines, por exemplo, é convertido em um imperador de símbolos ocidentais, no entanto, trata-se de um soberano e de uma corte de negros, onde os homens brancos não são bem-vindos. Os negros costumavam ser concebidos como seres inferiores, pobres e exóticos. São Domingos não só inverteu essa hierarquia, como também extirpou os brancos. Se a última imagem é a que serve para fixar o livro na memória, qual recordação teria o leitor que olhasse para um Dessalines nessa posição?<sup>449</sup>.

### 3.4 Napoleão Bonaparte ocupa a Espanha

Em outubro de 1807, o primeiro-ministro espanhol Manuel Godoy assinou com a França o tratado de Fontainebleau, no qual os dois países se comprometiam a conquistar Portugal e dividir o seu território em três reinos. Na época, a Coroa espanhola enfrentava uma séria instabilidade política, associada a casos de corrupção e rejeição ao monarca Carlos IV. Atento a esse cenário, Napoleão Bonaparte afirmou que seria solidário à causa espanhola e convidou Carlos IV e o seu filho, Fernando VII, à Paris. Não se tratava, entretanto, de uma atitude altruísta, Bonaparte estava organizando um estratagema para ocupar toda a península Ibérica. Em fevereiro de 1808, sob a justificativa de que reforçariam o exército franco-espanhol para a ocupação de Portugal, as tropas francesas se infiltraram na Espanha. Despreparado, o exército espanhol mal conseguiu reagir e, rapidamente, a França tomou as fortificações espanholas. De volta à Espanha, Carlos IV e Fernando VII foram orientados por Godoy a migrar para o sul da Espanha e, caso fosse necessário, partir para as Américas, como fizera a família real portuguesa<sup>450</sup>.

A população condenou os planos de Godoy. Acreditavam que o primeiro-ministro estava equivocado, que a intervenção francesa serviria apenas para passar a coroa de Carlos IV para Fernando VII. Em 17 de março, Godoy foi apreendido e, em 19 de março, Carlos IV abdicou do trono em favor do seu filho. A subida ao trono de Fernando VII foi recebida com muitos festejos,

<sup>447</sup>Ibidem.

<sup>448</sup>BURKE, Peter. *Testemunha ocular. História e imagem*. Edusc: Bauru, 2004. P. 11-25.

<sup>449</sup>WALLACE. Ilustrando el terror de rebelión. Los grabados de la vida de J.J. Dessalines. P. 101.

<sup>450</sup>LA PARRA LÓPEZ, Emilio. *Manuel Godoy. La aventura del poder*. Barcelona: Tusquets Editores., 2002. P. 400-415

que duraram pouco tempo. Em 27 de abril, Bonaparte viajou até a Espanha e reuniu Carlos IV, Fernando VII e Godoy, em Bayona, para reivindicar o trono do país. Carlos IV e Fernando VII mostraram pouca resistência à Bonaparte e, em 05 de maio, assinaram o tratado de Bayona, que cedia a coroa à França. Pai e filho solicitaram apenas que o território se mantivesse íntegro e a religião católica continuasse sendo a única fé reconhecida. Em 06 de junho, Bonaparte nomeou o seu irmão mais velho, José Bonaparte, rei da Espanha<sup>451</sup>.

Na Nova Espanha, as notícias sobre a situação espanhola chegaram entre o final de junho e o início de julho de 1808. Pouco depois, políticos crioulos, como Juan Francisco Azcárate y Ledesma e Francisco Primo de Verdad y Ramos, elaboraram um plano para estabelecer um governo autônomo na Nova Espanha, comandado pelo vice-rei José de Iturrigaray. Iturrigaray aceitou a proposta, mas os políticos espanhóis classificaram a ideia como subversiva e acentuaram que a Nova Espanha, uma colônia, não estava autorizada a tomar esse tipo de decisão. Em 31 de agosto, Juan Gabriel Jabat, membro da junta de Sevilha, viajou à Nova Espanha e solicitou que todos os políticos da colônia reconhecessem o governo de José Bonaparte<sup>452</sup>.

Incomodado, Melchor de Talamantes, membro da junta de governo do México, afirmou que as ações dos políticos crioulos não deveriam ser consideradas como traição. Talamantes alegou que a Espanha estava destituída, que Carlos IV havia desaparecido e que a Nova Espanha, inquestionavelmente, precisava se tornar independente. Em 15 de setembro, alguns espanhóis, liderados pelo comerciante e proprietário de terras Gabriel J. de Yermo, deram um golpe de estado e depuseram Talamantes e Iturrigaray. Ambos foram levados à Cádiz e condenados por deslealdade, mas, em setembro de 1810, acabaram absolvidos. Em 18 de setembro, Pedro Garibay foi nomeado sucessor de Iturrigaray. Inicialmente, Garibay condenou as movimentações independentistas e convocou toda a população da Nova Espanha para que, unida, ajudasse a metrópole na guerra contra os franceses. No entanto, Garibay acabou cedendo à autoridade de José Bonaparte e seguindo a maior parte das diretrizes que vinham da Espanha. A impopularidade de Garibay contribuiu para que ele fosse rapidamente substituído por Francisco Javier de Liazana, em fevereiro de 1809, mas Liazana assumiu uma postura de governo semelhante à Garibay<sup>453</sup>.

A *Gazeta de México* realizou críticas incisivas aos irmãos Napoleão e José Bonaparte, bem como aos governos de Iturrigaray, Garibay e Liazana. Entre os dias 23 e 29 de julho de 1808, Cancelada afirmou que a conservação dos reinos, das instituições e da religião católica da Espanha

---

<sup>451</sup>Ibidem. P. 417-418.

<sup>452</sup>DELGADO, Miguel Ángel Fernández. *El virrey Iturrigaray y el Ayuntamiento de México en 1808*. Ciudad de Mexico: Instituto Nacional de Estudios Históricos de las Revoluciones de México, 2012. P. 59-63.

<sup>453</sup>Ibidem.

estava nas mãos dos súditos do Velho e do Novo Mundo, uma vez que José e Napoleão haviam se apoderado do rei Fernando, em um plano execrável. “Ele espera que todos os espanhóis abram mão dos seus direitos, abram mão da sua coroa e acreditem que o trono deva pertencer à França? Qual espanhol, exceto Iturrigaray, duvidará do partido que deve tomar? Nenhum, certamente”. Nesse sentido, a Nova Espanha não deveria nem mesmo considerar a possibilidade de um movimento independentista, pelo contrário, espanhóis e crioulos precisavam se reunir e assegurar à figura de Fernando que estavam preparados para irem às armas. A questão retornou em setembro, pouco após Garibay tomar o poder<sup>454</sup>. No dia 10, Cancelada anunciou que Fernando VII continuava na condição de prisioneiro, que os exércitos de Bonaparte haviam assassinado cerca de 300 espanhóis somente nos últimos dois meses e que todas as províncias da península haviam ido às armas, empenhados em recuperar o rei, a religião e a dignidade da Espanha. “Até agora nós, da Nova Espanha, estivemos quietos, alimentando e servindo o execrável Bonaparte. Chegou a hora de eles experimentarem a nossa força”<sup>455</sup>. Para corroborar o posicionamento, a *Gazeta* publicou no dia 01 de outubro, uma cópia de um texto passionai de Garibay:

Ainda que soubéssemos a desmedida ambição de Bonaparte, ainda que tivéssemos visto os muitos atentados que ele cometera em toda a Europa, violando direitos e quebrando promessas, o que foi feito com a nossa Espanha é tão assombroso quanto inacreditável que, até hoje, mal conseguimos acreditar que tamanha perversidade foi realizada. Eu implorei pela ajuda divina, mas decidi, apesar de fervoroso amor aos nossos soberanos, me anteceder aos meus superiores. Ofereci, em defesa do nosso rei e de nossa religião, todos os tesouros que eu tinha, ofereci a minha renda e as minhas propriedades, ofereci a minha própria pessoa e o meu sangue, ofereci a minha vida<sup>456</sup>.

O editor da *Gazeta de México* e o vice-rei da Nova Espanha permaneceram ligados durante todo o mês de outubro. Nos dias 04, 15 e 19, Cancelada reforçou que o governo de José Bonaparte era ilegítimo, “ele não merece a coroa de Fernando VII, não batalhou para conquistá-la e nem mesmo teve direito a uma coroação, para que pudesse celebrá-la”, que os espanhóis não se subjugariam à França e que a Europa e a América faziam parte de uma única nação<sup>457</sup>. Sob essa justificativa, alegou que um americano possuía os mesmos princípios, direitos e obrigações que um espanhol e, por isso, deveria participar das lutas contra a França. Naturalmente, haveria aqueles que

<sup>454</sup>CANCELADA, Juan López.Continuacion de las noticias de Europa. *Gazeta de México*, Ciudad de Mexico, 23 jul 1808. P.1-3. CANCELADA, Juan López.Continuacion de las noticias de Europa. *Gazeta de México*, Ciudad de Mexico, 29 jul. 1808. P.2.

<sup>455</sup>CANCELADA, Juan López.Continuacion de las noticias de Europa. *Gazeta de México*, Ciudad de Mexico, 10 set. 1808. P.4. Tradução minha.

<sup>456</sup>CANCELADA, Juan López. Continuacion de las noticias de Europa. *Gazeta de México*, Ciudad de Mexico, 01 out. 1808. P.5. Tradução minha.

<sup>457</sup>CANCELADA, Juan López.Continuacion de las noticias de Europa. *Gazeta de México*, Ciudad de Mexico, 04 out. 1808. P.3. Tradução minha.

não conseguiriam ir até a Europa, ainda assim, existiam outras formas de oferecer suporte, que já haviam sido assinaladas no texto de Garibay. “Se você quiser participar desse empreendimento tão heroico te convido a fazer uma doação. Lá, dão o sangue, aqui, podemos dar riquezas, lá, combatem por nossas leis e nossa felicidade, como podemos permanecer indiferentes?”<sup>458</sup>.

A partir de novembro, no entanto, o discurso da *Gazeta de México* se transformou. Ao constatar que Garibay começava a acatar ao governo de José Bonaparte e que a Nova Espanha não enviaria quantidades significativas de homens e riquezas à Europa, Cancelada se tornou menos otimista acerca da união entre o Velho e o Novo Mundo. No dia 19 de novembro, afirmou que Napoleão não confiava, efetivamente, em José e sabia que o irmão, em médio prazo, não sustentaria um governo em Madri. Tratava-se de um bom momento para a Nova Espanha enviar as suas contribuições, mas isto não aconteceria por conta do infame Garibay<sup>459</sup>. Em 04 de janeiro de 1809, sublinhou que, apesar de Garibay, ele próprio se encarregaria de narrar os acontecimentos do governo de Bonaparte desnudos de todo o disfarce, lisonja e falsidade<sup>460</sup>.

A *Gazeta de México* não anunciou a substituição de Garibay por Liazana, mas Cancelada estabeleceu profundas críticas ao novo vice-rei. Nos dias 11 e 16 de março, acusou Liazana de disponibilizar boletins falsos a respeito da situação da Espanha. Os últimos afirmavam que os exércitos franceses haviam derrotado completamente as tropas espanholas, mas Cancelada estava certo de que Bonaparte declarara, em cartas, que a França não conseguiria vencer a Espanha. “Confiem apenas nas palavras do editor desta Gazeta”, acentua sem inserir trechos das ditas cartas<sup>461</sup>. Em 19 de abril, Cancelada reforçou que permaneceria se desvelando para ter acesso a informações verídicas, de modo que os súditos de Fernando deveriam continuar atentos às próximas edições do jornal<sup>462</sup>. No entanto, a edição do dia 26 de abril foi a última a falar sobre o assunto: Liazana censurara Cancelada<sup>463</sup>.

Em um longo texto, Cancelada lamentou que a Nova Espanha não havia sido capaz de enviar suporte à Europa. Ainda assim, ele esperava que a posteridade compreendesse a importante

<sup>458</sup>CANCELADA, Juan López.Continuacion de las noticias de Europa. *Gazeta de México*, Ciudad de Mexico, 15 out. 1808. P.1-2. CANCELADA, Juan López.Continuacion de las noticias de Europa. *Gazeta de México*, Ciudad de Mexico, 19 out. 1808. P.7. Tradução minha.

<sup>459</sup>CANCELADA, Juan López.Continuacion de las noticias de Europa. *Gazeta de México*, Ciudad de Mexico, 19 nov 1808. P.4.

<sup>460</sup>CANCELADA, Juan López.Continuacion de las noticias de Europa. *Gazeta de México*, Ciudad de Mexico, 04 jan. 1809. P.5.

<sup>461</sup>CANCELADA, Juan López.Continuacion de las noticias de Europa. *Gazeta de México*, Ciudad de Mexico, 11 mar. 1809. P.7. CANCELADA, Juan López.Continuacion de las noticias de Europa. *Gazeta de México*, Ciudad de Mexico, 16 mar. 1809. P.3. Tradução minha.

<sup>462</sup>CANCELADA, Juan López.Continuacion de las noticias de Europa. *Gazeta de México*, Ciudad de Mexico, 19 abr. 1809. P.5.

<sup>463</sup>CANCELADA, Juan López.Continuacion de las noticias de Europa. *Gazeta de México*, Ciudad de Mexico, 26 abr. 1809. P.8.

lição que se delineara naquele momento. Quando José roubou o trono, o cetro e a coroa da Espanha, ele não conseguiu conquistar a alma dos espanhóis<sup>464</sup>. Nos meses seguintes, Cancelada parou de criticar o governo de Liazana, mas, ainda assim, o vice-rei ordenou que Valdés fechasse as portas do jornal. No dia 30 de dezembro de 1809, chegou às ruas a última edição da *Gazeta de México*. Em uma nota, Cancelada e Valdés lastimavam que o jornal tivesse chegado ao fim e afirmavam que apesar de terem prometido aos leitores os compêndios das edições publicadas em 1808 e em 1809, em 1810, Valdés conseguiria preparar apenas o compêndio sobre 1808. Como prova de gratidão por ter trabalhado 25 anos na *Gazeta* prometia que, um dia, mesmo que não em breve, prepararia o compêndio sobre 1809, ele avisaria quando nos periódicos que permanecessem em circulação. Cancelada, no entanto, não o ajudaria nessa empreitada, no dia 07 de março de 1810, Liazana o obrigou a voltar para a Espanha<sup>465</sup>.

Na Espanha, Cancelada finalizou *Código formado por los negros de la isla de Santo Domingo de la parte francesa hoi estado de Haití*, que vinha organizando desde o segundo semestre de 1809. O segundo livro sobre a Revolução de São Domingos se tratava de um compêndio de documentações, que reunia traduções para o espanhol da Constituição do Haiti, elaborada por Jean Jacques Dessalines, uma proclamação de Henri Christophe ao exército e ao povo do Haiti e uma série de decretos relacionados à administração, economia e religião do novo país. Além disso, o livro possui uma introdução, escrita por Cancelada, e algumas das gravuras de *Vida de J. J. Dessalines*. Na introdução, Cancelada afirma que *Vida de J. J. Dessalines* tivera boa recepção na Nova Espanha, que o motivou a publicar outro trabalho sobre os negros de São Domingos. *Código* havia sido traduzido por um amigo, nomeado como D.V.A.E.P, e traria aos leitores da língua espanhola, documentações sobre o novo país caribenho. Cancelada não faz comentários a respeito de nenhum desses documentos, o seu texto possui outra motivação: dar continuidade ao projeto de atacar Napoleão Bonaparte<sup>466</sup>.

Em um discurso inflamado, Cancelada acentua que o início do século XIX se tratava de um dos piores momentos da história da humanidade, uma vez que produzira dois dos seres mais asquerosos dos quais se tem notícia: Napoleão Bonaparte e Jean Jacques Dessalines. A situação se torna ainda mais indigesta, afirma Cancelada, porque existe a necessidade de se estabelecer um paralelo entre um europeu, culto e civilizado, e um africano, selvagem e bárbaro. “Eu não sei se até agora já foi visto outro europeu em tal extremo, o certo é que todos somos testemunhas da

<sup>464</sup>Ibidem.

<sup>465</sup>CANCELADA, Juan López. Advertencia del autor de esta gazeta. *Gazeta de México*, Ciudad de Mexico, 26 abr. 1809. P.8.

<sup>466</sup>CANCELADA. *Código formado por los negros de la isla de Santo Domingo de la parte francesa hoi estado de Haití*. P.III-VIII.

inacreditável conduta desses dois homens. Não há nada que eu possa fazer, além de pegar o papel e escrever”<sup>467</sup>. Em 1805, Cancelada havia lido *Vida de J. J. Dessalines* e percebido que os franceses estavam empenhados em explicitar as atrocidades de Dessalines, no entanto, as palavras desse livro poderiam ser usadas, também, para descrever as ações de Bonaparte. Se os soldados de Dessalines estupraram mulheres, jogaram bebês em caldeirões com água fervente e destruíam, até mesmo, os vestígios da agricultura que existia em São Domingos, os soldados de Bonaparte assassinaram quase todos os espanhóis que não se submeteram ao reinado de José, atingiram crianças com as suas baionetas e devastaram províncias inteiras da Espanha<sup>468</sup>.

O malvado ditador do Haiti se trata de uma cópia do ilustre malvado da França. Ambos assassinaram europeus inocentes. Ainda assim, creio que venceremos, restituiremos nosso amado monarca Fernando VII ao seu trono, vingaremos as vítimas e daremos ao tirano Bonaparte a mesma sorte que a dos tiranos da África<sup>469</sup>.

A introdução é acompanhada pelos retratos, produzidos por Larrea, de Biassou, Toussaint, Dessalines e Christophe. Segundo Cancelada, a Nova Espanha tivera poucas oportunidades de observar os negros de São Domingos e as gravuras de Larrea se tratavam de representações muito fidedignas para serem esquecidas, de modo que seriam reaproveitadas<sup>470</sup>. São as mesmas imagens, mas estão atreladas a outro discurso. Cancelada, ao introduzi-las ao leitor, pede que mantenham a mente aberta, uma vez que:

Imagens de São Domingos costumam vir acompanhadas de textos escritos por franceses, carregados de manipulação. Existem muitos traços de honradez em favor desses negros, que a malícia francesa tenta sepultar. Não restrinjamos o nosso pensamento às determinações do governo de Bonaparte<sup>471</sup>.

Se, em 1806, Cancelada estava preocupado em articular as movimentações independentistas da Nova Espanha à Revolução de São Domingos, em 1810, as ações de Bonaparte na Península Ibérica se sobrepõem ao Haitianismo. Não por acaso, Cancelada ignora que *Vida de J. J. Dessalines* se tratava da principal versão de *La vie de Dessalines*, trabalho encomendado originalmente por Bonaparte. Dessa forma, Biassou, antes execrável, se converte, apenas, no primeiro revolucionário a desafiar as tropas francesas. Toussaint, outrora hipócrita, se torna o general mais sagaz de São Domingos, aquele que enviou cartas à Bonaparte, fingindo ser um aliado, mas arquitetou a independência da ilha. Por sua vez, Christophe não é mais classificado como um incendiário, mas como um indivíduo letrado, com bons conhecimentos de matemática e capaz de se

<sup>467</sup>Ibidem. P..34. Tradução minha.

<sup>468</sup>Ibidem.P.36.

<sup>469</sup>Ibidem.P.40. Tradução minha.

<sup>470</sup>Ibidem P.VI.

<sup>471</sup>Ibidem P.VI. Tradução minha.

sobrepor a Dessalines e Pétion. À Dessalines recaem as críticas mais incisivas, principalmente, porque elas se assemelham as de Bonaparte.

Dessalines foi o monstro mais horroroso de todos os séculos, não só com os brancos, mas também com os negros e com os mulatos. Jamais teve lugar em seu coração a piedade, jamais teve limites a sua ambição, jamais cumpriu com a sua palavra. O soldado mais cruel e inumano era o que merecia o seu maior apreço, as tropas que lançavam mão dos maiores excessos de libertinagem eram as que mais distinguiu e apreciava. Quando lhe davam notícias a respeito de uma guerra sangrenta em que haviam contado milhares de cadáveres, ele mandava encher as taças de licor para que pudessem comemorar. Qualquer um de seus vassalos que havia adquirido riquezas, era chamado em sua corte, onde era aprisionado e tinha os seus bens apreendidos. Ninguém se atrevia a contestar a sua palavra<sup>472</sup>.

Nos anos seguintes, Cancelada fixou residência em Cádiz, onde trabalhou em uma série de serviços burocráticos e fez sucessivas tentativas de retornar aos jornais, até finalmente conseguir, em 1825. A partir de então, se tornou editor do periódico *Comercio de Ambos Mundos* e abordou as possibilidades de a Espanha reconquistar a Nova Espanha. Em 1836, quando a antiga metrópole reconheceu a independência do México, Cancelada viu o seu sonho chegar ao fim. Nunca mais voltou às Américas ou tornou a escrever sobre São Domingos<sup>473</sup>.

### 3.5 A rebelião de Aponte e o seu caderno de gravuras

De acordo com Ada Ferrer, se as implicações da Revolução de São Domingos e as sucessivas referências à sua existência foram sentidas em todo o Mundo Atlântico, Cuba, no início do século XIX, nos oferece uma base fecunda para essa análise, o ponto mais a leste da ilha fica a apenas 80 km do Haiti. Os escravistas de São Domingos migraram para o território cubano em diversos momentos da Revolução. Em 1791, quando as primeiras plantações foram queimadas, em 1793, após a emancipação da escravidão, decretada por Sonthonax, e, principalmente, em 1803, por conta da campanha de Bonaparte. Os proprietários chegavam aos milhares, traziam consigo os equipamentos que conseguiam carregar e os escravos que eram capazes de arrastar. Além de informações terríveis sobre os negros revolucionários, compartilhavam um desejo em comum: restabelecer, em Cuba, o sistema escravista que haviam construído em São Domingos. Tratou-se de uma tarefa árdua, uma vez que a ascensão do colonialismo cubano ocorreu quando o tráfico de escravos e a escravidão estavam sendo constantemente desafiados não só pela Revolução de São Domingos, mas também pelos movimentos abolicionistas britânicos<sup>474</sup>.

<sup>472</sup>Ibidem. P. 15-16. Tradução minha.

<sup>473</sup>PÉREZ. *La revolución haitiana en la obra de Juan López Cancelada (1806-1810)*. P. 400.

<sup>474</sup>BERBEL. MARQUESE. PARRON. *Escravidão e Política – Brasil e Cuba, 1790-1850*. P. 94



Haiti e Cuba, juntos, nos permite compreender os vínculos materiais entre o colapso de um dos principais locais da primeira escravidão e o surgimento de um dos locais-chave da segunda. Tal abordagem ilumina a "dobradiça" metafórica entre a primeira e a segunda escravidão, abordando as questões conceituais amplas sobre a história global da escravidão e do capitalismo, ao mesmo tempo em que focaliza centralmente como homens e mulheres viviam essas transições em suas vidas. No entanto, é importante compreender a história da escravidão cubana aqui apresentada como parte da "segunda escravidão" de outra maneira também. Parte do que distingue a segunda da primeira onda moderna de escravidão é que ela se desenvolveu em uma era de abolicionismo ascendente. São Domingos e o abolicionismo britânico construíram um desafio à instituição da escravidão. A liberdade se estabelecia de forma sistemática – não como um estado desejado para um indivíduo, uma família, no máximo, uma comunidade, mas como um possível status legal para todos os membros do Atlântico. Aos poucos, os escravos compreenderam que uma sociedade sem escravidão era possível talvez em suas vidas, talvez na vida de seus filhos<sup>475</sup>.

Cuba possuía escravos muito antes de São Domingos iniciar o seu movimento revolucionário, mas até o final do século XVIII, tratava-se mais de uma sociedade com escravos do que de uma sociedade de escravos. Leonardo Marques acentua que o tráfico de escravos para a América espanhola tinha o formato de U. Depois de um primeiro pico comercial de escravos no século XVII, por conta da União Ibérica (1580-1640), o tráfico para as colônias diminuiu e passou a ser gerido, principalmente, por comerciantes não espanhóis por meio de contratos exclusivos, chamados de *asientos*. Os plantadores cubanos viram a oportunidade desse cenário se modificar em algumas situações. Em 1762, durante a Guerra dos Sete anos, a ocupação britânica na ilha eliminou as restrições comerciais e aboliu os impostos sobre as importações e as exportações, bem como uma série de impostos usados para financiar o poder militar e político espanhol. Em Havana, o governo britânico eliminou os monopólios da escravatura e abriu os portos da cidade para a entrada e a venda de escravos. Por dez meses, comerciantes britânicos trouxeram um número sem precedentes de africanos para essa cidade<sup>476</sup>.

Desde 1780, plantadores de Havana apresentavam petições ao rei, que requisitavam a abertura do comércio de escravos, acentuavam o potencial produtivo da ilha e a possibilidade de a Espanha competir diretamente com a Grã-Bretanha e a França. Nesse sentido, o crioulo e advogado Francisco Arango y Parreño se tornou uma espécie de porta-voz da causa e, em 1787, viajou até Madri, dirigiu-se ao rei e aos seus ministros e solicitou o comércio de escravos irrestrito para a colônia. As medidas surtiram efeito e a Espanha se comprometeu a transformar o tráfico e o

<sup>475</sup>FERRER, Ada. *Freedom's mirror: Cuba and Haiti in the Age of Revolution*. New York: Cambridge University Press, 2014. P. 22-23. Tradução minha.

<sup>476</sup>ELTIS. *Economic Growth and the Ending of the Transatlantic Slave Trade*. P. 36. FERRER. *Freedom's mirror: Cuba and Haiti in the Age of Revolution*. P. 30-31. MARQUES. *The United States and the Transatlantic Slave Trade to the Americas, 1776–1867*. P.14-19. STEIN, Barbara. STEIN, Stanley. *Edge of Crisis: War and Trade in the Spanish Atlantic, 1789–1808*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2009. P. 6.

escravismo cubano. Além de ampliar o acesso aos escravos, em 1789, a metrópole estabeleceu um código negro que visava organizar os direitos e os deveres dos escravos e dos senhores de suas colônias. Nitidamente, o decreto privilegiava os colonos, mas a ideia de impor limites de acesso aos negros não foi bem recebida e o documento acabou abolido, em 1794. O rei pediu que, ao menos, o espírito do código permanecesse<sup>477</sup>.

A ruptura, que os fazendeiros cubanos buscavam há muitos anos, finalmente chegou sob a forma de duas cédulas reais, em 1789 e 1791. A primeira foi provavelmente estimulada pela preocupação de que os britânicos estivessem prestes a abolir o seu próprio tráfico de escravos. Assim, o impacto inicial da agitação britânica pela abolição precipitou o desenvolvimento da maior ilha de açúcar de todos os tempos. As cédulas aboliram os preços fixos ou administrados, assim como os impostos de importação e permitiram a participação estrangeira de modo muito mais completo. Nem todas as restrições foram removidas, mas o efeito foi integrar Cuba aos mercados de escravos do Caribe e reduzir o diferencial de preço entre os escravos cubanos e os não- cubanos<sup>478</sup>.

Até 1791, a próxima e próspera colônia de São Domingos era considerada um exemplo a ser imitado e, quem sabe, superado. Quando a Revolução tomou forma, os colonos confiaram que o espaço econômico deixado pela antiga “pérola das Antilhas” seria tão bom quanto uma ajuda divina. Rapidamente, eles comparam terras, moinhos e escravos e se dedicaram a ampliar a produção açucareira na ilha. Ada Ferrer acentua que a Revolução de São Domingos não causou a revolução do açúcar em Cuba, mas tornou o seu caminho muito mais seguro, direto e lucrativo. Os acontecimentos ocorridos em São Domingos aceleraram e endureceram a revolução açucareira de Cuba e as práticas brutais da escravidão que vieram com ela. 325 mil africanos foram trazidos legalmente para Cuba para serem escravizados entre 1790 e 1820, cerca de quatro vezes o número trazido nos 30 anos anteriores. Havana dobrou de tamanho entre 1791 e 1810. O número de moinhos saltou de 237, em 1792, para 416, em 1806. A capacidade produtiva desses equipamentos também cresceu de 58 toneladas, em 1792, para 136 toneladas, em 1804. Finalmente, a exportação de açúcar subiu de 15 mil toneladas, em 1790, para 40 mil, em 1804 e 105 mil, em 1830, tornando Cuba a maior produtora mundial de açúcar<sup>479</sup>.

---

<sup>477</sup>BLACKBURN. *The Overthrow of Colonial Slavery, 1776-1848*. P. 335. FERRER. *Freedom's mirror: Cuba and Haiti in the Age of Revolution*. P. 33. BERBEL. MARQUESE. PARRON. *Escravidão e Política – Brasil e Cuba, 1790-1850*. P. 96.

<sup>478</sup>ELTIS. *Economic Growth and the Ending of the Transatlantic Slave Trade*. P. 52-53. Tradução minha.

<sup>479</sup>Dale Tomich acentua que, neste momento, Cuba estava simultaneamente atrelada ao capitalismo e ao escravismo. Ao defender essa dupla função, Tomich questiona o posicionamento de Moreno Friginals. TOMICH. TOMICH. *Through the Prism of Slavery: Labor, Capital, and World Economy*. P. 103-118. FRAGINALS, Moreno. *The Sugarmill. The socioeconomic complex of sugar in Cuba, 1760-1860*. New York: Monthly Review Press, 1976. Cf. também ELTIS. *Economic Growth and the Ending of the Transatlantic Slave Trade*. P. 37. FERRER. *Freedom's mirror: Cuba and Haiti in the Age of Revolution*. P. 21-30.

Inicialmente, Arango e os seus aliados se mostraram extremamente otimistas. As notícias sobre a eclosão da Revolução de São Domingos chegaram até Madri em 19 de novembro de 1791, dois dias depois, Arango publicou *Representación hecha a S.M. con motivo de la sublevación de esclavos en los dominios franceses de la isla de Santo Domingo*. Em um discurso carregado de autoconfiança, ele afirmou que os acontecimentos em São Domingos eram fruto das ações subversivas dos senhores franceses, mas não havia razões para a Espanha se preocupar. Os espanhóis estavam satisfeitos com o seu sistema de governo, os plantadores cubanos não estavam envolvidos em um movimento revolucionário, aos moldes da Revolução Francesa, e, principalmente, os escravos de Cuba eram mais bem tratados, por plantadores mais sábios e por um rei magnânimo. Apesar da proximidade, os riscos de uma rebelião de escravos em Cuba eram mínimos. Além disso, Arango acreditava que a Revolução não se estenderia e, por mais intensa que parecesse, tratar-se-ia de um momento breve, mas crucial para que Cuba se desprendesse das restrições que a detinha, ampliasse as suas produções e se mantivesse em alta quando a França recuperasse São Domingos<sup>480</sup>.

No entanto, não levou muito tempo para que Arango, e os demais colonos, compreendessem que o caminho seria mais imbricado. A partir de novembro de 1791, relatos sobre a Revolução de São Domingos já estavam sendo narrados por escravos de todo o Caribe. Falavam de generais negros que derrotavam os brancos e depois conquistavam a terra, tornando-se mestres de si mesmos. Falavam de declarações francesas de liberdade e, mais tarde, da coroação de um imperador negro. Queixavam-se do excesso de trabalho, da falta de alimento e de tempo livre, da brutalidade e da frequência dos castigos corporais. Ferrer afirma que os escravos de Cuba se agarraram no Haiti como uma forma de pensar sobre a própria escravização e imaginar outros futuros possíveis. Nenhuma rebelião de escravos em Cuba chegou perto de assumir as proporções da Revolução de São Domingos, mas este movimento se tornou parte do mundo cognitivo dos escravos e, inevitavelmente, assustou os escravistas. Afinal, e se os horrores de São Domingos se repetissem em Cuba? Nesse sentido, era válido seguir os passos de São Domingos em relação ao colonialismo, ao açúcar e à escravidão, mas tomar cuidado com as convulsões e conter a iminência do Haiti<sup>481</sup>.

---

<sup>480</sup> ARANGO Y PARREÑO, Francisco. *Representación hecha a S. M. con motivo de la sublevación de esclavos en los dominios franceses de la Isla de Santo Domingo* (20 de novembro de 1791). In: *Obras*. La Habana: Dirección de Cultura, 1952. P.111-112. FERRER. *Freedom's mirror: Cuba and Haiti in the Age of Revolution*. P. 39-41. BERBEL. MARQUESE. PARRON. *Escravidão e Política – Brasil e Cuba, 1790-1850*. P. 97. TOMICH, Dale. A riqueza do Império: Francisco de Arango y Parreño, Economia política e a segunda escravidão em Cuba”. *Revista de História*. n. 149, 2003. P.1-33.

<sup>481</sup> FERRER. *Freedom's mirror: Cuba and Haiti in the Age of Revolution*. P. 34-51.

Nos anos seguintes, várias restrições foram elaboradas ou reafirmadas. Tornou-se necessário, por exemplo, vigiar os territórios mais afastados, realizar contagens da população e, na medida do possível, exigir relatórios mensais dos colonos sobre a mão de obra escravizada. Desde a Revolução Francesa, as autoridades espanholas em Cuba confiscavam jornais, panfletos e cartas que viessem da França e pudessem incutir o espírito revolucionário. Por conta dos acontecimentos de São Domingos, a Coroa passou a se preocupar, também com a procedência dos negros vindos do tráfico. Traficantes e colonos asseguravam que os escravos vinham diretamente da África, na verdade, não era fácil saber a real origem dos negros e os navios poderiam vir com indivíduos que presenciaram ou até participaram da Revolução de São Domingos. A magnitude da participação francesa no comércio de Havana nesse período é impressionante. A partir de 1789, Cuba se tornou o principal porto não-francês de navios negreiros. Ao longo dos 13 anos e meio de movimento, a Espanha ordenou e revogou leis que proibiam os escravos franceses em seus territórios, mas nunca foi simples. Os decretos demoravam a chegar, nem sempre eram obedecidos e muitas vezes os lucros faziam valer os riscos<sup>482</sup>.

Os franceses foram responsáveis por projetar oito dos dez maiores engenhos de açúcar da ilha por volta de 1804. Assim, em 1807, não só os refugiados franceses se tornaram donos de algumas centenas de plantações em toda a ilha, mas muitos colaboraram com plantadores cubanos ao venderem os seus conhecimentos sobre a produção de açúcar e café. Esses setores em expansão de açúcar e café em Cuba, é claro, dependiam de grandes fluxos de africanos escravizados<sup>483</sup>.

O conjunto de acontecimentos que ficou conhecido como Rebelião de Aponte ajuda a ilustrar a nova conjuntura cubana. Em dezembro de 1811, escravos e homens livres de cor se reuniram, durante os feriados e finais de semana, na cidade de Puerto Príncipe, para organizar uma insurreição contra os plantadores da ilha de Cuba. Os festejos de final de ano costumavam tornar a vigilância menos pungente e contribuíram para que esses indivíduos realizassem pequenas viagens, se reunissem em tabernas e planejassem os passos seguintes. Ainda assim, eles sabiam que teriam uma árdua tarefa pela frente. Se formos capturados, afirmou o escravo Kongo Máximo, em 25 de dezembro, não sairemos vivos, mas mortos. As movimentações começaram no dia 15 de janeiro de 1812, quando os negros queimaram grande parte da plantação de Najasa, destruíram a casa de um senhor, mataram três homens brancos e espalharam as ações para as plantações vizinhas. Em poucos dias, os fatos se repetiram nas plantações de Daganal, San José, Santa Marta e Montalban.

---

<sup>482</sup>Ibidem. P.43-59.

<sup>483</sup>MARQUES. *The United States and the Transatlantic Slave Trade to the Americas, 1776-1867*. P. 41. Tradução minha.

No final de janeiro, os revoltosos haviam matado oito homens brancos, ferido muitos outros e queimado ou destruído, mesmo que parcialmente, várias plantações<sup>484</sup>.

Alarmado, o governo colonial agiu de forma autoritária. O conselho de Puerto Príncipe realizou uma série de reuniões a fim de autorizar o envio de 200 soldados para patrulhar o campo, aplacar os sentimentos inflamados e apreender os revoltosos. Rapidamente, as prisões da cidade se tornaram superlotadas, mas as autoridades não tinham certeza se haviam prendido todos, ou mesmo os principais, negros envolvidos com as movimentações dos dias anteriores. Ainda assim, em uma tentativa de restabelecer o controle de Puerto Príncipe, marcaram a execução pública de oito dos supostos líderes para o dia 29 de janeiro de 1812. Um grande número de pessoas se reuniu na praça central para observar o ato, que durou mais de duas horas e segundo o governador, Sedano, deixou uma impressão contundente em todos os presentes. No dia 31 de janeiro, mais dois escravos foram executados e, ao longo de fevereiro, as patrulhas prenderam 170 escravos, assassinaram quatro e transportaram outros 100 para Santo Agostinho, na Flórida, para cumprir prisões que variaram de um a dez anos. Essas ações apaziguaram os ânimos dos homens brancos, mas a prefeitura de Puerto Príncipe, em uma reunião, admitiu que não eram o bastante para acabar com a ideia da rebelião. Em meados de fevereiro, a previsão se mostrou acertada e os negros tornaram a agir nas cidades de Bayamo, Holguín e Havana. Nas semanas seguintes, as autoridades coloniais se empenharam em perseguir a onda de destruição, apreender os rebeldes, julgá-los e executá-los<sup>485</sup>.

Uma questão crucial a perguntar é se esses eventos foram uma rebelião unificada ou várias revoltas e conspirações separadas. Ao que tudo indica, os eventos em Puerto Príncipe, Bayamo, Holguín e Havana faziam parte de um mesmo movimento. Escravos e pessoas livres de cor dessas regiões tinham se contatado antes de janeiro de 1812 ou decidiram unir forças uma vez que a rebelião começou<sup>486</sup>.

À medida que as investigações avançaram, as autoridades se concentraram na atuação de um insurgente, que classificaram como crucial aos rumos do empreendimento: José Antonio Aponte. Aponte era um negro livre, que ganhava a vida como escultor e participara da milícia negra de Havana, o seu nome se tornou recorrente em alguns depoimentos prestados em março de 1812. “Escravos e pessoas livres de cor interrogadas por seu envolvimento suspeito na Rebelião de Aponte perceberam que não só suas respostas, mas também, o mais importante, as declarações de outros contra eles determinariam sua culpa ou inocência”<sup>487</sup>. Os escravos Antonio Cao e Clemente Chacón, quando capturados, asseguraram que as principais reuniões ocorreram na casa de Aponte,

<sup>484</sup> CHILDS. *The 1812 Aponte Rebellion in Cuba and the Struggle against Atlantic Slavery*. P. 123.

<sup>485</sup> *Ibidem*. P. 125.

<sup>486</sup> *Ibidem*. P. 147-148. Tradução minha.

<sup>487</sup> *Ibidem*. P. 7. Tradução minha.

que ele tinha mais de 400 negros sob o seu comando e que planejava, quase sozinho, os detalhes das revoltas que ocorreram em Havana nas semanas anteriores. Tão logo as rebeliões foram suprimidas, Aponte se tornou sinônimo de todo o movimento<sup>488</sup>. Matt Childs acentua que os dirigentes precisavam definir os supostos líderes de forma rápida e incisiva e, talvez, tenham colocado lentes de aumento na figura de Aponte. Além disso, indivíduos como Cao e Chacón certamente fizeram o possível para afastar a culpa de si mesmos, uma vez que culpar Aponte poderia salvar as suas vidas. Não deixa de ser curioso que a documentação que ajudaria a definir o lugar de Aponte nas conspirações de 1812 tenha desaparecido, talvez destruída. Trata-se do objeto, elaborado por ele, que ficou conhecido como livro de pinturas<sup>489</sup>.

O livro de pinturas foi encontrado na casa de Aponte no dia 19 de março e o que sabemos hoje sobre ele é fruto de um intenso processo judicial que ocorreu entre os dias 26 e 29 de março, coordenado pelo juiz Juan Ignacio Rendón, o seu auxiliar José María Nerey e pelo escrivão Balaguer<sup>490</sup>. Nesse sentido, em 26 de março, as autoridades perguntaram a Aponte se as reuniões ocorriam em sua casa, o que ele tentou negar, mas acabou admitindo; se ele liderara as rebeliões, o que ele confirmou, com as palavras “isso é verdadeiro, mas sempre aconselhei a moderação” e o que era o livro de pinturas. Aponte descreveu o material como uma espécie de grande caderno, que continha conjuntos de imagens desenhadas por ele ou extraídas de livros e almanaques. Afirmou, ainda, que ninguém o ajudara a elaborar ou ilustrar o material, a inspiração veio de um livro histórico chamado *Sucesos Memorables del Mundo*<sup>491</sup>. O livro de pinturas foi classificado pelas autoridades como um furacão de imagens, que reunia representações relacionadas ao Gênesis e à Etiópia, mapas de fortalezas e fazendas de Havana, alegorias barrocas, dioceses greco-romanas, soldados, cardeais e reis africanos, retratos de George Washington, Napoleão Bonaparte e dos líderes de São Domingos. O conflito sobre como interpretá-lo é, pelo menos em parte, um conflito sobre que tipo de objeto ele era. Chama-se de livro, mas a maioria dos textos que ele continha eram

<sup>488</sup> Em 1813, Antonio J. Valdés afirmou, em *Historia de la Isla de Cuba*, que as insurreições lideradas pelo negro Aponte e outros de seus cúmplices, haviam perturbado a tranquilidade dos habitantes de Cuba no ano anterior. VALDES, Antonio José. *Historia de la Isla de Cuba y en especial de La Habana*. Guatemala: Universidade Francisco Marroquín, 1812.

<sup>489</sup> CHILDS. *The 1812 Aponte Rebellion in Cuba and the Struggle against Atlantic Slavery* P. 151-152.

<sup>490</sup> Ibidem. P. 152-153. HERNÁNDEZ, Juan Antonio. *Hacia una Historia de lo Imposible: La Revolución Haitiana y el "Libro de Pinturas" de José Antonio Aponte*. Pittsburgh: University of Pittsburgh, 2000. P. 172.

<sup>491</sup> Expediente sobre José Antonio Aponte y el sentido de las pinturas que se hayan en el Libro que se le aprehendió en su casa. 1812. *Anales de Desclasificación / Vol. 1: La derrota del área cultural n° 2 / 2006*. P. 721-722. *Sucesos Memorables del Mundo* é a tradução da obra *L'histoire du vieux et du nouveau testament, avec des explications édifiantes, tirées des Saints Peres pour régler les moeurs dans toute fortes de conditions* de 1673. O texto é atribuído a Sieur de Royaumond Prieur de Sombreal. Ao longo do século XVIII, o texto foi traduzido várias vezes para o espanhol. Cf. SOMBREVAL, Sieur de Royaumond Prieur de. *L'histoire du vieux et du nouveau testament, avec des explications édifiantes, tirées des Saints Peres pour régler les moeurs dans toute fortes de conditions*. Paris: Pierre Le Petit, 1673.

em latim e em inglês, portanto, incompreensíveis para muitos que contemplavam as imagens<sup>492</sup>. Sibylle Fischer sublinha que:

Os materiais heterogêneos do livro, sua mistura de estilos, tópicos e propósitos, tornam quase impossível encontrar um termo histórico ou estético que capturasse a natureza desse artefato. No entanto, se tivermos que fazê-lo, esses conjuntos de imagens deveriam ser algo como o que hoje em dia chamamos de “colagem”<sup>493</sup>.

Aponte foi intensamente interrogado sobre as imagens que compunham o seu livro. Ainda no dia 26 de março, as perguntas giraram em torno de imagens relacionadas ao Gênesis, à criação de Adão e Eva, ao pecado original e à expulsão do paraíso, uma representação convencional sobre a criação do mundo. Em seguida, falou-se brevemente sobre um grupo de imagens astrológicas, cujo sentido não foi explicado, e a respeito de imagens de diversas fortificações dos arredores de Havana, que terminavam com uma espécie de representação da morte. Quando questionado, Aponte respondeu apenas: a ganância causa a morte. Pediram que ele se explicasse e Aponte murmurou alguma coisa relacionada à crescente expansão do comércio de escravos. A partir da imagem descrita com o número 14, aparece uma constelação de símbolos ligados ao Império Etíope: representações de indivíduos, bandeiras e regiões da Etiópia. Elas são seguidas de imagens da monarquia espanhola. O interrogatório concluiu que Aponte desejava estabelecer uma relação de igualdade entre as duas regiões<sup>494</sup>.

No dia 27 de março, Aponte foi questionado sobre imagens de engenhos de açúcar e de um moinho em Havana. Aponte articulou as imagens à atuação do seu avô, Joaquín Aponte, que defendera a cidade contra a invasão inglesa, em 1762. As imagens seguintes trazem rascunhos dos milicianos negros e uma série de mapas da cidade de Havana. Quando interrogado sobre a relação entre as imagens, Aponte alegou uma motivação estética. “Apenas para adornar as pinturas que acabei de explicar”. Por sua vez, as autoridades tentavam confirmar as suspeitas de que se tratavam de planos para a insurreição. A sequência que vai das pinturas 20 até a 30 constitui uma mistura de astrologia, imagens barrocas populares e novas descrições de Havana, acompanhadas de um auto-retrato de Aponte, que as autoridades acharam que não tinha nada a ver com a aparência física real do negro. A imagem 31 traz o rei da Espanha, Carlos III, recebendo em sua corte dois representantes da milícia cubana de soldados negros. “A figura 31 representa o nosso rei, d. Carlos III, colocando a

<sup>492</sup> Expediente sobre José Antonio Aponte y el sentido de las pinturas que se hayan en el Libro que se le aprehendió en su casa. 1812. Anales de Desclasificación. P. 737. HERNÁNDEZ. *Hacia una Historia de lo Imposible: La Revolución Haitiana y el "Libro de Pinturas" de José Antonio Aponte*. P. 172-179.

<sup>493</sup> FISCHER, Sibylle. *Modernity Disavowed: Haiti and the cultures of the slavery in the Age of Revolution*. Durham: Duke University Press, 2004. P. 43-44. Tradução minha.

<sup>494</sup> Expediente sobre José Antonio Aponte y el sentido de las pinturas que se hayan en el Libro que se le aprehendió en su casa. 1812. P. 721-725.

sua mão sobre a cabeça de um dos militares negros”. Os questionamentos do final do dia giraram em torno de um desfile militar em que os oficiais da milícia, entre eles o avô de Aponte, ocupam um lugar de destaque, junto aos oficiais brancos. Os oficiais interrogaram por que a cidade de Havana estava sem fortalezas e os oficiais negros pareciam ter uma proporção maior. Aponte respondeu que a imagem registrava o ponto de vista das tropas, no entanto, as autoridades concluíram que as pinturas pareciam ressaltar a dependência militar da monarquia espanhola às forças milicianas afrocubanas<sup>495</sup>.

Matt Childs acentua que a aliança entre a milícia negra e os escravos, no contexto da Rebelião de Aponte, assustou as autoridades coloniais a respeito dos perigos de armar a população de ascendência africana. No passado, a milícia havia suprimido revoltas coloniais, contido ataques piratas e protegido a ilha das potências europeias rivais. No entanto, as mudanças na sociedade cubana, decorrentes da importação maciça de escravos, fizeram com que os governantes ficassem alarmados com o treinamento militar e as armas fornecidas aos homens de cor<sup>496</sup>.

A transformação de Cuba em uma sociedade de plantação movida pelo trabalho escravo resultou em lançar a função e o propósito da milícia em uma nova e perigosa luz. O papel específico e os privilégios dos milicianos que historicamente serviram para separá-los de outras pessoas livres de cor e a população escravizada começaram a se dissolver à medida que a raça se tornou o principal marcador do status social com a expansão da escravidão. A aliança entre a milícia negra e os escravos na Rebelião de Aponte confirmou as piores 80 ansiedades sobre armar e treinar homens livres de cor e destruíram qualquer crença de que os livres e escravizados não se uniriam em uma causa comum<sup>497</sup>.

Ainda no dia 27 de março, o investigador Juan de Dios de Hita realizou uma nova revista na casa de Aponte e encontrou um conjunto de desenhos e gravuras que pareciam ter sido arrancados do livro de pinturas. Essas imagens se tornaram pauta dos interrogatórios que vieram a seguir. No dia 28 de março, Aponte foi interrogado sobre uma imagem de George Washington, que ele disse apenas que guardava como qualquer outra coisa curiosa, uma imagem com víboras e ratos por cima de uma coroa e de um cetro, que ele afirmou que se tratava de uma imagem sobre a Revolução Francesa, uma imagem de Napoleão Bonaparte e cinco imagens que representavam Henry Christophe, Toussaint Louverture e Jean Jacques Dessalines. As autoridades questionaram as razões que fizeram Aponte retirar as imagens do livro de pinturas e tentar escondê-las. Aponte respondeu apenas que “é falso o que se falou sobre elas virem de São Domingos, copiei os retratos de Christophe, Toussaint e Dessalines da minha mão, após vê-las em um livro, as outras duas são

<sup>495</sup>Ibidem. P. 726-733. Tradução minha.

<sup>496</sup>CHILDS. *The 1812 Aponte Rebellion in Cuba and the Struggle against Atlantic Slavery* P. 79.

<sup>497</sup>Ibidem. Tradução minha.



gravuras que circulam pela ilha”. Em seguida, Aponte propôs destruir as imagens porque, agora, sabia que elas eram proibidas pelas autoridades<sup>498</sup>.

Mesmo que as declarações de Aponte não ofereçam maiores detalhes a respeito das imagens dos líderes da Revolução de São Domingos, o interrogatório de Chacon contém algumas pistas sobre o caráter das imagens. A sessão ocorreu no dia 29 de março. Chacon afirmou que Aponte havia lhe mostrado o livro durante as reuniões que ocorreram em sua casa, descreveu-o como grande, sem poder dar as suas medidas específicas, com uma capa indefinida, mas que ele poderia reconhecer caso visse o objeto mais uma vez. Nerey, então, colocou o livro de pinturas diante de Chacón e pediu-lhe para explicar as imagens que exibiam soldados negros em cenas de batalha. Chacón tentou se esquivar, afirmou que “ele [Aponte] havia me mostrado o livro antes, mas ele não explicou o significado dos desenhos e eu ignorei a alusão”. Segundo Childs, era natural que os envolvidos negassem saber o significado dos desenhos porque qualquer informação detalhada poderia ser entendida como prova de um envolvimento mais profundo na rebelião. As imagens de Christophe, Dessalines e “de um outro general cujo nome não me lembro” apareceu descrita como quadrinhos, retratos pequenos e ovulados, iguais às outras imagens que circulavam entre os negros, livres e escravizados, em todos os pontos do Caribe. Existiam, ainda, mais duas imagens de corpo inteiro. Em uma, Dessalines era coroado imperador em uma sala repleta de negros, na outra Christophe acenava com a mão esquerda e empunhava um sabre com a direita. Na legenda, havia a frase “cumpra-se o que eu mando”<sup>499</sup>.

Durante o período em que esteve em funcionamento, entre 1749 e 1825, as prensas da editora Zúñiga y Ontiveros publicaram apenas 25 livros históricos, a despeito de 509 livros religiosos. Os responsáveis pela editora, Felipe e Mariano, sublinhavam que livros históricos não costumavam ser bem recebidos pelos leitores da Nova Espanha, que até gostavam de trabalhos desse gênero, desde que eles viessem diretamente da Europa. A partir de 1805, Manuel Valdés tentou modificar esse cenário. Em reuniões com Felipe, Valdés congratulou a atuação de Cancelada na *Gazeta de México* e reforçou que determinados assuntos, como a Revolução de São Domingos, não seriam ignorados pelos indivíduos da Nova Espanha. Ainda assim, entre 1805 e 1812, apenas sete livros históricos foram publicados na Zúñiga y Ontiveros, três vindos da *Gazeta de México*, dois com ilustrações: *Vida de J. J. Dessalines* e *Código formado por los negros de la isla de Santo Domingo*. Segundo Alejandro Gómez, a coroa espanhola estabeleceu uma série de mecanismos para impedir a entrada de textos estrangeiros em seus territórios. A circulação de documentos

---

<sup>498</sup>Expediente sobre José Antonio Aponte y el sentido de las pinturas que se hayan en el Libro que se le aprehendió en su casa. P. 733-735. Tradução minha.

<sup>499</sup>Ibidem. P. 718-721. Tradução minha.

impressos a respeito da Revolução de São Domingos, por exemplo, havia sido intensamente limitada em colônias como Cuba e Porto Rico. Ainda assim, alguns membros das elites introduziram, de forma legal ou por meio de contrabando, textos diversos, inclusive sobre o nascimento do Haiti<sup>500</sup>.

Dessa forma, apesar do forte cerceamento que havia às informações consideradas sediciosas, entre 1791 e 1812, Cuba e Porto Rico receberam, pelo menos, 20 exemplares de livros vindos das prensas de Zúñiga y Ontiveros, sendo 02 livros históricos<sup>501</sup>. Algumas unidades dos trabalhos de Cancelada teriam chegado, voluntariamente, a essas regiões? Em Cuba, o testemunho de Chacon descreve imagens que se assemelham a “Cristobal comandante do exército percorre a ilha de São Domingos incendiando e matando os seus colonos infelizes” e “Coroação de Juan Santiago Desalines primeiro imperador do Haiti”; em Porto Rico, o relato de Salvador Meléndez Bruna, Capitão Geral de Porto Rico, torna a trazer essas gravuras à tona. “Os escravos dessa ilha estão dominados pela sombra do Haiti. Ele é um mal que atravessa as Antilhas. Imagens da coroação de Dessalines e do incendiário Christophe foram apreendidas por alguns de nossos homens, mas muitas outras ainda devem existir”<sup>502</sup>.

Gómez acentua que o medo do Haiti pode ser estudado como uma espécie de síndrome coletiva entre a população branca das Américas, apavorada com o “trauma” da Revolução de São Domingos. Gómez reúne as manifestações do que chama de síndrome de São Domingos em dois grupos: uma ansiedade coletiva conjuntural, que resultou em uma série de medidas e ideias de caráter preventivo, e um medo-pânico, que levou os brancos a encontrar paralelos, reais ou imaginados, entre os eventos locais e o que culminou no nascimento do Haiti. Se recorrermos à terminologia proposta por Gómez, a rebelião de Aponte pode ser classificada como um exemplo clássico de medo-pânico, em que os interrogadores viram com muita rapidez as semelhanças, linhas de influência, bem como a repetição dos desígnios<sup>503</sup>.

No curso do interrogatório, quaisquer conexões com o Haiti, por mais tênues ou artificiais que parecessem, foram supervalorizadas pelos oficiais. As autoridades estabeleceram que Aponte e os seus colegas deveriam ter passado algum tempo com os negros de São Domingos, que eles

<sup>500</sup>GÓMEZ. *Le spectre de la révolution noire. L'impact de la révolution haïtienne dans le monde atlantique, 1790-18856*. P. 83-106.

<sup>501</sup>RIVERA, Manuel Suárez. *Felipe y Mariano de Zúñiga y Ontiveros: impresores ilustrados y empresarios culturales (1761-1825)*. Ciudad de Mexico: UNAM, 2005. RIVERA, Manuel Suárez. *El negocio del libro en Nueva España: los Zúñiga Ontiveros y su emporio tipográfico (1756-1825)*. Ciudad de Mexico: UNAM, 2013.

<sup>502</sup>PINTO, Antonio J. Negro sobre blanco: la conspiración esclava de 1812 en Puerto Rico. *Caribbean Studies*, Vol. 40, No. 1, January - June 2012, pp. 121-149. Tradução minha.

<sup>503</sup>GÓMEZ. *Le spectre de la révolution noire. L'impact de la révolution haïtienne dans le monde atlantique, 1790-18856*. P. 128.

usaram as imagens sobre São Domingos de maneira estratégica, para convencer os indecisos e mostrar os grandes feitos que os negros da ilha vizinha haviam realizado e, por fim, definiram que o livro de pinturas poderia ser usado como prova de que Aponte era o líder de uma conspiração contra o governo espanhol, inspirada na sublevação dos negros de São Domingos. Ele foi condenado a morte e decapitado em 09 de abril de 1812, em um espetáculo sangrento que se estendeu por toda a ilha. A sua cabeça foi colocada na porta de sua casa, as cabeças de Cao e Chacón, mortos em seguida, foram levadas para as plantações vizinhas Ingenio Peñas Altas e Puente del Horcón que, anteriormente, haviam sido saqueadas<sup>504</sup>.

Não importa que um bom número de quadros não tenha uma conexão temática óbvia com o antiescravismo: eles são um testemunho das formas de apropriação e ressignificação de materiais culturais que, por sua vez, poderiam se tornar veículos para subverter as ideias prevalecentes de autoridade legítima e articular ideias dissidentes de libertação. Mais do que qualquer outro documento da era revolucionária no Caribe, o livro transimperial, multilíngue e radicalmente heterogêneo de Aponte é um reflexo do alcance hemisférico das economias escravistas, bem como um testemunho da influência de ideias revolucionárias vindas do Haiti e da França<sup>505</sup>.

Não sabemos se Aponte, efetivamente, acreditou que receberia suporte da monarquia negra de Christophe ou se ele tentou utilizar os rumores desse apoio como fator de mobilização, mas possuímos alguns vestígios. A data do início de criação do livro, 1806, coincide com o ano em que o imperador Dessalines foi assassinado e teve início a crise política haitiana, que levou à criação de duas entidades estatais: a república de Pétion e o reino de Christophe. Pétion e os republicanos do Haiti não estão presentes nas descrições ou representações do livro, o que pode significar que Aponte tenha apoiado o projeto de Christophe. O testemunho de Chacon ajuda a elucidar essa questão. Ao descrever um retrato do livro, que levava a inscrição do nome de Aponte, apesar de não se assemelhar ao negro, Chacon assinala que Aponte desejava expressar a pessoa que ele seria quando a revolução, que se delineava, chegasse ao fim e ele se tornasse um rei<sup>506</sup>. Fischer afirma:

Se o retrato ocidental convencional é um estudo do caráter e do status social e, portanto, está profundamente investido na ordem social estabelecida, o retrato de Aponte é um estudo sobre o devir ou a transfiguração. É um retrato, poderíamos dizer, determinado pelo futuro, não pelo passado e, portanto, despreocupado com a verossimilhança. Também podemos nos perguntar se a disputa sobre se o retrato mostra Aponte como rei é um reflexo do fato de que a revolta imaginada pelos conspiradores de 1812 não visava ao estabelecimento de qualquer regime particular ou forma de estado. Talvez simplesmente não importasse se o retrato mostrava

<sup>504</sup>CHILDS. *The 1812 Aponte Rebellion in Cuba and the Struggle against Atlantic Slavery*. P. 55. SKLODOWSKA. *Espectros y espejismos: Haití en el imaginario cubano*. P. 52.

<sup>505</sup>Ibidem. Tradução minha.

<sup>506</sup>HERNÁNDEZ. *Hacia una Historia de lo Imposible: La Revolución Haitiana y el "Libro de Pinturas" de José Antonio Aponte*. P. 224-225.

Aponte como rei, presidente, ancião estadista, capitão-general ou simplesmente uma pessoa eminente<sup>507</sup>.

Segundo Childs, a rebelião de Aponte ajudou a diluir as aspirações que os crioulos cubanos tinham de criar um país independente. Cuba não se juntou aos movimentos independentistas que varreram o Mundo Atlântico e a escravidão se converteu em uma força poderosa sobre os pensamentos, bem como as ações das elites cubanas. Não demorou até que os crioulos acordassem que um movimento anti-colonial poderia levar os escravos e os homens livres de cor a fomentarem rebeliões incontroláveis<sup>508</sup>. Nessa conjuntura, em julho de 1808, José Bonaparte outorgou a chamada Constituição de Bayona, que acirrou os ânimos de espanhóis na Europa e no Novo Mundo. Nos anos seguintes, esses indivíduos se dedicaram a formar Assembleias contrárias ao que classificaram como uma usurpação estrangeira do trono. Em 1812, as Assembleias ainda pungentes decidiram, em Cádiz, elaborar uma Constituição alternativa a de Bonaparte. A redação do projeto ficou a cargo de uma comissão composta por oito peninsulares e cinco americanos, um do Peru, um do Chile, dois da Nova Espanha e um de Cuba. Quando o documento ficou pronto, ausências significativas foram sentidas: o texto não havia se posicionado a respeito da manutenção do tráfico negreiro ou da escravidão, ignorou as milícias negras e pouco disse a respeito dos direitos dos homens livres de cor. Ao assumir esse posicionamento, a Espanha se aproximava do modelo da Constituinte dos Estados Unidos, que conseguira manter o tráfico e a escravidão sem que essas palavras estivessem escritas em sua Constituição, e se afastava do formato francês e, principalmente, da Revolução de São Domingos<sup>509</sup>.

Antes do Haiti, escravistas norte-americanos e franceses desejaram (no primeiro caso, sem sucesso) aparatos locutórios constitucionais porque confiavam pouco nos atos ilocutórios constituintes. Depois do Haiti, hispano-cubanos confiaram nos atos ilocutórios constituintes porque temiam os aparatos locutórios constitucionais. Querer frear em Cádiz o ímpeto legislativo da Constituinte só foi concebível por conta de outra inversão que o Haiti provocou: o modelo social e jurídico do sistema atlântico ibérico, tido por antiescravistas do noroeste europeu como conducente à emancipação gradual dos escravos, passou a ser visto, pelos ibero-americanos, como o mais bem ajustado para manter a escravidão. Tantas inversões significam

---

<sup>507</sup>FISCHER. . *Modernity Disavowed: Haiti and the cultures of the slavery in the Age of Revolution..* P. 226. Tradução minha.

<sup>508</sup>CHILDS. *The 1812 Aponte Rebellion in Cuba and the Struggle against Atlantic Slavery.* P. 177.

<sup>509</sup>PARRON. *A Política da Escravidão na Era da Liberdade: Estados Unidos, Brasil e Cuba, 1787-1846.* P. 64-69. BERBEL. MARQUESE. PARRON. *Escravidão e Política – Brasil e Cuba, 1790-1850.* P. 103-107. PARRON. *A Política da Escravidão na Era da Liberdade: Estados Unidos, Brasil e Cuba, 1787-1846.* P. 64-69. BERBEL. MARQUESE. PARRON. *Escravidão e Política – Brasil e Cuba, 1790-1850.* P. 103-107. BLACKBURN. *The Overthrow of Colonial Slavery, 1776-1848.* P. 307-308.

que a pequena colônia francesa realmente pusera o sistema mundial moderno de pernas pro ar<sup>510</sup>.

Ademais, não deixam de ser curiosos os imbricados caminhos percorridos pelos livros de Dubroca. Se em um primeiro momento eles foram criados para fomentar a campanha de Bonaparte e Leclerc, esses tabalhos acabaram sendo revisitados por indivíduos motivados de diversas regiões, França, São Domingos, Nova Espanha e Cuba, poucos anos após o seu lançamento. Em todos esses momentos, os posicionamentos de Dubroca a respeito de São Domingos foram alvo de críticas e reinterpretações, que nos mostram a autonomia, bem como a versatilidade, que uma obra pode alcançar, mesmo que ela tenha sido produzida sob condições específicas, que almejavam impor certa ortodoxia ao texto. Nesse sentido, em um curto período de tempo, *La vie de Dessalines* foi utilizado por escravistas franceses, que desejavam ultrapassar Dubroca e se tornar as principais referências nacionais sobre São Domingos, espanhóis exaltados, que possuíam ojeriza aos movimentos independentistas que assolavam o Novo Mundo e, até mesmo, negros escravizados, indignados com as condições indígeas, que eram inerentes ao cativo caribenho. É bem pouco provável que Dubroca tenha considerado, pelo menos, essa última possibilidade de uso ao seu texto.

### **Considerações Finais:**

Ao longo do século XIX, os embates entre forças abolicionistas e escravistas desencadearam em um projeto de emancipação que David Eltis classificou como lento e incompleto, que incorporou os negros, mas formou uma base de humanidade fugidia e mal-resolvida, pelo menos até o ano de 2019, em que concluiu esta dissertação de mestrado<sup>511</sup>. Não por acaso, Hebe Mattos ressalta que os estudos sobre a escravidão se tratam parcialmente, e crescentemente, de uma questão de justiça aos crimes do passado. Analisar um sistema que, no decurso de séculos, converteu seres humanos em bens-móveis traz à tona possibilidades de reparação moral, política, cultural e econômica de um passado que ainda não chegou ao fim<sup>512</sup>.

Felizmente, a academia vem produzindo trabalhos excepcionais a respeito da escravidão. No que diz respeito ao século XIX, o conceito de segunda escravidão, estabelecido por Dale Tomich, colaborou significativamente para muitas pesquisas recentes sobre o tema. No entanto, Tomich se dedicou, essencialmente, às questões econômicas atreladas ao processo de reconfiguração da escravidão nos oitocentos. Além disso, como a maioria dos esquemas

<sup>510</sup>PARRON. *A Política da Escravidão na Era da Liberdade: Estados Unidos, Brasil e Cuba, 1787-1846*. P. 73. Tradução minha.

<sup>511</sup>ELTIS. Europeans and the Rise and Fall of African Slavery in the Americas. P. 1399-1423.

<sup>512</sup>MATTOS, Hebe. *Passados Sensíveis. Escravidão, Política e Tempo Presente na História do Brasil*. P. 01. O texto foi elaborado a partir de uma sucessão de conferências realizadas em 2017 e apresentado na forma escrita, como requisito ao Concurso de Professor Titular Livre da Universidade Federal de Juiz de Fora, em outubro do mesmo ano.

representativos, o conceito deixa escapar aspectos peculiares dos cotidianos e dos conflitos sociais. Historiadores brasileiros, como Tâmis Parron e Rafael Marquese, integraram a dimensão política às discussões sobre segunda escravidão<sup>513</sup>. Faltava inserir a dimensão sociocultural e articulá-la à economia e à política.

Com esta dissertação, foi possível apreender as implicações da Revolução de São Domingos às movimentações a respeito da manutenção ou do fim da escravidão e contribuir para uma melhor articulação da economia, política e cultura nos debates sobre a segunda escravidão. Em outras palavras, contrapus os trabalhos de historiadores como Seymour Drescher<sup>514</sup> e João Pedro Marques<sup>515</sup>, que não articulam o nascimento do Haiti aos embates entre forças abolicionistas e escravistas, me aproximei de estudiosos como Michel Trouillot<sup>516</sup>, Robin Blackburn<sup>517</sup> e Ada Ferrer<sup>518</sup> e, finalmente, examinei uma série de trajetórias individuais me possibilitaram, dentro dos pressupostos metodológicos da História Mundial e dos Sistemas Globais, oscilar entre o geral e o específico, o macro e o micro, a repetição e a diferença<sup>519</sup>.

Em um primeiro momento, analisei livros e gravuras produzidos pelo soldado britânico Marcus Rainsford. De certa forma, os trabalhos de Rainsford representam um ponto de virada às obras que vinham sendo produzidos sobre São Domingos na Grã-Bretanha. Além disso, apesar de não se classificar como um abolicionista, os pensamentos desse autor serviram de inspiração para que abolicionistas, jornalistas e parlamentares, usassem a Revolução de São Domingos como justificativa para a crescente impraticabilidade da escravidão. Em contrapartida, em momento algum, Rainsford condenou abertamente a escravidão ou exaltou o abolicionismo britânico<sup>520</sup>.

<sup>513</sup>TOMICH. *Through the Prism of Slavery: Labor, Capital, and World Economy*. MARQUESE. PARRON. Tâmis. *Internacional escravista: a política da Segunda Escravidão*.

<sup>514</sup>DRESCHER. *Abolição: Uma História da Escravidão e do Anti-Escravidismo*.

<sup>515</sup>MARQUES. "Afterthoughts" in DRESCHER, Seymour. EMMER, Pieter. *Who Abolished Slavery?*

<sup>516</sup>TROUILLOT. *Silencing the Past: Power and the Production of History*.

<sup>517</sup>BLACKBURN. *The American Crucible: Slavery, Emancipation And Human Rights*.

<sup>518</sup>FERRER. *Freedom's mirror: Cuba and Haiti in the Age of Revolution*.

<sup>519</sup>TOMICH, Dale. *A Ordem do Tempo Histórico: a Longue Durée e a Micro-História*. Almanack. Guarulhos, n.02, 2011.

<sup>520</sup>BROUGHAM. *A concise statement of the abolition of the slave*. London: Schomburg. CHALMERS. *Remarks on the Late War in St. Domingo: with Observations on the Relative Situation of Jamaica, and other Interesting Subjects*. CLARKSON. *The history of the rise, progress, and accomplishment of the abolition of the african slave-trade*. EDWARDS. *An historical survey of the French colony in the island of St. Domingo: comprehending a short account of its ancient government, political state, population, productions, and exports; a narrative of the calamities which have desolated the country ever since the year 1789, with some reflections on their causes and probable consequences; and a detail of the military transactions of the British army in that island to the end of 1794*. RAINSFORD. *A memoir of transactions that took place in St. Domingo, in the spring of 1799; affording an idea of the present state of that country, the real character of its black governor, Touissant L'Ouverture, and the safety of our West-India islands from attack or revolt; including the rescue of a British officer under sentence of death*. RAINSFORD. *St. Domingo; or, An historical, political and military sketch of the black republic, with a view of the life and character of Toussaint L'Ouverture, and the effects of his newly established dominion in that part of the new world*. RAINSFORD. *An historical account of the black empire of Hayti: comprehending a view of the principal transactions in the revolution of Saint Domingo; with its*

Em seguida, apreendi a trajetória do livreiro Jean Louis Dubroca. Dubroca foi contratado por Napoleão Bonaparte para atacar a Revolução de São Domingos e os seus principais líderes. Eventualmente, todos os seus livros serviram de reflexão aos indivíduos que almejavam compreender São Domingos naquele momento, no entanto, o seu terceiro livro, *La vie de Dessalines*, foi especialmente lembrado. Nessa obra, Dubroca condenou São Domingos e seus principais líderes e ressaltou que a Grã-Bretanha estava usando São Domingos como justificativa para o fim do comércio de escravos. Vimos que, em 1806, esse livro foi traduzido para o espanhol, *Vida de Jean Jacques Dessalines*, e enviado às Américas. Na Nova Espanha, foi usado para exaltar o Império Espanhol e conter os movimentos independentistas que tomavam forma na colônia. Em Cuba, foi usado na rebelião de Aponte, que ocorreu em 1812<sup>521</sup>.

Para o doutorado, pretendo continuar explorando a dimensão sociocultural da segunda escravidão por meio de representações desenvolvidas sobre Cuba em âmbitos abolicionistas e escravistas, entre o período de 1791 e 1867. Esses trabalhos me permitirão complexificar as minhas pesquisas, apreender uma das mais proeminentes regiões escravistas do século XIX e identificar os discursos que se tornaram cruciais aos debates relacionados à manutenção ou ao fim do cativeiro.

## Referências:

### Fontes

### Decretos

ARANGO Y PARREÑO, Francisco. Representación hecha a S. M. con motivo de la sublevación de esclavos en los dominios franceses de la Isla de Santo Domingo (20 de novembro de 1791). In: *Obras*. La Habana: Dirección de Cultura, 1952.

*Archivos Regionales, Derechos, Memoria e Identidad*. ano LXXV, v. XXXVIII, n. 136. Santo Domingo, maio-ago 2013. P. 219-269.

Expediente sobre José Antonio Aponte y el sentido de las pinturas que se hayan en el Libro que se le aprehendió en su casa. 1812. *Anales de Desclasificación / Vol. 1: La derrota del área cultural n° 2 / 2006*.

*Le Code noir. Recueil d'édits, déclarations et arrêts concernant les esclaves nègres de l'Amérique*. Disponível em: <http://www.axl.cefan.ulaval.ca/amsudant/guyanefr1685.htm>. Acesso em: 20 de maio de 2017.

*Louis Dubroca (1757-183)*. [http://data.bnf.fr/12524386/louis\\_dubroca/](http://data.bnf.fr/12524386/louis_dubroca/). Acesso em: 04 de abril de 2018.

---

*antient and modern state*. STEPHEN. *The Crisis of the Sugar Colonies, or, an Enquiry into the Objects and Probable Effects of the French Expedition to the West Indies*. WILLBERFORCE. *A letter on the abolition of the slave trade*.

<sup>521</sup>CANCELADA. *Vida de J.J. Dessalines, gefe de los negros de Santo Domingo; con notas muy circunstanciadas sobre el origen, carácter y atrocidades de los principales gefes de aquellos rebeldes desde el principio de la insurreccion en 1791*. CANCELADA. *Código formado por los negros de la isla de Santo Domingo de la parte francesa hoi estado de Haití*. COUSIN. *Histoire de Toussaint-Louverture chef des noirs insurgés de Saint-Domingue; précédée d'un coup d'oeil politique sur cette colonie, et suivie d'anecdotes et faits particuliers concernant ce chef des noirs, et les agens directoriaux envoyés dans cette partie du Nouveau-Monde, pendant le cours de la révolution*. DUBROCA. *La vie de Bonaparte*. DUBROCA. *La vie de Jean Jacques Dessalines*.

*Musée de la Révolution Française.*

[https://dcpvizille.cg38.fr/vizille\\_internet/default.jsp?ac=vizille\\_internet&at=vizille\\_internet&bc=simplequery&archive=DCP\\_VIZI&view=view2&statement=NO\\_INVEN=1984.625](https://dcpvizille.cg38.fr/vizille_internet/default.jsp?ac=vizille_internet&at=vizille_internet&bc=simplequery&archive=DCP_VIZI&view=view2&statement=NO_INVEN=1984.625). Acesso em: 28 de setembro de 2018.

Tratado de Ryswick. <http://bonoc.files.wordpress.com/2013/11/tratado-de-ryswick-y-sus-complementarios.pdf>. Acesso em 28 de maio de 2018.

Tratado de Aranjuez. <http://digital.csic.es/bitstream/10261/5218/3/RIFrontera.pdf>. Acesso em 28 de maio de 2018.

### Jornais e periódicos

ADAMS, Jr. William. St. Domingo. *Caledonian Mercury*. Edinburgh, 06. fev. 1806.

BOSTOCK, R. *The Anti-Jacobin Review and Magazine, Or, Monthly Political and Literary Censor*, v. 15, 1803.

CANCELADA, Juan López. Continuacion de las noticias de Europa. GRAN BRETAÑA. *Gazeta de México*, Ciudad de Mexico, 18 out. 1806.

\_\_\_\_\_. MADRID. *Gazeta de México*, Ciudad de México, 24 dez. 1806.

\_\_\_\_\_. GRAN BRETAÑA. *Gazeta de México*, Ciudad de Mexico, 13 jun. 1807.

\_\_\_\_\_. Continuacion de las noticias de Europa. *Gazeta de México*, Ciudad de Mexico, 23 jul 1808.

\_\_\_\_\_. Continuacion de las noticias de Europa. *Gazeta de México*, Ciudad de Mexico, 29 jul. 1808.

\_\_\_\_\_. Continuacion de las noticias de Europa. *Gazeta de México*, Ciudad de Mexico, 10 set. 1808.

\_\_\_\_\_. Continuacion de las noticias de Europa. *Gazeta de México*, Ciudad de Mexico, 01 out. 1808.

\_\_\_\_\_. Continuacion de las noticias de Europa. *Gazeta de México*, Ciudad de Mexico, 04 out. 1808.

\_\_\_\_\_. Continuacion de las noticias de Europa. *Gazeta de México*, Ciudad de Mexico, 15 out. 1808.

\_\_\_\_\_. Continuacion de las noticias de Europa. *Gazeta de México*, Ciudad de Mexico, 19 out. 1808.

\_\_\_\_\_. Continuacion de las noticias de Europa. *Gazeta de México*, Ciudad de Mexico, 19 nov 1808.

\_\_\_\_\_. Continuacion de las noticias de Europa. *Gazeta de México*, Ciudad de Mexico, 04 jan. 1809.

\_\_\_\_\_. Continuacion de las noticias de Europa. *Gazeta de México*, Ciudad de Mexico, 11 mar. 1809.

\_\_\_\_\_. Continuacion de las noticias de Europa. *Gazeta de México*, Ciudad de Mexico, 16 mar. 1809.

\_\_\_\_\_. Continuacion de las noticias de Europa. *Gazeta de México*, Ciudad de Mexico, 19 abr. 1809.

\_\_\_\_\_. Continuacion de las noticias de Europa. *Gazeta de México*, Ciudad de Mexico, 26 abr. 1809.

\_\_\_\_\_. Advertencia del autor de esta gazeta. *Gazeta de México*, Ciudad de Mexico, 26 abr. 1809.

CARNERO, José María. Vida de J. J. Dessalines. Traducido del frances por DMGC. Se vende en casa de Fuentenebrero. *Memorial literario o Biblioteca periódica de ciencias, literatura y artes*. Madrid, 30 ago. 1805, n. 24.



- CROWDER, John. *St. Domingo*. Public Ledger and Daily Advertiser, London. 20. Mar. 1805.
- DREWRY, Joshua. *St. Domingo*. *Staffordshire Advertiser*, Staffordshire, 09. jun. 1806.
- FONTENAI, Abbé de. Anonce. *Journal typographique et bibliographique*, Paris. 20. abr. 1802.
- FLETCHER, John. *St. Domingo*. *Chester Chronicle*, Chester. 11. fev. 1806.
- FLINDELL, Thomas. *St. Domingo*. *Royal Cornwall Gazette*, Cornwall. 04 fev. 1806.
- GUILLON, Marie-Nicolas-Silvestre. *Saint Domingue*. *Journal général de la littérature, des sciences et des arts*, Paris. 28. dez. 1812.
- JOLIE, Francis. *St. Domingo*. *Carlisle Journal*, Cumberland. 08. set. 1806.
- NEWBERY, John. This day was published, elegantly printed History of St. Domingo. *Public Ledger and Daily Advertiser County*, London, 02 ago 1805.
- O'DONNELL, T. *St. Domingo*. *Hibernian Journal; or, Chronicle of Liberty County*, Dublin, 23. set. 1806.
- PAUW, Cornelius. *Recherches philosophiques sur les Américains: ou, Mémoires intéressants pour servir à l'histoire de l'espece humaine*. Boston: John Adams Library, 1770.
- RAINSFORD, Marcus. Toussaint-Louverture. Eine historische Schilderung für die Nachwelt, *Minerva*, 56, 1805.
- THOMPSON, David Couper. *St. Domingo*. *London Courier and Evening Gazette*, London, 27. fev. 1806.

#### Livros e relatos

- An Inquiry into the Causes of the Insurrection of the Negroes in the Island of St. Domingo*. London: John Carter Brown Library, 1792.
- BROUGHAM, Henry. *A concise statement of the abolition of the slave*. London: Schomburg Center, 1807.
- CANCELADA, Juan López (org). *Vida de J.J. Dessalines, gefe de los negros de Santo Domingo; : con notas muy circunstanciadas sobre el origen, carácter y atrocidades de los principales gefes de aquellos rebeldes desde el principio de la insurreccion en 1791*. Ciudad de Mexico: Mariano Zúñiga y Ontiveros, 1806.
- \_\_\_\_\_. *Código formado por los negros de la isla de Santo Domingo de la parte francesa hoi estado de Haití.*. Ciudad de Mexico: Mariano Zúñiga y Ontiveros, 1810.
- CERTEAU, Félix. *Examen Politique des Colonies Modernes*. London: John Carter Brown Library, 1805.
- CHALMERS, Charles. *Remarks on the Late War in St. Domingo: with Observations on the Relative Situation of Jamaica, and other Interesting Subjects*. London: John Carter Brown Library, 1803.
- CLARKSON, Thomas. *The history of the rise, progress, and accomplishment of the abolition of the african slave-trade*. London: Wellesley Collage Library, 1808.
- COUSIN, Charles-Yves. *Histoire de Toussaint-Louverture chef des noirs insurgés de Saint-Domingue; précédée d'un coup d'oeil politique sur cette colonie, et suivie d'anecdotes et faits particuliers concernant ce chef des noirs, et les agens directoriaux envoyés dans cette partie du Nouveau-Monde, pendant le cours de la révolution*. London: John Carter Brown Library, 1802.
- DALLAS, RC. *The History of the Maroons: From the origin to the establishment of their chief tribe at Sierra Leone*. London: John Carter Brown Library, 1796.
- DUBROCA, Jean Louis. *La vie de Bonaparte*. London: John Carter Brown Library, 1802.
- \_\_\_\_\_. *La vie de Toussaint Louverture*. London: John Carter Brown Library, 1802.
- \_\_\_\_\_. *La vie de Jean Jacques Dessalines*. London: John Carter Brown Library, 1804.
- \_\_\_\_\_. *Vida de J.J. Dessalines, gefe de los negros de Santo Domingo; con notas muy circunstanciadas sobre el origen, carácter y atrocidades de los principales gefes de aquellos rebeldes desde el principio de la insurreccion en 1791*. New York: New York Public Library, 1805.

\_\_\_\_\_. *Vida de Jean Jacques Dessalines*. London: John Carter Brown Library, 1806.

EDWARDS, Bryan. *The history, civil and commercial, of the British colonies in the West Indies*. London: John Carter Brown Library, 1793.

\_\_\_\_\_. *An historical survey of the French colony in the island of St. Domingo: comprehending a short account of its ancient government, political state, population, productions, and exports; a narrative of the calamities which have desolated the country ever since the year 1789, with some reflections on their causes and probable consequences; and a detail of the military transactions of the British army in that island to the end of 1794*. London: John Carter Brown Library, 1797.

Événemens qui ont précédé et suivi l'évacuation de Saint Domingue, publiés par un officier de l'état-major de l'armée. Paris: DESPREZ, 1804.

GIROD-CHANTRANS, Justin. *Voyage d'un Suisse dans différentes colonies d'Amérique pendant la dernière guerre: avec une table d'observations météorologiques faites à Saint-Domingue*. London: John Carter Brown Library, 1785.

HEGEL, Friedrich. *Phänomenologie des Geistes*. Paderborn: Voltmedia GmbH, 2005.

RAINFORD, Marcus. *A memoir of transactions that took place in St. Domingo, in the spring of 1799; affording an idea of the present state of that country, the real character of its black governor, Touissant L'Ouverture, and the safety of our West-India islands from attack or revolt; including the rescue of a British officer under sentence of death*. London: John Carter Brown Library, 1802.

\_\_\_\_\_. *St. Domingo; or, An historical, political and military sketch of the black republic, with a view of the life and character of Toussaint L'Ouverture, and the effects of his newly established dominion in that part of the new world*. London: John Carter Brown Library, 1802.

\_\_\_\_\_. *An historical account of the black empire of Hayti: comprehending a view of the principal transactions in the revolution of Saint Domingo; with its antient and modern state*. London: John Carter Brown Library, 1805.

SCHOELCHER, Victor. *Vie de Toussaint Louverture*. Paris: Ollendorff, 1889.

SOMBREVAL, Sieur de Royaumond Prieur de. *L'histoire du vieux et du nouveau testament, avec des explications édifiantes, tirées des Saints Peres pour régler les moeurs dans toute fortes de conditions*. Paris: Pierre Le Petit, 1673.

STEDMAN, John Gabriel. *Narrative of a five years expedition against the revolted negroes of Surinam*. London: J. Johnson & T. Payne, 1796.

STEPHEN, James. *The Crisis of the Sugar Colonies, or, an Enquiry into the Objects and Probable Effects of the French Expedition to the West Indies*. London: John Carter Brown Library, 1802.

THIONVILLE, Jean. *La vie de Dessalines*. *Journal typographique et bibliographique*. 01. dez. 1804.

*Vie privée politique et militaire de Toussaint Louverture par un homme de sa couleur*. London: John Carter Brown Library, 1802.

VALDES, Antonio José. *Historia de la Isla de Cuba y en especial de La Habana*. Guatemala: Universidad Francisco Marroquín, 1812.

WILLBERFORCE, William. *A letter on the abolition of the slave trade*. London: Oberlin College Library, 1807.

### **Parlamento británico**

*Journals of the House of Commons*. v. 60. Richmond: H.M. Stationery Office, 1807.

*Journals of the House of Lords*. v. 45. Richmond: H.M. Stationery Office, 1807.

**Bibliografia:**

- ARCARY, Valério. O que é uma revolução? In: *Revista Dialektus*, v. 2, n.5, p. 51-63, ago./dez. 2014.
- ANSTEY, Roger. *The Atlantic Slave Trade and British Abolition*. New York: Prometheus Books, 1975.
- ARENDRT, Hannah. *Da revolução*. São Paulo: Editora Ática, 1990.
- FICK, Carolyn. Para uma (re)definição de liberdade: a Revolução no Haiti e os paradigmas da Liberdade e Igualdade. In: *Estudos Afro-Asiáticos*. v. 26, n. 2, p. 359-361, mai./ago. 2004.
- BARONOV, David. The Analytical-Holistic Divide Within World-System Analysis. In: KORZIENEWICZ, Roberto. (org.). *The World-System as Unit of Analysis: Past Contributions and Future Advances*. Nova York: Routledge, 2018.
- BARROS, José D' Assunção. História Cultural: um panorama teórico e historiográfico. *TEXTOS DE HISTÓRIA*, vol. 11, n. 1, 2003.
- BEAUMONT, René Moniot. *L'horrible naufrage de la Méduse: Théorode Géricault, Eugène Sue, Charles-Yves Cousin d'Avallon*. Paris: La Découverte, 2015.
- BERBEL. MARQUESE. PARRON. *Escravidão e Política – Brasil e Cuba, 1790-1850*. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.
- BLACKBURN, Robin. *The Overthrow of Colonial Slavery, 1776-1848*. New York: Verso, 1988.
- \_\_\_\_\_. *A Construção do Escravismo no Novo Mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- \_\_\_\_\_. *The American Crucible: Slavery, Emancipation And Human Rights*. New York: Verso, 2007
- BORDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.
- BRAUDEL, Fernand. *The Structures of Everyday Life. Civilization & Capitalism. 15th – 18th century*. New York: Harper and Row, vol. 1. P. 458-499.
- BROWN, Christopher. *Moral Capital*. North Carolina: The University of North Carolina Press, 2006.
- BROWN, Laurence. Visions of violence in the Haitian Revolution. *Journal Atlantic Studies Global Currents*. V. 13, 2016. P. 144-164.
- BUCK-MORSS, Susan. Hegel and Haiti. *Critical Inquiry*, Vol. 26, No. 4. (Summer, 2000), pp. 821-865.
- \_\_\_\_\_. *Hegel, Haiti, and Universal History*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2009.
- BURKE, Peter. *Testemunha ocular. História e imagem*. Edusc: Bauru, 2004.
- CANCLINI, Nestor García. *Definiciones en transición*. Buenos Aires: CLACSO, 2001. FÉLIX, Paula. FERNANDES, Taiane. *Política Cultural*. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/POLITICACULTURAL.pdf>. Acesso em: 25/09/2018.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difusão Editora, 1988. P. 244.
- CHEESMAN, Clive. *The Armorial of Haiti: Symbols of Nobility in the Reign of Henry Christophe*, London: The College of Arms, 2007.
- CHILDS, Matt. *The 1812 Aponte Rebellion in Cuba and the Struggle against Atlantic Slavery*. North Carolina: The University of North Carolina Press, 2006.
- COUPLAND, Reginald. *British Anti-Slavery Movement*. Edinburgh: F. Cases, 1933.
- DAVIS, David Brion. Slavery and “Progress”. In BOLT, Christine; DRESCHER, Seymour (eds.). *Anti-Slavery, Religion and Reform. Essays in Memory of Roger Anstey*. Hamden Conn: Archon Books, 1980.
- \_\_\_\_\_. *The Problem of slavery in the Age of Revolution*. New York: Vintage, 1975.

- \_\_\_\_\_. Capitalism, Abolitionism and Hegemony. In: SOLOW, Barbara L.; ENGERMAN, Stanley L. *British Capitalism and Caribbean Slavery. The legacy of Eric Williams*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987, p. 209-227.
- \_\_\_\_\_. *Inhuman Bondage: The Rise and Fall of Slavery in the New World*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- DELGADO, Miguel Ángel Fernández. El virrey Iturrigaray y el Ayuntamiento de México en 1808. Ciudad de Mexico: Instituto Nacional de Estudios Históricos de las Revoluciones de México, 2012.
- DRESCHER, Seymour. Le “déclin” du système esclavagiste britannique et l’abolition de la traite. In *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, v. 31, n. 2, mar.-abr, 1976, p. 414-435.
- \_\_\_\_\_. *Econocide: British Slavery in the era of Abolition*. North Carolina: The University of North Carolina Press, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Abolição: Uma História da Escravidão e do Anti-Escravidismo*. São Paulo: Unesp, 2011.
- \_\_\_\_\_. The Shocking Birth of British Abolitionism. *Slavery & Abolition: A Journal of Slave and Post-Slave Studies*, v. 33, 2012. P. 571-593.
- DUBOIS, Laurent. *Avengers of the New World: The Story of the Haitian Revolution*. Cambridge: The Belknap Press, 2005.
- ELTIS, David. Europeans and the Rise and Fall of African Slavery in the Americas: An Interpretation. In: *The American Historical Review*, v. 98, n. 5 (Dec., 1993), p. 1399-1423.
- \_\_\_\_\_. *Economic Growth and the Ending of the Transatlantic Slave Trade*. Oxford: Oxford University Press, 1987.
- ENGERMAN, Stanley. The Importance of Slavery and the Slave Trade to Industrializing Britain. *The Journal of Economic History*. v. 60, n. 123. P. 13-144.
- FERRER, Ada. A sociedade escravista cubana e a Revolução Haitiana. *Almanack [online]*. n.3, 2012. P. 37-53.
- \_\_\_\_\_. *Freedom’s mirror: Cuba and Haiti in the Age of Revolution*. New York: Cambridge University Press, 2014.
- FISCHER, Sibylle. *Modernity Disavowed: Haiti and the cultures of the slavery in the Age of Revolution*. Durham: Duke University Press, 2004.
- FLEURANT, Gèrdes. *Dancing Spirits Rhythms and Rituals of the Haitian Vodun. The Rada Rite*. Westport, Connecticut: Greenwood Press. 1996.
- FRAGINALS, Moreno. The Sugarmill. The socioeconomic complex of sugar in Cuba, 1760-1860. New York: Monthly Review Press, 1976.
- GEGGUS, David Patrick. *Haitian Revolutionary Studies*. Indiana: Indiana University Press, 2002.
- GERBI, Antonello. *The Dispute of the New World: The History of a Polemic, 1750-1900*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1973.
- GÓMEZ, Alejandro E. *Le spectre de la révolution noire. L’impact de la révolution haïtienne dans le monde atlantique, 1790-1886*. Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 2013.
- HERNÁNDEZ, Juan Antonio. *Hacia una Historia de lo Imposible: La Revolución Haitiana y el "Libro de Pinturas" de José Antonio Aponte*. Pittsburgh: University of Pittsburgh, 2000.
- HOBSBAWM, Eric. *A Era das Revoluções. 1789-1848*. São Paulo: Paz e Terra, 2012.
- JAMES, C.L.R. *Os jacobinos Negros: Toussaint Louverture e a Revolução de São Domingos*. São Paulo: Editora Boitempo, 1938.
- JOHNSON, Sara. You Should Give them blacks to eat: waging inter-american wars of torture and terror. *American Quaterly*, v. 61, n.1, mar. 2009. P. 65-92.
- KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual. In: *ArtCultura. Revista do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia*. V. 8, n. 12, p. 97-115, jan.-jun. 2006.

- LA PARRA LÓPEZ, Emilio. *Manuel Godoy. La aventura del poder*. Barcelona: Tusquets Editores., 2002.
- LEFEBVRE, Claire. *Creole Genesis and the Acquisition of Grammar: The Case of Haitian Creole*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- LOURENÇO, Waldomiro. *Entre a escrita e a prática: direito e escravidão no Brasil e em Cuba, c.1760-1871*. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- LUGO-ORTIZ, Agnes. *Tras la visualidad del rostro esclavo: Exploraciones para un archivo*. Disponível em: <http://hemisphericinstitute.org/hemi/pt/e-misferica-91/lugoortiz>. Acesso em: 03 de nov. 2018.
- \_\_\_\_\_. *Slave Portraiture in the Atlantic World*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.
- LUGON, Olivier. *El estilo documental: De August Sander à Walker Evans*. Ediciones Universidad de Salamanca, 2010.
- MADIOU, Thomas. *Histoire d’Haiti, vol. 2*. Port au Prince: Editions Henri Deschamps, 1989.
- MAMIGONIAN, Beatriz. *Africanos livres: A Abolição do Tráfico de Escravos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- MARQUES, João Pedro. “Afterthoughts” in DRESCHER, Seymour. EMMER, Pieter. *Who Abolished Slavery? Slave Revolts and Abolitionism: A Debate with João Pedro Marques*. Oxford, 2010. P 185–200.
- MARQUES, Leonardo. *The United States and the Transatlantic Slave Trade to the Americas, 1776–1867*. New Haven: Yale, 2016.
- MARQUESE, Rafael. PARRON, Tâmis. Internacional escravista: a política da Segunda Escravidão. *Topoi*, v. 12, n. 23, jul.-dez. 2011, p. 97-117.
- MARQUESE, Rafael. SALLES, Ricardo. *Escravidão e capitalismo histórico no século XIX. Cuba Brasil e Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- MAUAD, Ana Maria. Como Nascem as Imagens? Um Estudo de História Visual. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 61, p. 105-132, jul./dez. 2014.
- MCMICHAEL, Philip. Incorporating Comparison within a World-Historical Perspective: An Alternative Comparative Method. *American Sociological Review*, v. 55, n. 3 (junho, 1990): 385-397.
- MENESES, Ulpiano Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. In: *Revista Brasileira de História*. V. 23, n. 45, p. 11-36, jul. 2003.
- MINTZ, Sidney. Enduring Substances, Trying Theories: The Caribbean Region Oikoumene. *The Journal of the Royal Anthropological Institute*. Vol. 2, No. 2 (Jun., 1996), P. 289-311.
- MITCHELL, W.J.T. *What do Pictures Want? The lives and loves of images*. Chicago: Chicago University Press, 2006. P. 336-356.
- MULCAHY, Kevin. *Public Culture, Cultural Identity, Cultural Policy Comparative Perspectives*. London: Palgrave Macmillan, 2017.
- OLIVARES, Alicia. V. Ramirez. Dessalines y Santo Domingo en la Nueva España, de la libertad al horror. *Graffylia: Revista de la Facultad de Filosofía y Letras*. Nº. 5, 2005. P 108-114.
- PARRON, Tâmis. *A Política da Escravidão na Era da Liberdade: Estados Unidos, Brasil e Cuba, 1787-1846*. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- PAYEN, Pascal. A constituição da história como ciência no século XIX e seus modelos antigos: fim de uma ilusão ou futuro de uma herança? *História da Historiografia*. Ouro Preto. N. 6. Mar. 2011. P. 103-122.
- PÉREZ, Jesús Paniagua. *La Revolución Haitiana en la obra de Juan López Cancelada*. León: Área de publicaciones e instituto de humanismo y tradición clásica de la Universidad de León, 2015.

- PÉREZ, José Manuel Santos. *Histórias Conectadas. Ensaio Sobre História Global, Comparada e Colonial na Idade Moderna*. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- PIERROT, Grégory. YOUNGQUIST, Paul. (Ed). *An Historical Account of the Black Empire of Hayti*. Durham: Duke University Press, 2013.
- PINTO, Antonio J. Negro sobre blanco: la conspiración esclava de 1812 en Puerto Rico. *Caribbean Studies*, Vol. 40, No. 1, January - June 2012, pp. 121-149.
- PLAIDEUX, Hugues. *De Coutances à Paris: François Bonneville (1755-1844), un artiste en Révolution*. Paris: Société d'archéologie et d'histoire de la Manche, 1952.
- POMERANZ, Kenneth. *The great divergence: China, Europe and the making of the modern world economy*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2000.
- RAGATZ, Lowell Joseph. *The Fall of the Planter Class in the British Caribbean, 1763-1833: A Study in Social and Economic History*. London: Octagon Books, 1928.
- RAMOS, Afonso. "Angola 1961, o horror das imagens". In: VICENTE, Filipa. *O Império da visão: Fotografia no contexto colonial português*. Coimbra: Edições 70. Almedina, 2014.
- RIVERA, Manuel Suárez. *Felipe y Mariano de Zúñiga y Ontiveros: impresores ilustrados y empresarios culturales (1761-1825)*. Ciudad de Mexico: UNAM, 2005.
- \_\_\_\_\_. *El negocio del libro en Nueva España: los Zúñiga Ontiveros y su emporio tipográfico (1756-1825)*. Ciudad de Mexico: UNAM, 2013.
- SAES, Laurent de. A Sociedade dos Amigos dos Negros: O Antiescravismo sob a Revolução Francesa. *História Econômica & História de Empresas*, v. 16, 2013. P. 269-300.
- \_\_\_\_\_. *A Sociedade dos Amigos dos Negros: A Revolução Francesa e a Escravidão (1788-1802)*. Curitiba: Editora Prismas., 2016.
- SALA-MOLINS, Louis. *Le Code Noir ou le calvaire de Canaan*. Paris: PUF, 2012.
- SANTOS, Silvana Andrade. Nestas costas tão largas: o tráfico transatlântico de escravizados e a dinamização de economias regionais no Brasil (c.1831-c.1850). *XII Congresso Brasileiro de História Econômica. 13a Conferência internacional de História de Empresas*. v. 12. n.1. 2017.
- SCHMIDT-NOWARA, Christopher. *Empire and Antislavery: Spain, Cuba, and Puerto Rico, 1833-1874*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1999.
- SEKULLA, Allan. On the Invention of Photographic Meaning. In: BURGIN, Victor. *Thinking Photography*. London: MacMillan Press, 1982.
- SHKLAR, Judith. "Self-sufficient man: dominion and bondage". In: *Hegel's dialectic of desire and recognition*. Albany: State University of New York, 1996. P. 289-303.
- SKLODOWSKA, Elzbieta. *Espectros y espejismos: Haití en el imaginario cubano*. Madrid: Iberoamericana Vervuert, 2009.
- STEIN, Barbara. STEIN, Stanley. *Edge of Crisis: War and Trade in the Spanish Atlantic, 1789-1808*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2009.
- TAVARÈS, Pierre-Franklin. Hegel et l'abbé Grégoire: question noire et révolution française. In: *Annales Historiques de la Révolution Française*, n. 3, v. 4, 1993.
- TEMPERLEY, Howard. Capitalism, Slavery and Ideology. In: *Past and Present*, n. 75, (May, 1977).
- TEMPERLEY, Howard. Anti-Slavery as a Form of Cultural Imperialism. In BOLT, Christine; DRESCHER, Seymour (eds.). *Anti-Slavery, Religion and Reform. Essays in Memory of Roger Anstey*. Hamden, Conn.: Archon Books, 1980. P. 335-50.
- THOMAS, Sarah. "On the spot": Travelling artists and abolitionism, 1770-1830. *Atlantic Studies: Global Currents*. V. 8. N. 2. 2011. P. 213-232.
- TILLY, Charles. *Big Structures, Large Processes, Huge Comparisons*. New York: Russell Sage Foundation, 1988.

- TOMICH, Dale. A riqueza do Império: Francisco de Arango y Parreño, Economia política e a segunda escravidão em Cuba”. *Revista de História*. n. 149, 2003. P.1-33.
- \_\_\_\_\_. O Atlântico Como Espaço Histórico. *Estudos Afro-Asiáticos*, ano 26, n. 2, 2004. P. 221-240.
- \_\_\_\_\_. *Through the Prism of Slavery: Labor, Capital, and World Economy*. Maryland: Rowman & Littlefield Publishers, 2003.
- \_\_\_\_\_. *A Ordem do Tempo Histórico: a Longue Durée e a Micro-História*. Almanack. Guarulhos, n.02, 2011.
- TOSCANO, Verónica. “Juan López Cancelada: Escritor Público en ambos mundos”. En *Histórias*, v. 18, 1987.
- TROUILLOT, Michel. *Silencing the Past: Power and the Production of History*. Boston: Beacon Press, 1995.
- WALLACE, Kelly Donahue. Ilustrando el terror de rebelión. Los grabados de la vida de J.J. Dessalines. In: GUZMÁN, Fernando, CORTÉS, Gloria y MARTÍNEZ, Juan Manuel. *Arte y crisis en Iberoamérica. Segundas Jornadas de Historia del Arte*, Santiago de Chile, Ril Editores, 2004.
- WALLERSTEIN, Immanuel. *Geopolitics and Geoculture: Essays on the Changing World-System*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- \_\_\_\_\_. *The Modern World-System I: Capitalist Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century*. California: University of California Press, 2011.